

VINTE FICÇÕES BREVES

antologia de contos argentinos e brasileiros contemporâneos

Organização de
Violeta Weinschelbaum

VEINTE FICCIONES BREVES

antología de cuentos argentinos y brasileños contemporáneos

Compilación de
Violeta Weinschelbaum

© UNESCO 2002 Edição publicada pelo Escritório da UNESCO no Brasil

VINTE FICÇÕES BREVES

antologia de contos argentinos e brasileiros contemporâneos

Organização de
Violeta Weinschelbaum

VEINTE FICCIONES BREVES

antología de cuentos argentinos y brasileños contemporâneos

Compilación de
Violeta Weinschelbaum



Edições UNESCO **BRASIL**

Conselho Editorial da UNESCO no Brasil

Jorge Werthein
Cecília Braslavsky
Juan Carlos Tedesco
Adama Ouane
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Cultura

Jurema de Souza Machado
Marta Pavese Porto
Mary Garcia Castro

Revisão: Mirna Saad Vieira e Luz Maria Pires da Silva

Assistente Editorial: Larissa Vieira Leite

Diagramação: Paulo Selveira

Projeto Gráfico: Edson Fogaça

© UNESCO, 2002

Vinte Ficções Breves: Antologia de contos argentinos e brasileiros contemporâneos
/organizado por Violeta Weinschelbaum.

– Brasília : UNESCO, 2002.

224p.

ISBN: 85-87853-61-9

1. Literatura Argentina 2. Contos Argentinos 3. Literatura Brasileira
4. Contos Brasileiros I. UNESCO II. Weinschelbaum, Violeta.

CDD 860



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.

70070-914 - Brasília - DF - Brasil

Tel.: (55 61) 321-3525

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org.br

Sumário *Sumário*

Abstract	07
Apresentação	09
Presentación	II
Prólogo	13
Prólogo	17
I. Aqueles dois	21
<i>Caio Fernando Abreu</i>	
2. Duchamp en México	31
<i>César Aira</i>	
3. Como o máscara de ferro	55
<i>Marina Colassanti</i>	
4. Un ciudadano en la tormenta	59
<i>Marcelo Cohen</i>	
5. Família é uma merda	75
<i>Rubem Fonseca</i>	
6. Muchacha punk	83
<i>Fogwill</i>	
7. Incompreensão	107
<i>Ana Miranda</i>	
8. Vivir en la salina	109
<i>Elvio Gandolfo</i>	



9.	Duelo antes da noite	121
	<i>João Gilberto Noll</i>	
10.	La fiesta ajena	125
	<i>Liliana Heker</i>	
11.	O jardim das oliveiras	131
	<i>Nélida Piñón</i>	
12.	Antieros	151
	<i>Tununa Mercado</i>	
13.	Informe de um gago	157
	<i>Sergio Sant'Anna</i>	
14.	La nena	161
	<i>Ricardo Piglia</i>	
15.	Curare	167
	<i>Olga Savary</i>	
16.	Con el desayuno	169
	<i>Juan José Saer</i>	
17.	Atualidades francesas	175
	<i>Moacyr Scliar</i>	
18.	Amsterdam, 79	179
	<i>Matilde Sánchez</i>	
19.	Conto de verão n° 2: bandeira branca	203
	<i>Luis Fernando Veríssimo</i>	
20.	¿Cómo vuelvo?	207
	<i>Hebe Uhart</i>	
	Biografias Biografías	211
	Nota sobre a organizadora	
	Nota sobre la compiladora	223

Abstract

This book is an anthology of contemporary Argentinean and Brazilian stories. Through a selection of a wide variety of authors, this book aims to point out the way literature takes part in certain contemporary debates. Brazil and Argentina are countries that have similar stories in some ways and very different in others. This diversity in traditions, mutual influences and asymmetry are what make them both such rich countries. This selection does not seek to push homogeneity. It seeks to highlight the pluralism, diversity and representative factors of both countries. The anthology encompasses human rights, the culture of peace and the fight against physical violence, torture and repression as well as the battle against inquisition, discrimination and oppression in any form. The book does not aim to create a pedagogical effect. On the contrary, the idea is to demonstrate the impact that narrative stories can have. That is why texts that merely use fiction as an excuse to send a political or ideological message were purposely not selected.

The authors that make up this anthology are: Caio Fernando Abreu, César Aira, Marcelo Cohen, Marina Colassanti, Fogwill, Rubem Fonseca, Elvio Gandolfo, Liliana Heker, Tununa Mercado, Ana Miranda, João Gilberto Noll, Ricardo Piglia, Nérida Piñón, Juan José Saer, Matilde Sánchez, Sergio Sant'Anna, Olga Savary, Moacyr Scliar, Hebe Uhart and Luis Fernando Veríssimo.



Apresentação

Como assegura com propriedade o Relatório Mundial da UNESCO sobre a Diversidade Criadora, nenhuma cultura é uma entidade hermeticamente fechada. Todas as culturas influenciam outras e são por elas influenciadas. Ademais, a pluralidade e a diversidade devem ser vistas como condições privilegiadas de enriquecimento da vida e da ampliação dos saberes. Mais ainda, a diferença deve ser vista como possibilidade e potencialidade de exploração de novos horizontes para a ressignificação da utopia e da esperança.

No marco desses princípios, emerge a necessidade de promover o diálogo entre as nações e suas culturas por meios das diferentes expressões e formas artísticas. Como a busca de uma cultura de paz está na raiz da criação da UNESCO e constitui a matriz geradora de suas ações nas diferentes amplitudes de seu mandato, a UNESCO Brasil, em sua luta incessante de perseguir o impossível, pensou e concebeu um projeto de organizar e editar um livro de contos de autores brasileiros e argentinos que abordasse, de diferentes ângulos, a temática dos direitos humanos e da tolerância. Coube a Violeta Weinschelbaum a tarefa de organizá-lo, o que o fez com extrema sensibilidade e conhecimento do campo literário.

Além do objetivo de organizar um livro de contos que retratasse pela ficção o esforço humano por um ideal de paz e não violência, buscou-se também, como diz sua organizadora, destacar o modo como a literatura participa de determinados debates contemporâneos. Sem dúvida, a literatura continua a exercer o seu papel no destino das sociedades. Escritores e poetas como Sarmiento, Euclides da Cunha, Otávio Paz, Borges, Guimarães Rosas e tantos outros, que compõem o extraordinário acervo da literatura latino-americana, continuam a ser expressões legítimas de aspirações e sonhos que foram prometidos e ainda não realizados.

A escolha dos autores para integrar esta Antologia de Contos não poderia ter sido melhor. O critério foi o da diversidade e o do pluralismo, mesmo porque será na riqueza da diferença que haverá de ser construída a nova ética. Acrescente-se o critério da "autonomia estética", imprescindível nas políticas de cultura. Ademais, a antologia proporciona ao leitor a experiência de diversos pontos de vista para favorecer o intercâmbio, a reflexão conjunta e a possibilidade de conhecimento mútuo entre Brasil e Argentina, países com origens diferentes, que lutam por um futuro comum, qual seja, o de fortalecimento democrático de suas sociedades e de suas identidades na perspectiva de cenários onde a economia, caminhando "pari-passu" com a cultura, consiga devolver a todas as pessoas o sentido prospectivo da vida.

Jorge Werthein

Diretor da UNESCO no Brasil

Presentación

Como dice con propiedad el Informe Mundial de la UNESCO sobre la Diversidad Creadora, ninguna cultura es una entidad herméticamente cerrada. Todas las culturas se influyen mutuamente y se dejan influir. Además, la pluralidad y la diversidad deben ser consideradas como condiciones privilegiadas de enriquecimiento de la vida y de la ampliación de los saberes. Más aún, la diferencia se debe pensar como posibilidad y potencialidad de exploración de nuevos horizontes para resignificar la utopía y a la esperanza.

En el ámbito de esos principios, surge la necesidad de estimular el diálogo entre las naciones y sus culturas utilizando sus diferentes expresiones y formas artísticas. Ya que la búsqueda de una cultura de paz está arraigada en la creación de la UNESCO y es la matriz generadora de sus acciones en toda la amplitud de su mandato, la UNESCO Brasil, en su lucha incesante por perseguir lo imposible, pensó y concibió el proyecto de hacer una antología de cuentos de autores brasileños y argentinos que abordase, desde diversos ángulos, la temática de los derechos humanos y de la tolerancia. Violeta Weinschelbaum realizó la compilación, con extrema sensibilidad y conocimiento del campo literario.

Además del objetivo de editar un libro de cuentos que retratase, a través de la ficción, el esfuerzo humano por un ideal de paz y no violencia, se intentó también, como lo afirma su antóloga, destacar el modo en que la literatura participa de determinados debates contemporáneos. Sin duda, la literatura continúa ejerciendo su papel en el destino de las sociedades. Escritores y poetas como Sarmiento, Euclides da Cunha, Octavio Paz, Borges, Guimarães Rosa y muchos otros que componen el extraordinario conjunto de la literatura latinoamericana, continúan siendo expresiones legítimas de aspiraciones y sueños que fueron prometidos y aún no se han realizado.



La selección de los autores que integran esta antología de cuentos no podría haber sido mejor. El criterio fue la diversidad y el pluralismo, ya que la nueva ética se construirá en la riqueza de la diferencia. Añádase también el criterio de la "autonomía estética", imprescindible en toda política de cultura. Además, la antología proporciona al lector la experiencia de diversos puntos de vista para favorecer el intercambio, la reflexión en conjunto y la posibilidad de mutuo conocimiento entre Brasil y Argentina, países con diferentes orígenes que luchan por un futuro común, el del fortalecimiento democrático de sus sociedades y de sus identidades en la perspectiva de escenarios donde la economía, avanzando codo a codo con la cultura, pueda devolverles a todas las personas el sentido prospectivo de la vida.

Jorge Werthein
Director de la UNESCO

Prólogo

As antologias têm sido pensadas, muitas vezes, de modo cartográfico, como mapas traçados para orientar o leitor em uma determinada literatura, com um rumo específico; ou então para abandoná-lo, sem bússola, no meio de um território escolhido e limitado. Não obstante, o Mapa a que tendem, platônicos, os mapas, Borges já o disse com rigor, têm as dimensões do império e coincidem pontualmente com ele.

Os vinte contos que escolhi entre a totalidade que compõe o mapa da ficção breve contemporânea argentina e brasileira apenas apontam um dos caminhos, teimoso e volúvel. Como toda teimosia, esse percurso tem sua própria lógica e suas marcas.

Interessa-me destacar o modo como a literatura participa de determinados debates contemporâneos. O Brasil e a Argentina são países com histórias que, sob alguns aspectos, se parecem e, em outros, apresentam diferenças notáveis. Nessa diversidade, nas tradições, nas influências recíprocas e nas assimetrias, os dois se enriquecem. Assim, a presente seleção não quis forçar a homogeneidade mas, pelo contrário, destacar o pluralismo, a diversidade e a representatividade. Embora a antologia tenha por eixos os direitos humanos, a cultura da paz, a luta contra a violência, a discriminação e a opressão em qualquer das suas formas, não busca em absoluto um efeito pedagógico. Por isso, não são interessantes os textos que usam a ficção como mera escusa para transmitir uma mensagem política ou ideológica.

Na infância, esta região vulnerável, inteligente, pícara, desprotegida e ingênua, a discriminação, a injustiça ou a violência parecem exacerbar a crueldade. Os contos de Luis Fernando Veríssimo, Liliana Heker e João Gilberto Noll põem a infância em primeiro plano e mostram, com três enfoques distintos, o diálogo com o universo dos adultos. O "Conto de verão n° 2" apresenta uma certa imunidade das crianças em relação ao sistema discriminatório dos grandes; Noll, em "Duelo antes da noite" e Heker em "La fiesta ajena", pelo contrário, evidenciam como, em alguns



casos, se reproduzem, como num espelho, as estruturas adultas perversas nas relações da infância.

O Brasil é um país construído a partir da diversidade, marcado por suas heranças culturais e étnicas. Um dos modos de reivindicar a diferença é acentuar seus traços distintivos. Em "Curare", Olga Savary coloca no primeiro plano a brasilidade como valor, a recuperação do telúrico e do indígena através da mitologia e da inclusão do tupi. Também do ângulo da experimentação formal, "O jardim das oliveiras" avança em torno à violência física, à tortura, à repressão e à inquisição como disparadores narrativos. Embora não se trate de um texto claramente político, é quase impossível não estabelecer um vínculo com aqueles contos que tomam por tema a violência gerada pelos regimes totalitários, as ditaduras, as perseguições políticas. Nessa linha se inscrevem, evidentemente, as histórias de Saer, Sánchez e Scliar, organizadas a partir de diferentes modos de viver, recordar ou sofrer as conseqüências das ditaduras argentinas e brasileiras e, no caso de "En el desayuno", também das seqüelas da guerra.

A discriminação supõe que uma certa ordem foi voluntária ou involuntariamente transgredida. Essa única ordem admissível – que pode chamar-se "normalidade" física, heterossexualidade, superioridade do homem sobre a mulher, beleza, inteligência, simpatia – assinala um limite. Fora dele, está o outro, o estrangeiro. Essa grande categoria do alheio está desenvolvida explicitamente em vários dos contos selecionados. "Como o máscara de ferro" é prístino nesse sentido. Paulatinamente, a personagem se converte, ele próprio, no outro: seu rosto se transforma na face de um chinês, tornando-se, assim, ineludível a convivência com o estrangeiro. Fogwill, de seu lado, trabalha o estrangeirismo na linguagem, sua correlação sintática, e a impossibilidade da tradução.

Infelizmente, a atualidade da América Latina está muito ligada às crises econômicas e políticas que resultam numa forte opressão social. Esta forma de violência, freqüentemente ignorada como tal, foi também um dos eixos desta antologia. A personagem de "Duchamp en México" amaldiçoa os imperativos do turista e passeia procurando evitar o inevitável: o consumo. "Vivir en la salina", por outro lado, afasta-se do humor

para mostrar o cruzamento entre a violência física, as hierarquias laborais arbitrárias e o mundo difícil dos trabalhadores das salinas. Publicado originalmente em uma revista que não costuma incluir textos narrativos, o conto de Marcelo Cohen é uma exceção no conjunto da sua obra. Cohen escolhe um gênero – uma forma particular do realismo – e o questiona. Essa experimentação formal declarada parece ser a maneira com que "Un ciudadano en la tormenta" constrói a realidade argentina atual.

* * *

Para preparar esta antologia, precisei aprofundar-me no Brasil, país que me abre uma e outra vez as suas portas magnânimas, e mergulhar na sua literatura. Quero agradecer aos que me ajudaram nas etapas muito diversas desta tarefa feliz e inconclusa: Paula Arellano, João Bandeira, Wagner Carelli, Péricles Cavalcanti, Lídia Chaib, Michel Laub, Gilda Mattoso, Arnaldo Niskier, Rubem Portela e Caetano Veloso.

A Graciela Speranza quero agradecer por ter sido um guia valiosíssimo, de maneira involuntária, sem a preocupação consciente do elevado grau de seus préstimos.

Por fim, agradeço profundamente a Carlos Bustos sua presença invariável; a Hernán Díaz, sua amizade, os votos e os vetos; a Max Gurian, o apoio incondicional; e a Jorge Wertheim, a confiança.

Violeta Weinschelbaum



Prólogo

Las antologías han sido pensadas, a menudo, de manera cartográfica, como mapas trazados para orientar al lector en una determinada literatura, con un rumbo específico; o para abandonarlo, sin brújula, en medio de un territorio elegido y acotado. Sin embargo, el Mapa hacia el que tienden, platónicos, los mapas, ya lo ha dicho Borges con rigor, tiene el tamaño del imperio y coincide puntualmente con él.

Los veinte cuentos que elegí entre la totalidad que compone el mapa de la ficción breve contemporánea argentina y brasileña sólo señalan uno de los caminos, caprichoso y voluble. Este recorrido, como todo capricho, tiene su lógica propia y sus mojones.

Me interesa destacar el modo en que la literatura participa de determinados debates contemporáneos. Brasil y Argentina son países con historias que, en algunos aspectos, se parecen y, en otros, difieren notablemente. En esa diversidad, en las tradiciones, en las influencias mutuas y las asimetrías, se enriquecen. Así, esta selección no quiso forzar la homogeneidad sino, por el contrario, destacar el pluralismo, la diversidad y la representatividad. Si bien la antología tiene por ejes los derechos humanos, la cultura de paz, la lucha contra la violencia, la discriminación y la opresión en cualquiera de sus formas, no busca en absoluto un efecto pedagógico. Por eso, no son interesantes los textos que utilizan la ficción como mera excusa para transmitir un mensaje político o ideológico.

En la infancia, esa región vulnerable, inteligente, pícara, desprotegida y naïf, la discriminación, la injusticia o la violencia parecen exacerbar su crueldad. Los cuentos de Luis Fernando Veríssimo, Liliana Heker y João Gilberto Noll ponen la infancia en primer plano y muestran, con tres enfoques diferentes, el diálogo con el universo de los adultos. "Conto de verão nº2" plantea cierta inmunidad de los niños con respecto al sistema discriminatorio de los grandes; Noll, en "Duelo antes da noite" y Heker, en "La fiesta ajena", por el contrario, ponen de



manifiesto cómo, en algunos casos, se reproducen en espejo las perversas estructuras adultas en las relaciones de la infancia.

Brasil es un país constituido a partir de la diversidad, marcado por sus herencias, culturales y étnicas. Uno de los modos de reivindicar la diferencia es la acentuación de sus rasgos distintivos. En "Curare", Olga Savary pone en primer plano la brasilidad como valor, la recuperación de lo telúrico y de lo indígena a través de la mitología y la inclusión del tupí. También desde la experimentación formal, "O jardim das Oliveiras" avanza en torno a la violencia física, la tortura, la represión y la inquisición como disparadores narrativos. Si bien no se trata de un texto netamente político, es casi imposible no establecer un vínculo con aquellos cuentos que tematizan la violencia generada por los regímenes totalitarios, las dictaduras, las persecuciones políticas. En esa línea se inscriben, manifiestamente, los relatos de Saer, Sánchez y Scliar, organizados a partir de diversos modos de vivir, recordar o sufrir las consecuencias de las dictaduras argentinas y brasileñas y, en el caso de "En el desayuno", también de las secuelas de la guerra.

La discriminación supone que cierto orden ha sido voluntaria o involuntariamente transgredido. Ese único orden admisible – que puede llamarse "normalidad" física, heterosexualidad, superioridad del hombre sobre la mujer, belleza, inteligencia, simpatía- señala un límite. Fuera de él, el otro, el extranjero. Esta gran categoría de lo ajeno está desplegada explícitamente en varios de los cuentos seleccionados. "Como o máscara de ferro" es prístino en ese sentido. Paulatinamente, el personaje se convierte, él mismo, en el otro: su cara se transforma en la de un chino y se torna, por lo tanto, ineludible la convivencia con el extranjero. Fogwill, por su parte, trabaja la extranjería en el lenguaje, su correlato sintáctico y la imposibilidad de la traducción.

Infelizmente, la actualidad de América Latina está muy ligada a las crisis económicas y políticas que derivan en una fuerte opresión social. Esta forma de violencia, a menudo ignorada como tal, fue también uno de los ejes de esta antología. El personaje de "Duchamp en México" maldice los imperativos del turista y pasea tratando de evitar lo inevitable: el consumo. "Vivir en la salina", en cambio, se aleja del humor para mostrar el cruce entre la violencia física, las arbitrarias jerarquías

laborales y el mundo difícil de los trabajadores de las salinas. Publicado originalmente en una revista que no suele incluir textos narrativos, el cuento de Marcelo Cohen es una excepción en el conjunto de su obra. Cohen elige un género – una particular forma del realismo – y lo cuestiona. Esta declarada experimentación formal parece ser la manera con la que "Un ciudadano en la tormenta" construye la realidad argentina actual.

* * *

Para realizar esta antología necesité adentrarme en Brasil, país que me abre una y otra vez sus magnánimas puertas, y ahondar en su literatura. Quiero agradecer a quienes me ayudaron en las muy diversas etapas de esa feliz e inconclusa tarea: Paula Arellano, João Bandeira, Wagner Carelli, Péricles Cavalcanti, Lúcia Chaib, Michel Laub, Gilda Mattoso, Arnaldo Niskier, Rubem Portela y Caetano Veloso.

A Graciela Speranza quiero darle las gracias por haber sido, aún sin proponérselo, una valiosísima guía.

Por último, agradezco profundamente a Carlos Bustos, por su presencia invariable; a Hernán Díaz, por su amistad, los votos y los vetos; a Max Gurian, por su incondicional apoyo y a Jorge Werthein, por la confianza.

Violeta Weinschelbaum



*Aqueles Dois**

(História de aparente mediocridade e repressão)

Abreu, Caio Fernando

Para Rofran Fernandes

*– "I announce adhesiveness, I say it shall
be limitless, unloosen'd
I say you shall yet find the friend you
were looking for."
(Walt Whitman: So Long!)*

I

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como "um deserto de almas". O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. E longamente, entre cervejas, trocaram então ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, clips no relógio de ponto, vezenquando salgadinhos no fim do expediente, champanha nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra – talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou.

Não chegaram a usar palavras como "especial", "diferente" ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. Não que fossem muito jovens, incultos demais ou mesmo um pouco burros. Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras.

* Abreu, C. F. *Aqueles dois*. In: MORANGOS MOFADOS. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinais, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de "um deserto de almas", para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los – ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam.

II

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste – e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade – de certa forma, também em nenhuma

outra —, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro.

Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava.

Eram dois moços, bonitos também, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia.

Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor, mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças. Um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro, e vice-versa. Como se houvesse entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.

III

Cruzavam-se silenciosos mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois

voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando, um pedia um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases com tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. Durou tempo, aquilo. E teria durado muito mais, porque serem assim fechados, quase remotos, era um jeito que traziam de longe. Do norte, do sul.

Até um dia em que Saul chegou atrasado e, respondendo a um vago que que houve, contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? *Infâmia*, Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLayne, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito. Abalado, convidou Saul para um café e, no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais que nunca parecendo uma prisão ou uma clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme.

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro na pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta que sequer sabiam claramente ter sentido.

Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafeiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para contar suas histórias intermináveis. Uma noite, Raul pegou o violão e cantou *Tú Me Acostumbraste*. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no

banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não dissessem, não soubessem o que fazer com elas.

Dia seguinte, de ressaca, Saul não foi trabalhar nem telefonou. Inquieto, Raul vagou o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho *Tú Me Acostumbraste*, entre inúmeros cafés e meio maço de cigarros a mais que o habitual.

IV

Os fins de semana tornaram-se tão longos que um dia, no meio de um papo qualquer, Raul deu a Saul o número de seu telefone, alguma coisa que você precisar, se ficar doente, a gente nunca sabe. Domingo depois do almoço, Saul telefonou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta no sábado. Foi dessa vez que, ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas. Há quase seis meses se conheciam. Saul deu-se bem com Carlos Gardel, que ensaiou um canto tímido ao cair da noite. Mas quem cantou foi Raul: *Perfídia, La Barca* e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, *Tú Me Acostumbraste*. Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim *sutil llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mi corazón*. Jogaram algumas partidas de buraco e, por volta das nove, Saul se foi.

Na segunda, não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espivavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem. Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para as duas e o relógio de ponto era implacável. Saíam e voltavam

juntos, desde então, geralmente muito alegres. Pouco tempo depois, com pretexto de assistir a *Vagas Estrelas da Ursa* na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando *Io Che Non Vivo*, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quartinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? perguntou. Saul sorriu forte: a gente acostuma.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava – vezenquando *El Dia Que Me Quieras*, vezenquando *Noche de Ronda* –, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel, pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas. Quando faltavam dez minutos para as seis, saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda.

V

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário, ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa.

No norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando

em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante, nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando mas ele é que devia estar de luto.

Raul voltou sem luto. Numa sexta de tardezinha, telefonou para a repartição pedindo a Saul que fosse vê-lo. A voz de baixo profundo parecia ainda mais baixa, mais profunda. Saul foi. Raul tinha deixado a barba crescer. Estranhamente, ao invés de parecer mais velho ou mais duro, tinha o rosto quase de menino. Beberam muito nessa noite. Raul falou longamente da mãe – eu podia ter sido mais legal com ela, disse, e não cantou. Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes – ninguém, mundo, sempre – e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool. Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa, acariciou Carlos Gardel até que os dois dormissem. Mas um pouco antes, sem saber por quê, começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e

confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. Pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde.

Depois, chegou o Natal, o Ano-Novo que passaram juntos, recusando convites dos colegas de repartição. Raul deu a Saul uma reprodução do *Nascimento de Vênus*, que ele colocou na parede exatamente onde estivera o quarto de Van Gogh. Saul deu a Raul um disco chamado *Os Grandes Sucessos de Dalva de Oliveira*. O que mais ouviram foi *Nossas Vidas*, prestando atenção no pedacinho que dizia *até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou*.

Foi na noite de trinta e um, aberta a champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu a taça e brindou à nossa amizade que nunca nunca vai terminar. Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias – e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro – ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como "relação anormal e ostensiva", "desavergonhada aberração", "comportamento doentio", "psicologia deformada", sempre assinadas por *Um Atento Guardião da Moral*. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra *nunca*, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos.

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala deserta na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de

olhos enormes, sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo, com algumas manchas de café, a letra de *Tú Me Acostumbraste*, escrita à mão por Raul numa tarde qualquer de agosto. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio.

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, a camisa branca de um, a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai, alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.



*Duchamp en México**

Aira, César

De turista en México, ¡otra vez! ¡no puedo creerlo, la reputísima madre que lo parió! ¡Otra vez! ¡Otra vez la trampa...! El cofre con la cabeza de payaso que salta, pero al revés: con el resorte apuntado para adentro, y yo con él. Un palacio, ¡clac! ¡Adentro conmigo! Una iglesia, ¡clac! Un museo, ¡clac! Se cerró la tapa, y yo la miro desde el fondo, atontado, incrédulo. ¿Cómo pude caer otra vez en la misma trampa? Es exactamente "la misma", y es exactamente "otra vez". Eso es lo que más me duele. Si ya sabía de qué se trataba, ¿cómo pude dejarme convencer? ¿Y por quién? ¿Por mí mismo? No hay otro. La única explicación que se me ocurre es que haya sufrido una especie de desdoblamiento, y haya sido mi socias nuevo el que vino. Uno cree que la experiencia le va a aprovechar, que va a aprender algo de sus errores y después la conciencia queda atrás, en un avatar caduco de uno mismo, y en el presente tropieza exactamente en la misma piedra. Que México sea el presente, y yo esté en él, me escandaliza. ¡Cómo pude ser tan imbécil, tan atolondrado! Ninguna recriminación es excesiva.

En fin. Queda lo práctico. Aprovechar mientras estoy aquí, que no será por mucho tiempo. Me he puesto a escribir para pasar el rato y encontrar por lo menos el consuelo de una actividad habitual y mecánica, que puedo hacer sin pensar y al mismo tiempo me absorbe. También podría buscar un provecho más tangible: hacer compras. El cambio nos beneficia a los turistas argentinos, aquí han devaluado de modo salvaje y hoy por hoy todo está increíblemente barato. Pero habría que tener las ganas y la energía de ponerse a buscar cosas que valgan la pena, y que sean baratísimas —porque uno se pone más y más exigente, la ventaja del ahorro automático no hace más que estimular a ir más lejos, como un avaro al revés que funcionara como un avaro de todos modos... Y el mero trabajo de ponerse a hacer compras es agotador, de nunca acabar. Y al

* AIRA, C. Duchamp en México. In: TAXOL. Buenos Aires: Simurg, 1997.

fin no se disfruta del viaje, porque los locales o centros de compras en los que hay que pasarse el día son como los de cualquier otra parte del mundo.

Sin embargo, es inescapable. Es inescapable como una angustia, y en cierto modo se confunde con la angustia general de estar aquí, de turista, como un pelotudo, en lugar de haberme quedado en mi casa.

La cuestión se complica con lo precario de mi economía; si hace dos años que no me compro un par de zapatos, y ando con las suelas agujeradas, es bastante obvio que debo cuidar mi dinero argentino, para que mi familia no pase hambre. Y después de todo el dinero mexicano lo he comprado con el argentino; no importa que el de aquí sea una hojarasca devaluada. Aunque me dieran un millón por uno, no estoy en condiciones de tirar ese "uno", y por lo tanto tampoco ese "millón". Con todo, creo que aquí está la respuesta a la pregunta que me hacía antes. Si vine, fue por codicia, la codicia del pobre. Porque sabía que aquí todo estaba baratísimo. Para poder comprarme un millón de pares de zapatos. Alojada en lo más profundo del inconsciente, esa idea no tiene la menor posibilidad de hacerse real. Salir a comprar zapatos, o cualquier otra cosa de las que necesito, sería demasiado humillante y mi depresión se agravaría hasta límites intolerables.

Quedan los libros. Los libros, por supuesto, están en el primer plano de mis expectativas, o mejor dicho en el único plano posible. Lo demás lo compraría por obligación, llevado de la mano de un demonio perverso; con los libros en cambio me entiendo personalmente. Y aunque todas mis expectativas tengan el desengaño por destino, las literarias, sin estar excluidas, pueden señalar la vía de una superación. Los libros tienen una cualidad de universal que debería escapar a la maldición turística. Y yo soy un especialista en libros. Claro que soy especialista en tantas cosas... Ya el solo hecho de manifestarme especialista en lo universal debería ponerme en guardia.

Nadie se ha hecho rico comprando libros baratos. Si yo he deseado tan ardientemente ser rico, fue para salir de esta subjetividad malsana, donde caer en una trampa es lo normal. Desde la trampa, desde el fondo, es difícil evaluar los movimientos que nos sacarán de ella. Uno prueba un poco al azar, sin retroceder ante las maniobras más absurdas. No es cuestión de aprender, porque no hay tiempo; en el presente absoluto

donde se lleva a cabo el combate, el error no conduce a una enseñanza (lo que por otra parte acentuaría la subjetividad) sino que ya es la materia misma de la acción, tal como queda registrada.

Pues bien, hubo un pase de magia, y me objetivé. Estoy acostumbrado a estos triunfos a lo Pirro. Me objetivé, pero no en el sentido correcto, como los mexicanos objetivados que veo fluir a mi alrededor todo el tiempo, sino al revés, como un sujeto abstracto bajo examen de una conciencia segunda. Trataré de mostrar cómo pasó en un relato brevísimo, o menos que un relato, su esquema. Si yo fuera capaz todavía de construir un relato encarnado, no estaría todo perdido, como lo está. Lo único que me queda es la anotación inconexa, la mención aproximada de los hechos.

El punto de partida es esta pregunta que sigo haciéndome: ¿qué hacer? ¿Qué hacer, Dios misericordioso?

Podría decirse, a modo de consuelo: la situación es adecuada (y hasta: es ideal) para reflexionar, ya que no queda otra cosa que hacer, y aprovechar para poner en claro las ideas sobre el mejor modo de encauzar mi vida... Pero sería un completo error. Porque no hay nada que pensar ni reflexionar. Hay que actuar. La meditación sólo sirve de algo cuando es su propia acción. O, dicho al revés, la acción no tiene un pensamiento preparatorio.

Quizás bastaría con hacer muy poco. Quizás poquísimo, un pequeño toque de acción, un detalle, y que con eso baste. Si es eficaz, debería bastar.

No hay acción pequeña. La eficacia se extiende y ramifica, positiva o negativa, a todo el resto.

En este momento se me ocurre la siguiente posibilidad: broncearme. Oscurecer con el concurso del sol la piel blanco-rosada que me cubre. Claro que eso implica todo un programa de vida...

Nada premeditado puede salir bien.

... Otra vez la trampa que se cierra sobre mí con un ¡clac! de tapa bromista. Palacios, iglesias, museos... Los edificios están inclinados, torcidos, acentuando esa ilusión de voltereta maligna... Si se pusiera una bala de cañón en el piso de cualquiera de las viejas iglesias, se lanzarían en una loca carrera para aquí y para allá, como en el pinball. Si se la

mojara previamente en tinta china, o tinta de mole, haría un dibujo, o más bien una escritura, que tal como estoy viendo las cosas diría: "argentino pelotudo". El horror que me produce esta edificación no lo mitiga un pequeño descubrimiento que hice: en la ciudad han numerado cada piedra, cada sillar, cada moldura, de cada una de las innumerables viejas iglesias. Lo han hecho con unos discretos números rojos al estencil, pequeños y colocados en los sitios menos visibles pero es imposible no notarlos a la larga. El propósito debe ser volver a armar las iglesias si otro terremoto las echara abajo, como una especie de juego de armar y desarmar, cuyas piezas una Providencia juguetona se complaciera en revolver como desafío al ingenio de los hombres.

Querría escribir estas páginas sin estilo, sin empaque, como anotaciones improvisadas, casi sin frases... Y sin embargo, sin quererlo, todo se hace frases, todo se hace pomposo y académico. Si alguna vez yo pudiera escribir sin estilo, podría vivir. Pero bien sé que nunca voy a poder escribir como quiero. Estoy escribiendo en mi cuarto de hotel, en la Calle Madero; aunque el cuarto no da para la calle, oigo el acordeón del mendigo que vi hace un rato en la vereda de enfrente; él toca (es un hombre joven, pequeñito), y una niña de cinco o seis años le acerca el platillo a los que pasan. Suena casi como un organito: siempre igual, sin más ritmo que el de la repetición, sin melodía perceptible. Sólo puede decirse: es un acordeón, y alguien lo toca. No vi que nadie le diera nada, y si es por lo que hace, yo diría que no se lo merece; pero él no se propone por lo que hace sino por lo que es: un mendigo. Me pregunto hasta qué hora seguirá.

Es un acordeón, y alguien lo toca. El mínimo de sentido. En la confusión universal inherente al mínimo se produce un movimiento cualquiera, que puede ser el de desprenderse de unos centavos. Es un acordeón, hasta qué hora seguirá. Me pregunto, y alguien lo toca.

Pero el objeto de esta anotación, que será muy breve, es relatar la compra, única y múltiple, que hice. Antes, una explicación más, para que no caiga totalmente en el vacío.

Contra toda ilusión de estilo, tengo a mi favor la convicción de que no vale la pena contar lo que cuento. El tiempo está atestado de historias, y nadie se molesta en contarlas. Su única función es colmar los

lapsos y sostenerse unas a otras como se sostiene un sistema por la interacción de sus piezas. Pero una historia sacada de su sistema, que es su procedimiento de objetivación, no le interesa a nadie y no es nada. El valor agregado del estilo se agrega a la nada, y debo cultivar esa nada como mi única ventaja en las actuales circunstancias.

No sé si ya lo anoté, pero esta historia se basa en la situación, que en los últimos tiempos ha venido dándose cada vez con mayor frecuencia, y más acentuada, de encontrarse uno en un lugar donde su dinero, antes de cambiarlo, vale muchísimo más de lo que vale en su patria. Es un efecto de los experimentos en macroeconomía a los que se entregan los gobiernos de nuestros países latinoamericanos. Las cosas resultan inconcebiblemente baratas, y se desencadena una necesidad psíquica de hacer compras, actividad desligada en este caso de la lógica que la acompaña habitualmente. La situación en sí tiene algo de abstracto, como para desmentir el valor de la historia que pueda suceder en ella. A esta abstracción, o esquematismo, contribuye el comportamiento del tiempo: por necesidad, uno está pocos días en esos lugares; pero su dinero le alcanzaría para seguir comprando y gastando indefinidamente. Para meter ese virtual infinito en una semana, el tiempo debe dilatarse por dentro, de modo asintótico. Y las historias en cuestión toman un tinte absurdo.

Yo puedo seguir comprando y leyendo libros indefinidamente. Aunque ahora tengo plata y puedo comprar todos los libros que quiero, me ha quedado de la juventud un reflejo de avidez que me hace imposible resistir a una pichincha. No bien hube llegado a México, y dejé mis cosas en el hotel y crucé a un Sanborn's a comprar una tarjeta telefónica, vi un libro... lo di vuelta para mirar el precio... una bicoca, como ya estaba preparado para esperar, un regalo... noventa y nueve pesos, lo que traducido a dólares era noventa y nueve veces nada... Había algo que no coincidía, un detalle que me hizo vacilar. La forma estaba bien, pero el contenido hacía un pequeño grumo en el verosímil. Porque se supone que al venir a México uno debe comprar libros mexicanos... Y éste era un libro importado, un libro de arte sobre Duchamp, grande y con tapas duras. No Rivera, ni Orozco, ni Frida Kahlo ni el Dr. Atl, sino Duchamp. Pero era un libro muy bueno, con fotos que yo no tenía, y sucede que

Duchamp es mi artista favorito, por más motivos de los que podría enumerar aquí. Dudé apenas un instante, y me lo compré. El primer paso estaba dado. Lo demás se daría por sí solo, casi sin mi intervención. El primer paso tiene sus bemoles. Es un pequeño abismo sui generis, que hay que saltar o no saltar. Uno se puede quedar toda la vida ahí, lo salte o no. Es la válvula por la que se infla el tiempo.

Esta sed malsana de experiencia, ¿a dónde nos puede llevar? A la aniquilación.

Habría que equilibrarla con períodos vacíos, de asimilación y elaboración.

Yo quería estar en el vacío, pero el vacío se volvía experiencia, y me acosaba. A partir de ese momento, mi estado de ánimo empezó a decaer precipitadamente.

Los pasos subsiguientes fueron sucediendo en una creciente depresión. Inútil extenderme. ¡Tantos lo han hecho ya! Además, la idea es hacer nada más un esquema, como dije. No podría hacer otra cosa; pero haciendo de necesidad virtud, y además recuperando una intención que he venido alentando desde hace años, descubro en este momento que limitarme al esquema puede tener un propósito, que es el siguiente. En el futuro, puede haber un escritor, profesional o aficionado, que esté en el mismo predicamento que yo: solo, aburrido, deprimido, en una ciudad horrenda. La trampa seguirá existiendo, si no ésta otra equivalente. Y entonces mi esquema podrá servirle de guía, para hacer algo y llenar las horas muertas sin necesidad de expresarse demasiado el cerebro. Un esquema de novela para llenar, como un libro para colorear. De modo que podrá encerrarse en su cuarto de hotel, con este delgado volumen (porque me ocuparé de hacerlo imprimir; esa decisión también la acabo de tomar) y un cuaderno, y tendrá un entretenimiento creativo asegurado, sin la incomodidad de tener que ponerse a inventar nada. No me preocupa lo remoto de la posibilidad de que se repita mi caso; todo lo contrario; a ese hermano en la desgracia puedo imaginármelo mejor lejano que cercano: dentro de diez siglos por ejemplo, cuando todo haya vuelto a ser igual que ahora, pero mi modesto esquema haya tomado el prestigio de una antigüedad. Quizás su prestigio radique en ser el primero de los esquemas de novela, género que después podría popu-

larizarse. En realidad, es un género nuevo y promisorio: no las novelas, de las que ya no puede esperarse nada, sino su plano maestro, para que la escriba otro; y el que la escriba, no lo hará por vanidad o por negocio (porque la cosa quedará en privado) sino como arte del pasatiempo, como ejercicio literario o batalla ganada contra la melancolía. El beneficio está en que ya no habrá más novelas, al menos como las conocemos ahora: las publicadas serán los esquemas, y las novelas desarrolladas serán los ejercicios privados que no verán la luz. Y la publicación tendrá un sentido; uno comprará los libros para hacer algo con ellos, no sólo leerlos o decir que los lee.

Volviendo a lo mío, diré que me sentía bastante feliz con mi compra, y con el trámite fluido entre impulso y acción que había llevado a ella. ¿No es maravillosamente elegante, comprarse un libro por capricho, porque sí, por un impulso momentáneo? Riéndose de la indiscutible verdad de que un libro es para siempre, hasta la muerte (y más allá) sobre todo por lo difícil que resulta sacárselos de encima.

Ese mismo día, a la tarde, volví a ver ese mismo libro sobre Duchamp en otro lado. Era mi primera jornada en la ciudad, y debería haber sido la mejor, en razón del declive que se iniciaba, pero el viaje me pesaba todavía, por la diferencia horaria y el aturdimiento de la mala noche en el avión. De cualquier modo, estaba explorando, con cierta curiosidad... Qué paradójico que en una exploración, en la percepción de lo nuevo y extraño, mi mirada fuera a descubrir algo tan habitual como un libro, y además un libro que había visto y comprado esa mañana. Seguramente fue por eso mismo. Me acerqué, lo di vuelta, y cuál no sería mi sorpresa al ver que el precio aquí era un poco inferior a donde lo había comprado: noventa y cinco. Si el precio en sí era insignificante para mi ilusoria opulencia de extranjero, la diferencia lo era más aun. De todos modos era una diferencia; no se me ocurría qué podía hacer con los cuatro pesos de "ganancia", pero eso no va al caso, porque al hablar de diferencia se habla de la suma ideal de todas las diferencias. De modo que sin pensarlo más, pero todavía un poco menos que antes, lo compré y salí con mi Duchamp bajo el brazo.

Mi ánimo desmejoraba. Y al mismo tiempo mejoraba. No me importaba nada. Era como si estuviera entrando al mundo mágico de la

aritmética. Había gastado en las dos compras ciento noventa y cuatro pesos. Pero debía restar los cuatro pesos de la diferencia, lo que hacía ciento noventa y uno. Además, la ganancia obtenida revertía sobre el segundo precio, que con ello disminuía a noventa y uno; y respecto del primer precio revertía doblemente, es decir cuatro más cuatro: noventa y nueve menos ocho también daba noventa y uno. El gasto total ascendía entonces a ciento ochenta y dos. Aunque ahí había una divergencia que me intrigaba: si había cuatro diferencias de cuatro pesos, sumaban dieciséis, y ciento noventa y cuatro menos dieciséis daba ciento setenta y ocho, no ciento ochenta y dos. Volví a hacer las cuentas. Advertí que antes no había incluido los primeros cuatro pesos, los originales, que se desprendían de la diferencia entre noventa y nueve y noventa y cinco. Pero por la índole misma de esta "acumulación negativa", debían incluirse, por lo que la segunda suma era la correcta. Incidentalmente: a lo que llamaba "suma" también podía llamarlo, con no menos derecho, "resta". Y es que ambas cosas son en realidad lo mismo.

El consumismo es una parte de nuestro destino. Y el destino se historiza a la larga, exactamente como cualquier otra cosa. ¡Por qué iba a sentir culpa! Con el libro bajo el brazo me sentía ligeramente mejor; y a la vez, por supuesto, un poco peor. "Historizar" es el lema de mi trabajo intelectual. Lo que nunca antes se me había ocurrido es que también podía aplicarlo a mis esfuerzos por organizar mi vida en vistas a la felicidad. Historizándolos, los ponía en otra esfera, separada, aun cuando se tratara del mismo asunto. Ponía el destino como barra de contención y pasaje a otro nivel heterogéneo. Por ejemplo en mis estudios sobre Duchamp, historizaba al artista y su obra... No. Advierto que es un mal ejemplo, como todos los ejemplos; simplemente porque no es un ejemplo: Duchamp es, en el sistema mental dentro del cual funciono, la historización misma, el proceso y el método por los que el trabajo mental se historiza. Sea como sea, al otro lado de la barra, si tomaba a Duchamp como modelo a imitar para la organización de mi vida (y también éste es un mal ejemplo, porque todo lo que he pensado en términos de organización de mi vida ha estado en función de Duchamp)... no se me ocurría que mi destino, organizado o no, estaba sujeto al mismo procedimiento de historización... Sólo ahora me doy

cuenta de que en esa réplica estaba la solución de mis problemas; es decir, si me historizo, si historizo mi futuro y mi agenda, ya no tengo nada más que hacer ni de qué preocuparme.

Claro que no es tan fácil. Lo que pasa es que aquí ya no se trata de teorías o del esquema abstracto de los hechos, sino de la práctica en la realidad. Y la práctica, como lo sabe cualquier marxista, requiere salir de la autointerlocución. Es decir que debería ver por el otro lado, por la "espalda", a mi depresión, a mi pesimismo, como un bailarín obeso que se hiciera filmar para poder verse, con la inútil esperanza de mejorar su técnica.

El libro era de tamaño grande, con la tapa roja, visible desde lejos. Encontré el tercer ejemplar al día siguiente, en el sector libros de un centro de compras. Esta vez mi curiosidad se manifestó de modo más estructurado. Por aquello de "no hay dos sin tres", ya que el precio sería distinto, pero lo que me preguntaba era si sería un precio menor que los dos anteriores. En los dos primeros casos la secuencia se había dado de mayor a menor y podría haber sido al revés: había tantas posibilidades en un sentido como en el otro. En el tercer caso... No sé hacer esos cálculos, que son bastante complicados; pero evidentemente las posibilidades de que se mantuviera la escala descendente disminuían. Y aun así, qué casualidad, descendía: eran ochenta y cinco pesos. Lo compré, sin pensarlo ya casi nada. Si algo ocupaba mi mente, cuando iba caminando con mi libro bajo el brazo, era la suma de las diferencias y cómo hacerla. La primera diferencia había sido de cuatro pesos (de noventa y nueve a noventa y cinco), la segunda de catorce (de noventa y nueve a ochenta y cinco); entre ambas estaba la diferencia entre el segundo y el tercero (de noventa y cinco a ochenta y cinco): diez. El total era de veintiocho pesos. Las razones sucesivas del ahorro al comprar el segundo ejemplar me habían llevado a acumular tres veces más la diferencia original, es decir a multiplicar ésta por cuatro. Pero no debía caer en el error de multiplicar ahora por cuatro las nuevas diferencias que se establecían; es decir, sospechaba que sería un error, aunque más no fuera porque la operación debía hacerse sólo con sumas (sumas que eran restas), y el carácter mecánico de la multiplicación estaba fuera de lugar estéticamente. De modo que seguí calculando paso a paso. La diferencia entre el segundo precio y el tercero era de diez pesos. Por la reversión, el

tercer precio disminuía diez pesos (a setenta y cinco), y el segundo dos veces diez, es decir también a setenta y cinco; hasta ahí, era la multiplicación por cuatro: cuarenta pesos. Pero antes estaba el primer ejemplar, sobre el cual esta segunda diferencia revertía tres veces, es decir que disminuía el precio de noventa y nueve a setenta y nueve. El total era de cuarenta más treinta, o sea setenta pesos, que se sumaban a los dieciséis del día anterior. Pero ahí no paraba la cosa, porque estaba la diferencia "máxima", entre el primero y el tercero, de noventa y nueve a ochenta y cinco: catorce pesos. Esa cifra revertía sobre el precio mínimo, haciéndolo bajar a setenta y uno. Y, como en el caso anterior, revertía doblemente (veintiocho pesos) sobre el segundo precio y triplemente (cuarenta y dos) sobre el primero, pero aquí no volvían automáticamente a setenta y uno, sino, respectivamente, a setenta y siete y cincuenta y siete. De modo que el total de ahorro generado por esta tercera compra debía incluir: los veintiocho pesos del ahorro bruto, más los setenta de las diferencias sumadas entre la segunda y la tercera compra, más los noventa y ocho de las sumadas entre la primera y la tercera (aquí se sumaba a veintiocho y cuarenta y dos, dos veces catorce, una vez por diferencia original y otra por reversión sobre el precio mínimo). La suma daba ciento noventa y seis pesos, más los dieciséis generados por la segunda compra: doscientos doce pesos. Y esto era parcial todavía, porque me faltaba lo más difícil: hacer los mismos cálculos sobre el total gastado, que era de noventa y nueve pesos más noventa y cinco más ochenta y cinco, es decir doscientos setenta y nueve. Por lo pronto, la diferencia daba un número positivo, porque el total gastado todavía era mayor que el total ahorrado.

Salí de la positividad esa misma noche, cuando en otro Sanborn's encontré el cuarto, y para mí inmensa sorpresa, que ya empezaba a no ser tan inmensa, el precio era ligeramente inferior, ochenta y dos pesos. Las chances debían ir multiplicándose de modo exponencial en mi contra; no de que el precio fuera distinto, porque ya se hacía evidente que en el sistema mexicano de comercialización de libros importados no regía el precio fijo, sino de que yo me los fuera encontrando en orden, en el orden sin orden de mis paseos melancólicos, de mis recriminaciones por haber cometido el error de haber venido. No voy a hacer el relato de mis andanzas, ni las descripciones de los lugares, y, a partir de ahora, ni siquiera

de mis estados de ánimo. Mi único propósito es dejar anotada la serie, para que el día de mañana le sirva, como ya dije, de esquema de escritura a alguien que esté pasando lo que me pasa a mí o algo equivalente, adaptado a su época futurista. Justamente, si hiciera el relato completo y escribiera las circunstancias, estaría bloqueando la actividad de mi "cliente" adelantándome a ella. Este esquema aritmético se llenará de humanidad y patetismo, de color y de volumen, sólo cuando lo empiece a interpretar, escribiendo, ese desconocido del provenir, dentro de mil años.

No me hago ilusiones con la posteridad. No creo que esta fábula del libro único y múltiple de Duchamp tenga un valor especial. Pero sí creo en el valor supremo de lo primero, del gesto original. El reverso de la Ley de los Rendimientos Decrecientes es la omnipotencia de la primera acción. Y, valga lo que valga este nuevo género de los Esquemas para Escribir Novelas, este esquema es el primero y por ello lo puede todo, lo tiene todo abierto frente a él. El destino natural de lo primero es volverse un mito; pero los mitos no se escriben, lo que le da a mi empresa un aspecto imposible, o por lo menos paradójico. Con todo, creo que es por eso que estoy escribiendo aquí, en el hotel, a medida que pasan las cosas, sin darme tiempo para reflexionar y estructurar artísticamente la experiencia. Lo estoy viviendo. Lo estoy improvisando... Aunque el aire de ceremonia neurótica que tiene el asunto lo aparte de la vida libre y repentista; es más bien el ritual de un mito extraño, que sin embargo está saliendo a la luz en el mismo proceso.

Pues bien. Basta de autobiografía. Vamos a los números, porque con ellos alcanza para hacer el esquema. Cada uno de los que escriban una novela a partir de este esquema se ocupará de poner la carne y la sangre y las lágrimas de la imaginación donde yo pongo la señal abstracta, el punto por el que se traza la curva o se apoya el volumen. Donde él vea un cinco, pondrá una sonrisa, donde un nueve un disparo en la tiniebla, donde un seis, el amor... Él sabrá extraer todas las posibilidades. Un quince (el sonido de la lluvia) podrá ser la suma del ocho (el divorcio) y el siete (un corte de pelo). Etcétera. Debo aclarar que para mí los anteriores son ejemplos al azar y por completo absurdos.

Ochenta y dos. Ése fue el precio del cuarto ejemplar, el que compré anoche. La diferencia con el tercero, que me había costado

ochenta y cinco pesos, era de tres. La secuencia de diferencias brutas ahora tenía tres términos: cuatro, diez, tres. Quiero mostrar una vez más, a manera de resumen parcial, cómo se acumulan las diferencias. Al comprar el segundo ejemplar había ahorrado cuatro pesos: al comprar el tercero, había ahorrado diez pesos respecto del segundo, catorce respecto del primero. Al comprar ahora el cuarto, ahorraba, en línea ascendente, tres pesos, trece pesos y diecisiete pesos. Sumando estos mínimos ya obtenía un ahorro de sesenta y un pesos. Pero esto sin acumular, y la acumulación era la clave. Por ejemplo, del cuarto al primero había ahorrado diecisiete pesos, ¡pero no sólo al comprar el cuarto! Porque ahora, teniendo toda la serie a la vista, podría decir que al comprar el segundo no sólo había ahorrado cuatro pesos, sino también diecisiete. Y lo mismo al comprar el tercero. Y, más sorprendente, al comprar el mismísimo primero; porque el primero me había costado noventa y nueve pesos, pero ahora, en el cuarto momento, me costaba diecisiete pesos menos: ochenta y dos; y como el libro seguía siendo el mismo, el ahorro valía para todos los ejemplares. Al tener cuatro en mi poder, yo podía multiplicar diecisiete por cuatro (y cuatro por cuatro, y diez por cuatro, y tres por cuatro, y catorce por cuatro, y trece por cuatro); claro que no multiplicaba, sino que simplemente sumaba: aunque se hacía un poco más lento me daba más seguridad. A esta altura la cuenta ya era difícil de hacer mentalmente, pero me absorbía en su placer y me distraía en mis paseos a pie, que tendían a hacerse interminables.

Es innecesario decirlo, pero lo diré de todos modos, que inicié una colección de tickets de compras. Ya tenía cuatro. Los metí en un sobre. No tomé notas: mi colección sería mi único registro, y lo demás se lo confiaría a la memoria. En otra época habría llenado cientos de páginas, y hasta me habría comprado lapiceras especialmente para la faena, y cuadernos en cantidad excesiva, porque siempre después de comprar uno veía otro que me gustaba más (o era más barato), y los habría emborronado sin cesar, del derecho y del revés. Sin darme cuenta, he cambiado. En este nuevo proyecto lo único escrito eran los tickets, la colección, y no lo escribía yo, ya venía impreso por una máquina. De hecho, el libro que me propongo publicar podría consistir únicamente de reproducciones facsimilares de los tickets ampliadas al tamaño que tiene

el libro en cuestión sobre Duchamp. Eso debería ser suficiente (más una breve explicación preliminar) para reconstruir toda la aventura: cada cual lo haría a su gusto, con sus rasgos personales y sus propios cálculos, que pese a la fama de impersonal de las matemáticas salen siempre distintos según quién los haga, es decir según quién decida qué operaciones hacer y con qué números. La "breve explicación preliminar" es ésta que estoy haciendo, y si me extiendo más allá de la página o página y media que sería estéticamente aconsejable, es por afán de claridad. Pero a partir de aquí, como todas las explicaciones ya han sido dadas, acelero el paso.

El quinto libro saltó a mi vista con la aceitada presencia de un maître d'hôtel. Su precio, ochenta pesos. Seguíamos bajando. Compra. Ticket. Ya estaba en mi tercer día de estada en la ciudad, un sábado. Esa jornada produjo un solo libro. No es que yo anduviera a la caza, todo lo contrario. De hecho, creía que la serie había tocado a su fin, como lo había creído después de cada una de las compras anteriores. Que el libro siguiera apareciendo tenía para mí algo de prodigioso, aunque era lo más natural del mundo. Me sorprendía su identidad, que después de todo era lo que había que esperar, porque un ejemplar de los miles que componen una edición es exactamente igual a todos los otros. Cuando son nuevos, es imposible distinguirlos. La única diferencia para mí estaba en el tiempo, en la cronología con que se iban sucediendo. En eso sí eran diferentes; no podían serlo más. Y esta diferencia en el tiempo conllevaba otra: la del precio. Ahí sí había algo que merecía mi perplejidad: que la serie temporal coincidiera con la serie descendente de los precios. Pero una vez comprados, volvían a la identidad inicial. En mi cuarto del hotel, los apilaba sobre la mesa, y no importaba que se mezclaran, por ejemplo si las mucamas deshacían la pila y la volvían a hacer. ¡Si eran idénticos! Y la sucesión no podía mezclárseme por el curioso hecho que ya señalé de que en la sucesión, y conformando lo que para mí era sucesión, los precios iban disminuyendo. De modo que ordenando los tickets por las cantidades pagadas, de mayor a menor, tenía el orden de la historia. Este quinto establecía con el primero una diferencia de diecinueve pesos.

Como dije, hacía la cuenta de memoria, sin ayuda del papel, y la hacía cada vez toda entera, no sólo la parte correspondiente a la última compra; esto último era necesario, porque no había (no podía haber)

resultados parciales: el último ahorro revertía sobre todos los anteriores, y los cálculos previos se hacían inútiles; aunque no era inútil hacerlos en cada tramo, porque de ellos dependía la continuación. En realidad, soy bastante torpe con las cuentas; aunque descubría capacidades insospechadas en mí, los errores menudeaban, y debía recomenzar mis monótonas columnas mentales. La menor distracción me hacía perder el hilo. Así que empecé a usar las distracciones como recursos mnemotécnicos. Me metía en alguna vieja iglesia torcida, me sentaba en un banco, y sumaba, con la mirada perdida, durante horas. Los numeritos rojos pintados en las piedras hacían eco a los míos, invisibles.

Con todo no se me escapaba que tenía que haber una fórmula. Con una fórmula la cuenta se haría automática, o, lo que es más pertinente aquí, no sería necesario hacerla. Sería algo así como el plan maestro de los números, así como los números son el plan maestro de la novela. Mi ignorancia de las matemáticas me veda el hallazgo de la fórmula (no sabría ni por dónde empezar), pero no me opongo a su uso; al contrario, la considero el paso siguiente lógico y natural de la operación, ya que si ésta consiste en hacer las cuentas para no escribir la novela, lo que viene después tiene que ser usar la fórmula para no hacer las cuentas. Y todavía tendría que haber un tercer paso, que hiciera innecesario usar la fórmula. Así se llegaría a no hacer nada, a no hacerse problemas por nada, y, por fin, a ser feliz.

No quiero extenderme en lo que sería un tema ajeno a este informe, pero dejo sentado el hecho de que, mediante estas maniobras, el libro sobre Duchamp se iba volviendo un objeto extraño... Todo libro lo es, por la conjunción de unidad y multiplicidad y por las actividades a las que uno se libra con ellos, pero en este caso la extrañeza se acentuaba casi hasta el límite de lo inconcebible y lo impensable.

(Siguen unos dibujos.) Esta edificación barroca que hace el atractivo de la ciudad de México, que he calificado subjetivamente de "trampa" está en efecto en proceso de cerrarse. El derrumbe, que parece preocupar a los que han enumerado sus piezas, es secundario. Lo principal es el "cierre", que es el proceso constitutivo de sus volutas y estípites y demás tonterías. Es tan primordial que empezó antes de la construcción.

El secreto de la industria del turismo, a la que este país le da tanta importancia, está en miniaturizar los tesoros nacionales, para que el visitante pueda comprarlos y llevárselos en la valija. Eso es lo que hace funcionar al turismo en la sociedad de consumo. Los modos de miniaturizar son muy variados; entre todos ellos se establece un continuo, por el que se desliza el turista en tanto turista. Todas las ilusiones de la representación participan del conjunto. No importa que los atractivos sean demasiados grandes, porque se echa a andar un juego de mutaciones que siempre resulta eficaz, como el darwinismo. Con los paisajes se pueden hacer rompe-cabezas, con las montañas dijés. Ya mi venerado Duchamp, ese precursor, metió aire de París en una ampolla de vidrio. Y si lo que tiene para ofrecer un país es la vida regalada de sus playas, basta con hacer a escala reducida una representación del tiempo. Un cortocircuito sumamente práctico es miniaturizar el valor de la moneda. Con dinero de Liliput aun los turistas pobres como yo están en condiciones de comprar todas las miniaturas que se les antojen, y hasta algunas más para llevar de regalo.

No sé si será por deformación profesional, pero yo pienso que todo el continuo, tarde o temprano, pasa por el libro, que es la forma primitiva y original de la miniatura. El libro no sólo miniaturiza el mundo, sino que además de hacerlo lo dice y explica cómo se hace. Se me ha ocurrido en estos días la idea poética de hacer un catálogo de tesoros nacionales, naturales y artísticos, en forma de señaladores de libros (aquí los llaman, como si se me hubieran anticipado, "separadores"). Y no hablo de meras fotografías o dibujos, sino de miniaturas volumétricas. Son los libros los que deberían adaptarse a ellos, y estoy seguro de que, por la ley de la evolución, lo harían tan bien que la transformación afectaría no sólo a la forma sino también al contenido, y a partir de él a nuestra concepción del mundo y la vida. Un señalador o separador se mete entre las páginas de un libro cuando uno interrumpe la lectura antes de llegar al fin. Y se saca cuando uno retoma la lectura. Es decir que su utilidad es la de un lapso de tiempo de saca y pon. Y las formas del tiempo son imprevisibles porque se dan por la negativa, en un vaciado dentro del cual calzan los hechos. Hoy estuve rondando unos palacios extraños, bajo un día gris, entrando y saliendo. El ¡"Clac"! de

las tapas de piedra fue marcando el paso de las horas hasta la noche. Creo que el diseño de los relojes tal como los conocemos es barroco: es una maqueta de implosión.

Cuando me torturo por las desorganizaciones que me afectan... cuando pienso que mi vida es una catástrofe por culpa mía, y me interno en complicados planes pueriles para remediarla, estoy actuando en vano, o mejor dicho estoy pensando, sólo pensando, sin actuar. Debería ser más práctico. Debería ser feliz. ¿Para qué preocuparse? ¡Si todo es tiempo! Y todo el tiempo es el mismo tiempo y vale lo mismo, las porciones grandes como las chicas.

Según el cálculo que fui haciendo por la calle Madero, con el libro de Duchamp número cinco bajo el brazo, la cantidad de pesos que llevaba acumulada con las sucesivas rebajas de precio (¡tan casuales y espontáneas!), era enorme, de varias decenas de miles. Pero era tal la devaluación del peso mexicano, que el monto real seguía siendo insignificante. Con todo, las cantidades también tienen sus umbrales de transmutación (o ellas lo tienen par excellence) y podía llegar el momento en que me encontrara rico... Rico en negativo, de acuerdo, pero ya no pobre. Los santos posados en sus arboletes de oro me miraban desde los altares; por momentos parecía que ellos me rezaban a mí.

Al día siguiente, domingo, hubo una aceleración tan espontánea como todo lo anterior, o más si es posible. El siguiente ejemplar lo compré a setenta y nueve pesos, uno menos que el anterior, lo que no es mucho ni siquiera dentro de mi maqueta personal microeconómica, pero lo mucho o lo poco no contaban en los cálculos: sólo contaba lo inferior, así sea un centavo, o el centavo de un centavo. La situación tenía algo de *dejà-vu* costumbrista: a quién no le ha pasado alguna vez, comprar algo a un precio que le parece adecuado, y después descubrir que en otro lado está más barato... En el caso del turista que trae una moneda que se cambia cuantiosamente, la cosa tiene menos consecuencias. Puede decirse que "de todos modos, no pierde nada", porque igual la primera vez le costó nada, o el equivalente a nada. Aunque siempre está el que va a decir: "no es por la plata, es por el hecho". Pues bien, el que se empeñe en tomar en consideración el hecho (es decir el realista, al fin de cuentas), será el sujeto ideal de mi pequeña parábola. Claro que esa

clase de gente difícilmente tomaría por objeto un libro, y con otro objeto ya no sería lo mismo. Hasta diría que no sería lo mismo con otro libro que no fuera sobre Duchamp.

Mientras hacía las cuentas correspondientes a este nuevo avatar del precio, hice el descubrimiento de una operación extra que hasta ahora se me había escapado. Contribuyó el hecho casual de que aquí la diferencia fuera de un peso. Era lo siguiente: el ahorro más recientemente, además de actuar por reversión sobre todos los precios anteriores (es decir, ahora, por este ahorro de un peso, el primer precio de la serie pasaba a ser de noventa y ocho pesos, así como en la quinta compra había pasado a ser de noventa y siete, al asimilar el ahorro de dos pesos), también actuaba, por reversión de la reversión, sobre los resultados de la reversión (o sea que el primer precio, después de bajar a noventa y ocho por reversión, bajaba también a noventa y siete por reversión de la reversión). Esto habría sido imposible de calcular, al menos mentalmente, pero por suerte había un modo fácil de hacerlo, ya que la cantidad de reversiones de segundo grado coincidía con la cantidad de operaciones que hubiera hecho. De modo que lateralmente debía llevar la cuenta de la cantidad de sumas y restas que fuera haciendo, y al final multiplicar el total por cada uno de los ahorros brutos hechos a lo largo de la serie. Aquí sí (pero fue la única vez) debí recurrir al expediente facilongo de multiplicar, porque si no me volvía loco.

El séptimo, que encontré inesperadamente horas después, tenía un precio para el asombro: sesenta y dos pesos. Un salto hacia abajo de diecisiete. Respecto del primero, una diferencia de nada menos que treinta y siete pesos, más del tercio; ya de por sí era notable. Y resultaba de mi estada en la ciudad; me hacía ver la importancia que había tenido, a pesar de todo, a pesar de mis ganas de volver, que yo siguiera en México; aun una resistencia de unos pocos días había producido estos frutos sorprendentes. La "importancia" a la que me refiero es de todo punto de vista relativo, claro está. Estos nuevos diecisiete pesos llevaban las cuentas a una dimensión diferente. Una rápida suma preliminar de diferencias brutas y reversiones directas me dio un resultado de cuatrocientos cuarenta y cuatro mil pesos. Y, además de todas las sumas que faltaban, todavía tenía que multiplicar esa cifra por sí misma para

empezar a hacerme cargo de las reversiones "por rebote" o "feedback". El total prima facie, sin refinar, era de ciento noventa y siete mil ciento treinta y seis millones de pesos. Aun esta cifra astronómica era poca cosa, en moneda mexicana; era prácticamente nada. (Aunque el jornal de un obrero aquí es de veintitrés pesos.) Pero estaba el "hecho en sí" y por más que me resistiera a la evidencia, mi estada en el fondo de la trampa estaba hecha de "hechos en sí". Por eso la pregunta original ("¿cómo pude caer?") no tiene respuesta. Cada resorte de la trampa, cada implosión, es un hecho en sí. De paso diré que el poco valor de la moneda era lo que me permitía sobrellevar con desenvoltura los inevitables errores que se colaban en mis cuentas con frecuencia creciente. Cuando me daba cuenta, y cuando no me daba cuenta también, exclamaba para mis adentros "¡Qué problema me voy a hacer, por unos pesos de más o de menos! ¡Si no valen nada!".

Como un vago recuerdo sin sustancia, como un recuerdo de otra vida, me llegaba el viejo anhelo, que tanto he cultivado, de tener muchísimo dinero, cantidades inagotables: una fuente que nunca dejara de manar. Es infantil, ¿pero quién no lo ha alentado, así sea como fantasía? Mis fantasías son barrocas, pero a la vez simples: se atienen a una línea central, que es el deseo en estado puro. Lo que se desvía, las volutas, son las acciones o hechos con los que invento la mecánica de la provisión infinita.

Pues bien, de tan lejos me llega eso a las actuales circunstancias, que la más reciente ocurrencia en ese sentido es casi irreconocible como fantasía diurna. La anoto aquí, haciendo la salvedad de que no tiene nada que ver con el esquema o plan maestro que estoy trazando. Alguien me da un pedacito de carne cruda, rosa y ocre, una lonja entera de unos diez centímetros de largo, que lleva adherida una fungosidad amarillenta, como de grasa. Es flácida y repugnante, pero no está podrida ni tiene mal olor ni es especialmente inmundada. Pues bien, resulta que es una víscera de la Virgen María. Nada menos. Eso me puede servir para hacer todo el dinero que yo quiera, toda mi vida. No vendiéndola, que sería lo más fácil, sino de algún otro modo, como quien saca las conclusiones correctas del cuento de la gallina de los huevos de oro. Hay que ponerla a producir, entre los creyentes. Mis sueños de disponer de una "fabrica de dinero",

para siempre, se ven realizados. Sólo hay un problema, que se me aparece cuando recuerdo dónde estoy (en la trampa)... ¿Cómo pasar la aduana con eso? Puedo correr el riesgo de un contrabando hormiga, llevándola en el bolsillo por ejemplo, pero con la mala suerte que tengo, hasta en mis fantaseos, y sobre todo en ellos, estoy seguro de que la van a detectar. Hay una sola solución, y es la más difícil: cambiar la composición genética de las células de esa carne, y transformarla en una víscera de tortuga.

La pequeña víscera preciosa, con su productividad infinita, es el modelo original de todos los señaladores o separadores de libros. Si alguien me preguntara para qué quiero llevar la reliquia a mi patria, donde no hay creyentes, en lugar de ponerla a trabajar aquí en México, donde abundan, podría responderle: ¿y para qué quiero ser rico en México? ¿Para seguir comprando indefinidamente el mismo libro? Aquí ya soy rico, y sigo sin serlo.

Claro que una miserable víscera de tortuga, en la Argentina o en cualquier parte, sólo haría reír. Es la trampa de la trampa: adentro, no vale nada; afuera, menos. Si decido explotarla aquí, de todos modos, podría hacerla reproducir en piedra, del tamaño de una montaña, y comercializar en el exterior sus fotografías...

Pero no es con la piedra, ni con el papel, ni con la tijera que quiero iniciar mi libro. Es con el arte. Sigo haciendo descubrimientos, y el de hoy es que no tiene importancia lo que yo crea, la sustancia en sí de mis creencias. Importa el arte. Y trato de descubrir qué es el arte estudiando a Duchamp. Aun aquí, aun en la depresión y la vergüenza en que me encuentro, sigo firme en mi busca de las raíces del arte. Insisto en que esta pequeña historieta intercalada no tiene nada que ver con el plan maestro que estoy exponiendo; el plan maestro, desnudo, puro números, puro tickets, es el esquema al que se atendrá el novelista entrampado en un futuro remoto (que no será novelista como lo definimos hoy, sino una especie nueva). Él se ocupará de la "carne" y las "vísceras" del relato, no yo. Pero justamente, mi trabajo es ver también las cosas desde el otro lado, desde el lado de la acción, para que la planificación resulte eficaz. Para él yo seré objeto de una profunda arqueología; tendrá que atravesar, si tiene el cerebro para hacerlo, las casi infinitas capas acumuladas de malentendidos, travesía en muchos aspectos equivalente a la mía en busca

de la raíz del arte. Salvo que él contará con los beneficios del progreso, al que contribuyo modestamente con mis escritos, y no caerá en la trampa (entre otras cosas porque aquí se lo estoy diciendo) de referirse a una sustancia psíquica supuesta, y hablar de creencias, sino que ya habrá aprendido a ver la indiferencia que lo preside todo en el arte, el rayo práctico, la historización... A eso contribuye la desnudez seca del esquema, manifiesta en mi colección de tickets. En resumen, lo que le estoy dando es el beneficio de lo mecánico, o automático.

"Sesenta y dos" parecía un récord difícil de batir. Después de todo, hay un mínimo... ¿o no? El mínimo es el precio de costo del libro, el costo unitario al que se realizó la importación. Pero quién se acordaría a esta altura del precio de costo, en una economía hecha de devaluaciones e inflación galopante? La inflación es devastadora con la memoria, supongo que por un instinto de defensa, porque de otro modo habría una sobrecarga mental que terminaría mezclándolo todo. Además, es muy común que los libros, más que otros bienes, pasen a la categoría de "ofertas" y se vendan a precios cada vez menores, hasta irrisorios, muy por debajo del umbral del costo, inclusive en mercados con monedas de valor estable. ¿Hasta dónde se podría bajar en México entonces? No, no había mínimo. Aunque este lujoso libro de arte no parecía de los que van a las mesas de oferta; y de hecho no lo estaba. No se vendía en puestos de la calle ni en librerías de ocasión, sino en sitios elegantes, como los Sanborn's y las tiendas de los museos... Hay a quienes les podrá sorprender que esta aventura me sucediera justamente en México, ciudad renombrada por su falta de buenas librerías. Pero quizás es por esa falta que hay libros en todas partes, y los Duchamp me salían al paso donde menos los esperaba.

Entre paréntesis, es curioso pero no vi otro libro sobre Duchamp. Sólo ése. Y dada la ocupación intensiva que me daba, perdí todo interés en otros libros. No me importaba, porque ya tengo demasiados en casa y muchos todavía esperando que los abra. A veces me pregunto de qué sirve leer "otros" libros. ¿Para qué hacerlo, si nunca podemos ganar una competencia de cultura o erudición? En cualquier situación que se plantee, sobre cualquier tema, nuestro interlocutor siempre habrá leído otros libros, que funcionarán como "otros más". Por la cortesía que rige

las conversaciones, no se puede hacer un recuento y balance y demostrarle que a pesar de no haber leído precisamente esos libros que él nos está mencionando, hemos leído más libros que él. Es imposible demostrarlo porque habría que hacer listas larguísimas de nunca acabar. Nunca se puede ganar. Así uno haya leído diez libros, y el otro haya leído cinco libros en toda su vida, ¡gana el otro! Porque de esos cinco libros, uno puede haber leído cuatro, pero no el quinto, y ese libro es el que el otro cita, y se pone a contarlo y describirlo y elogiarlo, y uno queda como un burro, ¡y hasta tiene que prometerle que lo va a leer!

El siguiente... Porque hubo un siguiente. La lotería seguía saliendo siempre en sentido descendente... la ruleta en línea recta... fue de cincuenta y nueve pesos.

Lo compré y fui a ponerlo en la pila, y al ticket en el sobre: mis pequeños tesoros conceptuales. Como un avaro transtemporal, seguía acumulando. Después hubo otro, es decir el mismo de cincuenta y seis pesos. Si me hubiera acompañado mi esposa, me habría dicho: ¿ves cómo hay que recorrer, y no comprar en el primer lugar? Postura muy sensata, a la que yo le he hecho in pectore graves objeciones. Porque los libros, aun siendo objetos industriales, tienen un régimen de aparición bastante caprichoso, y suele pasar que el libro que uno encuentra al principio del recorrido, y aunque intensamente deseado desdeña comprar pensando "no lo voy a cargar todo el tiempo, lo compro después en cualquier parte", no aparece más, y nos obliga a un penoso regreso al punto de partida. ¡Si lo sabré! Esta vez, por hallarme solo y entregado a mi arbitrio, había actuado de acuerdo con mis convicciones, y después había seguido actuando de acuerdo con el arte y las matemáticas.

Después, otro más, siempre el mismo: cincuenta y tres. Debo suponer que, en la anarquía de precios, también había sitios donde el libro de Duchamp estaba en venta a precios superiores, o zigzagueantes (quiero decir, e inferiores a otros), inclusive superiores a los noventa y nueve pesos del primero. Pero no tropecé con esos ejemplares y esos vendedores; lo que no tiene nada de extraño, con la dimensión de esta ciudad, y lo reducido de mi radio de acción a pie. Pero igual tiene algo de extraño y de hecho ésa fue la razón por la que me decidí inicialmente a escribir la historia: para racionalizarlo. Porque escribir algo, así sea en

un borrador sin estilo ni forma, es todo un trabajo, y nadie lo emprende si no considera el argumento lo bastante extraño como para que valga la pena. Dicho a la inversa, cuando algo es demasiado extraño para que el pensamiento lo acepte y lo integre al resto de la experiencia, un modo simple de hacerlo entrar es volverlo argumento de un escrito. Es lo que hice (a medias, porque no escribí el relato sino que tracé las líneas maestras, el esqueleto matemático, para que otro lo hiciera).

Por la vía de esta inversión (no escribo sobre algo extraño, sino que es extraño porque lo escribo) llegué a una explicación de este detalle de los precios siempre descendentes, que me había parecido casi sobrenatural. No la desarrollaré, en parte por una cuestión de espacio, y en parte porque sería una intrusión en la tarea del novelista aficionado del futuro que tomará estas líneas como una guía de pasatiempo. Baste decir que los precios no se habían dado necesariamente en orden descendente: sólo el tiempo los había ordenado así, el tiempo miniaturizado de esta aventura, del cual el modelo en tamaño natural son los siglos que transcurrirán hasta que mi esquema se vuelva un mito operativo.

El próximo lo encontré, o se materializó ante mí, en... No importa dónde. Eso, junto con todos los demás detalles, lo dejo a cargo del que escriba la novela. Lo compré a cincuenta y tres pesos. Como fue el número diez, antes de seguir con el once, el doce, etcétera, voy a hacer una pausa para tratar de poner en claro los números correspondientes. Si he venido dejando en blanco ese aspecto durante las últimas compras, ha sido para avanzar más rápido, pero no significa que no hiciera los cálculos in mente. ¡Vaya si los hacía! Eran mi única ocupación, y una inmejorable terapia para el estado de ánimo calamitoso en el que me hallaba.

¿Estado de ánimo? Más bien estado a secas. Me preservaba, eso era todo. Mi idea fija era llegar a estar sentado en el avión con destino a Buenos Aires. Todo se subordinaba a eso. Cada minuto que pasaba era un minuto ganado. Aunque en el fondo no me hacía muchas ilusiones. Cuando lograra salir de la trampa iba a volver a sentirme insatisfecho e inadecuado, igual que en México, o peor. Pero trataba de no pensar en eso, para no deprimirme más. Me concentraba en el presente, y en todo caso me decía que lo que viniera después no podría ser tan malo porque de una trampa no se sale sin alguna enseñanza.

En fin. Los diez ejemplares habían sido comprados a diez precios distintos, en escala descendente: noventa y nueve, noventa y cinco, ochenta y cinco, ochenta y dos, ochenta, setenta y nueve, sesenta y dos, sesenta, cincuenta y seis, y cincuenta y tres. La serie de diferencias unitarias era de cuatro, diez, tres, dos, uno, diecisiete, tres, tres, tres. La suma daba cuarenta y seis, que era, por supuesto, la diferencia máxima alcanzada hasta ese momento, entre el primer precio (noventa y nueve) y el último (cincuenta y tres). La serie completa de estas diferencias máximas "de atrás para adelante", era: cuarenta y seis, cuarenta y dos, treinta y dos, veintinueve, veintisiete, nueve, seis y tres, esas tres series constituían la trenza original sobre cuyas curvas recurrentes tenía lugar todo el sistema de metamorfosis numéricas. Ya sé que no parece muy racional, pero confío en que alguien, alguna vez, va a ponerse a hacer las cuentas, una por una, como las hice yo, y quizás para él, al contrario de lo que me pasó a mí, la realidad se vuelva real.

México, 28 de noviembre de 1996



Como o Máscara de Ferro*

Colassanti, Marina

Muito lentamente ao longo de anos, sem que no princípio eu próprio percebesse, um rosto chinês está invadindo meu rosto.

Não, por favor, sem simplismos. Não sejamos óbvios. Não há qualquer antepassado chinês em minha nem tão frondosa árvore genealógica. Nenhuma antepassada que tenha feito viagens ao Oriente. Nenhum chinês que tenha estado em nossa pequena cidade. E sobretudo – eu sabia que fingindo hesitar, por pura hipocrisia, chegaríamos aí – minha mãe nunca teve um amante chinês. Como posso garantir? Peço, não nos percamos em detalhes mesquinhos. Digo que nunca, e aceitem minha palavra. Afinal, seria tão mais fácil para mim que tudo não passasse de um comum encontro extraconjugal, ainda que um só.

O rosto chinês que está usurpando o meu me foi atribuído de forma obscura, que nunca saberei.

Em criança, um querubim. Cachos, olhos abertos sobre o mundo. E a pele rosada, esse menino parece uma flor. O rosto, que aos poucos se faria afilado como o de todos os homens da minha família, acompanhou-me sem outras alterações que não as impostas pelo tempo. Sempre fui daqueles que todos reconhecem de imediato na velha foto em grupo tirada no colégio.

Na maturidade, porém. Nada que eu pudesse chamar de alteração. Era como se os zigomas, até então insignificantes se alargassem. Atribuí à idade, um efeito visual causado pelo emagrecimento da face. Mas uma força lenta e desconhecida parecia empurrar por dentro do crânio. E com o passar dos dias eu me surpreendia, diante do espelho, vendo que a ênfase do meu rosto, até então centralizada na boca, deslocava-se progressivamente para o alto.

* COLASSANTI, M. Como o máscara de ferro. In: O LEOPARDO É UM ANIMAL DELICADO. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A boca, aliás, sofreu processo inverso. Carnuda, de talhe largo, quase maior que o devido, abria-se em largo sorriso, distintivo do meu rosto. Não tive certeza a princípio, pelo contrário, duvidei da minha percepção mas, por estranho que fosse, pareceu-me que as comissuras se faziam mais estreitas, menos generosas, e que a boca, sim, que a boca encolhia.

Digo isso, e pode parecer que meu rosto, como borracha ou efeito especial de cinema, se torcia, se esticava, mudava de feitio sob meu olhar apavorado. Hoje penso que teria sido melhor. Comoção tão violenta teria me obrigado a procurar um médico de imediato, um profissional que, acompanhando o processo com seus próprios olhos, pudesse pôr-lhe remédio, ainda que à força de bisturi. Mas não. Tudo se processava através de avanços infinitesimais, tornando impossível qualquer pedido de socorro. A procurar um médico e dizer doutor, meu rosto... corria o risco de passar por louco.

Louco não sou. Olho para essa pela gordurosa e lisa – não, não incorrerei no erro de dizê-la amarela, eu que a examino a toda hora tão detidamente – e me pergunto quem a esticou assim tensa e brilhante sobre aquela outra, aquela que aqui e ali começava a afrouxar seu tecido, aquela manchada pela sombra da barba espessa, que eu escanhoava todo dia amorosamente, aquela que era minha.

Os olhos, é claro. Vocês esperam que eu fale dos olhos. Como se não conhecessem o olho chinês, o ângulo fechado da pálpebra e a pálpebra, exata como uma concha. Os olhos, é claro. Duas fendas, comparadas com os que eu tinha. Duas fendas através das quais vejo agora o mundo de outra forma, recortado, estreito, como se os meus próprios olhos redondos estivessem aprisionados em pura órbita. Dois grãos ainda na casca.

Embora eu gastasse horas me examinando, comparando meu rosto atual com aquele dos retratos mais recentes, as pessoas ao redor não pareciam importunadas. Nenhuma pergunta indiscreta ou simplesmente curiosa, nenhum o que houve com você? A normalidade, e mais nada. Pelo menos no começo, quando eu ainda recorria a pequenos truques, como o de aumentar o tamanho dos óculos escuros e mantê-los no rosto mesmo depois do pôr-do-sol ou usar boné para impedir que luz reveladora me atingisse. Depois faltou-me coragem até para isso. Mudei-

me, deixei minha cidade. O rosto com que cheguei ao novo pouso servia para fins públicos como outro rosto qualquer. E dali para a frente pouco se modificaria.

Como certas algas que lentamente afloram na superfície de um lago espalhando-se aos poucos até ocupá-la toda, até esconder por completo a água transparente ainda que escura, assim o rosto chinês havia aflorado do meu mais negro fundo, cobrindo o outro rosto que, desprevenido e sem defesa, tinha sido obrigado a recebê-lo.

Desde quando teria estado o rosto chinês espreitando em mim, à espera de aflorar? Sorria no meu secreto interior quando eu, no grupo colegial, encarava a objetiva da máquina fotográfica? Moldava-se ao mesmo tempo que eram cortados os cachos de querubim? E como, como eu havia podido ignorar inimigo tão poderoso, e alimentá-lo?

Faltam ainda, percebo, pequenos detalhes. As sobrancelhas fazem-se mais ralas. E a linha dos cabelos, antes marcada por entradas que acreditava desembocariam em calvície, vai fio a fio tornando-se mais reta sobre a testa, fechando seu desenho nas têmporas. Em breve, tudo estará completo.

E quando estiver completo, quando o rosto chinês tiver se instalado por inteiro, serei para sempre seu prisioneiro. Como o Máscara de Ferro, eu também fui condenado à solidão, pois não há solidão maior que a de um rosto oculto. Mas, ao contrário do triste hóspede da Bastilha, nunca saberei quem emitiu minha sentença.

Digamos que fosse estupor o meu primeiro sentimento. Parece-me justo. Revolta foi o segundo – não falei nisso antes por ser tão previsível, e também por pudor, tendo em vista sua inutilidade. Em seguida, expectativa. Agora, porém, quando tudo está praticamente consumado, quando a última gota de lacre está prestes a escorrer, o que mais me remorde é a saudade.

Ah! que falta do meu antigo rosto, do meu rosto verdadeiro. Que vontade de reencontrá-lo em qualquer espelho, de sorrir com a minha boca, de entender-me com meus olhos. Saudade daquela cumplicidade construída ao longo dos anos, desde o primeiro dia. Sim, porque uma coisa é ver refletido um rosto em que nós mesmos cavamos as rugas e imprimimos as marcas, um rosto pelo qual somos responsáveis, e outra,

bem outra, é deparar-se com um estranho. Fique aqui consignado: nada me liga a essa cara untuosa e larga que jamais será minha. Se tive nela alguma participação – e certamente tive – foi à revelia da minha consciência. E minha consciência a recusa.

De olhos fechados, busco no escuro da memória o rosto escondido por trás do rosto chinês. Percorro no meu espelho interior os detalhes mais íntimos, debruço-me amoroso sobre os traços marcantes. E ainda assim não me sacio. Pois ao lembrar daquele eu anterior à invasão, não é a mim mesmo que encontro, mas uma máscara, uma outra máscara, mais perversa ainda porque mais ilusória.

Não, não me peçam para falsificar coisa tão sagrada. Sabemos todos que esse rosto parado que descubro em mim, como o poderia descobrir em qualquer das minhas tantas fotografias, não sou eu. Meu era aquele rosto cuja expressão se alterava a qualquer palavra, sempre em movimento, facetado como um diamante. Que distância dessa pobre evocação imóvel!

Nem o rosto que consigo lembrar é o mesmo que, embora escondido, vive por trás do rosto chinês. Faz tempo já que tudo começou. Tempo suficiente para que nele se aprofundassem as entradas nas têmporas e se concretizassem os sulcos que apenas ameaçavam os lados do nariz. Desimpedido, eu estaria um pouco mais velho hoje, preparando-me para ficar ainda um pouco mais velho amanhã. E se a minha lembrança de mim pode, com algum esforço, chorar ou rir, não poderá nunca, por mais que eu insista, envelhecer, porque não é possível lembrar aquilo que não se viu, e eu nunca vi no meu rosto a idade que meu rosto tem hoje.

Assim, prisioneiro de uma máscara oriental, nada mais me resta como identidade além de uma outra máscara. Que, embora mais real, vai-se afastando dia a dia da realidade, e que aos poucos, como uma escrita exposta ao sol, perderá a nitidez dos seus contornos. Até confundir-se, no tempo, com o rosto chinês.

Un ciudadano en la tormenta*

Cohen, Marcelo

A fines de la primavera pasada, mientras me dejaba humillar en un trámite municipal, de repente se me ocurrió una historia. La tomé entre las manos, la miré de este lado y el otro y la dejé reservada. Aunque me parecía un producto bajo del rencor cívico, me dije que a lo mejor servía para investigar por qué ciertas ideas se niegan a abandonar el cráneo. Podía, por ejemplo, no desarrollarla sino escribirla como esquema y glosarla con notas instructivas; escribir una ficción realista conceptual. Cualquier excusa sirve para escribir. Empezaba así:

Diciembre de 2001. La Paternal, Buenos Aires. En un televisor de casa familiar, un noticiero muestra las secuelas de una tormenta arrasadora. La cámara enfoca una formidable rama de aramo caída en el pavimento. El locutor informa que la rama mató a un chico; lo sulfura que alguien haya dejado crecer esa barbaridad. La luz verde azul de la pantalla hiela el living. De golpe un hombre apaga el televisor. Está temblando. Se llama RS. Treinta y siete años, padre de dos varones, diseñador de programas informáticos para gestión de hotelería. Entusiasta de las novelas de Tabucchi y las películas de Mijalkov. Asténica mirada castaña; inteligencia práctica. Las canas prematuras indican que no le costó poca aflicción pagar la casita, contra las extorsiones de una economía sádica, sin hipotecar a la cultura de la ansiedad sus voluntariosas nociones de moral comunitaria. Aún con la corbata del trabajo, sale a mirar el fresno que en la vereda de su casa se desparrama con la monótona lujuria de la vida vegetal. Enfrente hay un colegio. Dos aviesas ramas se alargan crujiendo. Hace año y medio que RS inició un trámite para que los operarios de Parques y Jardines podaran ese árbol peligroso. Ha ido a renovarlo varias veces y ahora entiende que quizás los operarios no vengan nunca, porque no les pagan, porque el funcionario de ventanilla le da tirria la cortesía de RS y acaso se burla de él con la compañera,

* COHEN, M. Un ciudadano en la tormenta. In: Revista MIL PALABRAS. Buenos Aires, n. 3, otoño 2002.

porque el gobierno de la ciudad debe usar los pocos fondos que recauda para subsanar problemas más acuciantes. RS se pregunta qué será más acuciante que la eventualidad de que una rama aplaste a un chico como sus hijos o a uno de sus hijos incluso. Entiende que la tarea de podar es competencia de especialistas que saben cómo no dañar los árboles porteños. Contravenir esa norma se paga con multa y hasta con cárcel. Esto se lo ha advertido HT, el vecino de al lado, un escribano antiburgués que detesta la probidad de RS, acaso el impecable estado de su casa, y el hecho de que RS pague impuestos cuando él se vanagloria de no pagarlos.

Varias veces HT le ha manifestado a RS que se comería crudos a los que maltratan las plantas; porque HT es un ex maximalista que luego de fracasar en la ruleta financiera ha dado en la espiritualidad. Pero no nos adentremos en el mundo de HT, que dentro de esta historia es un mero disparador. JR entretanto se ríe de irritación. A la mañana siguiente sale a la calle, apoya una escalera contra el árbol y procurando no lastimarse serrucha las tres ramas más amenazadoras del fresno. Las serrucha sin gracia; los ojos de tiralíneas del vecino titilan viendo la amputación. En la esquina más distante un policía barre basuritas con el pie. Es uno de los dos agentes cuya vigilancia suplementaria algunos vecinos pagan de su bolsillo para evitar asaltos inducidos por ellos, los policías. RS siempre se negó a pagarle y a veces el agente le sonríe de reojo. Ese día y el siguiente llueve sobre la corteza mustia de las ramas que ningún camión de desperdicios recoge. Los colegiales circulan sanos y salvos. La vegetación muerta se pudre. A la tercera noche una patrulla de la seccional del barrio se presenta con una orden de detención para RS, esgrimiendo una denuncia por poda negligente de árbol urbano. La mujer de RS quiere echarlos. Los chicos se asustan. RS le dice a su mujer que llame a ese abogado conocido de ellos. Sube al patrullero sereno y curioso pero cuando llega a la comisaría el manoseo ya lo ha amedrentado. Balbucea más de lo corriente en él. El sargento que le lee los cargos levanta los ojos de hule; le dice que hable bien, que no se le entiende nada. Una sucesión de procacidades y dilaciones consiguen que RS escupa su indignación, por encima del instinto de supervivencia. La inseguridad le encona el sentido del honor; y es que con gente como RS podría hacerse un buen país. Pero la voz se le atipla cuando declama sus

derechos y a sus espaldas alguien murmura: No será puto, éste. RS le pregunta a qué viene esa payasada. Payaso sos vos, le contestan: payaso pelotudo y concheto. RS reúne la serenidad suficiente para negar que él sea una persona rica. El sargento le propone encontrar una solución; le recuerda que nunca le ha pagado al policía de la esquina. RS lo manda al diablo. Una mano pesada le toca el brazo. RS se desprende con tal sacudida que el dueño de la mano retrocede hasta dar contra la pared. Entonces le pegan en el estómago. RS se desenfrena. Cuando una hora después su mujer llega con el abogado, RS ya está en una celda, con la cara machucada y un diente roto, incomunicado por agresión a la autoridad. Le pasan una muda limpia traída de su casa, porque se ha ensuciado los calzoncillos.

Sólo esto había escrito y la historia ya viraba de un realismo que nunca he sabido practicar al tono de denuncia. Era la prueba incontrastable de que soy un escritor de clase media, aunque abomine de mis taras. Una de las características de la clase media es que siente pasión por su pasión; vive esperando el momento de verse poseída por la llama, porque cree que el combustible es su integridad atrevida, y entonces se enamora de ese pequeño ardor; la repetición de este proceso la resarce de no caer nunca, nunca, en la baja que revuelve las tripas ni en la elegancia altiva y desdenosa, de disimular siempre su odio. Para forzar un poco mis limitaciones, decidí acercar la historia todo lo posible a la realidad más cruda. De todos modos la crudeza ya campeaba. Empezaba enero de 2002 y el país era un tumulto a punto de convertirse en un erial. Rabia y desconcierto se cocían en la estufa a los aborristas y el hambre de los desposeídos. Morían viejos en los hospitales y jóvenes en la calle. Uno no iba a escribir cualquier cosa a sus anchas. Había que pensar cómo era posible aliviar la fiebre; atisbar una dirección. Todos estábamos irritados o confundidos, salvo los que veían en la muerte una solución y los que veían en la muerte el parto de una nueva república. ¿Y cómo yo no veía la cabecita del bebé? Para los escritores Argentina es una fábrica de culpa. Hace falta una fuerza soberana para mantener la independencia que con el tiempo quizás permita alumbrar una teoría operativa, una novela abarcadora, y mucha decisión y talento para encuadrar la literatura en el conflicto, para ser libre sin ampararse en la ironía. Más usual es ceder a las coerciones de nuestra cultura sádica y equivocar la forma por simple atonodramamiento. Yo me había hecho un nudo con la literatura y la política. No conseguí desatarlo. Y es que también quería desquite, reparación para los postergados y castigo para los ladrones. Quería historia inflamada y democracia profunda. Quería intervenir

pero reservarme el nihilismo. Un desastre. Lo único que conseguí fue desarrollar mi parábola, como reaseguro artístico supersticioso, mientras hacía lo peor para la imaginación, que es forzar el pensamiento para que se manifestara. Sigamos.

Abollado en un rincón del calabozo se rasca un gordito de ojos incoloros y zapatillas destrozadas. En la penumbra la piel parece neumático quemado. Está lleno de moretones. RS comparte con él un sándwich que le han traído. El chico mastica y escupe mientras cuenta que le han cargado cuatro robos de farmacias cuando en realidad él sólo se llevó un alfajor de un quiosco. Insulta. Lloriquea. Dice que lo van a emparedar lo menos dos años. RS apenas entiende, porque el lenguaje del chico es un rezongo entrecortado sin correspondencias ni subordinadas. Pero además el chico huele mal y todo junto a RS le da náuseas. Ese primer encuentro con el otro de su identidad nacional se salda con un repliegue. A la madrugada siente que el cuerpo entumecido elabora una fantasía: se ve largos meses en la cárcel, intentando trabajar una amistad insufrible; para librarse del chico pestilente decide educarlo hasta que pueda defenderse solo y salga en libertad. RS se sobresalta. Le ha dado un calambre. Vergüenza de su inconsciente, cólera y miedo se resuelven en una primera iluminación. Hecho un pingajo en el suelo, RS descubre que se ha vuelto indiscernible de la suciedad que lo rodea, cosa honrada pero truculenta; no es diferente del mundo ni del chico; es vida desnuda, carne sin motivo ni propósito que a cada momento hay que educar en la elección del bien. Si algo le da derechos es la conciencia de su impureza. El amanecer es triste. Atónito, RS presiente que no volverá a ver al chico y se pone a llorar. El agente que le trae mate cocido finge un tropiezo y se lo vuelca encima. RS vuelve a sublevarse y los policías encuentran motivo para someterlo a un fiscal de oficio. Lo trasladan a una comisaría lejana donde en el curso de diez días se le hacen llagas en medio cuerpo. El abogado le dice que el juez a cargo del expediente no va a liberarlo en seguida porque lo cabrea que la prensa esté extorsionándolo con fotos tomadas en salones de masaje. En un breve encuentro, RS escucha de su mujer que en el interín han caído dos presidentes a causa de la presión de los consorcios, su propia inanidad, los saqueos y la movilización de pequeños ahorristas enfurecidos porque les han confiscado los depósitos bancarios. Ellos dos pertenecen al

último grupo, pero no están tan mal como los desocupados. Ha habido veinte muertos. A RS se le ocurre que si algo tiene de bueno el sistema actual es que los malos de verdad ya no esconden que su sueño es eliminar la mayor cantidad posible de estómagos excedentes, a ver si las cuentas teóricas les cuadran sin perderse un centavo de ganancia. Argentina y el mundo todo son un pésimo drama teatral de denuncia. RS, clasemediero agnóstico, se hace la idea de tener un espíritu palpable y decide cultivarlo en la adversidad. Mientras, lo único que consigue el abogado es que lo trasladen a la cárcel de Ezeiza, donde estará 23 días a la espera de juicio. Aquí es inevitable ser un poco obsceno, en honor a la verdad. RS ha conocido lugares de exclusión donde la neoburguesía posindustrial vive incluida entre piscinas, asados solariegos y todo tipos de prótesis lúdicas que amplifican su deseo al infinito. En ese estado de excepción no hay para el ego pueril más ley que la del dominio. Tampoco en la cárcel hay ley, pero el estado de excepción en que se mantiene al recluso está dirigido, no a amplificar el ego hasta que reviente, sino a demoler lo que en el recluso hay de humano. La cárcel es el extracto negro del proyecto de dominio, y los que viven allí se comen crudos unos a otros. Entretanto, la mujer de RS le cuenta que la clase media ha tomado las calles como único espacio en donde puede respirar. RS apenas respira. Sus compañeros de celda son: un matricero de 62 años que encabezó una intimación a un supermercado de Ranelagh, un lavaplatos punguista y un flaco macilento que tiene la boca sellada y ojos de haber visto algo inenarrable. La comida es vomitiva. Lo que le lleva su mujer, RS tiene que repartirlo para que no lo tajeen con facas. Como el respetado matricero lo protege, RS logra crearse una reserva de coraje. Pero una noche hay un amago de motín y vuelve a ensuciarse los calzoncillos. El mudo de la celda de RS se revela muy duro, y en el tumulto le corta una mano a un jefe rival y se come dos de los dedos. Se los come crudos, como el vecino de RS se comería a los que podan árboles. De todos modos, a la madrugada los rebeldes capitulan. La vida en la celda se reanuda sin el mudo. RS nota que se está volviendo cruel, y durante una entrevista con el abogado se echa a llorar. Sáqueme de acá, por favor, dice. Devuélvame mi cuerpo. De la renovada vergüenza que le da su miseria, RS obtiene una nueva serie de iluminaciones. I) La única

garantía de que un país mejore es la participación general en la vida política. 2) No hay política generalizada sin que la vida cruda, juguete del deseo, se revista de pensamiento, incluso de intelectualidad. 3) No hay esperanza para el que ha comido el horror. 4) No hay pensamiento que vertebre una política justa si aunque sea en parte no aspira al cielo. 5) Mirar el cielo sirve para saber que nadie lo habitará nunca.

Como bien se nota, siguiendo el hilo de esta historia yo no podía llevar claridad a la discusión sobre las salidas de nuestro país en el momento de peligro que vivimos. La peripecia de mi héroe no era una parábola sino un amasijo de contradicciones. Por eso decidí que mi aporte íntimo al debate que despuntaba, y no era menos confuso, fuera la exhibición del alma de RS. Empecé a volcar ahí todos los reveladores rezagos de la mía, y muy pronto el relato dejó de parecerme una coartada. Al fin y al cabo era soltar como un chorro lo que había acumulado en más de tres décadas de cavilar estas cosas y contenerme por miedo al ridículo.

Al tiempo que pierde la esperanza, RS empieza a perder algo de miedo. Sólo un poco. Le quedará miedo suficiente para que, cuando salga, la visión de la calle lo hiera más que a los esperanzados. Cuando la mujer de RS le cuenta que los dólares que tenían en el banco para iniciar una empresita informática son ahora frágiles pesos que les devolverán en tres años, RS ya está blindado. Es incorregible: se siente estoico, indiferente al dinero, rico en ética. Ni se da cuenta de que el hecho de que hayan esquilado a su familia debería inflamarlo. Así empieza a transmitir en la cárcel lo que cree saber. "Queremos la libertad, ¿no?", les dice a los presos. "Y los de afuera quieren comer, y algunos quieren sus dólares. Pero al mismo tiempo todos juntos denigramos el estado del mundo, y queremos reemplazarlo por otro como si fuéramos agentes de una mejoría, una especie de antibiótico radical. Cada uno de nosotros se cree un fenómeno y considera al prójimo un impedimento. A mí me parece que la mayor condena es trabajar todo el tiempo por el refuerzo de la persona propia. El capitalismo, por ejemplo, consiste básicamente en eso." A los otros presos este cántico los esgufia. Un atardecer violentan a RS en la ducha. Preparado como está ya, RS se siente más herido en el cuerpo que en la moral. Sabe que la lucha contra el infierno tiene lugar en la conciencia. Cuando la mujer le cuenta que el policía de la esquina ha permitido que les robaran el coche, RS le susurra que todos

los agravios son relativos. Pero al verla llorar de cariño recuerda cuánto la quiere y comprende que ese amor y los chicos lo legitiman para vengarse. No tiene idea de lo que es la venganza, pero a poco consigue que lo suelten. La vista oral es una farsa, más humillante por benévola. El juez putañero, que se ha cansado de molestar, deja a RS en libertad condicional, pendiente de juicio por sublevación. Lo primero que RS hace en el mundo es intentar no sentirse un proscrito. Para evitar nuevas represalias de la policía, planea protegerse ganando notoriedad. Supone que no le será del todo difícil porque tiene para comunicar lo que su cuerpo ha aprendido sobre el capitalismo, la impureza y las trampas del espíritu. Aturdido, se alimenta de las visiones de que rebosa la Buenos Aires de fines de enero del 2002: cortesas ancianas mendigando para poder alimentarse - en una avenida, un hombre bañando un bebé en un tacho que la lluvia llenó de agua - torsos muertos en el pavimento revestido de añicos de vidrio - montañas de telgopor en llamas contra el atardecer - reses descuartizadas junto a una carretera - una agobiada muchedumbre en protesta muda avanzando entre neones bajo un diluvio - un enfermo de los riñones clamando por un aparato de diálisis - cabezas ensangrentadas - llanto convulso de una insultada cajera de banco - hambreados crucificándose como quien se inmola antes de que lo maten - música atonal de cotizaciones monetarias para imágenes de fragor urbano.

RS se debate entre la piedad por los desposeídos, la ternura por su clase y el fastidio por la queja. La vida conyugal, animosa pero de frecuencia baja, es el indicio más claro de que está incubando la misma dejadez que ve por todas partes. La empresa donde trabaja languidece por falta de ventas y él no puede independizarse. Al consumidor que lleva dentro lo exaspera la abstinencia de mercancía. No lee, no escucha música; no hace nada que le guste. Las adrenalínicas colas bancarias le dan acidez. Nunca la medianía ha sido tan fogosa. Hacia las cinco de la mañana suele despertarlo un sentimiento que desconocía y es el desasosiego por el quebranto del país y el futuro de los chicos.

Con esto me estaba acercando a mi problema. Aparte de la incertidumbre, me desvelaba la obligación de apartar algún hilo a la tela de pensamiento que habría debido amparar la violencia de la crisis. Encima, que me comparase con RS era una señal de que la historia había ganado autonomía. Y, aunque se pareciera muy poco a lo que

yo creo que escribo, era el cabo que me unía al país. Por eso no quise aclarar la naturaleza del nexo. Me anudé a la historia de RS procurando que virase hacia a lo positivo. Por supuesto que en vez de un programa, mi impaciencia obró en la historia una serie de acontecimientos desesperados.

A punto de que el ser se le vuelva pura fisis, RS resuelve ganar energía mental dando el salto a lo público. Enseguida barrunta que es un movimiento espúreo, porque, si la ciudadanía no quiere desaparecer, cualquier intento comunitario debe basarse en cierto renunciamiento de cada cual a sí mismo. RS titubea; pero entonces el odio renace en él para propulsarlo. Sólo le queda darle un cauce. Empieza a preguntarse seriamente si lo que él quiere es demoler un sistema que aniquila las almas, destruir las bases de un proyecto que hace del hombre una herramienta, atreverse a desear lo imposible, o bien quiere un sistema más protector y justo; es decir, si quiere libertad irrestricta, gozo y soberanía, o distribución supervisada de las riquezas, salud pública, cuidado y educación de los niños, una democracia atenta y participativa.

Abí tenía yo una cuestión más delicada. Era la conciencia de la impureza la que nos llevaba a RS y a mí a rozar el reformismo. Comprendí que no me estaba ocupando de literatura y política, sino de la más vieja disyuntiva entre destrucción y continuidad entre la violencia y el sacrificio en pro de bienes incommensurables y la defensa de la vida inmediata, transpuesta a la Argentina del momento: ¿reconstitución del estado local o lucha libertaria total? Mucho en la literatura, desde Homero por lo menos, está insuflado de exaltación entusiasta, ansia de emancipación, ebriedad, nihilismo, visión y despilfarro. Las sociedades en cambio necesitan garantizar la vida de sus integrantes. Es jactancioso decir que la aspiración de cambio sólo incide en lo real cuando comparte la misma decisión soberana que lleva a abandonarse a la volubilidad del sentido, al azar, al sacrificio; que sólo cuando se entiende la libertad como desapego de sí, como un acto de entrega radical, se puede aspirar a una sociedad feliz -o salvada. No. Son muy pocos los que no temen a la muerte, incluso si están enamorados. Muchos son madres y padres. La institución social no soportaría que se generalizase el acto gratuito; de evitarlo se encargan la justicia y la razón. Pero hace rato, desde que la Ilustración desencantó el mundo, que muchos se preguntan cómo sería una política para un mundo no atenazado por el proyecto y la razón instrumental, un mundo todavía encantado. Aunar la redención social y la elevación constante del alma fue el empeño más sensible del romanticismo. Mucho después Bataille advertiría que el desprendimiento, el abandono pasional que aniquila

y el éxtasis pertenecen al orden de la intensidad, que es íntima; la política al de la duración. Y aunque RS no parecía muy lector de Bataille, estas cosas ya eran parte de su historia, cuya poca claridad política se enturbiaba cada vez más. Siempre hay un momento cuando uno escribe en que la vida de las discontinuidades y oposiciones, de la acción lineal y productiva, delata su condición esclava, su falta de inteligencia. Más allá de las necesidades que define el sufrimiento cotidiano, escribir se revela como ganas de milagro. Uno sabe cómo obra el capitalismo en la conciencia, cómo la llena de voluntad de apropiación, usufructo, reaseguro, competencia; pero también sabe que "No sólo de pan vive el hombre". Mucho menos de comerse al otro crudo. El problema de RS era cómo no perder el corazón cuando se han perdido no ya los aborros, sino también la pertenencia al propio cuerpo. La contingencia de RS era de gran peligro patrio. La pasión pequeño burguesa argentina no había sido autoaniquiladora, lo que la hubiera glorificado como pasión de libertad, sino autoafirmativa, promocional, en detrimento de todo lo demás.

Un jueves, mientras espera turno para hablar en la asamblea de su barrio, RS le murmura a un vecino: "La sociedad argentina se ha pasado quince años derrochando, instigada por los cráneos de la economía de mercado. Y para ganarse el derecho a derrochar más puso de moda el elogio de ilegalidad, aquí llamada transgresión. El ideal de los ciudadanos incluidos en el sistema que excluye a los pobres es que todo sea posible. Y en ese mundo la posibilidad de satisfacerse se volvió tan ilimitada como en la cárcel, donde algunos presos se comen a sus rivales."

El vecino sonríe a medias. RS sabe que nunca logrará resolver las paradojas de su línea de pensamiento, pero piensa que su ordalía lo autoriza a exponer un pensamiento paradójal. Cuando le pasan el micrófono se limita a seguir con su argumento: "Amigos: que el mercado libre haya culminado en la falta de trigo para el pan y la retención del dinero individual significa que vivimos en estado de excepción. En ese estado de cosas es posible todo, hasta lo más espantoso. Pero ya antes de esto nos habían convencido de que nuestros apetitos debían satisfacerse cuanto antes. Y ahora no tenemos ni apetito ni dinero. Lo que necesitamos es un estado de cosas en el cual no todo sea posible. Las prohibiciones tocarán al gobierno y nos tocarán a nosotros. Es hora de que nos examinemos." El discurso provoca estupor y algunos chiflidos, pero la parte de estupor anima a RS. El jueves siguiente, entre un orador que pide poder para las asambleas y otro que expone un programa de huertos

urbanos, la figura irrelevante de RS crepita como hielo seco. En su tono más anodino RS dice: "Amigos: tenemos que decidir si luchamos primero contra el Parlamento o contra la explotación. Porque el mercado libre que nos hambrea ha crecido arrebatándole competencias al estado, para lo cual compró a parte de los hombres de Estado. Ahora pedimos que se vayan los políticos. Pero lo que nos martiriza es la miseria. Si queremos más justicia social necesitamos un Estado generoso, de acuerdos amplios. Pero cuanto más amplios son los acuerdos que cimientan un Estado, menos margen hay para las alternativas individuales. Los más libertarios serán enemigos de ese Estado sin orgías. La vida democrática será baja en pasión. El individuo tendrá que arreglárselas para tener entusiasmo y gozo en su vida íntima." En el acto está presente un periodista de un canal de cable que invita a RS a una entrevista a las 3 de la mañana. Sólo unos 900 televidentes lo ven, pero les cuentan a sus amistades que hay un hombre que suelta unas monsergas raras. En diez días más RS se convierte en objeto de rumor. Uno de esos días recibe una advertencia policial. Las renovadas reservas de odio dan a la voz de RS un vibrato de elástico de media. Las cicatrices de los antebrazos suscitan una leyenda confusa. En una asamblea extraordinaria el compuesto de RS levanta ovaciones y abucheos: "Somos unos estúpidos. Aceptamos una economía que nos dejó sin trabajo y sin dinero, y ahora los que tenemos trabajo sólo hablamos de dinero como si en eso nos fuera la honra. Pero creemos que nuestro espíritu es superior al de los gestores. ¿Estamos tan seguros de ofrecer algo mejor como reemplazo? Amigos, no somos mejores. Sólo hemos perdido. Propongo cambiar nuestra riqueza espiritual por la carencia consciente de toda virtud. La indiferencia nos hará poderosos y certeros, humildes y caritativos. Y nos hará preguntarnos cuánto poder queremos de verdad. Porque nuestro poder, si llegamos a tenerlo, va a ser impuro. ¿Estamos dispuestos a ejercer la impureza?", pregunta RS. Un atronador "Sí" le responde, mezclado con un estentóreo "No". La defectuosa comprensión de los argumentos de RS crea una controversia. No bien entra en la periferia mediática, RS se da cuenta de que no tiene sentido detenerse; ha pasado a ser parte del espectáculo y por lo tanto ya es para siempre inofensivo. Así que improvisa a gusto.

La historia se había despegado de la realidad pero mantenía un contacto conmigo. De hecho cada vez se acercaba más a una verdad que yo entreveía (aunque nunca iba a ver bien, como suele pasar en las historias). Me pareció que había allí un orden que no intentaba aplastar el caos ni disimularlo, una hipótesis para la vida común que la literatura no debía avergonzarse de ofrecer.

La inspiración de RS lo afirma como sujeto interesante. Él asimila que debe ofrecerse a todos los flashes que se avengan a acribillarlo y cualquier luminaria que quiera hurgarle la mente. Lo demás sucede en un santiamén. Pachó O'Donnell lo sienta a conversar en un incómodo sillón en donde RS termina cabeceando. Tomás Eloy Martínez le dedica una desgarrada crónica que publica La Nación. Quinientos mil televidentes escuchan a RS decirle a Bonelli: "Intelectualmente, yo sólo puedo decir medias verdades porque nunca hablo de mí mismo." En un artículo publicado en Clarín yo elogio la astucia con que RS ha instalado en la política argentina la contundencia del gesto. Durante una larga entrevista, Verbitsky intenta vanamente que RS hable de revuelta y delito. En Francia, André Glucksmann dedica a RS un libelo titulado L' anemocrat y lo califica de neoprimitivo emergente. He aquí un extracto de las declaraciones de RS en ese período:

– En Argentina culmina la falacia capitalista. Como sepultó la producción material en beneficio de las finanzas, y no puede acumular mucha plusvalía, el capital usa la pizca de estado que dejó para pagar los dividendos de los financistas con la plata de los súbditos. Para llegar a la anorexia productiva hemos colaborado todos. Acá hubo muertos, ahora hay escombros, puede haber más muertos pero sólo se habla de dinero, como si únicamente nos hubieran robado.

– ¡Que nadie insulte a nuestra gran pequeñoburguesía! Gente que ha trabajado años para hacer su empresa textil, su casita, su sólida cultura de culo del mundo; que a fuerza de superación constante del intelecto ha hecho un país fino; señoras que leían como posesas entre una polenta y un planchado; una capa social entera que se ha psicoanalizado porque desconfiaba de sus lapsus. No hay pueblo en el mundo tan desconfiado.

– La desconfianza no es un valor político.

– Somos un experimento del sistema. El resultado es este sufrimiento impúdico que circula como una película de advertencia para los que se

porten mal en el primer mundo. El capitalismo es un aparato de dominio de cuerpos y control de almas; avanza sin cesar para reproducirse a sí mismo. Cuando alguno de sus experimentos pasa a los medios es porque ya está impuesto. Nuestra única astucia sería obrar un retroceso en la historia contemporánea. Hasta la salud pública por lo menos.

– Los saqueos aterran a los pensadores. Temen que se les paralice el pensamiento. Mi respuesta urgente a la miseria es dar todas las limosnas que puedo.

– ¡La jactancia espiritual de nuestra clase media! Siempre alardeando de cultura. Pero ahora todos abandonan el cultivo del alma con la excusa de no tener plata. Es como si hubieran entrenado en el capricho infantil para eximirse de preguntar qué quieren decir cuando dicen espíritu o utopía. El cultivo vendrá después. Pero no hay después. Hemos perdido dosis irre recuperables de esa poesía cotidiana que tanto enorgullecía al argentino espiritual.

Con la progresiva fama RS recupera el deseo sexual. Está más animado, más liso. Mientras, la sospecha de que esconde un secreto atiza la morbosidad mediática. Cuando Hadad le pregunta a RS si no percibe que la gente no lo escucha por lo que dice, sino por algo más, RS se levanta del asiento y le da un sopapo. Esta insolencia le vale una cita al día siguiente con Lanata, que le pregunta si no cree que está contribuyendo a anestesiar el movimiento popular. RS responde: "La vulgaridad es hablar como si se supiera algo cuando en realidad se dice algo que el poder deja que se sepa. Usted es vulgar. Si quiere ser fino, empiece por aceptar su ignorancia". En este período RS se deja a veces eclipsar por el silencio, como si quisiera empezar de nuevo con un lenguaje diferente. Hay un incompleto abrazo de RS con el líder sindical de Genaro. Se dice que el opaco discurso de RS catalizará la confluencia entre capas sociales. Mientras, la ofuscada rebelión se dedica por fin a hostigar físicamente a los políticos que sorprende por la calle. RS acude al cerco contra un abúlico senador radical y en cuanto ve que un grupo le va a pegar se interpone. Les grita que cinco contra uno es cobardía y defiende al corrupto a puñetazos. El senador le da emocionadas gracias, ante las cámaras, pero RS le contesta: "Que ellos sean unos cagones no lo hace a usted menos vago e inservible". Esta nobleza criolla convence al

presidente Duhalde de invitar a RS a un desayuno radiofónico. En la voluble memoria argentina sólo quedará el instante en que RS le dice a Duhalde: "Usted se miente. Querría ganar la gloria de haber sacado al país de la catástrofe, pero no se atreve a enfrentarse con los grandes degenerados y por lo tanto trabaja para su propia perdición." Duhalde le pregunta por qué cree él que le pasa eso. "Es una cuestión de lenguaje. Hay que encontrar otras frases. Y no piense que declararse impotente es decir la verdad. Las reglas de la política no son las de la vida. Usted es un mandatario." Al día siguiente el perspicaz Duhalde declara que jamás en su vida ha conocido una persona tan fría como RS. Comentarios sobre esa frialdad se propagan por la dirigencia popular como una brisa, impregnan a los artistas y calan en el pueblo. En adelante la Argentina apasionada siempre tomará las palabras de RS con un grano de recelo. Mario Pergolini lanza al aire el slogan de cuyo daño RS nunca podrá recuperarse del todo: "RS no existe". Los jóvenes empiezan a repetir que RS no existe y, aunque RS seguirá existiendo, parte de su figura quedará suprimida por el giro predilecto de los devoradores de presente: "RS ya fue". Es entonces cuando Paenza aprovecha la ocasión para tender a RS una celada: enfrenta a RS con su vecino HT. La historia de la rama podada sale por fin a la luz, y en un momento que RS no conseguirá olvidar HT le dice: "¿Usted no se da cuenta de que yo lo inventé? Yo lo convertí en el líder que necesitábamos." RS le responde que entonces él representa lo peor de la mente argentina. Pero esa noche le cae encima un tul de paranoia. Poco le importa que la sospecha de que su trayectoria fue orquestada sea o no cierta; la mera sospecha prueba que no hay modo de reformar el sistema porque es un sistema de pensamiento; la gente está separada por el lenguaje que supuestamente la une y que en realidad no nombra nada. Puede que los grandes nihilistas, Shakespeare, Baudelaire, estén en lo cierto y no haya solución para la catástrofe de la Historia. Tal vez haya que enfrentar violentamente el ataque a la materia viva que el capitalismo perpetra día a día. Durante un corte de la ruta 2 del cual participa, no obstante, RS atisba que los piqueteros, que son los más materialistas de la revuelta argentina, también están pidiendo reformas sociales o cambios porque creen en la marcha de la Historia; es decir, son idealistas. RS piensa que

si ese idealismo conmueve y llama a unírsele es porque lucha por la vida, defiende un bien común y vela por la continuidad de las generaciones; y es que, como él, los piqueteros tienen hijos. De modo que se reserva el nihilismo altivo como una especie de pedagogía permanente de sí mismo; como la fuente de una poesía emancipadora que las generaciones también deben transmitirse, porque es lo único que de verdad puede salvarlas. En la vida actual, a RS lo acomete una leve paranoia, afán de atar cabos. La paranoia consiste en saber más de lo que uno puede utilizar. Si algo convierte a RS en líder político de culto es una facilidad para desbordar de contrasentidos. Por ejemplo dice: "Se habla mucho de resistir al sistema. Pero la resistencia es parte de una pelea por el poder. ¿Y queremos nosotros participar de un Estado? Cuando tengamos el poder quizá haya que ocuparse de que no nos imponga determinados usos del tiempo, salvo a los que les guste usar el tiempo en eso. Hay otros que le plantan cara a todo lo intolerable. Para esos la lucha es perpetua."

Me desalentó comprobar que ni una incursión en el realismo me había curado de la escisión entre las necesidades de la comunidad y la intransigencia de la literatura. RS era un híbrido con el que sólo podía hacerse un relato de tesis, no una novela. Y encima quedaba pendiente el final, del que habría sido una agachada dispensarme. No es que me preocupase el carácter manipulador y falso de la mayoría de los finales. Si uno consigue obrar cierta ilusión, el lector empieza incluso a esperar que lo maneje. Claro que, en literatura conviene no ocuparse mucho de las expectativas del lector. Pero la necesidad de este final era correlativa a la responsabilidad de organizarme el pensamiento, y un acto de buena fe para con una historia llena de aniquilación. La inexorable ley del realismo tiraba hacia la forma acabada; y por qué no iba a seguir yo la corriente del experimento. Pero como esto es el concepto de un relato que todavía habrá que escribir, doy dos de los siete finales que anoté.

— Mientras el gobierno herido por el FMI convoca elecciones, la miseria desemboca en guerra. Una banda de hambrientos instrumentados por la policía y la partidocracia asalta la casa de RS. Como acto de civismo, RS les abre las puertas; pero un grupo de piqueteros corre a defenderla y se arma una trifulca. A alguien se le dispara un arma. RS muere. Es una muerte injusta, repentina como su ascenso, inexplicable y clásica, como las que ocurren a montones en nuestro país.

– Desconcertado, RS comprende que si quiere trabajar por una democracia justa en un país de vivos tiene que hacerse el tonto, y aun volverse tonto. Se postula por un partido de izquierda y se convierte en un diputado atento con las organizaciones intermedias, eficiente, secundario, consolador para los que no cesan de tener necesidades. Irreductible, queda en él cierta experiencia de la promesa emancipatoria, un sueño laico de redención que más adelante transmitirá a sus nietos. Viste traje algo estrecho y camisas celeste claro.

Al contrario que el primero, fruto de la pulsión de muerte, este final soso es en cierto modo feliz, casi el colofón de una fantasía patriótica negra. Por desgracia para mi opción realista, el presente es tan inabarcable como el pasado, con el inconveniente de que, por estar pasando mientras uno escribe, provoca una multiplicación vertiginosa de los finales adecuados. Por otra parte, ya me voy viendo en la necesidad de modificar tramos porque las contingencias no dejan de empeorar. Es decir que no puedo escribir este relato. Hace poco leí que ninguna historia es posible si no se desentraña su relación con la Historia. Pero antes había leído que la literatura es el peligroso poder de ir hacia lo que verdaderamente es por la vía de la imaginación. Hay muchas sentencias así, pero me inquieta que, siendo tan diversas, estas dos señalen que a mi argumento le falta una lógica. Claro que la lógica férrea –según leí hace bastante– puede ser el origen del totalitarismo. Como si encima faltaran pocas cosas, ahora quedaría por examinar si esto es cierto.

Marzo de 2002



*Família é uma merda**

Fonseca, Rubem

Tenho uma saúde de ferro, mas andava sentindo umas dores de cabeça e fui à farmácia comprar aspirina. Foi assim que conheci Geneveva. Ela me perguntou para que eu queria aspirina.

"Para dor de cabeça."

"Aspirina ataca o estômago."

Se ela trabalhava numa farmácia devia saber o que estava dizendo.

"Então eu tomo o quê?"

"Tylenol."

"Já tomei esse troço e não passou a dor."

Ficamos batendo um papo, não tinha outros fregueses na farmácia. Ela morava na rua do Camerino, logo no início, perto da farmácia, que ficava na rua Larga, também conhecida como Marechal Floriano. Eu morava no Santo Cristo.

Gostei de Geneveva. Mesmo sem estar com dor de cabeça, voltei à farmácia no dia seguinte.

"Já acabou o Tylenol?"

"Vim só dizer oi para você."

"Oi. Como é o seu nome?"

"Valdo."

"Parece nome de jogador de futebol. Você joga futebol?"

"Jogo. Pelada. Todo brasileiro joga futebol."

"O meu é Geni."

Depois desse dia, começamos a namorar. O problema é que eu tinha que namorar escondido dos meus irmãos e da minha mãe. Eu gostava de Geneveva, mas ela era feia, nem muito gorda nem muito magra, nem tinha a pele ruim, mas era feia. Não sei como explicar a feiúra da Geneveva. Se fosse uma garota bonita era mais fácil.

* FONSECA, R. *Família é uma merda*. In: PEQUENAS CRIATURAS. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Já namorávamos havia dois meses quando Genoveva me disse que a mãe dela queria me conhecer. As confusões entre namorados sempre começam quando as famílias se metem no meio. A velha ia achar uma porção de defeitos em mim.

Mas não foi nada disso. A velha disse:

"Genoveva, seu namorado é muito bonito e educado."

"Mamãe, eu disse a ele que me chamava Geni, a senhora sabe que eu não gosto desse nome."

"Se o moço vai casar com você tem que saber o seu nome verdadeiro."

"Meu nome também não é Valdo. É Oduvaldo."

"Acho Oduvaldo bonito", disse a garota.

"Eu acho Genoveva mais ainda."

Depois a mãe foi ver televisão no quarto onde as duas dormiam. A casa era pequena. Ficamos sozinhos no sofá da sala e eu não fiz nada. Não fiz nada porque Genoveva era virgem e eu não queria mandar o cabaço dela pro espaço, aquela coisa de a mãe falar em casamento me deixou arrepiado. Tirar o cabaço é coisa feita no impulso, e a mulher sempre embucha. Aí o cara tem que casar. Eu até casava com Genoveva, se não fosse a minha família. Todo mundo na minha casa era bonito. Como é que eu ia chegar e dizer, olha aqui pessoal, vou casar com esta moça feia? Ainda por cima, no momento nem estou trabalhando, quem me sustenta é o meu irmão que tem um restaurante no Santo Cristo. Ele é casado com uma dona que podia trabalhar no cinema.

Santo Cristo é um lugar perfeito, nasci e me criei lá, não tem boteco, loja, oficina, casa que eu não conheça, pelo menos por fora. Sei onde se pode comer uma boa gororoba, claro que o melhor lugar é o restaurante do meu irmão. Santo Cristo é um paraíso, eu podia passar a vida sem sair do bairro nem para ir à praia. Como é que fui comprar um remédio para dor de cabeça na rua Larga, se Santo Cristo tem suas farmácias? Foi o destino. O destino arma essas coisas pra cima da gente, colocou Genoveva no meu caminho.

"Você não gosta do lugar onde mora?"

"Por quê?"

"Nunca me leva para passear em Santo Cristo."

"Não gosto daquele bairro. Prefiro a Tijuca. Já morei na rua dos Araújo's."

Era mentira. Eu detestava a Tijuca, mas não queria andar pelo Santo Cristo e ser visto com Genoveva. Quem morava na rua dos Araújo's era uma meio-prima minha, a Glorinha, nós namoramos até que eles se mudaram para a Barra e eu inventei que isso complicou o namoro. Foi um pretexto, ela era bonita, gostava de mim, mas eu não gostava dela e dizem que filhos de primos podem nascer aleijados. Meus irmãos, apesar de detestarem a nossa tia, que era irmã da minha mãe por parte de pai, achavam que seria um casamento perfeito para mim. O pai dela, sócio de uma companhia de ônibus na Baixada, podia me arrumar um emprego, já que eu não queria ser garçom no restaurante do meu irmão. Eu não era daqueles caras que inventam que estão desempregados porque não encontram emprego, eu não encontrava mesmo, só não queria ser garçom.

"Você não vai me apresentar sua família? Você nunca fala dela."

"Qualquer dia desses."

"Eu te apresentei minha mãe. Não tenho pai. Você tem pai e mãe?"

"Sou igual a você, só tenho mãe. Mas ela não gosta de receber visita."

"Também não tem irmãos?"

"Irmãos? Eles estão viajando."

Você nunca conta uma mentira apenas. Vem sempre uma porrada delas, de enxurrada. Acho que eu dizia pelo menos uma mentira por dia para Genoveva. Eu gostava dela, mas não podia gostar dela, uma mulher bonita pode gostar de um homem feio, mas nenhum homem pode gostar de uma mulher feia, o mundo é assim. Se eu tivesse dinheiro para sair de casa, fugia com ela. E o trambolho da mãe, o que a gente ia fazer com aquilo? Quem sustentava a velha era a Genoveva, com a merreca que ganhava na farmácia, e olha que ela era a gerente.

Como diz o ditado, é mais fácil pegar um mentiroso do que um coxo. Coxo é uma espécie de pernetta. Um dia fui apanhar Genoveva na farmácia na hora do almoço, íamos comer um sanduíche com caldo de cana num pé-sujo da rua do Acre e descíamos pela rua Larga quando ouvi uma voz:

"Oduvaldo, Oduvaldo."

Reconheci a voz, fingi que não ouvi. Continuei andando, mas Genoveva parou, olhou para trás.

"Tem uma moça te chamando."

"Moça? Deixa pra lá, vamos embora."

Mas a minha irmã já tinha chegado perto.

"Hoje é o aniversário de Clodoaldo. Não vá se esquecer. Oito horas. Você é meio cabeça-tonta."

Lá em casa todos os nomes de homem terminam em aldo. E o nome das mulheres em alva.

"Não vai me apresentar a sua amiga?"

"É a moça da farmácia."

"Eu sou irmã dele. Marialva, muito prazer."

"Muito prazer, Geni. Pensei que estava viajando."

"Viajando? Quem me dera."

"O que você está fazendo aqui na rua Larga?", perguntei, irritado.

"Vim comprar o presente do Clodoaldo. Você está aborrecido com alguma coisa?"

"Temos que ir, tchau", eu disse, puxando Genoveva.

O caldo de cana naquele dia estava com gosto ruim. Genoveva não comeu o sanduíche. Disse estar sem fome e não falou mais nada. Quando voltávamos para a farmácia, me perguntou:

"Por que você não me apresentou como sua namorada? Moça da farmácia? Moça da farmácia?"

"Eu não quis, sabe como é, dizer assim, sem mais nem menos, esta é a minha namorada, minha irmã ia dizer, meu irmão tinha uma namorada e não apresentava para a gente. Sabe como é, ia ficar esquisito."

"Ela não estava viajando? Ou você está me engrupindo?"

"Que é isso, Genoveva? Está zangada?"

"Estou zangada, sim."

"Eu um dia te apresento a eles."

"Por que não me leva no aniversário do, do, como é o nome dele? Do seu irmão."

"Clodoaldo. Assim, sem mais nem menos?"

"Como, sem mais nem menos? Tem que chegar uma hora para isso."

"Não sei se a hora certa é numa festa de aniversário sem graça, com bolo e parabéns para você."

Eu e o Clodoaldo fazíamos anos no mesmo mês, mas Genoveva

não sabia disso, eu não podia dizer para ela que minha família ia dar uma festa para mim nos próximos dias, no meu aniversário. Eu não podia levar a garota na minha casa. Família é uma merda.

"Você pensa que eu sou boba, não pensa?"

"Que é isso, Genoveva?"

"Pára de dizer o que é isso. Isso é isso mesmo. Não me leva até a farmácia, quero pensar, você está me atrapalhando."

Ela saiu correndo, correndo mesmo, como se estivesse disputando os cem metros rasos.

Cheguei às oito em ponto na festa do Clodoaldo, no restaurante dele, fechado para os fregueses naquela noite. Entre os presentes que ganhou, o único mixuruca foi o escudo do Vasco que dei a ele, mas Clodoaldo era um vascaíno fanático e gostou do escudinho, além disso sabia que eu estava na pindaíba. Fiquei espiando a minha família, todo mundo elegante, todos bonitos e bem de vida, a mulher do Clodoaldo era bonita, a do Reinaldo, que tem uma oficina mecânica, era bonita, até minha mãe, que era velha, era bonita, o único que era apenas bonito e não estava se dando bem na vida era eu, mas beleza não põe mesa, a menos que você seja mulher, como dizem.

Além da minha mãe e dos meus irmãos, estavam na festa os amigos deles. Eu não tenho amigos. Vá lá, os amigos deles são também um pouco meus amigos. Todo mundo bebeu, teve cantoria, gargalhadas, tudo numa boa, eu também bebi, mas não adiantou nada, a cerveja e o vinho tiveram o mesmo efeito que chá de agrião, só me deixaram enjoado.

"O Oduvaldo arranjou uma namorada", anunciou Marialva, lá para as tantas.

Todo mundo caiu na minha pele. Disseram um monte de besteiras, contaram piadinhas.

"Esse cara é um moita", disse Ronaldo.

"Quem é a moça?", perguntou minha mãe.

"Trabalha numa farmácia", disse Marialva.

"A Jaqueline? Aquela garota é um anjo."

"Ela não trabalha na farmácia daqui, mãe. Acho que é numa das farmácias da rua Larga. Os dois estavam andando pela rua Larga. O nome dela é Geni."

Ouvi mais um monte de piadinhas idiotas. Marialva não contou que Geni era feia. Para falar a verdade, Marialva era legal, estava noiva de um médico, ia casar com ele, o cara estava na festa, era meio prosa, sabe como são esses médicos, mas não era mau sujeito, muito gentil com todos nós, mas graças a Deus eu não precisava dos serviços dele, o cara era médico de hemorróidas. Além de bacana, o puto também era bonito. Porra, tinha gente feia pra caralho no Brasil, menos na minha família? Que merda.

No dia seguinte passei na farmácia. Genoveva estava emburrada.

"O senhor deseja algum produto?"

"Quero falar com você."

"Não temos nada a conversar. Estou muito ocupada", disse, virando as costas e se escondendo no fundo da farmácia.

Eu estava numa sinuca de bico. Não podia apresentar Genoveva à minha família, eu ia morrer de vergonha, estava também com vergonha de mim mesmo, de ser um babaca, acho que era porque perdi o meu emprego e não conseguia arranjar outro, larguei o colégio no meio porque só gostava de jogar bilhar e bater bola, minha mãe e os meus irmãos deviam me encher de porrada, mas passavam a mão na minha cabeça.

Fiquei rondando a porta da farmácia até a hora de fechar. Quando Genoveva saiu, cheguei perto dela e disse:

"Quero te pedir perdão."

Nenhuma mulher resiste quando um homem pede perdão. Ela olhou para mim, viu alguma coisa na minha cara e me perdoou.

"Está perdoado", disse, me dando um beijo no rosto.

Perdão eu pedi de verdade, mas o que disse em seguida era meio verdade meio mentira.

"Não te apresentei minha família porque eles são todos metidos a besta, só por isso." Eles eram mesmo metidos a besta, até minha mãe, que se chamava Ednalva, era metida a besta, mas o motivo não era só esse, era como a minha família ia reagir quando visse a feiúra de Genoveva.

"E qual é o problema de eles serem convencidos? Qual é o problema?"

Consegui driblar o assunto e me separei dela numa boa, mas Genoveva parecia preocupada com alguma coisa.

No dia seguinte ao aniversário de Clodoaldo, me deu uma coisa e

eu chamei Marialva para uma conversa particular. Disse a ela que estava apaixonado por Genoveva. Se você quer abrir o peito, abra para uma mulher. Se ela for sua irmã, é claro. Mãe é mais complicado, mãe é boa numas coisas, noutras é melhor a irmã.

"Aquele moço da rua Larga?", perguntou Marialva.

"Aquele."

"Muito apaixonado?"

"Loucamente apaixonado. Não posso viver sem ela. Sei que ela é feia, mas não posso viver sem ela."

"Existe gente mais feia do que aquela moça."

Depois, Marialva não disse mais nada. Mordeu o beijo de baixo, só isso.

Fiquei andando pela rua, passei na porta do bilhar, resolvi que não ia jogar sinuca nunca mais, nem pelada de futebol, sei que ia sofrer por isso, mas a minha vida já estava mesmo um lixo. Ainda por cima, na quinta-feira era o dia do meu aniversário; a minha família sempre fazia uma festa para mim e eu não ia levar a Genoveva. Se ela soubesse, eu estava frito, Genoveva se chateou só porque não a convidei para o aniversário do Clodoaldo. Eu estava no mato sem cachorro.

Fiquei dois dias sem ver Genoveva. No dia do meu aniversário, cheio de remorso, dei uma passada na farmácia. Pensei que ela ia me dar um esporro, mas me recebeu com um sorriso. Achei esquisito, mas a gente nunca sabe o que uma mulher está pensando.

"Passei aqui só para te dizer que te amo."

"Mais alguma coisa?"

"Não, só isso. A gente se vê amanhã?"

"Está bom, a gente se vê amanhã", disse ela, sempre rindo. Parecia ter pirado completamente.

O meu aniversário foi na casa da minha mãe. Eu morava na casa da minha mãe, acontece com os caçulas, ainda mais temporão e desempregado, como eu. Estava a turma toda lá, meus irmãos, as mulheres dos meus irmãos, o doutor da Marialva, aqueles bestalhões todos. A festa mal havia começado quando minha mãe disse:

"Marialva, vai pegar o presente do Oduvaldo."

Minha irmã desapareceu por algum tempo.

A campainha da porta tocou, e todos começaram a cantar, parabéns para você. Aquela musiquinha me dava nojo.

Então minha mãe abriu a porta e surgiu Marialva, puxando Geneveva pela mão.

"Geneveva...?", eu disse, surpreso.

"Não tem tanta farmácia assim na rua Larga, foi fácil encontrar a moça", disse Marialva.

Tive vontade de chorar, acho que é porque estava desempregado, e sujeito desempregado fica fraco. Para falar a verdade, meus olhos ficaram úmidos quando abracei Geneveva. Depois abracei os meus parentes e todos cobriram Geneveva de beijos. Minha mãe trouxe um bolo da cozinha, cheio de velas acesas.

Estou casado com Geneveva. Minha família gosta muito dela, dizem que é meiga, prestativa e cuida bem de mim. Trabalho como garçom no restaurante do Clodoaldo. Não é tão ruim assim, ser garçom, e o meu irmão me ofereceu sociedade. Estou dando duro, sem hora para entrar nem sair.

Quem foi que disse que família é uma merda?

*Muchacha Punk**

Fogwill

En diciembre de 1978 hice el amor con una muchacha punk. Decir "hice el amor" es un decir, porque el amor ya estaba hecho antes de mi llegada a Londres y aquello que ella y yo hicimos, ese montón de cosas que "hicimos" ella y yo, no eran el amor y ni siquiera —me atrevería hoy a demostrarlo—, eran un amor: eran eso y sólo eso eran. Lo que interesa en esta historia es que la muchacha punk y yo nos "acostamos juntos".

Otro decir, porque todo habría sido igual si no hubiésemos renunciado a nuestra posición bípeda, — integrando eso (¿el amor?) al hábitat de los sueños: la horizontal, la oscuridad del cuarto, la oscuridad del interior de nuestros cuerpos; eso.

Primera decepción del lector: en este relato soy varón. Conocí a la muchacha frente a una vidriera de Marble Arch. Eran las diez y treinta, el frío calaba los huesos, había terminado el cine, ni un alma por las calles. La muchacha era rubia: no vi su cara entonces. Estaba ella con otras dos muchachas punk. La mía, la rubia, era flacucha y se movía con gracia, a pesar de su atuendo punk y de cierto despliegue punk de gestos nítidamente punk. El frío calaba los huesos, creo haberlo contado. Marcaban dos o tres grados bajo cero y el helado viento del norte arañaba la cara en Oxford Street y en Regent Street. Los cuatro — yo y aquellas tres muchachas punk— mirábamos esa misma vidriera de Selfridges. En el ambiente cálido que prometía el interior de la tienda, una computadora jugaba sola al ajedrez. Un cartel anunciaba las características y el precio de la máquina: 1.856 libras. Ganaban blancas, el costado derecho de la máquina. Las negras habían perdido iniciativa, su defensa estaba liquidada y acusaban la desventaja de un peón central.

Blancas venían atacando con una cuña de peones que protegía su dama, repatingada en cuatro torre rey. Cuando las tres muchachas se

* FOGWILL. Muchacha Punk. Versión de 1979, tomada de la página web del autor (www.fogwill.com.ar).

acercaron era turno de negras. Negras dudaron quince segundos o tal vez más; era la movida I16 ó I18, y los mirones – nadie a esas horas, por el frío–, habrían podido recomponer la partida porque una pequeña impresora venía reproduciendo el juego en código de ajedrez, y un gráfico, que la máquina componía en su pantalla en un par de segundos, mostraba la imagen del tablero en cada fase previa del desenvolvimiento estratégico del juego. Las muchachas hablaron un slang que no entendí, se rieron, y sin prestarme la menor atención siguieron su camino hacia el oeste, hacia Regent Street. A esas horas, uno podía mirar todo a lo largo de la ciudad arrasada por el frío sin notar casi presencia humana, salvo las tres muchachas yéndose.

Cerca de Selfridges alguien debía esperar un ómnibus, porque una sombra se coló en la garita colorada de esperar ómnibus y algún aliento había nublado los cristales. Quizás el humano se hallase contra el vidrio, frotándose las manos, escribiendo su nombre, –garabateando un corazón o el emblema de su equipo de fútbol; quizá no.

Confirmé su existencia poco después, cuando un ómnibus rumbo a Kings Road se detuvo y alguien subió. Al pasar frente a nuestra vidriera, semivació, pude ver que la sombra de la garita se había convertido en una mujer viejísima, harapienta, que negociaba su boleto.

Pocos autos pasaban. La mayoría taxis, a la caza de un pasajero, calefaccionados, lentos, diesel, libres. Pocos autos particulares pasaban; Daimlers, Jaguars, Bentleys. En sus asientos delanteros conducían hombres graves, maduros, sensibles a las intermitentes señales de tránsito.

A sus izquierdas, mujeres ancestrales, maquilladas de party o de ópera, parecían supervisarlos. Un Rolls paró frente a mi vidriero de Selfridges y el conductor echó un vistazo a la computadora, (ensayaba la jugada I27, turno de blancas), y dijo algo a su mujer, una canosa de perfil agrio y aros de brillantes. No pude oírlo: las ventanillas de cristal antibalas de estos autos componen un espacio hermético, casi masónico: insondable.

Poco después el Rolls se alejó tal como había llegado y en la esquina de Glowcester Street vaciló ante el semáforo, como si coqueteara con la luz verde que recién se prendía. Primera decepción del narrador: la computadora decretó tablas en la movida I47. Si yo fuese blancas,

cambiando caballo por torre y amenazando jaque en descubierto, reclamaría a negras una permuta de damas favorable, dada mi ventaja de peones y mi óptima situación posicional. Me fui con rabia: había dormido toda la tarde de aquel viernes y era temprano para meterme en el hotel.

El frío calaba los huesos. Traía bajo los jeans un polar-suit inglés que había comprado para un amigo que navega a vela en Puerto Belgrano y decidí estrenarlo aquella noche para ponerlo a prueba contra el frío atroz que anunciaba la BBC.

Sentía el cuerpo abrigado, pero la boca y la nariz me dolían de frío. Las manos, en los hondos bolsillos de la campera de duvet, temían tanto un encuentro con el aire helado que me obligaron a resistir a la feroz jauría de ganas de fumar, que aullaba y se agitaba detrás de la garganta, en mi interior. En mi exterior, las orejas estaban desapareciendo: tarde o temprano serían muñones, o sabañones, si no las defendía; intenté guarecerlas con las solapas de mi campera. Sin manos, llevaba las puntitas de las solapas entre los dientes y así, mordiente y frío, entré a un taxi que olía a combustible diesel y a sudor de chofer, y una vez instalado en el goce de aquel tufo tibiión, nombré una esquina del Soho y prendí un cigarrillo.

Afuera, nadie. El frío calaba los huesos. El inglés, adelante, manejando, era una estatua llena de olor y sueño. Antes de bajar, verifiqué que hubiesen taxis por la zona; vi varios. Pagué con un papel y sólo después de recibir el cambio abrí mi puerta. El aire frío me ametralló la cara y la papada se me heló, pues las solapas, chorreadas de saliva, habían depositado sobre mi piel una leve película de baba, que ahora me hería con sus globitos quebradizos de escarcha.

Vi poca gente en el barrio chino de Londres: como siempre, algunos árabes y africanos salían rebotando de los tugurios porno. En una esquina, un grupo de hombres – obreros, pinches de vigilancia, tal vez algunos desgraciados sin hogar – se ilusionaban alrededor de un fueguito de leñas y papeles improvisado por un negro del kiosco de diarios. Caminé las tres o cuatro cuadras del barrio que sé reconocer y como no encontré dónde meterme, en la esquina de Charing Cross abrí la puerta trasera izquierda de un taxi verde, subí, di el nombre de mi

hotel, y decidí que esa noche comería en mi cuarto una hamburguesa muy condimentada y una ensalada bien salada para fortalecer la sed que tanto se merece la cerveza de Irlanda. ¡Lástima que la televisión termine tan temprano en Londres! Miré el reloj: eran las once; quedaba apenas media hora de excelente programación británica.

Conté del frío, conté del polar-suit. Ahora voy á contar de mí: el frío, que calaba los huesos, desalentaba a cualquier habitante y a cualquier visitante de la antigua ciudad, pues era un frío de lontananza inglesa, un frío hecho de tiempo y de distancia y – ¿por qué no? – hecho también de más frío y de miedo, y era un frío ártico y masivo, resultante de la ola polar que venía siendo anunciada y promovida durante días en infinitos cortes informativos de la radio y la televisión. En efecto, la radio y la televisión, los diarios y las revistas y la gente, los empleados y los vendedores, los chicos del hotel y las señoras que uno conoce comprando discos – todos no hablaban sino de la ola de frío y de la asombrosa intensidad que había alcanzado la promoción de la ola de frío que calaba los huesos.

Yo soy friolento, normalmente friolento, pero jamás he sido tan friolento como para ignorar que la campaña sobre el frío nos venía helando tanto, o más aún, que la propia ola de frío que estaba derramándose sobre la semiobsoleta capital.

Pero yo estaba ya en la calle, no tenía ganas de volver a mi hotel y necesitaba estar en un lugar que no fuese mi cuarto, protegido del frío y protegido cuidadosamente de cualquier referencia al frío. Entonces vi, dos cuadras antes del hotel, un local que días atrás me había llamado la atención. Era una pizzería llamada The Lulu, que no existía en oportunidad de mi último viaje.

Yo recordaba bien aquel lugar porque había sido la oficina de turismo de Rumania en la que alguna vez hice unos trámites para mis clientes italianos.

Desde el taxi leí el cartel que probaba que el boliche permanecía abierto, vi clientes comiendo, noté que la decoración era mediocre pero honesta, y de las mesas y las sillas de mimbre blanco induje una noción de limpieza prometedora.

Golpeé los vidrios del chofer, pagué 60 pence, bajé del auto y me metí en la pizzería.

Era una pizzería de españoles, con mozos españoles, patronos españoles y clientes españoles que se conocían entre sí, pues se gritaban – en español –, de mesa a mesa, opiniones españolas, y frases españolas. Me prometí no entrar en ese juego y en mi mejor inglés pedí una pizza de espinaca y una botella chica de vino Chianti. El mozo, si ya había padecido un plazo razonable de exilio en Londres, me habrá supuesto un viajero del continente, o un nativo de una colonia marginal del Commonwealth, tal vez un malvinero.

Yo traía en el bolsillo de la campera la edición aérea del diario La Nación, pero evité mostrarla para no delatar mi carácter hispanoparlante. El Chianti – embotellado en Argelia– era delicioso: entre él y el aire tibio del local se estableció una afinidad que en tres minutos me redimió del frío.

Pero la pizza era mediocre, dura y desabrida. La mastiqué feliz, igual, leyendo mis recortes del Financial Times y la revista de turismo que dan en el hotel. Tuve más hambre y pedí otra pizza, reclamando que le echasen más sal. Esta segunda pizza fue mejor, pero el mozo me había mirado mal, tal vez porque me descubrió estudiando sus movimientos, perplejo a causa de la semejanza que puede postularse en un relato entre un mozo español de pizzería inglesa, y cualquier otro mozo español de pizzería de París, o de Rosario. He elegido Rosario para no citar tanto a Buenos Aires. Querido.

Masqué la pizza número dos analizando la evolución de los mercados de metales en la última quincena; un disparate. Los precios que la URSS y los nuevos ricos petroleros seguían inflando con su descabellada política de compras no auguraban nada bueno para Europa Occidental. Entonces aparecieron las tres muchachas punk. Eran las mismas tres que había visto en Selfridges. La mía eligió la peor mesa junto a la ventana; sus amigotas la siguieron. La gorda, con sus pelos teñidos color zanahoria, se ubicó mirando hacia mi mesa. La otra, de estatura muy baja y con cara de sapo, tenía pelos teñidos de verde y en la solapa del gabán traía un pájaro embalsamado que pensé que debía ser un rruiseñor. Me repugnó. Por fortuna, la fea con pájaro y cara de sapo

se colocó mirando hacia la calle, mostrándome tan solo la superficie opaca de la espalda del grasiento gabán. La mía, la rubia, se posó en su sillita de mimbre mirando un poco hacia la gorda, un poco hacia la calle: yo sólo podía ver su perfil mientras comía mi pizza y procuraba imaginar cómo sería un ruiseñor.

Un ruiseñor: recordé aquel soneto de Banchs.

El otro tipo también decía llamarse Banchs y era teniente de corbeta o fragata. Era diciembre; lo había cruzado muchas veces durante el año que estaba terminando. Esa misma mañana, mientras tomaba mi café, se había acercado a hablarme de no sé qué inauguración de pintores, y yo le mencioné al poeta, y él, que se llamaba Banchs juró que oía nombrar al tal Enrique Banchs por primera vez en su vida. Entonces comprendí por qué el teniente desconocía la existencia de los polar-suit (al ver mi paquetito con el Helly Hansen, se había asombrado) y también entendí por qué recorría Europa derrochando sus dólares, tratando de caerle simpático a todos los residentes argentinos y buscando colarse en toda fiesta en la que hubiese latinoamericanos. Fumaba Gitanes también en esto se parecía al Nono.

Jamás vi un ruiseñor. Estaba por terminar la pizza y desde atrás me vino un vaho de musk.

Miré. La más fea de las gallegas de la mesa del fondo estaba sentándose. Vendría del baño; habría rociado todo su horrible cuerpo con un vaporizador de Chanel, de Patou, o de alguna marquita de esas que ahora le agregan musk a todos sus perfumes. ¿Cómo sería el olor de mi muchacha punk? Yo mismo, como el tal Banchs, me había condenado a averiguar y averiguar; faltaba bien poco para finiquitar la pizza y el asuntito de las cotizaciones de metales. Pero algo sucedía fuera de mi cabeza.

Los dueños, los mozos y los otros parroquianos, en su totalidad o en su mayoría españoles, me miraban. Yo era el único testigo de lo que estaban viendo y eso debió aumentar mi valor para ellos.

Tres punks habían entrado al local, yo era el único no español capaz de atestiguar que eso ocurría, que no las habían llamado, que ellos no eran punk y que no había allí otro punk salvo las tres muchachas punk y que ningún punk había pisado ese local desde hacía por lo menos un cuarto de hora. Sólo yo estaba para testimoniar que la mala pizza y

el excelente vino del local no eran desde ningún punto de vista algo que pudiera considerarse punk. Por eso me miraban, para eso parecían necesitarme aquella vez.

Trabado para mirar a mi muchacha – pues la forma de la de pájaro embalsamado y cara de sapo la tapaba cada vez más – me concentré sobre mi pizza y mi lectura desatendiendo las miradas cómplices de tantos españoles. Al terminar la pizza y la lectura, pedí la cuenta, me fui al baño a pishar y a lavarme las manos y allí me hice una larga friega con agua calentísima de la canilla. Desde el espejo, miré contento cómo subían los tonos rosados de los cachetes y la frente reales. Habían vuelto a nacer mis orejas; fui feliz.

Al volver, un rodeo injustificable me permitió rozar la mesa de las muchachas y contemplar mejor a la mía: tenía hermosos ojos celestes casi transparentes y el ensamble de rasgos que más me gusta, esos que se suelen llamar "aristocráticos", porque los aristócratas buscan incorporarlos a su progenie, tomándolos de miembros de la plebe con la secreta finalidad de mejorar o refinar su capital genético hereditario. ¡Floreillas silvestres! ¡Cenicientas de las masas que engullirán los insaciables cromosomas del señor! ¡Se inicia en vuestros óvulos un viaje al porvenir soñado en lo más íntimo del programa genético del amo! Es sabido, en épocas de cambio, lo mejor del patrimonio fisionómico heredable (esas pieles delicadas, esos ojos transparentes, esas narices de rasgos exactos "cinceladas" bajo sedosos párpados y justo encima de labios y de encías y puntitas de lengua cuyo carmín perfecto titila por el mundo proclamando la belleza interior del cuerpo aristocrático) se suele resignar a cambio de un campo en Marruecos, la mayoría accionaria del Nuevo Banco tal, una acción heroica en la guerra pasada o un Premio Nacional de Medicina, y así brotan narices chatas, ojos chicos, bocas chirlonas y pieles chagrinadas en los cuerpiitos de las recientes crías de la mejor aristocracia, obligando a las familias aristocráticas o recurrir a las malas familias de la plebe en busca de buena sangre para corregir los rasgos y restablecer el equilibrio estético de las generaciones que catapultarán sus apellidos y un poco de ellas mismas, a vaya a saber uno dónde en algún improbable siglo del porvenir.

La chica me gustó. Vestía un traje de hombre holgado, tres o más números mayor que su talle.

De altura normal, no pesaría más de 44 kilos. su piel tan suave (algo de ella me recordó a Grace Kelly, algo de ella me recordó a Catherine Deneuve) era más que atractiva para mí. Calzaba botitas de astracán perfectas, en contraste con la rasposa confección de su traje de lana. Una camisa de cuello Oxford se le abría a la altura del busto mostrando algo que creí su piel y comprobé después que era una malla de gimnasta. Ella, a mí, ni me miró.

Pero en cambio, su amiga, la más gorda, la del pelo teñido color naranja, venía emitiendo una onda asaz provocativa. No quise sugerir sexual: provocativa, como buscando riña, como buscando o planificando un ataque verbal, como buscando una humillación, como ella misma habría mirado a un oficial de la policía inglesa. Así mirábame la gorda de pelo zanahoria. La mía, en cambio no me mira ha. Pero...

Tampoco miraba a sus acompañantes. Miraba hacia la calle vacía de transeúntes, con las pupilas extraviadas en el paso del viento. Así me dije: "se pierde su mirada pincelando el frío viento de Oxford Street". Era etérea. Esa nota, lo etéreo, es la que mejor habría definido a mi muchacha para mí, de no mediar aquellas actitudes punk y los detalles punk, que lucía, punk, como al descuido, negligentemente punk, ella. Por ejemplo: fumaba cigarrillos de hoja; los tomaba con el gesto exultante de un europeo meridional, pitaba fuerte el humo y lo tiraba insidiosamente contra el cristal de la vidriera. Al pasar por su mesa había visto en sus manos una mancha amarilla, azafranada, de alquitrán de tabaco. ¡Y jamás vi manitas sucias de alquitrán de tabaco como las de mi muchachita punk! El índice, el mayor y el anular de su derecha, desde las uñas hasta los nudillos, estaban embebidos de ese amarillo intenso que sólo puede conseguir algún gran fumador para la primer falange del dedo índice, tras años de fumar y fumar evitando lavados. Me impresionó. Pero era hermosa, tenía algo de Catherine Deneuve y algo de Isabelle Adjani que en aquel momento no pude definir: me estaba confundiendo. Pagué la cuenta, eché las rémoras de mi botella de Chianti en la copa verde del restaurante, y copa en mano – so british –, como si fuese un parroquiano de algún pub confianzudo, me apersoné a la mesa de las muchachas punk asumiendo los riesgos. Antes de partir había calculado mi chance: una en cinco, una en diez en el peor de los casos; se justificaba. Voy a contarlo

en español: – ¿Puedo yo sentarme? Las tres punk se miraron. La gorda punk acariciaba su victoria: debió creer que yo bajaba a reclamar explicaciones por sus miradas punk provocativas. Para evitar un rápido rechazo me senté sin esperar respuestas. Para evitar desanimarme eché un trago de vino a mi garguero. Para evitar impresionarme miré hacia arriba, expulsando de mi campo visual al pajarito embalsamado. La gorda reía. La punk mía miró a la del pelo verde, miró a la gorda, sopló el humo de su cigarro contra la nada, no me miró, y sin mirarme tomó un sorbito de aquella mezcla de Coca Cola y Chianti que estuvo preparando en la página anterior, pero que yo, con esta prisa por escribirla, había olvidado registrar. Habló la punk con pájaro, la sapifacial:

– ¿Qué usted quiere? – Nada, sentarme... Estar aquí como una sustancia de hecho... – dije en cachuzo inglés.

Sin duda mi acento raro acicateó los deseos de saber de la gorda: – ¿Dónde viene usted de...? – ladró.

La pregunta era fuerte, agresiva, despectiva.

– De Sudamérica... Brasil y Argentina – dije, para ahorrarles una agobiante explicación que llenaría el relato de lugares comunes. Me preguntaba si era inglés: se asombraba "¿Cómo puede venir uno de Brasil y Argentina sin ser británico?", imaginé que habría imaginado ella.

¿Sería un inglés? –No. Soy sudamericano, lamentado – dije.

– Gran campo Sudamérica –se ensañaba la gorda.

– Sí: lejos. Así, lejos. Regresaré mes próximo – le respondí.

– Oh sí... Yo veo dijo la gorda mirando fijo a la cara de sapo que hamacó su cabeza como si confirmase la más elaborada teoría del universo. Entonces habló por vez primera y sólo para mí mi Muchacha Punk. Tenía voz deliciosa y tímbrica en este párrafo: –¿Qué usted hace aquí? – quiso saber su melodía verbal.

– Nada, paseo – dije, y recordé un modelo que siempre marchó bien con beatniks y con hippies y que pensé que podía funcionar con punks. Lo puse a prueba: –Yo disfruto conocer gente y entonces viajo... Conocer gente, ¿Me entiende?... Viajar... Conocer... ¡Gente!.. ¿Eh.? ¡Ah..! ¡Así..! ¡Gente..!

Funcionó: la carita de mi Muchacha Punk se iluminaba. –Yo también amo viajar – fue desgranando sin mirarme –. Conozco África,

India y los Estados (se refería a USA). Yo creo que yo conozco casi todo. ¡Yo no nunca he ido yo a Portugal! ¿Cómo es Portugal? – me preguntó.

Compuse un Portugal a su medida: –Portugal es lleno de maravillas... Hay allí gente preciosamente interesante y bien buena. Se vive una ola en completo distinta a la nuestra...

Seguí así, y ella se fue envolviendo en mi relato. Lo percibí por la incomodidad que comenzaban a mostrar sus punks amigas. Lo confirmé por esa luz que vi crecer en su carita aristocráticamente punk. Susurraba ella: –Una vez mi avión tomó suelo en Lisboa y quise yo bajar, pero no permitieron – dijo –: Encuentro que la gente del aeropuerto de Lisboa son unos cerdos sucios hijos de perra. ¿Es no, eso. Lisboa, Portugal? –La duda tintineaba en su voz.

– Sí – adoctriné, pero en todos los aeropuertos son iguales: son todos piojosos malolientes sucios hijos de perra.

– Como los choferes de taxi, así son – me interrumpió la gorda, sacudiendo el humo de su Players.

– Como los porteros del hotel, sucios hijos de perra –concedió la pajarófora gorda cara de sapo, quieta.

– Como los vendedores de libros – dijo la mía ¡Hijos de una perra! –Y flotaba en el aire, etérea.

–Sí, de curso – dije yo, festejando el acuerdo que reinaba entre los cuatro. Entonces ocurrió algo imprevisto; la de pelo verde habló a la gorda: – Deja nosotros ir, dejemos a estos trabajar en lo suyo, eh... – y desenrolló un billete de cinco libras, lo apoyó en el platillo de la cuenta, se paró y se marchó arrastrando en su estela a la cara de sapo. Bien había visto yo que ellas habían consumido diez o quince libras, pero dejé que se borraran, eso simplificaba la narración.

– Bay, Borges – me gritó la cara de sapo desde la vereda, amagando sacar de su cintura una inexistente espadita o un puñal; entonces yo me alegré de ver tanta fealdad hundiéndose en el frío, y me alegré aún más, pensando que asistía a otra prueba de que el prestigio deportivo de mi patria ya había franqueado las peores fronteras sociales de Londres. Pregunté a mi muchacha por qué no las había saludado: – Porque son unas cerdas sucias hijas de perra.

¿Ve? – dijo mostrándome los billetitos de cinco libras que iba sacando de su bolsillo para completar el pago de la cuenta. Asentí.

Como un cernícalo, que a través de las nubes más densas de un cielo tormentoso descubre los movimientos de su pequeña presa entre las hierbas, atraído por el fluir de las libras, un mozo muy gallego brotó a su lado, frente a mí. Guiñó un ojo, cobró, recibió los pocos pence de propina que mi muchacha dejó caer en su platillo, y yo pedí otra botella de Chianti y dos de Coke y ella me devolvió un hermoso gesto: abrió la boca, frunció un poquito la nariz, alzó la ceja del mismo lado y movió la cabeza como queriendo devolver la pelota a alguien que se la habría lanzado desde atrás.

Conjeturé que sería un gesto de acuerdo. Poco después, su manera golosa de beber la mezcla de vino y Coca Cola, acabó confirmándome aquella presunción de momento: todo había sido un gesto de acuerdo.

Me contó que se llamaba Coreen. Era etérea: al promediar el diálogo sus ojos se extraviaban siguiendo tras la ventana de la pizzería española de Graham Avenue al viento de la calle. Tomamos dos botellas de Chianti, tres de Coke. Ella mezclaba esos colores en mi copa. Yo bebía el vino por placer y la Coke por la sed que habían provocado la pizza, el calor del local y este mismo deseo de averiguar el desenlace de mi relato de la Muchacha Punk. La convidé a mi hotel. No quiso. Habló: – Si yo voy a tu hotel, tendrás que a ellos pagar mi permanencia. Es no sentido – afirmó y me invitó a su casa. Antes de salir pagamos en alícuotas todo lo bebido; pero yo necesito hablar más de ella. Ya escribí que tenía rasgos aristocráticos. A esa altura de nuestra relación (eran las 12.30, no había un alma en la calle, el frío inglés del relato, calaba los huesos, argentinos, del narrador), mi deseo de hacerla mía se había despojado de cualquier snobismo inicial. Mi Muchacha – aristocrática o punk, eso ya no importaba –, me enardecía: yo me extraviaba ya por ese ardor creciente, ya era un ciego, yo. Yo era ya el cuerpo sin huellas digitales de un ahogado que la corriente, delatora, entra boyando al fiordo donde todo se vuelve nada. Pero antes, cuando la vi frente a mi vidriera de Selfridges había notado detalles raros, nítidamente punk, en su tenue carita: su mejilla izquierda estaba muy marcada, no supe entonces cómo ni por qué, y el lado derecho de su cara tenía una peculiaridad, pues sobre el ala derecha

de su nariz, se apoyaba – creí – una pieza de metal dorado (creí) que trazando una comba sobre la mejilla derecha ascendía hasta insertarse en la espiga de trigo, que creí dorada, afeando el lóbulo de su oreja a la manera de un arete de fantasía. Del tallo de esa espiga, de unos dos centímetros, colgaba otra cadena, más gruesa, que caía sobre su cuello libremente y acababa en la miniatura de la lata de Coke, de metal dorado y esmalte rojo que siempre iba y venía rozándole los rubios pelos, el hombro, y el pecho, o golpeaba la copa verde provocando una música parecida a su voz, y algunas veces se instalaba, quieta, sobre su hermosa clavícula blanca, curvada como el alma de una ballesta, armónica como un golpe de tai chi. Durante nuestra charla aprendí que lo que había creído antes metal dorado era oro dieciocho kilates, y descubrí que lo que había creído un grano de maíz de tamaño casi natural aplicado sobre el ala de su nariz era una pieza de oro con forma de grano de maíz y tamaño casi natural, sostenido por un mecanismo de cierre delicadísimo, que atravesaba sin pudor y enteramente la alita izquierda de su bella nariz. Ella misma me mostró el orificio, haciendo un poco de palanca con la uña azafranada de su índice, entre el maíz y la piel, para lucir mejor su agujerito en forma de estrella, de unos cuatro milímetros de diámetro. ¡Estaba chocha de su orificio...! Del lado izquierdo, lo que temprano en Oxford Street me había parecido una marca en su mejilla, era una cicatriz profunda, de unos tres centímetros de largo, que parecía provocada por algo muy cortante. Surcaban ese tajo tres costuras bien desprolijas, trabajo de un aficionado, o de algún practicante de primer año de medicina más chapucero que el común de los practicantes de medicina ingleses y en ausencia de los jefes de guardia. Segunda decepción del narrador: la cicatriz de la izquierda, a diferencia de las cositas de oro de su lado derecho, era falsa. La había fraguado un maquillador y mi muchachita se apenaba, pues había comenzado a deshacerse por la humedad y por el frío y ahora necesitaba un service para recuperar su color y su consistencia original.

Poco antes de irnos, ella fue al baño y al volver me sorprendió cavilando en la mesa: – ¿Cuál es el problema con tú? – me preguntó en inglés –. ¿Qué eres tú pensando?

—Nada — respondí —. Pensaba en este frío maldito que estropea cicatrices...

Pero mentí: yo había pensado en aquel frío sólo por un instante. Después había mirado la calle que se orientaba hacia la nada, y había tratado de imaginar qué andaría haciendo la poca gente que, de cuando en cuando, producía breves interrupciones en la constancia de aquel paisaje urbano vacío. Toqué el cristal helado; olí los bordes de la copa verde de ella para reconocer su olor, y volví a pensar en las figuras que iban pasando tras los cristales, esfumadas por el vapor humano de la pizzería. Entonces quise saber por qué cualquier humano desplazándose por esas calles, siempre me parecía encubrir a un terrorista irlandés, llevando mensajes, instrucciones, cargas de plástico, equipos médicos en miniatura y todo eso que ellos atesoran y mudan, noche por medio, de casa en casa, de local en local, de taller en taller, y hasta de cualquier sitio en cualquier otro sitio. "¿Por qué?" — me preguntaba — "¿Por qué será?" Trataba de entender, mientras mi bella Muchachita estaría cerquísima pishando, o lavándose con agua tibia, y cuando apenas tironeé del hilo de la tibieza de su imagen, estalló en mil fragmentos una granada de visiones y asociaciones íntimas, intensas, pero por mías, por argentinas y por inconfesables, poco leales hacia ella. ¿Hay Dios? No creo que haya Dios, pero algo o alguien me castigó, porque cuando advertí que estaba siendo desleal e innoble con mi Muchachita Punk y sentí que empezaba a crecer en mi cuerpo — o en mi alma — la deliciosa idea del pecado, cruzó por la vidriera la forma de un ciclista, y lo vi pedalear suspendido en el frío y supe que ése era el hombre cuyo falso pasaporte francés ocultaba la identidad del ex jesuita del IRA que alguna vez haría estallar con su bomba de plástico el pub donde yo, esperando algún burócrata de BAT, encontraría mi fin y entonces cerré los ojos, apreté los puños contra mis sienes y la vi pasar a ella apurada por la vereda del pub, zafé de allí, corrí tras ella respirando el aire libre y perfumado de abril en Londres, y en el instante de alcanzarla sentimos juntos la explosión, y ella me abrazaba, y yo veía en sus ojos — dos espejos azules — que ese hombre que rodeaban los brazos de mi Muchacha Punk no era más yo, sino el jesuita de piel escarbada por la viruela, y adiviné que pronto, entre pedazos de mampostería y flippers retorcidos, Scotland Yard

identificaría los fragmentos de un autor que jamás pudo componer bien la historia de su Muchacha Punk. Pero ella ahora estaba allí, salía del texto y comenzaba a oír mi frase: – Nada... pensaba en este frío maldito que arruina cicatrices... – oía ella.

Y después inclinaba la cabeza (¡chau irlandeses!), me clavaba sus espejos azules y decía "gracias", que en inglés ("agradecer tú", había dicho en su lengua con su lengua), y en el medio de la noche inglesa, me hizo sentir que agradecía mi solidaridad; yo, contra el frío, luchando en pro de la conservación de su preciosa cicatriz, y que también agradecía que yo fuera yo, tal como soy, y que la fuera construyendo a ella tal como es, como la hice, como la quise yo.

Debió advertir mis lágrimas. Justifiqué: –Tuve gripe... además... ¡El frío me entristece, es un bajón...! "¡It downs me!" traduje– ¡Eso abájame! – ¡Vayamos al hotel! –dije yo, ya sin lágrimas.

– ¡Hotel no! –dijo ella, la historia se repite.

No insistí. Entonces no sabía – sigo sin saber –, cómo puede alguien imponer su voluntad a una muchacha punk. Salimos al frío; calababa. Los huesos. Ni un alma. Por las calles. Llamé a un taxi. Él no paró. Pronto se acercó otro. Se detuvo y subimos. Olía a transpiración de chofer y a gasoil. Mi Muchacha nombró una calle y varios números. imaginé que viviría en un barrio bajo, en una pocilga de subsuelo, o en un helado altillo y calculé que compartiría el cuarto con media docena de punks malolientes y drogados, que a esa altura de la noche se arrastrarían por el suelo disputando los restos de la comida o, peor, los restos de una hipodérmica sin esterilizar que circularía entre ellos con la misma arrogante naturalidad con que nuestros gauchos se dejan chupar sus piorreicas bombillas de mate frío y lavado. Me equivoqué: ella vivía en un piso paquetísimo, frente a Hyde Park. En la puerta del edificio decía "Shadley House". En la puerta de su apartamento – doble batiente, de bronce y de lujuria – decía "R. H. Shadley".

– Es la casa de mi familia – dijo humilde mi Punk y pasamos a una gran recepción. A la derecha, la sala de armas conservaba trofeos de caza y numerosas armas largas y cortas se exhibían junto a otras, más medianas, en mesas de cristal y en vitrinas. A la izquierda, había un salón tapizado con capitoné de raso bordeaux que brillaba a la luz de tres

arañas de cristal grandes como Volkswagens. El pasillo de entrada desembocaba en un salón de música, donde sonaban voces. Al pasar por la puerta ella gritó "hello" y una voz le devolvió en francés una ristra de guarangadas. Detrás pasaba yo, las escuché, memoricé nuestra oración "queterrecontra" y con una mirada relámpago, busqué la boca sucia y gala en el salón. No la identifiqué. En cambio vi dos pianos, una pequeña tarima de concierto, varios sillones y dos viejos sofás enfrentados.

Entre ellos, sobre almohadones, media docena de punks malolientes fumaban haschich disputando en francés por algo que no alcancé a entender.

Un negro desnudo y esquelético yacía tirado sobre la alfombra purpúrea. Por su flacura y el color verdoso de su piel me pareció un cadáver, pero después vi sus costillas que se movían espasmódicamente y me tranquilicé: epilepsia.

Imaginé que el negro punk entre sus sueños estaría muriéndose de frío, pero no sería yo quien abrigase a un punk esa noche de perros, estando él, punk, reventado de droga punk entre tantos estúpidos amigos punk.

Copamos la cocina. Mi Muchacha me dijo que los batracios del salón de música eran "su gente" y mientras trababa la puerta me explicó que estaban enculados ("angry", dijo) con ella, porque les había prohibido la entrada a la cocina. Ellos argumentaban que era una "zorra mezquina", creyendo que la veda obedecía a su deseo de impedir depredaciones en heladeras y alacenas, pero el motivo eran las quejas y los temores de los sirvientes de la casa, que en varias oportunidades habían topado contra semidesnudos punks que comían con las manos en un área de la casa que el personal consideraba suya desde hacía tres generaciones y en la que siempre debían reinar las leyes de El Imperio. Ese día había recibido nuevas quejas del ama de llaves, pues uno de los punks, el marroquí, había estado toqueteando las armas automáticas de la colección y cuando el viejo mayordomo lo reprendió, el punk le había hecho oler una daga beduina, que siempre llevaba pegada con cinta adhesiva en su entepierna. Coreen estaba entre dos fuegos y muy pronto tendría que elegir entre sus amigos y la servidumbre de la casa. Vacilaba: – Son unos cerdos malolientes hijos de perra – me dijo

refiriéndose a los dos franceses, el marroquí, el sudanés y el americano, quien además – contenía "costumbres repugnantes". No pude saber cuáles, pero me senté en un banquito a imaginar media docena de posibilidades punk, mientras ella filtraba un delicioso café con canela. Cuando la cafetera ya borboteaba, me contó que aquel departamento había sido de los abuelos de su madre, que era una crítica de museos que trabajaba en New York. El padre, veinte años mayor, se había casado por prestigio, tomando el apellido de la mujer cuando lo hicieron caballero de la reina vieja en recompensa de sus servicios de espía, o policía, en la India.

Vinculado a la compañía de petróleo del gobierno, el viejo había hecho una apreciable fortuna y ahora pasaba sus últimos años en África, administrando propiedades. Mi Muchacha Punk lo admiraba. También admiraba a su madre. No obstante, al referirse a las relaciones de los dos viejos con ella y con su hermana mayor, puntualizó varias veces que eran unos "hijos de perra malolientes". Creí entender que había un banco encargado de los gastos de la casa, los sueldos de los sirvientes y choferes y las cuentas de alimentos, limpieza e impuestos, y que las dos muchachas – la mía y su hermana recibían cincuenta libras. "Cerdos malolientes", había vuelto a decir tocándose la cicatriz y explicando que el service – que en tiempos de humedad debía realizarse semanalmente– le costaba veinticinco libras, y que así no se podía vivir. Pedía mi opinión. Yo preferí no tomar el partido de sus padres, pero tampoco quise comprometerme dando a su posición un apoyo del que, a mí, moralmente, no me parecía merecedora. Entonces la besé.

Mientras bebía el café la muchacha salió a arreglar algunos asuntos con sus amigos. Yo aproveché para mirar un poco la cocina: estábamos en un cuarto piso, pero uno de los anaqueles se abría a un sótano de cien o más metros cuadrados que oficiaba de bodega y depósito de alimentos. Había jamones, embutidos y ciento cuarenta y cuatro cajas con latas de bebidas sin alcohol y conservas. vi cajones de whisky, de vinos y champañas de varias marcas.

Contra la pared que enfrentaba a mi escalera, dormían millares de botellas de vino, acostadas sobre pupitres de madera blanca muy suave.

Había olor a especias en el lugar. Calculé un stock de alimentos suficiente para que toda una familia y sus amigos argentinos sitiados pudiesen resistir el asedio del invasor normando por seis lunas, hasta la llegada de los ejércitos libertadores del Rey Charles, y al avanzar los atacantes, obligándonos a lanzar nuestras últimas reservas de bolas de granito con la gran catapulta de la almena oeste, apareció otra vez mi princesita punk, que repuesta del fragor del combate, volvía a trabar la puerta con dos vueltas de llave y me miraba, carita de disculpa.

Yo dije, por decir, que me parecía justificado el temor de sus sirvientes. "Nunca se sabe", dije en español, y le aclaré en inglés "es no fácil saber". Ella se encogió de hombros y dijo que sus amigos eran capaces de cualquier cosa, "como pobre Charlie". Quise saber quién era "pobre Charlie" y me contó que era un pariente, que se había hecho famoso cuando arrancó las orejas de una bebida en Gilderdale Gardens pero que ahora envejecía olvidado en un asilo cercano a Donndall, fingiéndose loco, para evitar una condena.

Entonces volvió a preguntarme mi nombre y el de mis padres y se rió. También volvió a hablarme de su cicatriz que había costado cincuenta libras: el precio de su pensión semanal, "como una sustancia de hecho". El banco le liquidaba cincuenta libras por semana a mi Muchacha y otras tantas a su hermana mayor, pero el maquillaje requería service. (Estoy seguro de haberlo escrito, pero ella volvía a contármelo y yo soy respetuoso de mis protagonistas. El arte – pienso – debe testimoniar la realidad, para no convertirse en una torpe forma de onanismo, ya que las hay mejores.) Necesitaba service la cicatriz y le impedía, entre otras cosas, la práctica de natación y de esquí acuático. Coreen adoraba el esquí y las largas estadias al aire libre en tiempo de humedad y me invitó con un cigarrillo de marihuana: un joint. Lo rechacé porque había bebido mucho, me sentía ebrio de planes, y no quería que una caída súbita de mi presión los echara a perder. Mi Muchacha empapaba el papel de su pequeño joint con un líquido untuoso que guardaba en la miniatura de Coke de su colgante de oro. "Aceite de heroína", explicó. Ella había sido adicta y friendo ese juguito que impregnaba el papel y la yerba, tranquilizaba sus deseos.

Hacía un año que venía abandonando el hábito, temía recaer en los pinchazos que habían matado a sus mejores amigos una noche en París – septicemia – y ahora quería curarse y salir de aquello porque su pensión no le alcanzaba para solventar el hábito: ya bastantes problemas le traía el service de su maquilladora. Después volvió a dejarme solo en la cocina, fue al baño y yo robé del sótano una lata de queso camembert, y a medida que me lo iba comiendo con mi cuchara de madera, hice una recorrida por las dependencias de la cocina: arte testimonial.

Amén de varios hornos verticales, y un gran hogar revestido de barro para hacer pan en la sala contigua tenían una máquina de asar eléctrica, con un spiedo que mediría tres metros de ancho por uno de circunferencia. Calculé que un pueblo en marcha hacia la liberación podía asar allí media docena de misioneros mormones ante un millar de fervientes watussi desesperados por su alícuota de dulzona carne de misionero mormón rotí. Más allá de la sala estaba el depósito de tubos de gas, leñas, carbón y especias. Olía a ajo el lugar, pero no vi ajo sino ramas de laurel y bolsas de yute con hierbas aromáticas que no supe calificar. ¿Romero? ¿Peter Nollys? ¿Kelpsias? ¡vaya uno a distinguir las sofisticadas preferencias de esos maniáticos magnates británicos...! Cuando Coreen – mi Muchacha Punk, dueña y señora de la casa – volvía del baño, trabó la puerta que separaba la cocina del office – al que ella llamaba "hogar" en inglés – de los salones donde seguían gritándose barbaridades sus amigos. Ignoro lo que habrán dicho ellos, pero como resumen dijo que eran unos piojosos hijos de perra; grave. Prendió otro joint con la brasa de mis 555, y – ¡Achalay! – nos fuimos con él a apestar el dormitorio de su hermana, donde, dormiríamos, pues el suyo venía desordenado de la tarde anterior.

El pasillo que llevaba a los cuartos, estaba custodiado por grandes cuadros que parecían de buena calidad. Reparé en el piso: listones de roble enteros se extendían a lo largo de quince o veinte metros. Sin alfombra ni lustre alguno, la madera blanca repulida me evocó la cubierta de aquellos clippers que se hacía construir la pandilla de nobles que rondaba a Disraeli para gastar sus vacaciones en Gibraltar. ¡Un derroche! El cuarto de la hermana era amplio, sobriamente alfombrado, y en un rincón había una piel de tigre, en otro, una de cebra viel y otras

pieles gruesas que supuse serían de algún lanar exótico, pues eran más grandes que las pieles de las ovejas más grandes que mis ojos han visto y que las que cualquier humano podría imaginar con o sin joints embebidos en sustancias equis.

Nos acostamos. Tercera decepción del narrador: mi Muchacha Punk era tan limpia como cualquier chitrula de Flores o de Belgrano R. Nada previsible en una inglesa y en todo discordante con mis expectativas hacia lo punk. ¡Las sábanas...! ¡Las sábanas eran más suaves que las del mejor hotel que conocí en mi vida! Yo, que por mi antigua profesión solía camuflarme en todos los hoteles de primera clase y hasta he dormido – en casos de errores en las reservas que de ese modo trataron los gerentes de reparar – en suites especiales para noches de bodas o para huéspedes VIP, nunca sentí en mi piel fibras tan suaves como las de esas sábanas de seda suave, que olían a lima o a capullitos de bergamota en vísperas de la apertura de sus cálices. Tercera decepción del lector: Yo jamás me acosté con una muchacha punk. Peor: yo jamás vi muchachas punk, ni estuve en Londres, ni me fueron franqueadas las puertas de residencias tan distinguidas. Puedo probarlo: desde marzo de 1976 no he vuelto a hacer el amor con otras personas. (Ella se fue, se fue a la quinta, nunca volvió, jamás volvió a llamarme. La franquean otros hombres, otros. Nos ha olvidado; creo que me ha olvidado).

Cuarta decepción del narrador: no diré que era virgen, pero era más torpe que la peor muchacha virgen del barrio de Belgrano o de Parque Centenario. Al promediar eso (¿el amor?) se largó a declamar la letanía bien conocida por cualquier visitante de Londres: "ai camin ai camin ai camin ai camin", gritaba, gritaba, gritaba, sustituyendo los conocidos "ai voi ai voi ai voi ai voi" de las pebetas de mi pago, que sumen al varón en el más turbado pajar de dudas sobre la naturaleza de ese sitio sagrado hacia el que dicen ir las muchachas del hemisferio sur y del que creen venir sus contrapartidas británicas. Pero uno hace todo esto para vivir y se amolda. ¡Vaya si se amolda! Por ejemplo:

Después se durmió. Habrá sido el vino o las drogas, pero durmió sonriendo, y su cuerpo fue presa de una prodigiosa blandura. Miré el reloj: eran las 5.30 y no podía pegar un ojo, tal vez a causa del café, o de lo que agregamos al café.

Revisé los libros que se apilaban en la mesa de luz del cuarto de la hermana de mi Muchacha Punk. ¡Buenos libros! Blake, Woolf, Sollers: buena literatura. ¡Cortázar en inglés! (¡Hay que ver en una de esas camas señoriales lo que parece el finado Cortázar puesto en inglés!) Había manuales de física y muchos números de revistas de ciencias naturales y de Teoría de los Sistemas.

Separé algunas para informarme qué era esa teoría que yo desconocía pero que justificaba una publicación mensual que ya iba por el número ciento treinta y cuatro. Las miré, interesante: enriquecería mi conversación por un tiempo.

Andaba en eso cuando llegó la hermana de mi Muchacha Punk con su novio. La chica dijo llamarse Dianne y era naturista, marxista, estudiaba biología, odiaba las drogas, despreciaba a los punks y no tomó nada bien que estuviésemos acostados en su cuarto, pero disimuló. Cuando le hablé, su expresión se hizo aún más severa como reprochando que un desnudo, desde su propia cama, se dirigiese a ella en un inglés tan choto.

No le gusté y ella no pudo disimularlo más.

En cambio el novio me mostró simpatía. Era estudiante de biología, naturista, marxista, odiaba profundamente a las punks y manifestó un intenso desprecio hacia las drogas y sus clientes.

Creo que de no haber mediado el episodio del encuentro y la irritación de su novia, habríamos podido entablar una provechosa amistad. Me convidaron con sus frutas, algo muy delicioso, parecido al níspero y muy refrescante, que erradicó de mis encías el gustito a Coreen. Ella, a pesar de nuestra conversación en voz muy alta, mis gritos anglo-argentinos, mis carcajadas y los mendrugos de risa que alguno de mis chistes lograron de la bióloga, no despertaba.

Dije a los chicos que me vestiría y que debía partir pues me esperaban en mi hotel. Ellos dijeron que no era necesario, que siempre dormían en el suelo por motivos higiénicos y que yo podía seguir leyendo, pues "la luz de la luz no nos molesta". Así dijeron. Se desnudaron, se echaron sobre una piel de oso y se cubrieron hasta los ojos con una manta hindú. De inmediato entraron en un profundo sueño y los vi dormir y respirar a un mismo ritmo, boca arriba y agarraditos de las

manos. Pero yo no podía dormir; apagué la luz de la luz y estuve un rato velando y escuchando el contraste entre las respiraciones simétricas de la pareja, y la de Coreen, más fuerte y de ritmo más que sinuoso.

Prendí la luz y revisé el reloj: serían las siete, pronto amanecería. Acaricié los pelos de mi Muchacha, su carita, sus lindísimos hombros y sus labios, y casi estuve a punto de hacer el amor una vez más, pero temí que un movimiento involuntario pudiese despertarla. Aproveché para mirar su piel delicada y suave. Nada punk, muy aristocrática la piel de mi Muchacha. Le estudié bien el agujerito de la nariz: medía seis milímetros de ancho y formaba una estrella de cinco puntas. ¿O eran cinco milímetros y la estrella tenía seis puntas? Nunca lo volveré a mirar. Para esta historia basta consignar que estaba dibujado con precisión y que debió ser obra de algún cirujano plástico que habrá cargado no menos de quinientos pounds de honorarios. ¡Un derroche! Miré la cicatriz de la mitad izquierda de mi chica: había perdido más color y estaba apelmazada por el roce de mi mentón que la barba crecida de dos días tornó abrasivo. Me apenó imaginar que en la tarde siguiente, al despertar, mi Muchachita Punk me guardaría rencor por eso. Escribí un papelito diciendo que el service quedaba a mi cargo y lo dejé abrochado con un clip junto a un billete de cincuenta libras que había comprado tan barato en Buenos Aires, en la garganta de su botita de astracán. Así asumía mi responsabilidad, y ella no necesitaría esperar otra semana para poner su cicatriz a cero kilómetro. Actué como hombre y como argentino y aunque nadie atine nunca a determinar qué espera un punk de la gente, yo no podía permitir que al otro día mi Muchachita se amargase y anduviera por todas las discotheques de Londres insinuando que nosotros somos unos hijos de perra que perturbamos sus cicatrices y no pagamos el service, desmereciendo aún más la horrible imagen de mi patria que desde hace un tiempo inculcan a los jóvenes europeos. Me vestí. Al dejar el cuarto apagué las luces. Para salir destrabé la cerradura de la cocina pero volví a cerrarla y deslicé la llave bajo la puerta. Los punks seguían peleando: el africano reprochaba a los otros no haberlo despertado para la cena. Otro lloraba, creo que era el francés.

Después oí una sílabas rarísimas: era alguien que hablaba en holandés.



Gracias a Dios no me vieron y encontré un taxi no bien salí a la calle, fría como una daga rusa olvidada por un geólogo ruso recién graduado en la heladera de un hotel próximo a las obras suspendidas del Paraná Medio.

La tarde siguiente, leí en *The Guardian* que durante la noche catorce vagabundos, a causa del frío, habían muerto, o crepado, estirando sin rencor sus veintitantas vagabundas patas inglesas, en pleno corazón de la ciudad de Londres.

Hicieron no sé cuántos grados Fahrenheit; calculo que serían unos diez grados bajo cero, penique más, penique menos. En el hotel me pegué un baño de inmersión y calentito y con el agua hasta la nariz leí en la edición internacional de *Clarín* las hermosas noticias de mi patria. Quise volver.

Al día siguiente volé a Bonn y de allí fui a Copenhague. Al cuarto día estaba lo más campante en Londres y no bien me instalé en el hotel quise encontrar a mi Muchacha Punk. No tenía su teléfono; su nombre no figura en el directorio de la vieja ciudad. Corrí a su casa. Me recibió amistosamente Ferdinand, el novio de la hermana: mi Muchacha estaba en New York visitando a la madre y de allí saltaría a Zambia, para reunirse con el padre. Volvería recién a fines de abril, y él no me invitaba a pasar porque en ese momento salía para la universidad, donde daba sus clases de citología. Tipo agradable Ferdinand: tenía un Morris blanco y negro y manejaba con prudencia en medio de la rough hour de aquel atardecer de invierno. Se mostró preocupado porque hacía un año le venían fallando las luces indicadoras de giro del autito. Le sugerí que debía ser un fusible, que seguramente eso era lo más probable que le sucedería al Morris. Rumió un rato mi hipótesis y finalmente concedió: – No lo sé, tal vez tengas razón...

Me dejó en Victoria Station, donde yo debía comprar unos catálogos de armas y unos artículos de caza mayor para mi gente de Buenos Aires.

Nos despedimos afectuosamente. El armero de Aldwick era un judío inglés de barbita con rulos y trenzas negras, lubricadas con reflejos azules.

Entre él y el librero de Victoria Embankment – un paquistaní – acabaron de estropearme la tarde con su poca colaboración y su velada censura a mi acento. El judío me preguntó cuál era mi procedencia; el paquistaní me preguntó de dónde yo venía. Contesté en ambos casos la verdad. ¿Qué iba a decir? ¿Iba a andar con remilgos y tapujos cuando más precisaba de ellos? ¿Qué habría hecho otro en mi lugar...? ¡A muchos querría ver en una situación como la de aquel atardecer tristísimo de invierno inglés...! Oscurecía. Inapelable, se nos estaba derrumbando la noche encima. Cuando escuchó la palabra "Argentina", el armero judío hizo un gesto con sus manos: las extendió hacia mí, cerró los puños, separó los pulgares y giró sus codos describiendo un círculo con los extremos de los dedos. No entendí bien, pero supuse que sería un ademán ritual vinculado a la manera de bautizar de ellos.

El paqui, cuando oyó que decía "Buenos Aires, Argentina, Sur" arregló su turbante violeta y adoptó una pose de danzarín griego, tipo Zorba (¿O sería una pose de danza del folklore de su tierra...?). Giró en el aire, chistó rítmicamente, palmeó sus manos y cantó muy desafinado la frase "cidade maravilhosa dincantos mil", pero apoyándola contra la melodía de la opereta Evita.

Después volvió a girar, se tocó el culo con las dos manos, se aplaudió, y se quedó muy contento mostrándome sus dientes perfectos de marfil.

Sentí envidia y pedí a Dios que se muriera, pero no se murió. Entonces le sonreí argentinamente y él sonrió a su manera y yo miré el pedazo visible de Londres tras el cristal de su vidriera: pura noche era el cielo, debía partir y señalé varias veces mi reloj para apurarlo. No era antipático aquel mulato hijo de mala perra, pero, como todo propietario de comercio inglés, era petulante y achanchado: tardó casi una hora para encontrar un simple catálogo de Webley & Scott. ¡Así les va...!



*Incompreensão**

Miranda, Ana

No começo eu não entendia a diferença que há entre mim e eles, tampouco os outros compreendiam, riam de mim e me apontavam na rua, minha tia mais velha diz que eu nasci com essa aberração porque minha mãe, assim como minha bisavó, foram mulheres lúbricas, e me mostra uma carta de mamãe ao meu pai quando ficaram noivos na qual mamãe pede desculpas por ser sensual Querido espero que isso não seja motivo para me temeres, ela consultou um médico para saber se poderia controlar seu desejos, suas fantasias Não há um remédio para isso doutor? Disseram que perdi a virgindade numa consulta médica, Pode escrever que sou intacta? mamãe também era vaidosa, diz minha tia, Vaidosa como uma feiticeira, enquanto as irmãs descascavam mandioca, pilavam os cereais, lavavam e passavam as roupas, arrumavam a casa, varriam as folhas do quintal, buscavam água na bica, mamãe bordava blusas, franzia saias amplas de chita, cultivava seus dentes irisados e seu busto perfeito, lia romances escondida e escrevia poesias apaixonadas, usava um colar de pérolas falsas, vestia-se diante do espelho imaginando-se em festas escorregando nas sedas, minha tia diz que ela casou com papai porque ele dançava bem uma valsa e poderia lhe dar uma vida de festas danúbio azul tantan tantan depois de casada passou a usar perfumes verdadeiros pérolas negras em três voltas com fecho de brilhantes, pandantifes, solitários de mil quilates carro hidramático vestidos rebordados de canutilhos echarpes chapéus velados veludos palazzo pijama, Mas eu não sou vaidosa, digo para minha tia, se pudesse viveria numa casa sem ninguém, apenas uma luz mortiça para iluminar a escrivaninha que eu teria, nada mais, nem espelhos, assim ninguém me veria nem eu os veria E eu não gosto de festas, digo para minha tia, quer dizer, não as festas na realidade, gosto das festas nos sonhos os banquetes de corpos línguas tesudas na flor do ventre bocas nas peras lambe lambe meu amor Por que apenas eu nasci assim tia, com esse defeito? E ela, que sempre atribui a Deus as qualidades do mundo, diz, Foi o Diabo, minha sobrinha, o teu pai.

* MIRANDA, A. Incompreensão. In: NOTURNOS. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

*Vivir en la Salina**

Gandolfo, Elvio

a Jorge Varlotta

I

Eran tres y me estaban pegando. Exigían saber dónde estaba Liliana, quién era yo, por qué había llegado a ese lugar donde no había trabajo y cuya única virtud era alejar cuanto antes a todo aquel que quisiera residir. Me pegaban con los puños y las rodillas, a veces apretaban en el puño un pañuelo para que el golpe fuese más fuerte y les doliera menos. Yo me defendía. Me acurrucaba contra la pared y esperaba que me llegase el impulso y me sacudía de pronto, me desprendía de ellos, les pegaba algunos golpes y volvía a acurrucarme. Porque eran tres. Al fin se cansaron y quedamos mirándonos los cuatro bajo la luz de mercurio. Me seguían preguntando dónde estaba Liliana y qué quería hacer yo en el lugar. Les contestaba siempre, invariablemente, que no sabía dónde estaba Liliana y que quería quedarme en el lugar, buscar trabajo y quedarme. Me decían que no entendían, que se habían cansado de pegarme, que no me tenían mayor bronca pero los familiares de Liliana necesitaban saber dónde había ido ella. Yo les contestaba que si querían ir a tomar algo y el más bajo quería volver a pegarme, pero el más alto le paraba el puño y me contestaba que sí, que podíamos, y los cuatro recogíamos los sacos y caminábamos por las calles en las que el viento removía siempre la sal, formaba nubes blancas y calientes que penetraban en los ojos y reseaban la piel.

Llegábamos a un bar chico y maloliente, pero que parecía el paraíso comparado con las calles y la sal. Pedíamos vino tinto y nos mirábamos entre los cuatro por primera vez, porque aquí al fin había luz y calma suficiente para hacerlo. Yo miraba al tipo bajito, con una cicatriz en la

* GANDOLFO, E. *Vivir en la salina*. In: LA REINA DE LAS NIEVES. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

sien, al tipo alto, morocho, con dientes de caballo y saco a rayas grises, al tipo de bigotes, a quien le descubrí rasgos que me hicieron preguntarle si no era pariente de Liliana. Me decía que sí, que era hermano, y levantaba la copa y tomaba el vino negro.

El tipo alto me explicaba que no querían hacerme mal y que en realidad el padre de Liliana les había dado quinientos pesos a cada uno para que me detuvieran antes de llegar al hotel y me pegaran y me preguntaran dónde estaba Liliana y qué quería hacer yo en el lugar. Y me explicaban que habían hecho de todo por tan poco dinero porque allí no había trabajo, y me volvían a preguntar qué quería yo realmente, porque no podía haber venido sólo a buscar trabajo, a enterrarme en un lugar en el que no había más que sal, sal hasta el desierto y sal hasta el mar, un mar blanco y salado, en el que era casi imposible bañarse porque los acantilados caían desde cincuenta metros y las olas se estrellaban contra las piedras con fuerza suficiente para destrozarse un barco, con más razón a un ser humano. Y volvíamos a pedir vino tinto, que parecía ser la única bebida que tenían en el bar.

Al fin nos íbamos. Nos sentíamos todos compañeros, medio mareados, volviendo a empujar contra el viento cargado de sal. Llegábamos al hotel y antes de que yo subiese el hermano de Liliana preguntaba cómo haríamos para que el viejo se dejara de insistir en lo mismo, porque los tres no querían perder los quinientos pesos de ninguna manera, preferían empezar a pegarme otra vez allí mismo, en todo caso hasta matarme, salvo que les diera una idea para librarse del viejo. Y uno de ellos decía que por qué no preparaba las valijas y me iba con el ómnibus que pasaba a la mañana, el único del día. Y yo le contestaba que en realidad no sabía muy bien por qué quería quedarme, que estaba empecinado. Y de pronto comenzaba a llover. Una lluvia blanca, cargada de sal. Los invitaba a subir a mi pieza y terminábamos entre los cuatro una botella de caña que llevaba en la valija y al fin decidíamos decirle al padre de Liliana que yo nunca la había visto, que estaban seguros de eso, que lo más probable era que él se hubiese equivocado cuando la vio caminando con un hombre por una de las calles del pueblo, que el hombre era parecido a mí y se la había llevado.

Nos despedíamos en la puerta, abrazándonos y prometiéndonos ayudarnos mutuamente, porque era muy difícil soportar la soledad en este lugar lleno de sal.

II

Al fin conseguía trabajo en una de las salinas. Cargaba bloques de sal en un camión, cortaba bloques con una sierra un poco mocha y los cargaba. Me enteraba de que las salinas pertenecían al padre de Liliana, de que el capataz era su hermano, que a veces pasaba en una camioneta nueva, sin mirar a los costados, como si nunca nos hubiésemos conocido y como si no nos hubiéramos trompeado y tomado vino juntos. El sueldo era bajísimo pero yo pensaba que por algo se empezaba, y seguía cortando bloques de sal.

A veces había pelea. Dos hombres empezaban a cortar un bloque uno de cada lado y cuando llegaban a la mitad se encontraban de frente, cada uno con el serrucho en la mano derecha y medio bloque que le pertenecía. Se agarraban de las camisas, que parecían estar hechas de tela fuerte nada más que para eso: para no romperse cuando las agarraban de las solapas y eran sacudidas junto con su dueño, revolcadas por la sal, apedreadas con cascotes blancos, salados. A veces había muertos. En vez de agarrarse de la camisa, dos hombres se abalanzaban con los serruchos en alto, como hachas de carnicero, y rodaban levantando nubes blancas. Uno de ellos salía herido, a veces muerto. A veces los dos heridos, a veces los dos muertos, porque la salina estaba cerca de los acantilados y era fácil rodar hasta la orilla y estrellarse contra las piedras. Cuando uno de los dos moría sobre la sal, la sangre se derramaba tan roja que hacía mal a la vista, pero no pasaban más de dos minutos antes de que se fuera absorbiendo, tomando un color anaranjado, volviendo a ser una superficie de sal lisa, blanca.

Había una barraca grande junto a la salina. Vendían vino y yerba y galletas. Cobraban mucho, pero no se podía volver al pueblo hasta fin de semana. En el pueblo había tres mujeres y se formaban colas que



daban vueltas a la manzana. A veces una de ellas estaba enferma y muchos se quedaban sin mujer. Entonces durante la semana había más peleas, más hombres muertos, más cuerpos estrellándose en los acantilados o mojado la sal con su sangre.

III

Había dejado de vivir en el hotel. Había llevado la valija a la barraca y en la primera noche me robaron todo menos la bolsa de dormir. Con la plata que me quedaba había comprado una sevillana grande, con incrustaciones de nácar. La usé sólo en la primera semana, cuando llegamos juntos a la mitad del bloque con un tipo de cara cuadrada que llevaba un gorro de lana rojo y azul puesto al descuido. Se abalanzó con el serrucho. Yo tiré el mío a un lado y le clavé el pie sobre el bloque con la sevillana. El tipo gritaba y saltaba hacia atrás y a partir de ahí me respetaron un poco, sobre todo porque a veces la usaba para cazar cormoranes. Iba a la paya y me quedaba de espaldas, tirado sobre la sal y quemado por el sol, hasta que una bandada de cormoranes se acercaba, me veían inmóvil, se acercaban más y yo saltaba y descabezaba a uno, a veces dos pájaros.

El hombre alto manejaba uno de los camiones y a veces tomábamos algo juntos. Me volvía a preguntar varias veces sobre Liliana. Me aclaraba que ya no tenía nada que ver con el viejo y que además había gastado los quinientos pesos. Yo le decía que no había pasado nada, que nos habíamos visto con Liliana en la puerta del hotel y que yo le pregunté el nombre y la acompañé dos cuadras, que era cuando nos había visto el viejo, y que mientras caminábamos me había dicho que el padre era propietario de las salinas. Y que eso era todo, no había más nada, no me había acostado con Liliana, no le había aconsejado irse. Le había servido de espejo y ella se había ido.

El tipo alto se extrañaba. Decía que no entendía y se quedaba un rato callado. Después hablábamos de las tres mujeres del pueblo y de las características de cada una: la morocha que gemía, la rubia que mordía, la pelirroja que era más fría que una tabla .

IV

Era raro pero nunca moría un capataz. Eran cuatro y se pasaban el día gritando. Sin embargo nadie los odiaba. Eran tan lisos e imperturbables que con el tiempo uno llegaba a sentir cierta pena por ellos. En todos los obreros existía una u otra posibilidad, aunque solo fuese imaginaria, de irse alguna vez. Los capataces eran inimaginables fuera de la salina. No podía existir otro lugar en el mundo donde pudiesen acomodar sus caras cuadradas y sus bocas que no sabían hablar, sólo gritar, tanto cuando se retiraban a comer a la barraca de capataces se oía cómo pedían a gritos que les pasaran la sal o el aceite, y cuando iban a una de las tres mujeres del pueblo – tenían primacía y siempre que llegaba un capataz no tenía por qué hacer cola: se adelantaba y entraba – se oían los gritos de placer o de furia a dos cuadras a la redonda. Razón por la cual había una especie de decisión de aguantar a los capataces, de resistir hasta que ya no fuese posible otra solución que matarlos.

Una de las conversaciones preferidas en nuestra barraca era si algún día se acabaría la sal. Soñábamos con serruchar un bloque en el que apareciera de pronto tierra, pasto, algún gusano. Pero los tipos más viejos, los pocos que habían resistido la salina durante diez o quince años, meneaban la cabeza en silencio y decían que para ver tierra había que irse, salvo que considerásemos tierra las piedras azules del acantilado.

A veces se rompía un camión y los bloques de sal se acumulaban. Entonces, cuando llegaba, todos trabajaban en la carga, y era costumbre comenzar a llevar un ritmo de gritos cortos y profundos, al compás de los movimientos, porque todo se hacía más fácil. Levantábamos un bloque y gritábamos hacia arriba un poco más alto y así hasta que el bloque llegaba al camión y el grito se venía a pique. La clave estaba en lograr un solo grito mecánico, pero a la vez movido, que hacía que uno se olvidara de pensar y del cansancio. Por supuesto, el que más lograba ordenar el ritmo era un negro de unos dos metros, al que los capataces ponían en la punta de la fila junto a la pila de bloques de sal.

El negro se reía con la dentadura enorme y blanca. Sin embargo, se volvió loco. Lo encontraron en la barraca gritando "mamboré mamboré"

sin parar y tuvieron que dejarlo de lado, con lo cual cargar los camiones se hizo más difícil, porque nadie volvió a pegar con el ritmo como lo hacía el negro.

A veces llovía. La sal se volvía pegajosa. El aire también. Era como si el mar hubiera pasado al fin por encima de los acantilados y se estuviera volcando sobre la salina. Nunca llovía con lentitud o calma. Siempre a cántaros, ahogando, mojando hasta el tuétano. Lo peor era cuando llovía en el día en que íbamos al pueblo. Las colas para las tres mujeres permanecían inmovibles y era como ver un enorme grupo escultórico de centenares de personas, igualadas por un color gris blancuzco y una misma base de barro salino.

Había necesidad de creer en algo, tener un objeto en el que concentrar los pedidos, las aspiraciones que todos teníamos. Uno de nosotros hizo una tosca muñeca de sal y le cavó un agujero en el acantilado. Todos le llevábamos algo, aunque más no fuera un pedazo de sal distinto de los demás, con una veta azulada o rojiza. Pero cuando volvió a llover la estatua se deshizo y no volvimos a tallarla.

Después creíamos en los premios. Al que cortaba una cantidad exagerada de bloques le era permitido pasar una semana en el pueblo y a veces recibir el pago suficiente como para irse. Pero nadie llegaba al cupo requerido y los días pasaban sin que viésemos alguna vez partir a alguno de nosotros en esa feliz aventura.

A los tres meses comencé a sentirme mal. Me parecía que la sal había penetrado en mis pulmones y los estaba quemando. A la vez, así como había intuido antes que tenía que ir a aquel lugar aunque fuera el másapestoso del mundo, quizás sólo para estar en la puerta del hotel cuando pasara Liliana, intuía ahora que aún no podía irme, que no era el tiempo exacto y que apenas llegara sentiría que así tenía que ser y buscaría los medios necesarios.

Mientras tanto al hombre alto se le enfermó un ojo. Se le cubrió de venitas violetas y endurecidas, hasta que casi no pudo abrirlo. Lo empezamos a llamar El Pirata, porque desde lejos la retícula de venitas parecía un parche negro. Al principio se enojaba y llegó a matar a uno de los primeros que le dieron el apodo, pero después parecía encontrar un oscuro placer en el sobrenombre, e incluso cuando llegaba medio

borracho a la barraca gritaba en voz alta: "¡Llegó el Pirata!" y se derrumbaba sobre el catre.

A los cuatro meses de mi llegada el padre de Liliana visitó la salina. Llegó en un auto azul muy brillante, protegido con tejido de alambre en los vidrios, para guardarlos de las piedras del camino y la corrosión de la sal. Iba a inaugurar una nueva barraca, para un contingente de chilenos que acababa de llegar. Detrás del auto venían varios camiones con tablas y chapas y tejas. Construir una barraca fue un trabajo extra y eso nos hizo odiar a los nuevos desde ese día hasta el momento en que se integraron al trabajo con tanta perfección que uno nunca sabía cuándo estaba hablando con un salinero viejo o uno nuevo. Habían serruchado bloques, luchado con los serruchos, hasta caído por el acantilado. Se habían integrado.

El padre de Liliana no estuvo más de veinte minutos. Me llamaba aparte, junto a una barraca, y me preguntaba prácticamente lo mismo que los cuatro tipos me habían preguntado hacía cuatro meses, aunque sin pegarme. Yo le volvía a repetir la misma respuesta. Ella se había ido con alguien parecido a mí. Él miraba con fijeza el horizonte que formaban los acantilados y movía la cabeza afirmativamente, una y otra vez. Subía al auto. Se perdía como una mancha fugaz y azul sobre el camino.

V

Uno de nosotros conseguía una radio. Una radio a pilas, porque en la barraca no había corriente eléctrica. La pila podía durar entre uno y cinco meses, según como la usáramos, porque en el pueblo no había repuestos. Fijábamos una hora determinada a la noche y la encendíamos. Oíamos la sal cayendo como una lluvia fina sobre los techos de la barraca, entremezclando su sonido con el de la radio, en la que sonaba siempre el mismo programa, una serie de canciones folklóricas. Oíamos cómo caía la sal porque hacíamos un silencio religioso, como si de pronto nos hubiésemos muerto todos y lo único vivo fuera la radio.



Un día la pila se agotaba. Uno solo de nosotros, para hacer poco ruido, daba vuelta la radio, la giraba con un cuidado infinito, moviéndola un milímetro, dos. El volumen aumentaba un poco a veces, pero después se iba perdiendo. Por fin se detuvo y dejó de sonar. La descuidamos. Se fue oxidando corroída por la sal, sobre una de las ventanas que daban al sur.

VI

Se sucedían las semanas y yo no partía. A veces preguntaba si no iría a quedarme toda la vida en la salina. Acostumbraba recordar la ciudad anterior, el mar azul y plano donde era posible bañarse, la variedad infinita de mujeres que podían verse en la calle, en las plazas, en los trolebuses. Cuando hacía seis meses que estaba en la salina, comencé a soñar. Nunca sabía cuál era un sueño basado en cosas reales, incluso cuándo no era más que un recuerdo, una imagen enterrada en mi memoria, y cuándo se trataba de algo nuevo, completamente imaginado, nunca visto. En los sueños nunca pasaba nada. No eran más que un punto de vista paseándose. Una noche, cuando acabábamos de acostarnos, conté uno y todos escucharon. Después seguí. Eran muy parecidos. Se trataba siempre de paisajes cuya única característica en común era la de ser completamente opuestos a lo que era la salina. Llegó a existir una especie de fichero. Me pedían que contara el sueño del trigo o el de la rambla al amanecer. Creo que este último era el que más me pedían.

Bueno – les decía. No sé bien si me sucedió o no, pero yo me despertaba muy temprano, a las cinco de la mañana, e iba por las calles frescas y llenas de color, sobre todo verdes, a las cinco de la mañana. Y pasaba por una plaza en la que había una estatua de un militar sobre un caballo, y seguía bajando hacia la rambla. El mar era enorme y liso, estaba amaneciendo y el sol cubría todo con una especie de algodón anaranjado. Lo más raro era que no había ruidos. Se veían pasar ómnibus muy lejanos y silenciosos, pequeños, realmente como en un sueño.

Los demás se reían porque realmente era un sueño, pero yo les explicaba que no, que estaba seguro que se trataba de un recuerdo.

VII

Hubo una leve diferencia de temperatura. A veces sudábamos después de cortar diez bloques, cosa que no nos había sucedido antes. Comenzamos a hartarnos de los capataces. Curiosamente, lo que más nos molestaba no era la forma que tenían de tratarnos, sino las ocasiones en que querían caer simpáticos. Sobre todo los chistes eran insoportables. Y los repetían una y otra vez, día tras día, sin inmutarse. A veces eran de la clase de chistes con preguntas: "¿En qué se parecen un elefante y la punta de una aguja? ¿En qué se diferencia una mujer agachada y un hombre parado?". Nos sabíamos las respuestas de memoria pero teníamos que disimular porque si contestábamos lo correcto se enojaban, y nos hacían trabajar durante más horas. Otro de los chistes insufribles era el que repetían durante el almuerzo. Se cruzaban expresamente desde la barraca que les pertenecía, para preguntarnos si la comida estaba desabrida. "Porque sal es lo que sobra. ¡Jajajaja!", y se volvían.

Entre los que cortábamos bloques habíamos llegado a entendernos bastante con la mirada. Un día miramos a los dos capataces que estaban haciéndole un chiste al Pirata, echamos los cuatro serruchos hacia atrás y los liquidamos. Antes de que llegase otro capataz, tiramos los pedazos por el acantilado. Cuando llegó, le dijimos que se habían peleado y rodado hasta el borde.

Fue una buena medida. Dejaron de hacer chistes por un mes.

VIII

Cumplí dos años en la salina. La quemazón de los pulmones se me había olvidado. Me resultaba casi placentera. Como cuando uno se acostumbra a fumar aunque sepa que se está arruinando el organismo.

Habían muerto dos de las mujeres y ahora no había más que tres pelirrojas, a cual más desabrida e inútil. A veces uno de nosotros preguntaba en voz alta para qué mierda cortábamos sal, y se imaginaba la sal cayendo sobre carne asada, sobre ensaladas de tomate, sobre pollos al horno.



Una tarde de primavera se escaparon tres de nosotros. Comenzaron a correr por la carretera y no los vimos más. Pero no podíamos creer que fuera tan fácil. Todos imaginábamos juntar el dinero suficiente e irnos en ómnibus. A los dos o tres días ya estábamos absolutamente seguros de que los tres se habían muerto de hambre y sed, aunque no tuviésemos ninguna prueba.

Una de las mujeres se enfermó y diezmó el campamento. Hubo un ataque de misoginia general. Quisimos lincharla a ella y a las dos restantes, pero las cosas no llegaron a mayores. Durante dos semanas las colas fueron mucho más cortas.

A la noche discutíamos sobre las mujeres. Yo les decía que recordaba vagamente que podían ser suaves, acompañarlo a uno de noche, inclusive conversar. Pero que eso pasaba en otro mundo, el mismo mundo de la rambla y los ómnibus silenciosos, y por lo tanto era lo mismo que si pasara en un sueño, porque estaba seguro de que si una de esas mujeres suaves venía a vivir a la salina, se haría tan dura e insensible como las tres pelirrojas del pueblo.

IX

Cuando pasaron cuatro años desde el día en que Liliana se había ido y tres tipos me habían pegado inútilmente y habían tomado vino conmigo, me pregunté si alguna vez me iría, esta vez con seriedad. Es decir: ¿mi permanencia estaba dada por ese reloj interno al que siempre obedecía, o se trataba sólo de obstinación, de costumbre? Sabía muy bien que todo valor era relativo, que podía volver al mar suave, a las mujeres variadas, pero que eso no bastaba para hacerme sentir mejor. Que probablemente allí recordara las salinas y le contara a algún amigo o a alguna mujer cómo caía la sangre rojísima y cómo se volvía anaranjada y luego blanca, y que no estaba seguro de si había sido realidad o sueño, porque había pasado en un lugar que era como otro mundo. Hice esfuerzos por sentirme incómodo, fracasado, y no pude. Estaba fumando en la puerta de la barraca y hacía caer la ceniza en el caparazón vacío de la radio a transistores.

La barraca de yerba cambió de dueño. Trajo algunas cosas más. Un tocadiscos, sólo con música folklórica, que contaba con seis long-plays, o sea setenta y dos piezas distintas. Y un espejo. Eso fue lo peor. Nos desequilibró a todos. Yo mismo me quedé mudo y helado cuando vi mi rostro flaquísimo, tan curtido que parecía piedra y las costillas destacándose entre la camisa. Durante una semana se habló mucho menos en la salina. Sólo se oían las voces incansables de los capataces. Nos llevaba tiempo volver a acostumbrarnos a nosotros mismos. Una noche una sombra se movió entre la barraca de los salineros y la de la yerba y el espejo amaneció roto.

X

Fueron y vinieron peones. Pasó el tiempo. A veces se reúnen en la barraca y sueñan con encontrar tierra, algún gusano. Pero el Pirata y yo movemos la cabeza. Hemos aguantado más de quince años de salina y sabemos que no hay más que sal para arriba y para abajo, desde el desierto hasta el mar.

Montevideo, enero de 1970



*Duelo antes da noite**

Noll, João Gilberto

No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe o mais que pôde. O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus. A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. A menina estava vestida de azul e o menino de amarelo. E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e por ela poucos passavam. Às vezes uma carroça, um velho de bicicleta, um burro perdido. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar o cuspe.

Até que ficou evidente a noite. E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. O menino gritava corre, não seja mole. E na curva da estrada começaram a aparecer uns caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. Para onde vão esses soldados? – ela balluciou. Não é da sua conta – o menino

* NOLL, J. G. Duelo antes da noite. In: ROMANCES E CONTOS REUNIDOS. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminhar! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. O menino gritou então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada, que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso, não fosse você eu estaria agora olhando um livro, mexendo num brinquedo, dançando. E o menino rebateu com o sangue na cara: você lê mexendo a boca, você brinca com brinquedo de débil mental, você dança como um saco de arroz. Mas a menina foi mais longe: você não tem pêlos aqui embaixo, os meus cabelos já nasceram, e você que é maior, que tem um ano e meio mais do que eu está com essa parte aqui debaixo lisinha, sem um cabelo. Ele não retrucou porque sabia que daria nela um soco bem na barriga e outro bem no lugar dos seus pêlos. Os soldados continuavam a passar, dezenas de caminhões. Os dois já caminhavam novamente. O caminhar da menina tinha arrebatado uma tira de sua sandália e ela mancava para não perder o calçado. O menino fazia tudo para ignorar aquele pé da menina, não queria ver o sangue que brotava do calcanhar, não queria olhar aquele pé que deveria estar mais imundo que o lixo.

Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados de suor, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha amiga, não é minha vizinha, não é nada. A menina pensou que ia dar um faniquito, atirar-se no chão agitando pés e mãos, mas logo achou muito possível que o menino a abandonasse mesmo na beira da estrada e que ela viesse a morrer de frio e solidão. Então permaneceu calada, olhando os soldados que passavam à esquerda em caminhões paquidérmicos e matutando para onde iriam aqueles soldados, onde é que tinha guerra pois os soldados deveriam ir para alguma guerra,

eles não falavam, não cantavam, carregavam um silêncio que deixava a menina aflita, pensando para onde é que eles iam assim em silêncio e sem olhar pros dois, sem nem ao menos cumprimentar, um leve aceno. A menina sabia para onde ela estava sendo levada, mas não tinha certeza se lá seria bom ou ruim. Se for ruim eu fujo, ela quase pensou alto. Foi quando o menino parou e se embrenhou numa macega para urinar, gritando para a menina que se ela quisesse mijar que mijasse agora, que depois ele não parava mais, nem se ela estivesse se mijando na calça, mas que fosse mijar longe dali, o mais longe possível porque não queira sentir o fedor do mijo dela. A menina manteve-se dura na estrada e sentiu que estava louca de vontade de fazer xixi mas que não faria, não faria xixi de ódio, ia ficar ali imaginando o menino fazendo xixi e olhando pros pêlos que ele não tem, lisinho feito a pele de uma minhoca. E a menina pensou inflada de vingança: ele deve estar passando o dedo pela pele sem nenhum cabelo, louco de humilhação porque não tem um único fio, tudo liso que nem uma criança de colo. Quando ele reapareceu se abotoando ainda ela falou sem muita convicção mas completamente audível que ela não tinha medo dele, não fica pensando não. Os soldados continuavam a trilha do lado esquerdo.

E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. Encantado é uma terra de bandidos, o menino resmungou. Lá só tem bandido, gente ruim que nem você, gente que só aporrinha os outros. A menina não respondeu mas sentiu um prego entrando por sua barriga, sentiu que seria bom se Encantado chegasse logo para se ver livre do menino, entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato.

Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Dez e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... o menino repetiu para ele mesmo. E a menina sentou no banco traseiro e botou o embrulho que trouxera até ali sobre o colo e apalpou-o para lembrar o que era. Não consigo adivinhar, ela pensou. Será o quê? Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que eu vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

*La fiesta ajena**

Heker, Liliana

Nomás llegó, fue a la cocina a ver si estaba el mono. Estaba y eso la tranquilizó: no le hubiera gustado nada tener que darle la razón a su madre. ¿Monos en un cumpleaños?, le había dicho; ¡por favor! Vos sí que te creés todas las pavadas que te dicen. Estaba enojada pero no era por el mono, pensó la chica: era por el cumpleaños.

– No me gusta que vayas – le había dicho –. Es una fiesta de ricos.

– Los ricos también se van al cielo – dijo la chica, que aprendía religión en el colegio.

– Qué cielo ni cielo – dijo la madre –. Lo que pasa es que a Usted, m'hijita, le gusta cagar más arriba del culo.

– A la chica no le parecía nada bien la manera de hablar de su madre: ella tenía nueve años y era una de las mejores alumnas de su grado.

– Yo voy a ir porque estoy invitada – dijo –. Y estoy invitada porque Luciana es mi amiga. Y se acabó.

– Ah, sí, tu amiga – dijo la madre. Hizo una pausa –. Oíme, Rosaura, – dijo por fin –, ésa no es tu amiga. ¿Sabés lo que sos vos para todos ellos? Sos la hija de la sirvienta, nada más.

Rosaura parpadeó con energía: no iba a llorar.

– Calláte – gritó –. Qué vas a saber vos los que es ser amiga.

Ella iba casi todas las tardes a la casa de Luciana y preparaban juntas los deberes mientras su madre hacía la limpieza. Tomaban la leche en la cocina y se contaban secretos. A Rosaura le gustaba enormemente todo lo que había en esa casa. Y la gente también le gustaba.

– Yo voy a ir porque va ser la fiesta más hermosa del mundo, Luciana me lo dijo. Va a venir un mago y va a traer un mono y todo.

La madre giró el cuerpo para mirarla bien y ampulosamente apoyó las manos en las caderas.



* HEKER, L. La fiesta ajena. In: LOS BORDES DE LO REAL. Buenos Aires: Alfaguara, 1991.

– ¿Monos en un cumpleaños? – dijo – ¡ Por favor! Vos sí que te creés todas las pavadas que te dicen.

Rosaura se ofendió mucho. Además le parecía mal que su madre acusara a las personas de mentirosas, simplemente porque eran ricas. Ella también quería ser rica, ¿qué?, si un día llegaba a vivir en un hermoso palacio, ¿su madre no la iba a querer tampoco a ella? Se sintió muy triste. Deseaba ir a esa fiesta más que nada en el mundo.

– Si no voy me muero – murmuró, casi sin mover los labios.

Y no estaba muy segura de que se hubiera oído, pero lo cierto es que la mañana de la fiesta descubrió que su madre le había almidonado el vestido de Navidad. Y a la tarde, después que le lavó la cabeza, le enjuagó el pelo con vinagre de manzanas para que le quedara bien brillante. Antes de salir Rosaura se miró en el espejo, con el vestido blanco y el pelo brillándole, y se vio lindísima.

La señora Inés también pareció notarlo. Apenas la vio entrar, le dijo:

– Qué linda estás hoy, Rosaura.

Ella, con las manos, impartió un ligero balanceo a su pollera almidonada: entró a la fiesta con paso firme. Saludó a Luciana y le preguntó por el mono. Luciana puso cara de conspiradora; acercó su boca a la oreja de Rosaura.

– Está en la cocina – le susurró en la oreja –. Pero no se lo digas a nadie porque es un secreto.

Rosaura quiso verificarlo. Sigilosamente entró en la cocina y lo vio. Estaba meditando en su jaula. Tan cómico que la chica se quedó un buen rato mirándolo y después, cada tanto, abandonaba a escondidas la fiesta e iba a verlo. Era la única que tenía permiso para entrar en la cocina, la señora Inés se lo había dicho: "Vos sí pero ningún otro, son muy revoltosos, capaz que rompen algo". Rosaura, en cambio, no rompió nada. Ni siquiera tuvo problemas con la jarra de naranjada, cuando la llevó desde la cocina al comedor. La sostuvo con mucho cuidado y no volcó ni una gota. Eso que la señora Inés le había dicho: "¿Te parece que vas a poder con esa jarra tan grande?". Y claro que iba a poder: no era de manteca, como otras. De manteca era la rubia del moño en la cabeza. Apenas la vio, la del moño le dijo:

– ¿Y vos quién sos?

– Soy amiga de Luciana – dijo Rosaura.

– No – dijo la del moño –, vos no sos amiga de Luciana porque yo soy la prima y conozco a todas sus amigas. Y a vos no te conozco.

– Y a mí qué me importa – dijo Rosaura –, yo vengo todas las tardes con mi mamá y hacemos los deberes juntas.

– ¿Vos y tu mamá hacen los deberes juntas? – dijo la del moño, con una risita.

– Yo y Luciana hacemos los deberes juntas – dijo Rosaura, muy seria. La del moño se encogió de hombros.

– Eso no es ser amiga – dijo – ¿Vas al colegio con ella?

– No.

– ¿Y entonces de dónde la conocés? – dijo la del moño, que empezaba a impacientarse.

Rosaura se acordaba perfectamente de las palabras de su madre. Respiró hondo.

– Soy la hija de la empleada – dijo.

Su madre se lo había dicho bien claro: Si alguno te pregunta, vos le decís que sos la hija de la empleada, y listo. También le había dicho que tenía que agregar: y a mucha honra. Pero Rosaura pensó que nunca en su vida se iba a animar a decir algo así.

– Qué empleada – dijo la del moño – ¿Vende cosas en una tienda?

– No – dijo Rosaura con rabia –, mi mamá no vende nada, para que sepas.

– ¿Y entonces cómo es empleada? – dijo la del moño.

Pero en ese momento se acercó la señora Inés haciendo shh shh, y le dijo a Rosaura si no la podía ayudar a servir las salchichitas, ella que conocía la casa mejor que nadie.

– Viste – le dijo Rosaura a la del moño, y con disimulo le pateó un tobillo.

Fuera de la del moño todos los chicos le encantaron. La que más le gustaba era Luciana, con su corona de oro; después los varones. Ella salió primera en la carrera de embolsados y en la mancha agachada nadie la pudo agarrar. Cuando los dividieron en equipos para jugar al delegado, todos los varones pedían a gritos que la pusieran en su equipo. A Rosaura le pareció que nunca en su vida había sido tan feliz.

Pero faltaba lo mejor. Lo mejor vino después que Luciana apagó las velitas. Primero, la torta: la señora Inés le había pedido que la ayudara a servir la torta y Rosaura se divirtió muchísimo porque todos los chicos se le vinieron encima y le gritaban "a mí", "a mí". Rosaura se acordó de una historia donde había una reina que tenía derecho de vida y muerte sobre sus súbditos. Siempre le había gustado eso de tener derecho de vida y muerte. A Luciana y los varones les dio los pedazos más grandes, y a la del moño una tajadita que daba lástima.

Después de la torta llegó el mago. Era muy flaco y tenía una capa roja. Y era mago de verdad. Desanudaba pañuelos con un solo soplo y enhebraba argollas que no estaban cortadas por ninguna parte. Adivinaba las cartas y el mono era el ayudante. Era muy raro el mago: al mono lo llamaba socio. "A ver, socio, dé vuelta una carta", le decía. "No se me escape, socio, que estamos en horario de trabajo".

La prueba final era la más emocionante. Un chico tenía que sostener al mono en brazos y el mago lo iba a hacer desaparecer.

– ¿Al chico? – gritaron todos.

– ¡Al mono! – gritó el mago.

Rosaura pensó que ésta era la fiesta más divertida del mundo.

El mago llamó a un gordito, pero el gordito se asustó enseguida y dejó caer al mono. El mago lo levantó con mucho cuidado, le dijo algo en secreto, y el mono hizo que sí con la cabeza.

– No hay que ser tan timorato, compañero – le dijo el mago al gordito.

– ¿Qué es timorato? Dijo el gordito.

El mago giró la cabeza hacia uno y otro lado, como para comprobar que no había espías.

– Cagón – dijo –. Vaya a sentarse, compañero.

Después fue mirando, una por una, las caras de todos. A Rosaura le palpitaba el corazón.

– A ver, la de ojos de mora – dijo el mago. Y todos vieron cómo la señalaba a ella.

No tuvo miedo. Ni con el mono en brazos, ni cuando el mago hizo desaparecer al mono, ni al final, cuando el mago hizo ondular su capa roja sobre la cabeza de Rosaura, dijo las palabras mágicas... y el

mono apareció otra vez allí, lo más contento, entre sus brazos. Todos los chicos aplaudieron a rabiar. Y antes de que Rosaura volviera a su asiento, el mago le dijo:

– Muchas gracias, señorita condesa.

Eso le gustó tanto que un rato después, cuando su madre vino a buscarla, fue lo primero que le contó.

– Yo lo ayudé al mago y el mago me dijo: "muchas gracias, señorita condesa".

Fue bastante raro porque, hasta ese momento Rosaura había creído que estaba enojada con su madre. Todo el tiempo había pensado que le iba a decir: "Viste que no era mentira lo del mono". Pero no. Estaba contenta, así que le contó lo del mago.

Su madre le dio un coscorrón y le dijo:

– Mírenla a la condesa.

Pero se veía que también estaba contenta.

Y ahora estaban las dos en el hall porque un momento antes la señora Inés, muy sonriente, había dicho: "Espérenme un momentito".

Ahí la madre pareció preocupada.

¿Qué pasa? – le preguntó a Rosaura.

Y qué va a pasar – le dijo Rosaura –. Que fue a buscar los regalos para los que nos vamos.

Le señaló al gordito y a una chica de trenzas, que también esperaban en el hall al lado de sus madres. Y le explicó cómo era el asunto de los regalos. Lo sabía bien porque había estado observando a los que se iban antes. Cuando se iba una chica, la señora Inés le regalaba una pulsera. Cuando se iba un chico, le regalaba un yo-yo. A Rosaura le gustaba más el yo-yo porque tenía chispas, pero eso no se lo contó a su madre. Capaz que le decía: "Y entonces, ¿por qué no le pedís el yo-yo, pedazo de sonsa?". Era así su madre. Rosaura no tenía ganas de explicarle que le daba vergüenza ser la única distinta. En cambio le dijo:

– Yo fui la mejor de la fiesta.

Y no habló más porque la señora Inés acababa de entrar en el hall con una bolsa celeste y una bolsa rosa.

Primero se acercó al gordito, le dio un yo-yo que había sacado de la bolsa celeste, y el gordito se fue con su mamá. Después se acercó a la

de trenzas, le dio una pulsera que había sacado de la bolsa rosa, y la de trenzas se fue con su mamá.

Después se acercó a donde estaban ella y su madre. Tenía una sonrisa muy grande y eso le gustó a Rosaura. La señora Inés la miró, después miró a la madre, y dijo algo que a Rosaura la llenó de orgullo. Dijo:

– Qué hija que se mandó, Herminia.

Por un momento, Rosaura pensó que a ella le iba a hacer los dos regalos: la pulsera y el yo-yo. Cuando la señora Inés inició el ademán de buscar algo, ella también inició el movimiento de adelantar el brazo. Pero no llegó a completar ese movimiento.

Porque la señora Inés no buscó nada en la bolsa celeste, ni buscó nada en la bolsa rosa. Buscó algo en su cartera.

En su mano aparecieron dos billetes.

– Esto te lo ganaste en buena ley – dijo, extendiendo la mano – Gracias por todo, querida.

Ahora Rosaura tenía los brazos muy rígidos, pegados al cuerpo, y sintió que la mano de su madre se apoyaba sobre su hombro. Instintivamente se apretó contra el cuerpo de su madre. Nada más. Salvo su mirada. Su mirada fría, fija en la cara de la señora Inés.

La señora Inés, inmóvil, seguía con la mano extendida. Como si no se animara a retirarla. Como si la perturbación más leve pudiera desbaratar este delicado equilibrio.

O Jardim das Oliveiras*

Piñón, Nélida

É URGENTE, ZÉ. Ao menos para mim, herói de um episódio anônimo, autor de um hino cantado em agonia e silêncio. Logo que abri a porta, o homem me pegou pelo braço. Não adianta fugir, ele disse. E seu gesto não foi de ladrão, de quem vai contra a lei. Parecia certo dos próprios atos, não se importando que os vizinhos o surpreendessem. Tinha olhar de vidro e o seu nariz, como o meu, era ligeiramente adunco. Não lhe vi sinal particular na cara. Ah, Zé, como a alma é uma gruta sem luz.

Segui-o esbarrando contra as paredes, o sangue me havia deixado ainda que eu o reclamasse de volta. Passamos pelo porteiro entretido com a empregada do apartamento 203. Um cabra safado e inútil. O sol arrastara o bairro para a praia, não via almas na rua. Dentro do carro, frente ao prédio, três rostos anônimos me aguardavam, meus algozes, meus companheiros de vida. Um crioulo, um mulato e um branco, a etnia carioca. Quem sabe jogamos futebol juntos, no passado choramos com o gol que justamente dera vitória ao Flamengo. Não levaram em conta a minha cara amedrontada, fui jogado no banco traseiro com desprezo. Para quem mata é sempre cômodo designar os covardes. Agiam, porém, com discrição, de modo a que eu voltasse para casa livre das suspeitas dos vizinhos. Ninguém também me reclamaria o corpo.

Eu tinha certeza de que tomariam o Rebouças. Na Barão de Mesquita, o meu coração era um paralelepípedo. Cruzamos apressados o pátio, vencíamos corredores e mares. Havia na sala unicamente três cadeiras, um de nós ficaria de pé. Nenhum sinal de arma à vista, a mesa nua, as paredes descarnadas. Ou eu é que terei desejado os instrumentos que levam o corpo ao fino desespero, sonhado com a guerra, desenvolvido instintos assassinos?

O medo grudado na pele ia-me asfixiando, os poros logo entupiam-se de ânsia e vontade de vomitar. Havia, porém, na consciência uma

* PIÑÓN, N. O jardim das oliveiras. In: O CALOR DAS COISAS. Rio de Janeiro: Record, 1980.

brecha através da qual eu implorava aos intestinos, ao ventre, à alma, que não me humilhassem uma vez mais. A memória revivia a tortura, a dor florescente, a cabeça estilhaçada em mil estrelas, a calça borrada de merda, a urina solta pelas coxas até alcançar a unha do pé. A desesperança de saber que a dignidade dependia de um corpo miserável a serviço da força alheia. Você, Zé, é rijo como um cabo de metal, não pode compreender os desmandos de um homem, aceitar os desconcertos da terra. Mas, a verdade é que sou um covarde, nasci com medo e morrerei sob a intensidade deste astro. Falta-me valentia de puxar o gatilho contra a minha cara, ou a do inimigo. Quem me fere mais que os meus desígnios? O medo dorme no meu travesseiro, trato de domesticá-lo, torná-lo amigo. Sei que você me afaga a cabeça, quer encaminhar-me ao heroísmo. Sinto muito, Zé, mas não sou herói. Nunca mais serei. Não sei mais como encontrar o antigo fogo cego que me iluminava no corredor sem fim.

A sorte me regalou uma cadeira. E o bafo quente dos inimigos, que vinha em ondas. Às vezes, se aproximavam, logo bem distanciados, para eu medir a fragilidade do destino. O branco especialmente devotava-se aos círculos, designara-me o eixo em torno do qual girariam. Evidentemente odiava-me, mas certa elegância no corpo não o deixava matar-me. Acima do gozo pela minha morte, havia seu outro prazer secreto. A reverberação do meu rosto em chamas impedia detalhado exame das suas feições contraídas. Foi dizendo, é rápido, mas pode demorar, se não colabora. Estaria eu ainda em meu país, e incitava-me a traí-lo, ou era um estrangeiro que contrariava frontalmente os interesses de uma pátria humana?

– Não sei de nada. Tudo que sabia confessei há nove anos atrás.

– Não precisa nos recordar. Sabemos de tudo. Foram exatamente nove anos, três meses e onze dias. Em março, já poderá festejar o décimo aniversário.

Magro e desenvolvido, os anos haviam-lhe ensinado a interrogar um homem sem ceder às súplicas de um olhar. Da minha cadeira, via-lhe os avanços e recuos, e não pretendia exacerbar-lhe as funções.

– Onde está Antônio?

Todos sabíamos que Antônio estava morto. Quem sabe ele próprio o teria assassinado, fora o último de um longo cortejo de torturadores. E por isso capaz de descrever em detalhes o corpo de Antônio

em chagas, rasgado por alicates, cortado pelas lâminas e pela raiva, expulsando o sangue em golfadas, o olhar empedrado que até o final evitou a palavra que, condenando os vivos, melhor teria esclarecido os últimos instantes de um homem.

Ou será que se referiam a um outro Antônio, o das Mortes, o do Glauber? Recuei sem ter para onde fugir. Sem tempo para análises.

– Mas que Antônio? – e temi hostilizá-los com a pergunta.

– Você sabe de que Antônio falamos. Para vocês só existe um Antônio. Nenhum outro existe no mundo.

Metiam o estilete no meu peito. Dispensavam os recursos fartos e cheios de sangue. Confiavam na agonia que diariamente me assaltava, na minha consciência imolada pelo medo e o remorso. São uns filhos da puta, Zé. E não só porque me podem ferir, humilhar meus órgãos, expô-los ao opróbrio da dor e da covardia. Pior que o corpo aviltado, é não me deixarem esquecer que lhes dei as palavras que arrastaram Antônio ao cativo. Embora não tivesse sido o único a traí-lo, forneci os detalhes que justamente ao descrever seus hábitos, a cara forte, sua agilidade em escalar telhados, o ar de felino, seus esconderijos, compuseram a narrativa que de tão perfeita exigia a presença de Antônio para dar-lhe vida. Não podia ele privar-se de uma história que se fazia à sua revelia. A morte dependia do seu consentimento para tornar-se real.

Foi tão pouco, não é? Tão pouco, que me ficou como herança um pesadelo que disfarço diariamente. Não quero admitir que Antônio é um tormento mastigado a cada garfada, o excesso de sal de todo repasto. Não vivo sem a sua sombra, você e eu sabemos. Ele trepa junto comigo. Vive graças ao meu empenho, divido Luíza com ele.

Inclinei a cabeça, para que não me vissem a vergonha e o ódio. Ao mesmo tempo, o gesto assegurava-lhes que estando eu de acordo por que continuar com a farsa. Eu era o que eles me designassem. Eu era as palavras arrancadas à força, era a covardia que eles souberam despertar em mim, e antes me fora desconhecida. E era ainda a vida que eu descobrira preciosa entre os suplícios infligidos. Não parecia exatamente uma herança que eu pudesse explorar em meu favor. Quis gritar, não basta me possuírem, me escravizarem com grilhões invisíveis, querem ainda que eu lhes lamba os colhões desumanos?

– Vamos, fale logo. Onde está o Antônio?

Não desistiam. Tinham mãos nervosas, cheias de recursos, e de que se orgulhavam. E nelas não se viam manchas de sangue, ou calos, por espremerem as juntas dos inimigos. Parecidas com as minhas mãos, com as do meu pai, as da família a quem se entrega o sono desprevenido. E, no entanto, elas enterraram Antônio perto do rio, segundo se dizia, para a enchente levá-lo entre os escombros dos barrancos. Assim, nenhum amigo confortou Antônio com prantos e flores. Ou acariciou o que havia sobrado do seu corpo. Embora não pudessem os algozes impedir que os proclamas de sua morte em meio à prolongada tortura corressem o país. Eles defenderam-se, como nós bem o sabemos, acusando-o de desertor, de haver trocado os ideais revolucionários por Paris, seu novo lar.

– Não tenho visto Antônio – disse-lhes de repente, querendo minha vida de volta. O prazer de pisar de novo as ruas. Ainda que sob a constante ameaça de perder rosto, identidade, país. Há muito me haviam sonogado a língua, a terra, o patrimônio comum, e eu resvalava na lama, que era o meu travesseiro. Um pária que não contava com a herança do pai. Não me podiam cobrar o que já não lhes havia cedido. Pertencia-lhes como um amante, embora sofresse o exílio da carne.

O sorriso do homem aprovava o rumo da minha servidão. Não o tem procurado, viram-se em algum bar? Onde podemos encontrá-lo no Rio, ou em São Paulo?

– Não sei de Antônio. Sempre desapareceu sem avisar. É o jeito dele. Quando volta é como se nada tivesse acontecido.

– E não tem notícias suas – o mulato tomou da palavra, assumia o esplendor daquela hora.

Cercado pelas chamas dos olhos inimigos, aspirava a respiração dos três homens que me haviam atraído até ali somente para eu provar de novo o gosto seco do medo, a rigidez da violência. Onde estivesse na terra, arrastaria comigo os seus emblemas. Ah, sim, me lembro agora, vi-o uma vez à saída de uma sessão do Cinema I. Havia gente demais, gritei seu nome, ele falava com entusiasmo, tinha amigos perto, infelizmente não me ouviu. Na Prado Júnior, quando o procurei, já havia desaparecido. Isto foi no ano passado, acho que em dezembro, fazia muito calor.

– E ele, mudou muito?

– Não. Um pouco mais gordo. E agora está de bigode.

As perguntas e respostas iam compondo um novo Antônio nascido da aspereza dos nossos dedos mergulhados na argila. Quanto mais falávamos, depressa Antônio recuperava diante de nós o ardor familiar a eles e a mim. Com o nosso empenho conquistáramos o direito de ressuscitá-lo. Nós o tínhamos tão próximo que praticamente o acusávamos de haver-nos abandonado sem cuidar da nossa aflição, levado apenas pelo prazer de inquietar amigos e carrascos. Ou simplesmente pela arrogância de alimentar uma lenda heróica.

O suor da minha camisa não mitigava a sede. Ainda que eu pedisse, não me deixariam beber de um líquido envenenado pelo temor e o delírio verbal. O jogo custava-me vida e honra, mas era o preço a pagar-se para ganhá-las de volta. Acaso pensavam que me podiam arrancar a vida porque me faltaria a coragem de usar uma vez mais as palavras que me matando por dentro abriam-me a porta para esta mesma vida?

Eu sei que a palavra é a vida. Mas, o que dizer dela quando se distancia do arrebatado popular e perde função? Eu sei que a vida prova-se com a palavra, mas quando nos é ela extraída à força e ainda assim a vida nos fica, não é a vida o único tesouro com que se recomeça a viver? É o que venho fazendo, Zé, diariamente averiguo o nível de água dessa minha existência. Um reservatório em que combato visando a outra margem, da qual logo me expulsam ao estender o braço querendo repouso. Um dia, me vingarei. E não será vingança jamais esquecer meus algozes, ser a memória viva daqueles instantes, do que em mim sobrou retalhado e sem altivez? Seus rostos colados ao meu refletem-se no espelho quando faço a barba. Algumas vezes a mão treme, sonho em mutilar no meu rosto aquelas caras pacientes e frias.

Antônio encontrava-se naquela sala. Vivo, ardente, combatendo o mundo em tudo igual ao que havia deixado antes de partir. Não sei se o crucificávamos, ou ele a nós torturava. E quando afinal parecia fumar entre nós, constringido ao lado de quem o traía, o homem branco disse, exigiremos você outras vezes. Antônio é um terrorista, um assassino de mulheres e crianças. Devemos encaminhá-lo à Justiça.

Deu-nos as costas e saiu. Logo me encaminharam à cela vazia, ninguém disse uma palavra. O meu destino não tinha pouso na terra. Se

desta vez não me supliciarão, pela manhã se devotariam às práticas em que eram mestres. E se não lhes bastasse o dia seguinte, me reteriam por uma semana, um mês, e a vida se escoaria delicada sem que a reclamassem, ou a defendessem. Até você pensaria que enfarado finalmente eu trocara o Rio por Paris. A minha prisão não desperta suspeitas. Não é verdade que também vocês há muito me condenaram?

Eu mal via os objetos em torno. Estendi-me na cama com medo de repousar sobre um morto. Quantos mortos e feridos não me precederam ali. O mau cheiro vinha dos corredores, das frestas. Perseguiria os cães vadios da madrugada. Do lado de fora dos prédios. De repente, eles apareceram. Talvez no meio da noite. Pareciam não me haver abandonado. Em desesperada busca de Antônio. Precisavam dele como eu ali estava a vender uma vida acanhada e medrosa. Mas, contrário ao que pensava, eu logo vi o céu aberto. De novo cruzamos o pátio e, no carro, o mesmo silêncio. Eu não podia confiar neles. Talvez a decisão fosse matar-me no matagal, o corpo encontrado em decomposição. Crime banal, seguramente o otário levando dinheiro na carteira havia reagido. Então percebi que tomavam o caminho da casa. A vida se recupera numa esquina conhecida. Despediram-se sem uma palavra e, jogado perto de casa, provavam conhecer os meus hábitos, os bares a que ia, os meus passos. Acalentavam o sangue e o suor de um país com o torniquete da naturalidade e da supremacia.

Advirto-o assim, Zé, que temos Antônio de volta. A padecer entre nós da mesma pulsação rítmica que a vida expele. E só porque não se conforma com o miserável cotidiano brasileiro, decidiu deixar-nos. A vida o ocupa de tal modo que lhe falta tempo agora de visitar amigos, chorar em seus ombros, repartir o pão das palavras com os que foram privados da esperança. E por que nos viria ver? Especialmente a mim, a quem despreza, eu que, ungido pelo medo e a ameaça, descrevi-o a ponto de facilitar-lhe a captura? Será que o coração de Antônio sabe perdoar, esforça-se em compreender os que claudicam? Sem dúvida, sou o seu avesso. Aquela contrafação de carne que a piedade humana obriga a arrastar com dificuldade. Sem Antônio perceber, no entanto, que apesar dos estragos em mim realizados sou ainda uma das suas histórias. Asseguro-lhe nome e rosto com a versão que dele faço constantemente. Tornei-me o rastro dos seus feitos, a maculada poeira do seu calvário.

Ao mesmo tempo que ressuscitamos Antônio, tenho a consciência marcada de modo a jamais esquecer que lhes fico outra vez mais devendo a vida. Eles que me puderam matar e não o quiseram. Devo-lhes tanto o que sou que, juntos, reconstituímos Antônio, fizemos a vida pulsar de novo no centro do seu coração amado. Terá sido desonroso reviver Antônio? O poder não fragiliza apenas a quem domina. O poder educa para que não esqueçamos as suas lições. Mas, como será quando a lição passar a ser aplicada por nós, povo pálido e submisso?

Amanheci com dor de cabeça. Talvez pelo maldito camarão do jantar de ontem. Luíza não quis hoje receber-me. Insisti, é urgente. Claro que não lhe falei das indisposições físicas, da periódica agonia do medo, do episódio recente. Diante dela sou belo, pungente e mentiroso. Desculpou-se delicada, precisava ficar só. Simulei compreender o seu estado, outra vez a prisão da cortesia. Ou a prisão do amor que me regala com o esquecimento, a única masmorra a indicar o caminho do futuro.

Não me custa agora enfraquecer a voz, recolher-me a casa aos primeiros sinais da derrota, da admoestação e da censura. A submissão é uma virtude social sem a qual, ao menor conflito, enfiaríamos a faca no coração desprevenido do vizinho. Aprendo depressa a acomodar-me entre os tijolos da vida, estas quatro paredes sinistras. A assimilar atos de obediência que, uniformizados, e em seqüência, não chegam a doer. Também não ardem. E isto desde o gesto mecânico de escovar os dentes ao despertar. Não fosse assim, quem aceitaria o travo e a amargura da minha boca insone, a quem haveria de beijar?

Sozinho em casa, elimino os gestos brutos, apronto-me para as visitas que não virão, esmero-me para o carcereiro habilitado a visitar-me sempre que a minha ausência lhe doa. O relógio e o tempo coincidem numa quarta-feira. O que se pode esperar de uma criatura fiel ao Estado a cobrar-lhe obediência como meio de assegurar à coletividade uma existência feliz? E que expulsa do seu corpo social todo e qualquer organismo infectado de pus, palavra e ação rebeldes.

Moderado e elegante, besunto-me de essências. O que sei do meu rosto, me é suficiente. Bastam-me as pequenas atenções do cotidiano. Não se aconselha a amar a própria perplexidade. Mas acomodar-se à vida possível e transcrita na Bíblia. Serei um acomodado? E quem não é.

Dizer bom-dia não é então sancionar a existência do inimigo, e acomodar-se à sua estratégia? Ah, Zé, quantos capítulos são diariamente redigidos numa infundável série de resignações. Até mesmo quando gritamos puta, merda, caralho, estamos a consagrar a linguagem coerciva da escatologia oficial. Estas exclamações do arcabouço lingüístico dos ingênuos que se satisfazem com falsetes que o meio social sabiamente absorve e atenua.

Apesar de tudo, trago comigo algumas perguntas. Nem todas palavras sufoquei. Bóiam elas no meu bolso, junto ao travesseiro. Dificultam o meu sono. Sei bem que todo gesto meu é passível de pena, e que nem com o conhecimento da lei conduzir-me-ei de modo a vencer os alcances desta mesma lei. Para cada ato meu em surdina há uma lei à escuta. Quem sabe não estará o vizinho a esta hora a delatar-me junto às autoridades sanitárias e repressivas. Justamente o vizinho que honra a vida reproduzindo no seu quarto a espécie humana. Não estou isento de culpa quando me atribuem uma culpa. Me podem nomear culpado a cada instante, e de que servirá a proclamação de uma inocência em que eu mesmo não creio?

E com que direito protesto, se fortaleci quem tinha a arma na mão, dei-lhe a munição que escasseava. Mas, não quero padecer acima de minhas forças. Afinal, Adão e Eva resistiram menos que eu e tinham só a Deus que enfrentar. A história designou-os vítimas de um arbítrio por parte de quem havia ousado criar a terra. Diga-me, tem força quem gera força, ou força tem quem sabe administrar uma força que lhe foi emprestada?

Somos tão frágeis, Zé. Basta que me cortem o pulso para sangrar até a morte. Será por isto que cobramos do outro um despotismo que ao mesmo tempo que nos governa também esconde a nossa fraqueza? Queremos o arbítrio, a prepotência, o poder, e nos omitimos quando eles se revelam. Desde que um bando de desesperados construiu a primeira nau, e com a qual venceriam o oceano, exigiu-se que um punho de ferro a capitaneasse, marcasse o rosto popular com largas cicatrizes como prova de autoridade. Assim, até a aventura e o sonho nasceram comprometidos. O que a princípio parecia grandeza visou o palco para louvar e divulgar os próprios feitos. A generosidade sempre se manifestou de acordo com as leis, e nunca as transgrediu. Não há bondade neste hemisfério sem *referendum* oficial.

Sob que manto, Zé, esconde-se o poder, em que regaço? Estará entre os que acode depressa aos mais altos postos, os que morrem gratos com a morte, os que sorriem apesar do olhar acuado e a vida em postas de sangue? Ou entre os que apunhalam e gritam e uniformizam e tiranizam e não cumprem? A terra é áspera com os rios em fúria, a lavoura malograda, os animais febris. Uma natureza que ruga para assim indicarmos aqueles que, em nossa defesa, superam a tormenta e logo enamoram-se de seus encargos. Como se o poder e a natureza em aliança esculpisse no homem rígidas regras de bem viver.

No rádio, um chorinho brasileiro. Estou só, como já lhe disse, e Luíza não virá. O sanduíche é frio, sua alma gordurosa. Desfaço-me dele e das palavras em mim ordenadas por quem pensou na minha frente. O que fazer quando até mesmo as palavras originam-se de um material envelhecido, que se confunde com a morte. Não há vida real no planeta. Tanto melhor, livro-me assim da insensatez e da desordem. Se sou herdeiro de uma cultura voltada à renúncia, por que não abdicar da rebeldia e do inconformismo. E com os dentes rijos abocanhar os pedaços de vida que arrastam o peixe do prazer em sua rede.

Nada mais quero que amar aquela mulher. Abdicar da perspectiva coletiva e concentrar-se no universo pessoal é a essência da felicidade. O mundo passa a ser você. Ela e eu, ainda que Luíza me vire o rosto e a arrogância a enalteça. É tão harmônica que seus desejos cumprem-se em horário determinado. Ela tornou-se um dos pilares do poder, especialmente as suas coxas. E sendo seu amor mais frágil que o meu, banca ela faustamente o jogo humano. Tudo faço para cravar-me entre as suas vértebras como uma lança. Juntos assim costuraremos as rendas e os afagos que formam um lar. E, sob tal abrigo, os carrascos irão encontrar-me. Cheio de correntes, doçuras, orçamentos, projeções futuras. A quem arranharei com as unhas aparadas?

Aspiro com Luíza a limpidez e a vida cristalina. Um coração transparente e as paredes da casa de vidro. Quem olhe dentro verá o repertório de que me componho, sem o socorro de fichas e cadastros. O Estado é a eterna visita em minha casa, mesmo quando dela se ausenta. E, sendo ele assim meu amigo, a vida torna-se compatível sob seus cuidados.

Lembra-se daquelas folhinhas povoadas de santos e provérbios moralizantes que as farmácias distribuíam? Ungidas todas pelo suor popular? Eram elas sábias, não excluía as agruras do cotidiano, as receitas de bolo e os modestos atos humanos. Previam a poupança e, claro está, o receituário farmacológico. Humanas, jamais antagonizaram o ano que decorria, assim como o terço nas mãos dos que choravam. A tranqüilidade destes calendários é que busco, como se recuasse no tempo. Jamais empunharei de novo uma espada mesmo quando o seu uso obedeça à urgência de vingar um povo ultrajado. Não tenho inimigos, ou melhor, eles não têm nomes e rostos. Solidarizo-me com a miséria nas telas do Cinema I. Passarei pela fome brasileira com o orgulho ferido, mas sob a tutela do meu automóvel de prata. O próximo comove-me sem dúvida, mas meu destino não se comprometerá em sua defesa. Despojado da fraternidade, instigam-me a aplaudir as famílias poderosas, que se expandem segundo o número de suas fábricas e o volume dos créditos fornecidos pelo Banco do Brasil. Não quero descendência, mas um esperma seco e apático. A memória dos ancestrais não me diz respeito. Os retratos amarelos falam-me sim de mortos, logo os queimarei. O mesmo faço com as cartas, a memória, com o meu rosto pálido. Só vale a história forjada, só tem valor o homem de palha.

Sou um animal que ao lado das derrotas contabiliza o medo. Quem me educou foi este país onde vivo, amo, sou o que me permitem ser. Nada peço além da minha extraordinária felicidade. Em seu nome, abduco da consciência social. Feita de levedo e farinha rala. Estou livre, Zé. Livre como um polvo embaralhado nas próprias pernas. Livre como um cordeiro sacrificado e o pão ázimo perseguido. Renunciei ao destino do homem pelas moedas de bem-aventurança que hoje arrasto e bem atadas aos pés.

Nasci pelas mãos de minha mãe, mas morrerei sem o socorro de sua vagina. Tenho a vida determinada por um começo e o fim. E, embora sujeito e objeto da história, este começo conheceu data, ano, local, horas precisas. A carteira de identidade facilita, aliás, meu trânsito pela terra.

O meu fim será canalha. Sujeita-me a critérios e circunstâncias que não elegi e de que não posso escapar. Logo confirmado este final, a consciência será automaticamente expulsa de mim para mergulhar na merda. Unicamente a história, testemunha do lado de fora do corpo,

registrará a cena da qual sou protagonista e que porá término à minha biografia. Então se sucederão o vazio e o esquecimento, eventualmente as especulações históricas.

A nossa morte, Zé, pertence a quem a assiste e aos que a descrevem. Não somos a nossa morte. Mas uma prolongada agonia a que faltam palavras com que explicá-la perante nós mesmos. E este fim é o medo, o fim justifica a dignidade precária. E as palavras que definem este estado me são emprestadas por uma coletividade igualmente acuada. Razão pela qual tenho o direito de subscitar qualquer documento que estejas agora escrevendo. Do mesmo modo que todo texto de minha lavra pertence ao vizinho que também escreve em meu nome a história da minha miséria. Mas que maldita aliança é esta que mistura os nossos sangues e forma um só destino? E que me obriga a acompanhar o desterro de um homem próximo a enfrentar o pelotão de fuzilamento, ainda que não cuide da sua sorte. E sentir-me a futura vítima quando acorrentem quem ousou transgredir e protestar. Saiba, pois, que a minha covardia pertence-lhe enquanto não tiver a coragem de proteger-me, de expulsá-la da minha vida para sempre.

Uma vez que não posso arbitrar sobre a minha vida, pois encontro-me sob a tutela da violência e do absolutismo, passo a vivê-la pela metade. Assim, quem sabe do meu destino não sou eu. É o outro. Quem me assalta na esquina é dono da minha vida. Me faz suicidar-me. Me faz desaparecer, apaga a minha memória, escasseia os dados que me registram. O outro é o que sou enquanto sou o que ele destrói em mim sem me consultar. E seguramente me perderei, quando me queiras salvar. Minha salvação restringe-se a prazos curtos. A morte me convoca segundo arbítrio próprio. Sou uma zona sobre a qual o poder e a guerra se exercitam. Quem quiser mata-me sem perguntas, ou desculpas. Nascemos iguais, mas cada máscara humana tem um desígnio cruel. A morte e o medo e o dinheiro e o poder desigualam o mundo. O homem não é a própria sombra, mas a sombra que o deixam projetar.

Saberias descrever o rosto do carrasco que seqüestrou dor, prerrogativas, e inundou a vida com preço sem valia e serventia? Ou antecipar a palidez do teu corpo na agônica ascensão para a morte? Não devia escrever-lhe, Zé, mas há muito o medo me libera para estas tristes

incursões. E embora não me iluda a falsa abundância do amor, entrego-me a este estranho arrebatamento que ergue a vida e o pau ao mesmo tempo enquanto apago os dias na brasa do cigarro. Nas mãos deste teu amigo sobram o esplendor do prato e a suculência da cama. Bem diferente do velho que mora no apartamento ao lado. Sitiado pela própria velhice, raramente deixa a casa. A luz do sol debilita a sua pigmentação já estragada. Algumas vezes escuto-o esbarrando contra as paredes, seguramente buscando sôfrego os objetos que lhe escapam quanto mais se cansa.

Encontrei-o hoje a abrir a porta. Não distinguia a fechadura da maçaneta, talvez os olhos remelentos. Ajudei-o a encontrar o caminho da casa, seu túmulo, os embrulhos deixei na cozinha. Mal respirava, os olhos apagados, agradeceu com breve aceno. No sofá, esqueceu-se de mim, ocupado com a vida modesta, com as horas que lhe sobram, as rugas envenenando o seu rosto. Seguramente, ele ainda está lá, do outro lado da minha parede. Crucificado com os pregos de cada dia. O porteiro talvez me anuncie amanhã a sua morte. Mas, não chorarei por ele, que diferença faz que viva. Há muito que vimos fugindo de suas carnes fenecidas, há muito que o matamos. E não é verdade? Alguma vez o aquecemos no regaço humano, algum de nós enfeitou-lhe a vida para que eventualmente sorrisse?

Talvez o seu coração seja rijo e amoroso e sonha com beijos e murmura palavras ardentes com cor de cobre. E seu olhar disperso é a grave acusação que pousa em nós com o peso de uma pena manchada de sangue. Percebe o quanto o desdenhamos, que não lhe catamos os dentes imolados pela cárie dos anos, e que seu corpo, incapaz de controlar o suor, o esfíncter, a urina, jamais mereceu nossa defesa.

Ah, Zé, a velhice me intimida, esta esponja de triste sabedoria que bebe vinagre, solidão e desespero num só trago. Também eu um dia soçobrarei na mesma espécie de torpor. Não me restando como defesa senão as moedas amealhadas que substituam a perda da luxúria, as moedas que justamente protegem a vida quando lhe decretam o banimento. Bendito ouro que outorga ao homem a última piedade e impede que o enterrem vivo só porque lhe apodrecem as juntas. Zé, como será quando o olhar jovem não mais pouse em nós. Quem me vai pentear os cabelos?

O segredo do avô foi amearhar pão e dinheiro a fim de que o respeitassem. Até a morte mastigou com os próprios dentes, cuspiu ordens, devolveu afrontas, a ninguém pediu emprestado, ou contraiu dívidas e humilhações. Das suas mãos tombavam as moedas que seguiam diretamente para os pratos dos filhos. A comida vinha dele, assim como os sonhos. Havia comprado as ilusões dos netos com o suor.

Enfrentou o futuro com o dinheiro no bolso. E de tal modo o ouro e ele viveram lado a lado, que passaram a dividir a mesma respiração, a consumirem igual tempo de vida. Ele e o dinheiro morreram juntos, no mesmo sábado. No seu enterro, sofri mais por mim que por ele. O avô havia governado bem a vida, seu triunfo era o cortejo que o seguia. Eu me perguntava quem arrastaria a alça do meu caixão cumprindo um dever de afeto, assegurando-me uma dignidade que o dinheiro não tivesse previamente comprado.

Como confiar na sua amizade, Zé. Ou na generosidade da sua casa. Se lhe chego sujo, rasgado, fedendo, certamente me fecharás a porta. Os aparatos do seu cotidiano me honram enquanto as penugens das boas maneiras, do bem vestir e da linguagem me adornam. Seus amigos cobram a cada instante palavras perfumadas. Habituarão-se a dizer quem somos, até onde chegaremos, ao simples anúncio da primeira frase. Também meu destino se tece através desta tirânica linguagem que diariamente inventaria um legado cultural polido junto à prata inglesa. Entre nós, não se perdoa a incompetência verbal.

Conheço a indulgência que fiscaliza o padrão lingüístico implantado entre nós como uma dentadura e determina os que ficam na sala e os que devem regressar à fábrica, ao trem da Central, à estrebaria, ao seio do povo em nome do qual se travam batalhas e redigem manifestos. Merda para as palavras sem sangue, merda para os que explicam a vida com polidez fria e correção gramatical. A tua sala é tão covarde quanto a minha alma, embora as tuas palavras licitem bravatas e idealismo. Como crer em ti se ainda estás vivo, Zé?

Sou um pastor com sobrevida comprada a queijo, ervas, leite roubados. E minha astúcia é parte da astúcia coletiva, acuada e defensiva. Assim, o que em mim se manifesta reflete origens que não alcanço, mas que sempre foram arrastadas pela lama, a sangrarem. Nasci do medo que

se devotava aos sacerdotes e aos temporais que apodreciam as colheitas. Como então ser digno se tenho as mãos contaminadas pela covardia popular e por uma história que não escrevemos e não nos deixaram viver? Unicamente o poder dispõe do heroísmo e da narrativa. No meu universo de lágrimas, sobra apegar-me às artimanhas que salvem a vida. Tenho a vida endividada antes mesmo do meu nascimento. Sei que minhas palavras te agastam, mas vêm do meu coração ingrato, amargo, amigo. E o que mais queres? Aplausos, triunfo, temor pelo teu olhar em chamas?

Até Luíza refere-se a você com desconfiança. Um homem que domina a linguagem e não se comove. Embora eu lhe garanta o contrário, ela não acredita. Rejeita o brilho metálico deste olhar onde a consciência crítica instalou-se implacável. É uma muralha que Luíza não vence. Confessou-me, quem olha assim, ama assim também? Quase lhe disse, e quem ama mole, levanta o pau? Eu a teria perdido com tais palavras. Diariamente lustra a existência com óleo santo. Na cama, porém, esvai-se em atos perigosos, as palavras sempre acorrentadas pelo pudor. Onde esteja, sua linguagem é impecável. Sua ordem mental alija a paixão. Não sei onde se abriga o coração daquela mulher.

Acusa-o igualmente de solitário e servo da paixão ideológica, enjaulado entre feras e idéias fixas. Luíza despreza os que proclamam a infelicidade, bafejada que foi pela sorte, a beleza e os perfumes raros. Procura convencer-me que você inveja a vida em geral e o nosso amor em particular. E que amor, digo-lhe em desespero de causa, para que se defina. Ela sorri, que amor senão o nosso.

Facilmente perde-se em suspeitas. Mas, envergonhada desta descrença pelo humano, o desconforto a assalta, mal sabe guardar as mãos belíssimas. Propus-lhe que jantássemos todos juntos na próxima semana. Luíza aceitou, mas não se iluda, jamais abdicarei da vida que defendo em troca das idéias do Zé. Assim, amigo, não faça exigências que Luíza não possa atender. Temo as pequenas farpas que tão naturalmente você deixa escapar, elas custam tanto a abandonar uma pele ferida. Não me chame de idiota, e nem quero a sua compreensão. Esvazio-me a cada noite bem vivida, estou vivo na desastrosa piedade do amor.

E o que há além desta exaltação? Do outro lado existem sombras, aqueles olhos sinistros que também sabem rir. Riram de mim, na minha

presença. E me seguem por toda parte, ainda quando não os quero encarar. Não me deixam apagar o medo, que tenho enunciado na pele como amigo e irmão. Eu que não soube dosar as palavras. A confissão me chegou como um vômito.

Nada lhes bastava. Quem oferecesse a perna, ficava a dever-lhes um olho. A vida mesmo que se desse não chegava. O que esses homens vorazes ainda reclamavam? A alma, o futuro, o eterno ranger das juntas? Como deuses, ambicionavam traçar o destino, ainda que aos gritos eu jurasse nada mais tenho a dizer. Esbofeteavam o meu rosto, a descarga elétrica vinha nos testículos, no círculo do ânus. Eu balançava, perdia os sentidos. Voltava à vida não querendo chegar-me a ela. O que tinha a vida a prometer-me para eu defendê-la com bravura? O chefe exercitava os dedos afiando a navalha contra o meu sexo. Vamos, trema que eu te capto. Eu tremia, babava, fechava os olhos, rezava. Como será o retrato de uma carne mutilada, saberiam fotografar a minha dor, a última vibração do nervo abatido? Os algozes me arrastavam como escravo, me amavam, tocavam no meu corpo, iam às minhas partes. Aos prantos, supliquei muitas vezes, não sei de nada, já lhes disse tudo. Como um porco, eu fornecia carne e alegria aos homens. Permitia que esculpisse em mim outra criatura, me parissem entre a placenta da suspeita e da covardia.

Ah, Zé, certas experiências varrem a vida para distâncias onde não se pode ir para reclamar, pedi-la de volta. Sinto cada ato traduzido em senhas que me chegam sussurradas, impossibilitando qualquer leitura. Não sei das minhas transformações. Nada sei da matéria viva que me alimenta. Terei realmente escolhido? Com que direito tomaram eles da minha indivisível vida e dela fizeram um cristal devassável e quebradiço. E se deram de presente o meu corpo, a minha honra, a minha dor, a minha lágrima?

Por favor, não espere muito de mim. Meu único compromisso é com este feixe de nervos que é a minha vida. Especialmente depois que eles grudaram o medo no meu peito, debaixo da minha camisa. E o medo vem à mesa comigo. É farto e fiel. Quem o desconhece não experimentou a vida pulsar entre as falanges. Ele é agora o único a registrar o tempo por mim. Envelheço aos seus cuidados. Assim, cabe-me cuidar de sua aparência, dou-lhe banho, ensabôo-o pelas manhãs.



Você fala-me com orgulho da posta viva de heroísmo que é Antônio, sempre presente na nossa cama. Assassinado para assumir o papel que seguramente faltava na história. Mas, eu não estava ao seu lado quando nos deixou. Ninguém ali esteve para dizer-nos se morreu calado, ou praguejou porque, simples mortal, a vida lhe fugia. Terá escolhido a morte com honra, ou a violência dos algozes decidiu por ele, roubando-lhe assim o direito de escolher legitimamente entre a vida e a morte. Nunca saberemos, Zé, sabemos sim que lhes devemos o herói trazido na bandeja para que assim tivéssemos um retrato na cabeceira e outro na memória. Lembra-se da gargalhada de Antônio? Antônio riu na cara deles, ou suplicou que o levassem de volta à cela escura, ao lençol fedendo a urina, onde ouviria a própria respiração, o coração a latejar no peito, que é a mais intensa volúpia sentida pela carne? Terá Antônio morrido unicamente para ocupar nossos sonhos? Mas, de que servem sonhos que se transferem para os netos sem jamais se cumprirem?

Para você, apalpar a desgraça do povo, ou dela falar à distância, fortalece a consciência. Deste modo, vigia temeroso a própria luxúria, não se permite o festim individualista, que tem os sentidos como modelo. O seu código alveja ao mesmo tempo inimigos e acomodados. Você odeia o morno, quer a justiça. Mas saberá mesmo escolher os inimigos, serão realmente culpados os que morram sob os seus cuidados?

A consciência que prega o sangue assusta-me tanto quanto as mãos dos carrascos exalando a carne humana. Assim, a política da sua vida é esquecer a própria vida para reivindicá-la melhor e soberana. Enquanto a minha é celebrar a vida de modo a não esquecê-la. Por isso, sou covarde enquanto o mundo te celebra. Ampara-me o corpo de uma mulher, contrário à sua solidão alimentada por um bairro comovido com semelhante disciplina ideológica. Mas, sou-lhe grato pela paciência com que me escuta. Algumas vezes corrigindo os movimentos pendulares que me levam a vôos rasteiros e sem perspectiva. Seguramente porque empinamos juntos a mesma pipa. Meu Deus, onde estou que o peito me cresce e o destino da terra afasta-se de mim, deixa-me sempre mais só.

Tenho Luíza nos braços. Uma mulher em luta contra os sentimentos. Não se educou para a paixão. Condena a vida intramuros, sem

delicadas celebrações. Junto a ela aplico-me aos tijolos do poder e à exaltação da carne. Você nada sabe deste estado ígneo. Ou estarei sendo injusto? Acaso freqüentou o território da paixão que expulsa o lar e a ideologia ao mesmo tempo? Ah, Zé, nada perdura além dos sentidos. Não se pensa na redenção da pátria, da miséria, do partido, quando se naufraga na água tépida, doce, macia da boceta amada. Não avalizo o sentimento humano que não emerge dos signos poderosos da carne.

Zé, ela tem hábitos de princesa, e o mundo excede à sua sensibilidade. Tanto refinamento leva-me às lágrimas. E quem não se enterneceria com o trajeto da perfeição, os gestos todos harmoniosamente comandados, a displicência com que abandona a comida no prato, sabedora que outros alimentos se sucederão sem que o seu coração deva inquietar-se com a fome.

Sou grato à Luíza. Através dela descobri que o amor é um lodaçal onde se afundam a ética, a generosidade, o livre-arbítrio. E que é da sua batalha, e da sua fome, dizimar famílias, devastar a terra, arrecadar tesouros, a pretexto de enriquecer o ser amado, assegurar-lhe a felicidade. Sempre a serviço de si mesmo, e daqueles a quem quer bem, o egoísmo do amor é perverso e ilimitado, e não conhece castigo, e nem críticas sociais. Em seu nome, ao contrário, tudo é justificado. Tem desculpas nobres, inventa princípios que a sociedade consagra constantemente numa roda-viva, sangrenta e predatória. Para alimentar meu filho, estimulam-me a matar o do vizinho. E para que o amor me sorria e devolva eu ao mundo um sorriso, devoto-me às pilhagens e aos espólios. Os meus interesses concentram-se no objeto amado. Nas moedas que necessito arrastar para a alcova. Amar, pois, é o desastre da coletividade. Mas a coletividade sem o amor é a fria superfície sobre a qual a tirania estabelece para sempre os seus domínios. E, então, Zé?

O amor por Luíza não me aprimora. Dispersa-me até, torna-me ainda mais insensível e medroso. Não me arrisco a perder o que arrecadei nestes nove anos. Ela é a única a conhecer o limite máximo da sensibilidade da minha pele, o grau de temperatura em fogo do meu corpo, a gentileza que não deixo deslizar por debaixo da porta para o mundo conhecer os seus atributos. O que somos no quarto trancado a chaves só a nós beneficia, expulsa a humanidade. Saindo dali, visto

a armadura diariamente trocada e sou grosseiro. Praguejo em vez de solidarizar-me com o outro, de abandonar os bens terrestres, esquecer os ressentimentos, perdoar.

O amor não me ensina a transferir o excesso do seu arrebatamento para a casa do vizinho. Não me ajuda a dar rosto a uma humanidade hoje abstrata para mim. Assim, esta abstração do humano e o meu amor somados indicam-me a desesperada solidão do ato de amar. Indicam-me que grudado à cama, agarrado ao corpo do próximo, nada mais faço que amá-lo para poder amar a mim mesmo, amá-lo para ser menos só, para assim alcançar-me e ao mesmo tempo oferecer ao outro a falsa ilusão de que contamos com a nossa mútua companhia, com o nosso recíproco arrebatamento. Amar é um ato solitário e sem repercussão ideológica.

Mas, náufrago que sou, resta-me ofertar à Luíza o meu coração. Dar-lhe o meu futuro, e que o salgue a seu gosto. Ela ri, acusa-me de ser uma máscara sem passado. Ou um passado com invenções, uma biografia a que se acrescentam dados móveis e falsos. Asseguro-lhe, então, que na terra já não tenho espaço. Não sei onde me localizo. O giro do planeta projeta-me a uma extremidade sempre em rotação. Pergunto e respondo, e ignoro quando a resposta não passa da armadilha da pergunta. Onde estão Cristo e Marx? Dentro de uma empanada de carne exalando a pimentão. Dispersos e contumazes, querendo vítimas. Meus inimigos sempre que hostilizo seus interesses. Vejo-os marchando em triunfo através dos estilhaços humanos. Eu sou um estilhaço, Zé. Estou proibido de pensar, o que penso é inconsistente. Não sou livre para decidir. Luíza projeta o meu retrato. A cada dia pareço-me mais a ela, com suas evasivas de jóias, de maquilagem, sempre poderosamente bela. Tenho desejo de lambeo o *riesling* frio nos seus seios quentes. E qual será a vontade real desta mulher?

Ah, irmão, o que seria de mim sem o teu sorriso discreto. Pronto a arrancar do meu rosto a máscara de covarde e delator. Sou um réu confesso que após ter negligenciado a vida não se protege senão através de omissões diárias. E será covarde quem se submete à tortura, ao poderoso, às sólidas garras do inimigo? O que vocês queriam, que continuasse a dar-lhes o rabo para irem eles dentro e escavarem? Urrei de dor, vergonha, pavor. A carne sofrida irradia estímulo a quem a tatua

com fogo. Por isso não esmoreciam jamais. Borrei as pernas, a alma, tenho o fedor como indelével marca sacerdotal. Quis gritar, seus putos, mas o limiar da dor me assaltava. Eu não quero mais o orgulho de volta ao preço da minha vida.

Não voltarei a pagar o que não leve para casa em forma de prazer, de utilidade. De tudo agora exijo um valor concreto e úmido, que eu encoste na pele e sinta e não duvide. Quero o pão na minha boca, não no meu sonho. Às vezes, você quer me esbofetear, como se sua ação corretiva se equivalesse a do carrasco movido pelas promessas do fanatismo. Unicamente controla-se porque de um humanista aguarda-se a defesa do humanismo. O estranho adestramento de analisar e classificar os sentimentos e os direitos humanos à sombra.

Eu, porém, vivo ao sabor da certeza de que a minha vida será cobrada a qualquer instante, segundo os interesses do Estado. Mas, você também é parte da mentira e da hipocrisia que constroem e vendem um código cego em que a dor e o medo não entram, a vida do homem e seus escassos recursos não contam, apenas se contabiliza a sublime loucura que leva ao martírio e à morte. Com que direito pedem vocês a minha morte, que eu não volte a olhar o sol, nunca mais sorva a cerveja gelada e a noite insone?

Talvez o cheque de um sonho que você nunca teve coragem de viver até o fim esteja no meu bolso, na minha consciência dolorida. Estou a gastá-lo em seu lugar. Queimo-me para que você durma tranqüilo, a tecer planos que a semana seguinte desfará. Não serei acaso a soma do teu fracasso, dos nossos companheiros, dos que se foram, e dos que ainda vivem? Cada moeda que consumo mal respirando é o preço da sua ilusão. É a vida de um homem como eu que se escorrrega entre os seus dedos e você não salva.

Não quero mais feri-lo, Zé. Trago o punhal de volta para a minha cintura. De que me serve passar-lhe a dor que precisa ser minha. Em troca, fico com a vida. Ainda que uma vida medrosa e acuada. Não sei se aceitas o meu abraço.



*Antieros**

Mercado, Tununa

Comenzar por los cuartos. Barrer cuidadosamente con una escoba mojada el tapete (un balde con agua debe acompañar ese tránsito desde la recámara del fondo y por las otras recámaras hasta el final del pasillo). Recoger la basura una primera vez al terminar la primera recámara y así sucesivamente con las otras. Regresar a la primera recámara, la del fondo, y quitar el polvo de los muebles con una franela húmeda pero no mojada. Sacudir sábanas y cobijas y tender la cama. La colcha debe cubrir la almohada, bajo la cual se pone el pijama o el camisón del durmiente. Poner en orden las sillas y otros objetos que pudieran haber sido desplazados de su sitio la víspera (siempre hay una víspera que "produce" una marca que hay que subsanar). Un primer recorrido habrá permitido rescatar vasos, tazas, botellas, ropa sucia, depositados sucesivamente en la cocina y el lavadero. Pasar al segundo cuarto que ya habrá sido barrido como los otros, el pasillo, y los baños que dan a él. Repetir allí las acciones llevadas a cabo en el anterior: sacudir el polvo, airear las sábanas y cobijas, tender la cama con las sábanas bien estiradas (el pliegue es un enemigo), alisar la almohada luego de esponjarla, entrar bien las sábanas y cobijas debajo del colchón; en el ángulo de cada uno de los pies, la ropa de cama debe ser entrada en dos etapas, primero hacia la derecha y luego hacia la izquierda y viceversa – depende del lado en cuestión – para formar un pico que se corresponderá geométricamente con el ángulo. El estado óptimo: la tensión del lienzo debe ser como la de los bastidores del bordado. En el tercer cuarto predisponerse a tender una cama matrimonial; calcular por lo tanto los movimientos para economizar el máximo de tiempo posible. La operación de entrar la sábana de abajo y luego la segunda sábana debe hacerse, más allá de toda lógica, por separado; la astucia de plegarlas juntas produce un efecto que no deja dormir en toda la noche. La economía debe consistir, más bien,



* MERCADO, T. Antieros. In: CANON DE ALCOBA. Buenos Aires: n. 40, 1998.

en agotar el mayor número de operaciones en un lado antes de pasar al otro. Una vez finalizada la etapa de la limpieza y arreglo de las recámaras echar un visto a cada una para ajustar cualquier detalle que hubiera podido ser dejado de lado; corregirlo; dejar apenas entreabiertas las persianas, la ventana entornada, las cortinas corridas. Gozar un instante, por turno, en el vano de la puerta de cada habitación, el quieto resplandor que segrega el interior en la semipenumbra. En los baños, tallar con pulidores especiales todo lo que sea mayólica y azulejos. Abrir la llave del agua caliente para lograr vapor, el mejor limpiador de espejos. Frotar y frotar hasta sacar brillo, aromatizar con productos especiales – nunca con el puro cloro, que despide olor a miseria –; reacomodar jabones, jaboneras, botellas de champú, de acondicionadores, potes de crema y cosméticos, dejando fuera de los botiquines la menor cantidad de elementos. Doblar correctamente las toallas, combinando entre la de baño y la de la cara, el color más afín (Quien limpia no debe mirarse en el espejo.) Fregar el piso, verificar si falta papel, no dejar un solo pelo en ninguno de los artefactos del baño, ni siquiera en los peines y cepillos. Pasar luego a la sala. Recoger todo lo que esté tirado, barrer con un escobillón y pasar después una franela con algún lustrador, solamente para rectificar el encerado (tarea que debe realizarse una vez por mes en forma total y que diariamente sólo admite un retoque); quitar con un plumero el polvo de los libros y de las hojas de las plantas (éstas también requieren una limpieza profunda cada diez o más días); reubicar, ordenar, meticulosamente dar cierta armonía a la disposición de los objetos sobre los estantes, los aparadores, los trinchantes, las vitrinas y todo el mobiliario; sacudir los cortinados, darles aire para que queden renovados, con una buena caída. Dar forma a los cojines, estirar perfectamente las alfombras y las carpetas; poner un gran cuidado en regar las plantas sin desparramar agua. Quitar el polvo de los marcos de los cuadros; si hubiera una mancha sobre los vidrios rociarlos con un poquito de limpiador ad-hoc y pasar encima una gamuza seca; sacudir también los vanos de las puertas y ventanas, los alféizares, las alfarjías; con un cepillo sacar la tierra de las alforzas. Con un estropajo seco sacarle brillo al parquet. Si los cobres y platas estuvieran tristes darles una pasadita con Silvo; si las caobas tuvieran la palidez de la depresión, levantarlas con un poco de

lustrador. En el sillón más muelle, el de pana verde de preferencia, tenderse unos instantes con un pequeño cojín en el cuello y, desde ese lugar, entregarse a la visión de un espacio deslumbrante, con las cortinas a medio cerrar y las ventanas abiertas que dejan pasar, por entre las plantas y los linos, una brisa llena de aromas. Entretanto habráse puesto en el fuego a hervir un agua, no cualquier agua, sino la justa y necesaria para echar los huesos del puerco con algunas verduras pertinentes: cebollas de verdeo, hinojos, apio, cilantro, tomillo, laurel y mejorana: esta agua hierve a olla y puerta cerrada, lejos de esa atmósfera pura de limpieza que exalta los sentidos en la sala, a mediados del día, cuando la gente se esmera en sus oficinas o se desespera en sus automóviles yendo a las citas de negocios. La brisa ondea el voile pero apenas consigue mover las cortinas, anudadas con un cordón dorado a cada lado del ventanal, en bandeaux. Sacarse los zapatos para sentir la frescura cálida del terciopelo. Llevar la mano derecha suavemente desde la pantorrilla hasta el muslo y acariciarla, confirmando que esa piel puede perfectamente competir con la pana; no subir más arriba la mano; desprenderse la blusa y dejar unos momentos los pechos al aire, erguirse y, con la mano en jarras, mirarse el perfil en el espejo del fondo de la vitrina, por entremedio de las copas de cristal. Salir de la sala y, previamente, cerrar la camisa, abotonarla y reacomodar los pliegues de la falda bajo el delantal. Entrar en la cocina, humeante por los huesos que hierven a todo vapor en la olla y cuyo destino es sólo convertirse en base para algún otro manjar. Echar el polvo detergente en un recipiente de plástico, el que se usa de costumbre, y hacer una mezcla espumosa con agua caliente; lavar los trastos del desayuno: tazas, jarritas, cucharas, cuchillos, platos, todo lo que hubiese sido retirado de la mesa y acumulado en la pileta. Pensar una vez más, como todos los días, que es una lástima no poder usar guantes de hule, aceptando, por consiguiente, el deterioro que los detergentes producen en la piel (hongos incluidos); usar las fibras que el objeto requiera: zacate, lana de aluminio o simplemente esponja. No dejar el trapito que se usa para secar la mesada colgado del mezclador de agua; no queda bien en el orden de la cocina. Limpiar las hornallas, raspar, pulir, frotar hasta dejar todo como un espejo. Sobre los azulejos, pasar un trapo con limpiador en polvo; ir acumulando la basura en un bote pequeño, que después será volcada en

el mayor, debidamente protegido con una bolsa grande de plástico o con un forro de papel de diario confeccionado a esos efectos. Pasar el trapo por el piso; una y dos veces, escurriendo y chaguándolo cada vez. Ordenar, sobre todo ordenar; guardar en los armarios todo lo que esté afuera; reacomodar las cosas en el refrigerador. Saber, por ejemplo, que una berenjena, como en el viejo cuento, puede estar arrinconada en el fondo, como bola de toro de exportación; que las zanahorias pueden tener un destino fálico, arrojadas a la puerta de un lupanar y recubiertas de un opaco preservativo; que los pepinos pueden servir a la muchacha de las historias inmorales en sus ceremonias narcisistas; que el hongo más lúbrico no puede compararse con la morilla que el profesor de lingüística franco ruso le propuso a su colega franco alemana en una sesión amorosa vegetal; que las verduras y las frutas -salsifíes, nabos, mangos paraíso y petacones, semillas de mamey, chiles anchos, pasillas y mulatos, chilacayotes y chayotes, pitayas y camotes -pueden ser el contenido secreto de la valija del viajante que anda de pueblo en pueblo ofreciéndose para ciertas prácticas que responden a vicios particulares.

Saber todo esto, mientras la olla echa humos que ascienden al tuérdano, aunque ese tuérdano haya sido reemplazado por una enorme campana con luces y tragaires que le chupan la conciencia a los alimentos. Después arremeter con la cebolla, la reina, picarla pertinazmente desde arriba e ir logrando los pedazos más diminutos con ese sistema que, por milagro, puede hasta hacerla desaparecer bajo la hoja del cuchillo; rehogarla en el fuego lentamente, dejando apenas que se dore. Sobre esa base construir el gran edificio, con la carne dejada en pesadumbre durante noche y día, los jitomates, los ajos quemados hasta la extenuación para extraerles toda el alma, la sustancia hecha papilla (¿por qué los ajos tienen que desaparecer? ¿por qué?), las hierbas, ajedrea predominante, y la copita que se bebe a medida que con ella y otra y otra se alimenta el cuerpo receptivo de la carne por impregnación, maceración, "mijotage". El tiempo transcurre agigantando los granos del arroz, creando espumas suplementarias en la superficie del caldo, dejándose invadir por los olores de las hierbas cada vez más despojadas de su esencia, meros tallos, escasas nervaduras que intentan sobrevivir al máximo de sí que se les exprime. Nadie, ningún extraño puede irrumpir en esta sesión en la que

todo se hace por hábito pero en la que cada detalle empieza de pronto a cobrar un sentido muy peculiar, de objeto en sí, de objeto que se dota de una existencia propia, para no decir prodigiosa. El aceite cubre la superficie de los aguacates pelados, resbala por su piel y se chorrea sobre el plato; el ajo expulsado de su piel con el canto del cuchillo deja aparecer una materia larval; la sangre brota de la carne y, correlativamente, produce una segregación salival en la boca; el limón despide sus jugos apretado por los dedos; la piel de los garbanzos se desliza entre los dedos y el grano sale despedido sobre la fuente; la leche se espesa en la harina de la salsa; el huevo sale de su cáscara y deja ver su galladura; la pasta amasada en forma de cilindro se estira sobre la mesa y rueda bajo la palma de la mano; al calamar le salta, por acción de los dedos, una uña transparente de su mero centro; a la sardina le brota un pececito del vientre; la lechuga expulsa su cogollo. Volver a desabotonarse la blusa y dejar los pechos al aire y, sin muchos preámbulos, como si se frotara con alguna esencia una endivia o se sobara con algún aliño el belfo de un ternero, cubrir con un poquito de aceite los pezones erectos, rodear con la punta del índice la aureola y masajear levemente cada uno de los pechos, sin restablecer diferencias entre los reinos, mezclando incluso las especies y las especias por puro afán de verificación, porque en una de esas a los pezones no les viene bien el eneldo, pero sí la salvia. Dejar que los fuegos ardan, que las marmitas borboten sus aguas y sus jugos y que la campana del tuérdano absorba como un torbellino los vahos. Apagar y, en el silencio, percibir con absoluta nitidez el ruido de la transformación de la materia. Rememorar que adentro, todo está listo, que no hay nada que censurar, que en cada sitio por el que pasaron las escobas y los escobillones, las jergas y los estropajos, todo ha quedado reluciente, invitando al reposo y a la quietud del mediodía; confirmarse también, y una vez más que, salvo algún proveedor a quien no hay que abrirle, nadie vendrá a interrumpir la sesión hasta casi las cuatro de la tarde. Poner, no obstante, el pestillo de seguridad en la puerta; quitarse lisa y llanamente la blusa y, después, la falda. Quedarse sólo con el delantal, mientras, con diferentes cucharas, probar una y otra vez, de una olla y la otra, los sabores, rectificándolos, dándoles más cuerpo, volviendo más denso su sentido particular. Con el mismo aceite con que se ha freído algunas

de las tantas comidas que ahora bullen lentamente en sus fuegos, untarse la curva de las nalgas, las piernas, las pantorrillas, los tobillos; agacharse y ponerse de pie con la presteza de alguien acostumbrado a gimnasias domésticas. Reducir aún más los fuegos, casi hasta la extinción y, como vestal, pararse en medio de la cocina y considerar ese espacio como un anfiteatro; añorar la alcoba, el interior, el recinto cerrado, prohibidos por estar prisioneros del orden que se ha instaurado unas horas antes. Untarse todo el cuerpo con mayor meticulosidad, hendiduras de diferentes profundidades y carácter, depresiones y salientes; girar, doblarse, buscar la armonía de los movimientos, oler la oliva y el comino, el caraway y el curry, las mezclas que la piel ha terminado por absorber trastornando los sentidos y transformando en danza los pasos cada vez más cadenciosos y dejarse invadir por la culminación en medio de sudores y fragancias.

*Informe de um gago**

Sant'Anna, Sergio

Esmeralda não me olhava de frente, enquanto terminava de fazer a mala.

– Não quero levar muita coisa porque lá é frio e vou ter mesmo que comprar roupas – ela disse, tentando ser natural.

Quando passou mais uma vez perto da cama, segurei-a pelo braço.

– Não torne as coisas mais difíceis. – Esmeralda desvencilhou-se de mim.

– Sss...ó...sóo – eu tentei arrancar lá do fundo, sentindo o sangue fluir para a minha cabeça, como se eu fosse explodir.

– Mas sóo o que, pelo amor de Deus? – Esmeralda me arremedou.

– Sóo...mais...uuma...vez! – finalmente consegui desatar, com muito sacrifício.

Esmeralda me olhou de cima a baixo e balançou a cabeça, como se não pudesse acreditar no que via. De repente, tirou de um só golpe o vestido, desembaraçou-se da calcinha, das sandálias, e jogou-se na cama. Arrancou ela própria a minha roupa, cravou as unhas esmaltadas no meu peito e veio por cima de mim, chacoalhando seus braceletes.

– Ah, meu amorzinho, como é gostoso fazer com você. Sou tua, tá vendo? Toda tua, pra você nunca se esquecer de mim... – ela foi dizendo isso e uma porção de coisas mais, só que hoje muito depressa.

– Pronto, está satisfeito? – Esmeralda olhou seu relógio de pulso e saltou da cama, tão logo tudo terminou. Foi até o armário, tirou o cabide com a roupa da viagem, abriu e fechou com estrondo uma gaveta e sumiu no interior do banheiro, batendo a porta. Quando saiu, estava de banho tomado, vestida e maquilada.

– Você não vai ficar aí nu com essa cara de tacho, vai? – ela disse, com as mãos na cintura e as pernas afastadas uma da outra, fincadas no tapete.

* SANT'ANNA, S. Informe de un gago. In: ROMANCES E CONTOS REUNIDOS. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Embora houvesse prometido a mim mesmo, não consegui me conter por mais tempo.

– Fii...ca...co...migo!

Esmeralda foi até onde estava sua bolsa e pegou o bilhete da Lufthansa.

– Será que você não vai se convencer nunca? Será que não se enxerga? Um sujeito raquítico, com esse peito encovado. Que foi licenciado do banco porque gagueja diante das pessoas mas fala sozinho e gesticula no meio da rua. Está vendo por que eu não queria despedidas? E o meu futuro, não tem nenhuma importância? – Esmeralda brandia a passagem com lágrimas nos olhos.

Apesar de tudo, carreguei a mala até lá embaixo e esperei Esmeralda entrar no táxi especial.

– Não me julgue – ela disse, antes de bater a porta. – Nem faça nenhuma besteira – acrescentou, baixando um pouquinho o vidro do carro, que logo tornou a fechar.

O motorista deu a partida e acenei para Esmeralda toda empertigada no banco traseiro. Quando o carro dobrou a esquina, dei-me conta de que continuava com a mão erguida, imóvel, e recolhi-a depressa. Olhei pra os lados, constrangido, e comecei a caminhar, aparentando normalidade.

– Não, eu não vou te julgar, Esmeralda, mas houve um tempo em que o seu futuro era eu, e você achava muito bacana estar amigada com um funcionário, apesar de afastado, do Banco do Brasil – eu disse, desta vez sem rater, porque falava sozinho e minhas palavras se perdiam na brisa, eram ondas dispersas que ninguém a não ser eu mesmo sintonizava. Quantas palavras assim na vida de tantos, meu Deus? Bilhões, quintilhões, cifras incalculáveis de palavras, nesse moto contínuo de gente sofrida, inexpressiva, meros figurantes, rostos na multidão.

– Mas você exagerou, Esmeralda: o meu gesticular é discreto, apenas um homem que rabisca o ar, com o punho junto à cintura, o que lhe dá a sensação de que suas palavras e pensamentos se escrevem.

Os gogos não são estúpidos como parecem. Muito pelo contrário, o que um gogo não consegue é acompanhar a velocidade vertiginosa do seu pensamento e as palavras são um estorvo em que ele tropeça. Os gogos podem tornar-se ótimos matemáticos, músicos, filósofos, escritores, desde que não tenham de dar palestras a respeito. Mas pensando, compondo,

efetuando operações abstratas ou escrevendo não se gagueja, porque o tormento do gago são os outros, a vigilância deles, sua escuta e olhar. Por isso um gago não tem problemas quando fala consigo e esse é um hábito que pode adquirir, não só para ouvir limpidamente a própria voz, como para organizar-se, amparar-se numa espécie de muleta para a sua solidão lingüística, abrir um pára-quedas em seu mergulho no abismo da alma. Um gago então gagueja porque é rápido demais. Está certo que todo pensamento, mesmo o dos mais estultos, o é, porém o do gago o é ainda mais. E, pela disciplina imposta por seu recolhimento, o gago é capaz de uma verbalização elegante, cristalina, precisa, não importa se para dentro ou para fora, desde que para nenhum ouvinte, e também de uma observação simultânea do que está falando ou pensando, o que faz do gago um registrador permanente do seu fluxo vital e verbal.

Eu só havia ido até a esquina e voltado ao apartamento deserto. O vestido largado no chão ainda conservava um pouco da forma e volume de um corpo, como um balão apagado, e as roupas desprezadas no armário constituíam um verdadeiro museu Esmeralda, com suas evocações, sua história. Por exemplo, o vestido prateado, com escamas brilhantes, parecendo lantejoulas. Você tinha posto o som na maior altura, Esmeralda, e ensaiava a coreografia para o teste no show de mulatas. De repente, me puxou para o centro da sala e tentou me fazer sambar, todo desajeitado. Logo desistiu, me empurrou e se deixou cair para trás no sofá, descomposta e suada.

– Seu gago, babaca!

Avancei, trêmulo, talvez para esbofeteá-la. Ao chegar perto de você, você ergueu o vestido, com uma risada de bêbada. Ajoelhei-me então aos seus pés e mergulhei o rosto no meio das suas pernas.

– Não, eu não vou fazer nenhuma besteira, Esmeralda, até porque, se eu desaparecer, desaparece você em mim. E entre ter você desse modo, mesmo eu sofrendo, e o nada, prefiro ter você, como uma unhada latejando no peito.

Peguei no chão o vestido, que ainda conservava o cheiro, quase o calor de Esmeralda, e joguei-me com ele na cama, como se fosse com a própria Esmeralda. Virei-a de bruços e agora olhávamos na mesma direção: o espelho, na porta escancarada do armário. E o que nele se estampava, a par do capricho egoísta, a baba lasciva, os olhos revirados de Esmeralda, eram o meu gozo aflito e minha consciência aguda.

A consciência de que não podíamos deixar de ser como éramos. Mais ainda do que isso, a de que eu queria ser quem eu era.

E você se engana, Esmeralda, se acha que poderá se libertar de mim. Pois logo chegará o dia em que, ao lado desse seu alemão, você sentirá um frio que nunca sentiu e um oco por dentro. Talvez então se dê conta de que ficou esse tempo todo comigo justamente porque sou gago.

Os gagos são grandes amantes, discretos, silenciosos, objetivos, concentrados. Descartadas, desde o princípio, por sua própria condição, a hipótese de atribuírem a si mesmos muita importância e a pretensão de ocuparem o centro do palco, dedicam-se eles de corpo e alma ao prazer da mulher que lhes coube, que passa a ser também o prazer e a felicidade do gago. E se já temem tornar-se tediosos falando, os gagos são ainda mais tímidos para se tornarem repulsivos e pegajosos com carícias em excesso e fora de hora. Então o amor canino de um gago pela mulher é camuflado pela prudência, desconfiança e sensualidade furtiva dos gatos. Como estes, procuram passar um tanto despercebidos, quando, na verdade, estão o tempo todo alertas para aquela outra presença no seu espaço e atuam, principalmente, quando se sabem solicitados. Não sendo, por outro lado, egoístas como os gatos, aprendem logo o que a mulher deseja, sem que sintam, como os homens medíocres, qualquer vaidade ao satisfazê-la. Por isso um bom gago é tão sorrateiro e misterioso que termina por espicaçar a mulher que passou por destino a dividir com ele uma teia — confundindo-se a aranha e a presa — ela vendo no gago um enigma a ser decifrado. Sente-se assim enaltecida ao satisfazer a concupiscência refinada dele, edificada lentamente na contenção. Alcançam então os amantes o ápice do conhecimento mútuo, que é quando a satisfação da fantasia de um corresponde exatamente à fantasia do outro. E a mulher que se fez amante de um gago acaba por expressar de algum modo a ele, sem esperar outra resposta que não a do corpo — ou da alma que só se traduz no corpo: "Vem, faz comigo o que você quiser". E o gago faz.

*La nena**

Piglia, Ricardo

Los dos primeros hijos del matrimonio hicieron una vida normal, con las dificultades que significa en un pueblo chico tener una hermana como ella. La nena había nacido sana y recién al tiempo empezaron a notar signos extraños. Su sistema de alucinaciones fue objeto de un complicado informe aparecido en una revista científica, pero mucho antes su padre ya lo había descifrado. Yves Fonagy lo había llamado "extravagancias de la referencia". En esos casos, muy poco frecuentes, el paciente imagina que todo lo que sucede a su alrededor es una proyección de su personalidad. Excluye de su experiencia a las personas reales, porque se considera muchísimo más inteligente que los demás. El mundo era una extensión de sí misma y su cuerpo se desplazaba y se reproducía. La preocupaban continuamente las maquinarias, sobre todo las bombitas eléctricas. Las veía como palabras, cada vez que se encendían alguien empezaba a hablar. Consideraba entonces a la oscuridad una forma del pensamiento silencioso. Una tarde de verano (a los cinco años) se fijó en un ventilador eléctrico que giraba sobre un armario. Consideró que era un objeto vivo, de la especie de las hembras. La nena del aire, con el alma enjaulada. Laura dijo que vivía "ahí", y levantó la mano para mostrar el techo. Ahí, dijo, y movía la cabeza de izquierda a derecha. La madre apagó el ventilador. En ese momento empezó a tener dificultades con el lenguaje. Perdió la capacidad de usar correctamente los pronombres personales y al tiempo casi dejó de usarlos y después escondió en el recuerdo las palabras que conocía. Sólo emitía un pequeño cloqueo y abría y cerraba los ojos. La madre separó a los chicos de la hermana por temor al contagio, cosas de los pueblos, la locura no se puede contagiar y la nena no era loca. Lo cierto es que mandaron a los dos hermanos internos a un colegio de curas en Del Valle y la familia se recluyó en el caserón de Bolívar. El padre enseñaba matemáticas en el colegio nacional y era un músico

* PIGLIA, R. La nena. In: CUENTOS CRUELES. Buenos Aires: Colección Austral, Espasa-Calpe, 1995.

frustrado. La madre era maestra y había llegado a directora de escuela, pero decidió jubilarse para cuidar a su hija. No querían internarla. La llevaban dos veces por mes a un Instituto en La Plata y seguían las indicaciones del doctor Arana, que la sometía a una cura eléctrica. Le explicó que la nena vivía en un vacío emocional extremo. Por eso el lenguaje de Laura poco a poco se iba volviendo abstracto y despersonalizado. Al principio nombraba correctamente la comida; decía "manteca", "azúcar", "agua", pero después empezó a referirse a los alimentos en grupos desconectados de su carácter nutritivo. El azúcar pasó a ser "arena blanca"; la manteca, "barro suave"; el agua, "aire húmedo". Era claro que al trastocar los nombres y al abandonar los pronombres personales estaba creando un lenguaje que convenía a su experiencia emocional. Lejos de no saber cómo usar las palabras correctamente, se veía ahí una decisión espontánea de crear un lenguaje funcional a su experiencia del mundo. El doctor Arana no estuvo de acuerdo, pero el padre partió de esa comprobación y decidió entrar en el mundo verbal de su hija. Ella era una máquina lógica conectada a una interfase equivocada. La niña funcionaba según el modelo del ventilador; un eje fijo de rotación era su esquema sintáctico, al hablar movía la cabeza y hacía sentir el viento de sus pensamientos inarticulados. La decisión de enseñarle a usar el lenguaje suponía explicarle el modo de almacenar las palabras. Se le perdían como moléculas en el aire cálido y su memoria era la brisa que agitaba las cortinas blancas en la sala de una casa vacía. Había que lograr llevar ese velero al aire quieto. El padre abandonó la clínica del doctor Arana y comenzó a tratar a la niña con un profesor de canto. Necesitaba incorporarle una secuencia temporal y pensó que la música era un modelo abstracto del orden del mundo. Cantaba arias de Mozart en alemán, con madame Silenzky, una pianista polaca que dirigía el coro de la iglesia luterana en Carhué. La nena, sentada en una banqueta, aullaba siguiendo el ritmo y madame Silenzky estaba aterrorizada, porque pensaba que la chica era un monstruo. Tenía doce años y era gorda y bella como una madonna, pero sus ojos parecían de vidrio y cloqueaba antes de cantar. Era un híbrido, la nena, para madame Silenzky, una muñeca de goma pluma, una máquina humana, sin sentimientos y sin esperanzas. Cantaba a los gritos y desafinaba, pero empezó a ser capaz de seguir una línea

melódica. El padre estaba tratando de incorporarle una memoria temporal, una forma vacía, hecha de secuencias rítmicas y de modulaciones. La nena carecía de sintaxis (carecía de la noción misma de sintaxis). Vivía en un universo húmedo, para ella el tiempo era una sábana recién lavada a la que se retuerce en el centro. Se ha reservado un territorio propio, decía su padre, del que quiere ahuyentar toda experiencia. Todo lo nuevo, cualquier acontecimiento no vivido y aún por vivir se le aparece como una amenaza y un sufrimiento y se le transforma en terror. El presente petrificado, la monstruosa y viscosa detención, la nada cronológica sólo puede ser alterada por la música. No es una experiencia, es la forma pura de la vida, no tiene contenido, no la puede asustar, decía su padre, y madame Silenzky (aterrorizada) agitaba su cabecita gris y relajaba sus manos sobre las teclas antes de empezar con una cantata de Haydn. Cuando por fin logró que la nena entrara en una secuencia temporal, la madre se enfermó y hubo que internarla. La nena asociaba la desaparición de su madre (que murió a los dos meses) con un lied de Schubert. Cantaba la música como quien llora a un muerto y recuerda el pasado perdido. Entonces el padre se apoyó en la sintaxis musical de su hija y comenzó a trabajar con el léxico. La nena carecía de referencias, era como enseñarle una lengua extranjera a un muerto. (Como enseñarle una lengua muerta a un extranjero.) Decidió empezar a contarle relatos breves. La nena estaba inmóvil, cerca de la luz, en la galería que daba al patio. El padre se sentaba en un sillón y le narraba una historia igual que si estuviera cantando. Esperaba que las frases entraran en la memoria de su hija como bloques de sentido. Por eso eligió contarle siempre la misma historia y variar las versiones. De ese modo, el argumento era un modelo único del mundo y las frases se convertían en modulaciones de una experiencia posible. El relato era sencillo. En su *Chronicle of the Kings of England* (siglo XII), William de Malmesbury refiere la historia de un joven y potentado noble romano que acaba de casarse. Tras los festejos de la celebración, el joven y sus amigos salen a jugar a las bochas en el jardín. En el transcurso del juego, el joven pone su anillo de casado, porque teme perderlo, en el dedo apenas abierto de una estatua de bronce que está junto al cerco del fondo. Al volver a buscarlo, se encuentra con que el dedo de la estatua está cerrado y que no puede sacar el anillo. Sin

decirle nada a nadie, vuelve al anochecer con antorchas y criados y descubre que la estatua ha desaparecido. Le esconde la verdad a la recién casada y, al meterse en la cama esa noche, advierte que algo se interpone entre los dos, algo denso y nebuloso que les impide abrazarse. Paralizado de terror, oye una voz que susurra en su oído:

– Abrázame, hoy te uniste conmigo en matrimonio. Soy Venus y me has entregado el anillo del amor. La nena, la primera vez, pareció haberse dormido. Estaban al fresco, frente al jardín del fondo. No parecía haber cambios, a la noche se arrastró hacia la pieza y se acurrucó en la oscuridad con su cloqueo de siempre. Al día siguiente, a la misma hora, el padre la sentó en la galería y le contó otra versión de la historia. La primera variante de importancia había aparecido unos veinte años después, en una recopilación alemana de mediados del siglo XII de fábulas y leyendas conocidas con el nombre de Kaiserchronik. Según esta versión, la estatua en cuyo dedo el joven coloca su anillo es una figura de la Virgen María y no de Venus. Cuando trata de unirse con la recién casada, la Madre de Dios se interpone castamente entre los cónyuges, suscitando la pasión mística del joven. Tras abandonar a su mujer, el joven se hace monje y entrega el resto de su vida al servicio de Nuestra Señora. En un cuadro anónimo del siglo XII, se ve a la Virgen María con el anillo en el anular izquierdo y una enigmática sonrisa en los labios.

Todos los días, al caer la tarde, el padre le contaba la misma historia en sus múltiples versiones. La nena que cloqueaba era la anti-Scheherezade que en la noche recibía, de su padre, el relato del anillo contado una y mil veces. Al año la nena ya sonríe, porque sabe cómo sigue la historia y a veces se mira la mano y mueve los dedos, como si ella fuera la estatua. Una tarde, cuando el padre la sienta en el sillón de la galería, la nena empieza a contar ella misma el relato. Mira el jardín y, con un murmullo suave, da por primera vez su versión de los hechos. "Mouvo miró la noche. Donde había estado su cara apareció otra, la de Kenya. De nuevo la extraña risa. De pronto Mouvo estuvo en un costado de la casa y Kenya en el jardín y los círculos sensorios del anillo eran muy tristes", dijo. A partir de ahí, con el repertorio de palabras que había aprendido y con la estructura circular de la historia, fue construyendo un lenguaje, una serie ininterrumpida de frases que le permitieron

comunicarse con su padre. Durante los meses siguientes fue ella la que contó la historia, todas las tardes, en la galería que daba al patio del fondo. Llegó a ser capaz de repetir palabra por palabra la versión de Henry James, quizá porque ese relato, "The last of the Valerii", era el último de la serie. (La acción se ha trasladado a la Roma del Risorgimento, en donde una joven y rica heredera americana, en uno de esos típicos enlaces jamesianos, contrae matrimonio con un noble italiano de distinguida alcurnia, pero venido a menos. Una tarde unos obreros que realizan excavaciones en los jardines de la Villa desentieran una estatua de Juno, el Signor Conte siente una extraña fascinación ante esa obra maestra del mejor periodo de la escultura griega. Traslada la estatua a un invernadero abandonado y la oculta celosamente a la vista de todos. En los días siguientes transfiere gran parte de la pasión que siente por su bella mujer a la estatua de mármol y pasa cada vez más tiempo en el salón de vidrio. Al final la contessa, para liberar a su marido del hechizo, arranca el anillo que adorna el anular de la diosa y lo entierra en los fondos del jardín. Entonces la felicidad vuelve a su vida.) Una llovizna suave caía en el patio y el padre se hamacaba en el sillón. Esa tarde por primera vez la nena se fue de la historia, como quien cruza una puerta salió del círculo cerrado del relato y le pidió a su padre que comprara un anillo (anillo) de oro para ella. Estaba ahí, canturreando y cloqueando, una máquina triste, musical. Tenía dieciséis años, era pálida y soñadora como una estatua griega. Tenía la fijeza de los ángeles.



*Curare**

Savary, Olga

Para

Elmer Corrêa Barbosa

Deitada na relva, emersa dessa piscina de sol, ganho no colo um presente da grande árvore, agora meu teto: ponta de lápis, minúsculo seio? É ao que se assemelha a minúscula forma vegetal. Penso na beleza da vida e em meu homem enquanto bicho, na beleza do corpo também mente (que mente e corpo somos), feito à minha imagem e semelhança, minha costela-homem, extensão de mim. Hein, costelinha? Nado em suor, em sal, me inauguro outra e sempre a mesma – sem virar jamais o que era.

Vida então é o gozo de, iniciado o jogo, viciar os dados: a cega fome ancestral dessa pantera, minha e sua, dessa fera fascinante e odiosa trucidando a paz que inteira a ecologia do ser.

Uma festa é o que ele é: afoxé, fandango, folia-de-reis, boi-tinga, boi-de mamão, boi-bumbá, cordel, capoeira, chegada, cambinda, quilombo, carranca do São Francisco, tambor-de mina, tambor-de-crioula, congo, canga, mineiro-pau, reisado, jongo, festa do Divino, cavalhada, ticumbi, torém, coco, zabumba.

Minha caça, presa fácil (não difícil – pra não dizer impossível), circo e pão, moto contínuo, consumismo, consumação, consumição, misticismo, excomunhão, círculo vicioso e de giz, beco sem saída, arquétipo, ícone, títere, mito.

Anda nu que nem bicho a hora que quer, veste-se de homem quando precisa. Correm em seu sangue os rios do Xingu. Mais: o Amazonas, o Tocantins, o Paraná, o Parnaíba, o Negro, o Araguaia, o Paracatuba.

Viva a vida, ó uirapuru (flauta encantatória uma vez na vida), pajé da tribo, cacique, tuxaua da mata, morubixaba, ita isso, ita aquilo,

* SAVARY, O. Curare. In: O OLHAR DOURADO DO ABISMO. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

coração de pedra, pedra viva, vira rio, vira boiúna, visagem, assombração, vira peixe e caça de comer, vira milho, mais primitivo dessas Américas ameríndias, mandioca da roça, susto, sustança, surpresa, perfume exótico, minha dose pra leão, idéia fixa, fantasia, reflexão, prazer, senso sem sentido, deus-dará, útil flagelo, vira estrela na noite cheirosa. Vira nuvem ou, antes, transpiração, evaporação da água, aí sim, vira nuvem, vira chuva (ou como dizem os seus: desabam as nuvens). Vira sol e estrela da manhã, da tarde e da noite, e o que mais houver. Vira Tupã, Anhangá, sortilégio, labirinto. E Maiua, o boto encantado a seduzir.

É arara vermelha, papagaio do mato, ferrão de arraia, a correnteza, áspera e terna fibra de buriti, a palmeira, a palma de carnaúba, arco-íris, mato rasteiro, junco alto, erva miúda, serra azulada, montanha roxa ao longe, água cantando entre pedras, agüinha de riacho, fundo de rio apresentando muiiraquitã, cheiro bom de capim-gordura, de capim-cheiroso, vetiver, fruto do mato, deserto/oásis.

Sua voz, modulada e grave, como jamais se viu, boca a mais bela e cheia, a língua sábia e ágil: fartura sem fartar, o melhor alucinógeno inventado em Pindorama, quando Pindorama era só Xingu.

Tem sexo longo, nunca muito a prumo como pediria o seu e o meu desejo, meio murcho, de índio, bandeira a meio pau, mas sabe bulir mulher, deixá-la doida, doidinha, toda molhada, alça-a para o alto, com dedos sábios e língua.

Tuxaua do corpo e da alma, sabe como ninguém as artes do namoro, da sedução, dos mistérios do prazer, porque sabe ser ele mesmo e por saber jogar o jogo de ser abandonadamente extensão do outro.

Nada mais belo que o homem que sabe honrar uma mulher, o macho que honra a sua fêmea. E como é índio, chamo-o Xingu. Que sabe honrá-la, Xingu, em Pindorama.

*Con el desayuno**

Saer, Juan José

a Juan Carlos Mondragón

Goldstein tenía 21 años en 1943, cuando lo deportaron a un campo de concentración, por el triple motivo de ser judío, comunista y miembro de la Resistencia. No lo mataron, porque es sabido que los campos nazis eran en principio campos de trabajo, y los alemanes pretendían ganar la guerra gracias al trabajo de los más vigorosos de sus enemigos. A los que no les servían, enfermos, chicos, ancianos, los asesinaban inmediatamente, pero a los más jóvenes los hacían trabajar. En cierto sentido los campos nazis, por la manera en que se había organizado el trabajo de los prisioneros, piensa Goldstein, representan un ejemplo avant la lettre de lo que podría llegar a ser la última etapa de la llamada desregulación del mercado laboral. Por lo tanto, Goldstein está convencido de que fue su condición de mano de obra barata lo que le salvó la vida.

Los nazis estaban a punto de fusilarlo por tentativa de evasión, cuando justo llegaron los aliados (que no encontraron ni un solo soldado alemán en todo el campo), de modo que esta mañana, mientras desayuna en el bar Tobas, en Córdoba y Pueyrredón, tiene setenta y seis años y todavía sigue yendo a la librería, más para distraerse que otra cosa, ya que cinco años atrás le dejó el negocio a sus dos empleados, que le pasan una renta mensual. Su mujer murió hace tres años. Su hija mayor, que tuvo que irse del país con el golpe de estado del 76, se casó con un catalán y se quedó a vivir en Barcelona. La menor, que es psicoanalista, tiene poco tiempo libre los días de semana, así que únicamente ciertas noches y a veces ciertos domingos pueden verse para comer juntos, pero de todos modos, a causa de algunas diferencias políticas, sus relaciones con ella



* SAER, J. J. Con el desayuno. In: LUGAR. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.

son un poco más difíciles que con la mayor. Los jueves a la noche tiene una reunión en la Mesa de Derechos humanos, y los viernes, su partida de póker semanal. Es por lo tanto el día, desde la mañana bien temprano cuando se despierta hasta que anochece, lo más difícil de llenar.

Después de la vacilación matinal, ante las interminables horas que se avecinan, el desayuno que, como incluye la lectura del diario, dura un buen rato, es un momento de actividad, sobre todo interior, ya que la memoria y la inteligencia, reverdecidas por las horas de sueño y por la ducha tibia que relaja el cuerpo atenuando los pequeños dolores óseos y musculares que lo tironearán durante el resto del día, se concentran con mayor facilidad y acogen con nitidez imágenes y pensamientos. El desayuno es, desde hace unos doce años más o menos, siempre el mismo: café con leche azucarado, jugo de naranja, dos medialunas, y un rato más tarde, después de haber leído buena parte del diario, un cafecito solo, concentrado y amargo, y un vaso de agua. La mesa es casi siempre la misma; entrando, a la derecha, la última junto al ventanal que da a Pueyrredón. Cada mañana, al entrar en el local, saluda al dueño que está detrás de la caja y se encamina a su sitio, sentándose en el rincón de cara a la entrada, bajo el televisor apagado.

– ¿Siempre apechugando a la matina, don Goldstein? – le dice el mozo catamarqueño, depositando las medialunas y el jugo amarillo sobre la mesa, sin esperar el pedido mientras el dueño, detrás del mostrador, ha empezado a prepararle el café. Media hora más tarde más o menos, bastará una seña casi imperceptible de Goldstein en dirección a la caja para que el cafecito cuidadosamente preparado, acompañado por el vaso de agua, aterrice sobre la mesa. Por ahora, desplegando el diario, le responde al mozo con jovialidad distraída y con el ligerísimo acento de los viejos judíos aporteñados del Once y de Balvanera.

– Qué querés, Negro, me opio sino en la cama.

El jugo fresco, recién exprimido, ácido y dulce a la vez, le da una pequeña sacudida de optimismo cuando toma el primer trago, lo que podría probar, puesto que el efecto energético de las vitaminas no ha tenido tiempo de actuar todavía, que el placer en sí mismo es un estímulo en la vida. Sopar las medialunas en el café, absorbiéndolo poco a poco, le dificulta la lectura del diario, lo que lo incita a engullirlas rápido,

menos por avidez que porque quiere tener las manos libres para poder manipular con más facilidad las grandes hojas de papel impreso que se pliegan y se despliegan, indóciles y ruidosas. Por fin las domina y se concentra en las noticias políticas nacionales e internacionales, en las páginas de economía y en las de cultura, echa una ojeada a las novedades deportivas y al estado del tiempo, para terminar con las historietas y los programas de televisión. Después vuelve atrás y lee con atención los artículos de fondo de los columnistas, a algunos de los cuales conoce personalmente porque son clientes de la librería, las cartas de los lectores y los editoriales. De tanto en tanto ha ido tomando un trago de café con leche o de jugo, hasta terminarlos, y por último, cuando ya no le quedan más que unos pocos minutos de lectura, hace una seña para que le traigan el cafecito y el vaso de agua.

Esa ceremonia que se repite todas las mañanas desde hace tantos años es en realidad el preámbulo a los minutos de meditación que le suceden. Pero tal vez es una licencia poética llamar a ese estado una meditación, porque una meditación presupone cierta voluntad consciente de pensar sobre temas precisos, y en su caso sólo se trata de mecanismos asociativos autónomos, casi mecánicos que, todas las mañanas, después del desayuno, se instalan en su interior, y lo ocupan por completo durante un rato. Visto desde fuera, es un anciano apacible y limpio, vestido con sencillez y que, como tantos otros habitantes de la ciudad, toma su desayuno en un café de Buenos Aires. Por dentro, sin embargo, cada mañana, durante unos pocos minutos, a causa de esa asociación inconsciente a cuya repetición puntual ya se ha resignado después de tantos años, se dan cita, en la zona clara de su mente, todas las masacres del siglo. Él las contabiliza y a medida que se producen otras nuevas las va agregando a la lista, de tal manera que cuando las evoca y las enumera, no puede evitar que le vengan a la memoria los versos de Dante:

*...venía si lunga tratta
di gente, ch'i' non averei credutto
que morte tanta n'avesse disfatta.*

Tal cantidad de gente, que nunca hubiese creído que la muerte deshiciera a tantos: y de esa muchedumbre de fantasmas, estaban excluidos

los que habían muerto en los campos de batalla, o por accidente, o de enfermedad, o se habían suicidado, o incluso habían sido ejecutados por los crímenes que habían cometido. No: contabilizaba únicamente todos aquellos que habían sido exterminados no por su peligrosidad, real o imaginaria, sino porque, por alguna razón que ellos solos consideraban legítima, sus asesinos decidieron que no debían vivir: los armenios para los turcos por ejemplo (1.300.000), o los judíos (6.000.000), los gitanos (600.000) y los enfermos mentales (cifra desconocida) para los nazis. En Rwanda, los tutsis (800.000) para los hutus. Para los norteamericanos, los habitantes de Hiroshima y Nagasaki (300.000), los opositores de Suharto en Indonesia (500.000) o los irakíes durante la guerra del Golfo (170.000). Para Stalin, que percibía la totalidad de lo Exterior como una amenaza, varios millones de los espectros que, según en él, lo acechaban en ella. Y después esas masacres locales, en las que, en una tarde, en una semana, varias decenas, o centenas o miles de personas morían en manos de sus verdugos quienes, por razones inexplicables, en los que ningún interés razonable entraba en juego, no los toleraban en este mundo: indios, negros, bosnios, serbios, cristianos, musulmanes, viejos, mujeres (un asesino en serie había matado cerca de sesenta en Estados Unidos, todas rubias, de cierto peso, cierta silueta, cierto peinado, entre veinte y treinta años de edad). Bien mirado, todos eran crímenes en serie, puesto que las víctimas siempre tenían algo en común para los asesinos, y era por eso que las mataban: para los turcos, los armenios eran todos armenios y sólo armenios, y sólo porque eran armenios los exterminaban, del mismo modo que el asesino en serie norteamericano mataba rubias y únicamente rubias, y únicamente porque eran rubias las mataba.

Aunque se definía a sí mismo como ateo y materialista, y se jactaba con frecuencia de serlo, Goldstein pensaba también que los dioses no salían indemnes de ese carnaval que desfilaba en su mente todas las mañanas, con el desayuno, y en la mayoría de los casos, ya sea que sus fieles estuviesen en el campo de las víctimas o de los verdugos, que muchas veces cambiaban de papel según las circunstancias, los dioses sufrían los efectos perversos de esa carnicería. Muchos desaparecían o, con los cambios de sus adoradores, cambiaban de signo, perdiendo su identidad o sus atributos más importantes, y otros revelaban aspectos

ocultos en los que hasta ese momento nadie había reparado. Era probable que muchas veces hayan huido aterrados, lo que hubiese sido casi deseable, porque la indiferencia con la que abandonaban sus creyentes a la crueldad de sus verdugos, era a decir verdad abominable. En otros casos, cuando los asesinos los invocaban como pretexto para sus masacres, o bien los tergiversaban o bien los desenmascaraban: no había otra explicación posible. Por otra parte, con cada serie que desaparecía – tal tribu del Mato Grosso por ejemplo, en manos de los grandes propietarios, montones de dioses, que habían concebido, engendrado y organizado el universo para ofrecérselo como regalo a los hombres, se borraban para siempre con el universo que habían creado y con las criaturas que lo habitaban. Y si los sobrevivientes, después de lo que le había sucedido a la inmensa mayoría de la serie a la que pertenecían, seguían adorando a los dioses que habían permitido que tales cosas sucedieran, no solamente profanaban la memoria de los que habían desaparecido, sino que se ridiculizaban y, por esa misma razón, también volvían ridículos a sus dioses.

"¡Que no haya eternidad, y si hay, que no haya, al menos, en ella, asociaciones!", empezó a repetirse en secreto Goldstein, en los primeros meses en los que esa asociación inconsciente y autónoma, cuya causa precisa (el primer término de la asociación) no podía descubrir, se apoderaba de él todas las mañanas, con el desayuno, y no lo abandonaba hasta que salía a la calle y, mezclándose al tumulto del presente, se dejaba envolver por el rumor de las cosas. La asociación mental como infierno: para Goldstein, en esos primeros meses, esa expresión hubiese debido ser el título de un imprescindible tratado. Los cálculos más absurdos agitaban sus pensamientos, y consideraba todos esos crímenes no desde el punto de vista de la compasión o de la ética, sino en cuanto a la cantidad de víctimas en relación con la extensión en el tiempo de las masacres, como si se tratara de un problema de álgebra. Pero tantos meses, tantos años, duró esa posesión obstinada, ese odioso teatro matinal, que se fue acostumbrando a su presencia, hasta gastar la angustia que la acompañaba, y una buena mañana terminó por comprender, resignado: "el primer término de la asociación es mi vida". A la angustia de los primeros tiempos, la suplantó una impresión extraña, que persiste todavía y cierra el episodio cada mañana: la

increíble sensación de estar vivo, ante el interminable desfile de fantasmas. El hecho le parece improbable, ficticio, fragilísimo, y su precariedad misma hace bailar, durante una fracción de segundo, al universo entero en el filo del abismo.

Los dos años que pasó en el campo de concentración, si bien fueron en su momento una intolerable pesadilla, al poco tiempo de salir, Goldstein, aunque parezca mentira, empezó a considerarlos como un azar favorable en su vida. Su argumento es el siguiente: a los 21 años, tenía una visión demasiado optimista del mundo. Si al final de la guerra se hubiese encontrado sin esa experiencia, sus prejuicios optimistas hubiesen seguido distorsionando su percepción de la realidad. El crimen, la tortura, las masacres, definían mejor a la especie humana que el arte, la ciencia, las instituciones. Ante sus interlocutores perplejos, Goldstein (que algunos consideraban un poco excéntrico en sus opiniones, por no decir ligeramente chiflado) afirmaba que, en tanto que hombre, su cuerpo y su mente habían sufrido en el campo de concentración pero que, en tanto que pensador, esos dos años representaban para él su diploma "con felicitaciones del jurado" en antropología.

Cuando termina el café y pliega el diario, Goldstein deja sobre la mesa dinero suficiente para el desayuno y la propina, y lanzando un "¡Hasta mañana!" afable y general, sale al sol de la esquina y al estruendo de las dos avenidas que se cruzan: para los clientes de paso, que lo observan con curiosidad fugaz, es un viejo limpio y jovial, bien conservado a pesar de los años, representando probablemente menos de los que tiene, y a quien a juzgar por su aire enérgico y satisfecho, no parece haberle ido tan mal en la vida.

*Atualidades francesas**

Scliar, Moacyr

No meio da noite é acordado bruscamente. É o pai que, apavorado, o sacode violentamente.

– Prenderam o Tiago, Leo! Você tem de fugir!

Atarantado, senta na cama, e começa a explicar: Tiago é militante, ele não, só tomou parte em manifestações estudantis, coisas inócuas; o pai, porém, não quer saber de nada; já telefonou a um amigo, já falou com o advogado, já decidiu: o filho tem de sair do país. Imediatamente. Leo não discute. Arruma rapidamente suas coisas. De madrugada embarca no "Colossus", com destino à França. Em Paris, aloja-se num precário hotel do Quartier Latin. Espera voltar breve, tão logo se desfaçam os temores e as apreensões. Mas não voltará breve. Seis anos se passarão; o pai morrerá e logo depois a mãe; sem parentes, sem amigos, ele já não terá motivos para retornar.

É mais um dos exilados brasileiros. À diferença de outros exilados, contudo, não quer saber do Brasil. Não quer saber de nada. Sobrevive graças a um modesto emprego de servente. À noite, em seu quarto de pensão, vê TV. Quando o dinheiro dá, vai a um concerto. Música continua sendo sua paixão. Às vezes embebedada-se, às vezes arranja uma mulher – uma caixeirinha, uma divorciada. Duram pouco, tais casos. Segue-se a volta à rotina.

Numa noite chuvosa está diante da Sala Pleyel. Frustrado: não há mais lugares para o concerto da Filarmônica; não dos baratos, pelo menos. Já se dispõe a ir embora, quando um jovem, bem trajado, aproxima-se dele. Tem uma entrada para vender: um compromisso imprevisto impede-o de ir ao concerto. São cento e vinte francos. Leo sacode a cabeça, triste: não tem tanto dinheiro. O jovem bem vestido insiste: fique com ela por cem francos. Não? Noventa. Não? Setenta.

* SCLIAR, M. *Atualidades francesas*. In: A ORELHA DE VAN GOGH. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Subitamente irritado, o jovem faz uma coisa surpreendente: enfia-lhe o bilhete no bolso – é seu, não precisa pagar – e desaparece na multidão.

Perplexo e desconfiado (pode-se confiar nos ricos?), Leo entra no salão, acha o lugar – excelente, aliás –, senta-se. Justo a tempo: soam os primeiros acordes da Sinfonia Júpiter.

Mozart é seu compositor predileto, e a performance da Filarmônica é arrebatadora – mas ele não consegue se concentrar na música. Por causa da moça a seu lado: olha-o. Não disfarçadamente, não de soslaio; mira-o insistentemente. O que quererá com ele, esta moça linda e elegante? Não pode imaginar, e cada vez se perturba mais; pensa em levanta-se, em sair... Mas não, é questão de honra: fica. Não deve nada a ninguém, nenhuma explicação. Não sairá. Os ricos que se danem.

No intervalo, a moça dirige-se a ele: posso fazer-lhe uma pergunta? Fala em francês, mas – surpresa – é brasileira; o sotaque é inconfundível, sotaque carioca. Pode falar em português, responde ele, sorrindo. Ah, você é brasileiro! – agora é ela quem se surpreende. Ele diz que sim, que é brasileiro, mas que está há muitos anos em Paris. Ela, por sua vez, diz que chegou há pouco; veio para o doutorado, mas perdeu a vaga; resolveu ficar uns tempos; o papai garante, diz, com um trejeito.

Riem. Ela volta à pergunta: quer saber como Leo conseguiu o lugar. Ele conta. Ah, sim, murmura ela; abalada, claramente abalada. E nada mais diz. No final do concerto, porém, dirige-se de novo a Leo: – Devo te dizer... – hesita um instante, depois continua – que a entrada que você ganhou dava direito a um jantar. Em meu apartamento.

Ele aceita. Mesmo porque já está apaixonado – qualquer que seja o sentido atribuído à palavra "paixão". Está apaixonado. É com paixão que se entregam um ao outro, no belo apartamento em que ela mora sozinha.

Passa a noite ali; no dia seguinte não vai trabalhar. Saem a passear, os dois. É um lindo dia, o primeiro dia bonito depois de uma semana de chuva. Ele faz as vezes de guia, mostra a Torre Eiffel, a Notre Dame, coisas que ela ainda não tivera paciência de ver, e que agora, confessa, a encantam.

À medida que a noite se aproxima, ele se mostra inquieto (o que ela recordará depois, em retrospecto: a estranha inquietude dele,

ao crepúsculo). Diz que precisa ir, tem um compromisso. Ela o faz prometer que telefonará. Por certo, diz ele.

Antes de partir, pede-lhe dinheiro. Para quê? – pergunta ela, surpresa, e mesmo um pouco ofendida. Não é da tua conta, ele responde, seco. Ele pega o dinheiro, mete-o no bolso, e sem mais uma palavra, se vai.

Nessa mesma noite comparece ao concerto na Sala Pleyel. Por coincidência ou não, ocupa o mesmo lugar. Por coincidência ou não, é de novo a Filarmônica. Mas é Beethoven, agora. A meio da sinfonia conhecida como Pastoral, levanta-se o Leo, tira do borsal o que depois será reconhecido como um coquetel Molotov, acende a mecha, joga-a no palco! Mas tudo não passa, para os músicos, de um susto; o grosseiro artefato não chega a explodir.

Leo é preso e deportado. Algemado, chega ao Rio. É interrogado pela polícia. Perguntam-lhe se é terrorista. Não responde. Na dúvida, o escrivão registra a resposta como positiva.



*Amsterdam, 79**

Sánchez, Matilde

Somos los únicos que viajan a Europa, decía C burlándose de los argentinos. Viajamos a un continente, la escala nacional nos resulta inabarcable.

A priori un continente puede parecer una desmesura. Pero en Europa todo estaba previsto para la errancia, de modo que el verdadero problema consistía en que no había forma de vagar. No encontraríamos caminos intransitados sino circuitos, unidades de nacionalidad, verdaderos paquetes de sensaciones regionales, cuando nosotros buscábamos todo lo contrario, hacer la Europa, salir a las rutas y conquistar el espacio, recorrer, vaqueros en coche. No nos vamos a París, decía C, pretendemos otra clase de bautismo.

Todo viaje prolongado exige un plan y nuestro periplo duraría al menos tres meses. A lo largo de ese año C y yo hicimos ese viaje mental, como quien emprende una expedición a una tierra virgen, lo cual resultaba irónico, casi ofensivo, en años de partidas forzosas y éxodos masivos. Quiero decir, teníamos plena conciencia de que nuestro viaje era un privilegio.

Había que empezar por Europa, eso parecía irremediable, el fatalismo argentino, pero siempre se podía partir de una ciudad excéntrica como Amsterdam, de un país insignificante y periférico que alguna vez había dominado el mundo. Por entonces, nuestra nacionalidad se encarnaba en el exilio, tenía cierto prestigio funesto. Todavía perduraba cierta tolerancia hacia los inmigrantes, quizás fuera el último año de benevolencia y generosidad hacia los países castigados. Ser argentino era un modelo de supervivencia. En años de huídas sin equipaje, nosotros, jóvenes aristócratas del ocio en busca de una educación en la cultura, a nuestra manera también huíamos, sin dramatismo, de esa ciudad a la que llamábamos el páramo por su ambiente provinciano y la violencia que



* SÁNCHEZ, M. Amsterdam, 79. In: LA CANCIÓN DE LAS CIUDADES. Buenos Aires: Seix Barral, 1999.

despertaban nomás esas librerías, los anaqueles de autores muertos siglos atrás, bibliotecas para arqueólogos de las ideas. Buenos Aires, ciudad sitiada: a fines de los años setenta sobrecogía su silencio. C y yo. Ávidos, inspirados, no éramos nada pero nos creíamos dioses. Era la juventud. Nos íbamos a comer Europa.

Pero pronto descubriríamos que los europeos también eran provincianos a su manera, sobre todo faltos de curiosidad, diría C, capaces de confundir las capitales y la geografía de países inmensos, que se juzgaban imprescindibles. Ellos se sentían el centro del mundo; cualquier otro lugar representaba para los europeos una periferia sin latitud, indiferenciada en el gran conjunto de los afueras, las órbitas exteriores. Tenían como un exceso de historia, un mal de la identidad que no se traducía en altanería sino en indiferencia.

Nunca viajamos a un país, seguía C, viajamos a un continente. Las cortas distancias entre un punto y otro nos compensan de que todo quede tan lejos y justifican la travesía. Seguíamos haciendo alarde de anchura, de nuestro país despoblado. Pero esa expresión, hacer la Europa, era el eco de los inmigrantes en su viaje al nuevo mundo. A comienzos de siglo hacer la América no sólo significaba amasar una fortuna de la nada, hacerse de cero, encontrar un destino en las brechas de la oportunidad, sino también conocer cuánto de real tenían los relatos que otros habían hecho mucho antes. Así como los inmigrantes habían hecho su peregrinación, así también nosotros queríamos peregrinar en el sentido contrario. Tomábamos aquel viaje como una exploración y un aprendizaje. Queríamos devastar tesoros culturales, buscábamos la iluminación. Europa nos entregaría el secreto de un conocimiento a cambio del cual valía la pena correr el riesgo de la candidez o el ridículo, el secreto equivalente a la suma de todas las miradas, la gran usina.

C y yo éramos viajeros invernales con una cantidad ilimitada de tiempo. Teníamos poco más de veinte años y no éramos pobres. Gastábamos billetes encontrados en la calle, recogidos de los árboles. Nos teníamos uno al otro, además. Aquellos tres capitales equivalían a la felicidad. Y, lo que era más excepcional, nos dábamos cuenta.

Vuelo transatlántico. La sensación tan particular de cruzar el océano por primera vez. Quizá ya suponía un bautismo. Y nosotros lo atravesamos en un avión gigantesco y vacío, enfrascados en el grosor y los colores de las rutas de Europa, insomnes en medio de una sociedad de pasajeros dormidos, en ese avión que parecía rentado por una pequeña élite. Conversábamos en voz baja a la luz de los focos cruzados de nuestros asientos, flotábamos atontados en el relente del tapizado y los materiales sintéticos, ese olor de la tecnología que llegaba también desde la cabina de los pilotos y que con el correr de las horas se alternaba en oleadas con el vapor de las toallas de aseo, el vaho de la cena, las jarras de café, esa sucesión de olores que después bastaría para llenarme de un temor vago y eufórico – el temor de lo que se anticipa y la euforia por la inminencia del descubrimiento, esa mezcla, igual al olor de los materiales sintéticos y la comida calentada al vapor, como una fórmula química, no sólo el preludio de toda aventura sino aquello que perseguiría por sí mismo, la evocación de fragancias más que el viaje, su traducción sensorial.

El viaje en avión es pura certeza y por eso resulta tan pesado, postulaba C. Se sabe de dónde se ha salido y adónde se llega, la única sorpresa puede provenir de la impuntualidad. Con el avión el tiempo se contrae, no hay desplazamiento sino simple transporte, como si te desvanecieras para materializarte en otro lugar. No hay como el viaje por tierra, seguía, dejarse tentar por los desvíos y atajos, los carteles incitadores, por la sonoridad de un nombre junto a la ruta, no del todo desconocido, con resonancias de algún relato, alguna película. Un buen viajero debería librarse a su intuición, sólo así, estoy seguro, el tiempo se dilata y aparecen las impresiones.

Llegamos a Amsterdam muy temprano de mañana, todavía era de noche. Antes de aterrizar, C tomó fotos de las luces azuladas que señalaban la pista. Empezaba con su archivo él también – quizás viajaba sólo para archivar, nunca miraba las cosas en directo, siempre por el visor de su cámara. Para C la realidad siempre fue inferior a su registro.

Nuestro hotel quedaba cerca del centro, sobre el canal Herrengracht. Pequeño y muy formal, el Ambassade funcionaba como un verdadero principado, y el operador respondía los llamados con una cortesía pegajosa. Era preciso poner siempre mucha atención a las

jerarquías de los empleados. El botones, el consigna, el cajero, las mucamas, todos tenían esferas de trabajo muy acotadas, un protocolo gremial sorprendente. Estaba casi vacío el Ambassade – parece un decorado para la escena de un gran robo, dijo C-, de manera que nos asignaron un cuarto inmenso en el entrepiso, con un ventanal a la calle, a la tarifa más baja. Dejamos nuestro equipaje y bajamos a desayunar. El salón comedor reunía todos los tópicos del chic hogareño europeo, hasta una araña de cristal que parecía una fuente invertida. Como ocurriría después cada mañana, nos sirvieron pan de centeno, una porción de brie y dos medialunas brillantes de aspecto quebradizo, minúsculas como dedos de niño. En toda Europa nos sorprendería la fragilidad de la pastelería, en cuya delicadeza parecía residir su superioridad, por oposición a la crasa pastelería sudamericana, cuya calidad se constituía en el peso de la masa, en su contundencia visual, medialunas imponentes pero sin sabor, bombas abrigadas, como si hubiera en el subdesarrollo algo de exceso ineficaz, un despilfarro que no alcanzara. La primera vez el camarero nos dijo *Enjoy your breakfast*, en ese inglés de fonética internacional un tanto endurecido por las oclusivas locales, y desde entonces en adelante sólo *Enjoy*, por influencia norteamericana, o bien por no considerar que valiera la pena gastar la frase completa en unos pasajeros tan jóvenes. (Lo llamativo era que, donde fuésemos, siempre éramos los más jóvenes. Se nos distinguía de los demás viajeros precisamente por nuestra juventud, para los europeos un sinónimo de origen. Nunca llegamos a cruzarnos con los típicos mochileros norteamericanos. Nuestra actitud despreocupada hacia el dinero también llamaba la atención, alcanzaba para convertirnos en turistas serios.)

Esa mañana vimos amanecer desde el salón del Ambassade. Vimos el canal Herrengracht emerger de la oscuridad, la rapidez mágica con que se disolvieron las sombras de los puentes y barandas sobre el empedrado de la calle, convertida por efecto de la luz en una escena de postal, en esa imagen un poco infantil que se atesora como deseo anterior a lo que todavía no ha conocido. Desde entonces el paseo en Amsterdam ya consistió en buscar ventanales a ciertas horas del día.

Nos pusimos en marcha de inmediato, sin descansar. Alquilamos bicicletas en la Estación Central y nos lanzamos a esa ciudad en miniatura

donde los holandeses se movían sin el menor apuro, como inmortales, ellos también figurantes en una maqueta histórica. El cielo era de un gris que yo nunca había visto pero que después teñiría toda la experiencia, el gris Holanda.

C llevaba la delantera en la avenida Damrack, por el carril de las bicicletas, mientras yo iba pensando en todas estas cosas, recordando por anticipado, con una suave melancolía del presente. Todo parecía expresión de lo perfecto. De pronto, dos jóvenes cruzaron la plaza corriendo en diagonal a nosotros.

Nos preguntaron si éramos argentinos.

Fue más notable todavía que nos ofrecieran una casa rodante. (Más tarde, cuando yo pregunté cómo nos habían detectado, uno de ellos respondió, simplemente lo supimos.) Dani y Beto – con una intuición semejante, C siempre supo que se trataba de nombres ficticios –, subieron a sus motos y nos invitaron a seguirlos hasta un galpón en los suburbios. En Amsterdam, suburbios es casi una manera de decir. Atravesamos una avenida llena de camiones que traían contenedores, lo que nos reveló que por fin nos encontrábamos lejos de los canales, en tierra firme. El galpón estaba vacío, a excepción de una estufa, unas cuantas sillas, una radio encendida. Tenían dos Volkswagen como las que habíamos imaginado. Era el deseo realizado en la primera jornada, directamente la clarividencia. Dani dijo que en un par de días podían equipar la que más nos gustara. Insistieron en que aprovecháramos la oportunidad, a un precio de compatriotas.

C se quedó un rato cavilando sobre cómo habrían adivinado nuestra nacionalidad y concluyó que se trataba de un halo, imperceptible para los nativos de un país pero evidente para sus connacionales, acrecentado por el tiempo de ausencia, la reconstrucción imaginaria de la identidad en los años de destierro. Nada en nuestro aspecto delataba el origen, insistió, y sin embargo ellos, guiados por ese indicio sutil, nos habían detectado fácilmente entre los cientos de ciclistas que bajaban por la avenida Damrack. Emanábamos una especie de fluido de la patria del que todavía no éramos concientes.

Volvimos a Herrengracht. Otra vez encontramos los canales envueltos en la bruma, la sombra de las barandas en líneas diagonales sobre el empedrado, y percibimos, casi en un registro físico de la ley de

gravedad, que la ciudad se hundía en el agua, desde hacía siglos pero también en ese preciso momento, que sólo faltaba un poco más de futuro para que el mar se llevara al fondo todo lo que ahora mirábamos, y no pudimos dejar de imaginar el paisaje incongruente de esos mismos puentes en el lecho, próximo hogar de crustáceos y esponjas, un cementerio urbano en la profundidad, ya no envuelto en gris sino en azul: Amsterdam, la ciudad sumergida en el mar del Norte.

Habíamos pasado la mañana viajando de un lugar a otro, comprobando la paciencia de los conductores de autobús, que respetaban cada parada rutinariamente para recoger a muy pocos pasajeros, y allí íbamos todos, bajo esa luz de crepúsculo en plena mañana, enfermos de otoño, el mal de la astenia en las ciudades boreales, entregados como en una ambulancia, mirando por las ventanillas cómo la vida decrecía muy lentamente por la pérdida de voluntad.

Por la vidriera de un bar, mientras almorzábamos, notamos el primer salto de luz. Había sido algo muy drástico. La calle se oscureció de un solo golpe y C lo tomó por el anochecer momentáneo de una tormenta. No se trataba de una nube cargada que oscurecía el sol, sino de un fenómeno de acumulación, nubes replegadas detrás de otras más aparentes, un telón anterior a la superficie blanquizca que lucía fija en la atmósfera. Era la forma en que avanzaba el día. Con cada salto de luz el sol se contraía más, reducido a un disco de metal sin relieve. Había caído la tarde. Eran las cuatro en punto.

Los empleados salieron en masa de las oficinas – de todos modos, una aglomeración holandesa supone a un grupo limitado de personas, y en las mesas del bar se encendieron velas. Un rato después el local estaba lleno de gente que tomaba alcohol. Por esos años los jóvenes europeos se perseguían con paranoias nucleares, y aunque esa ciudad no era la más indicada para percibir la guerra fría, algo de esa atmósfera se había contagiado a los holandeses. Yo pensaba en el decaimiento general de un país sin sol durante meses, donde la vida se desarrollara bajo la luz eléctrica, una ciudad que asumía los rasgos de un refugio atómico.

Muy pronto hicimos el descubrimiento de la doble temperatura. Nos librábamos del frío en los interiores y del calor en la calle. Salir de

un sitio implicaba toda una preparación y volver a entrar, la anulación de todo lo que se había preparado. Había cierta anulación del tiempo y también un escurrimiento de la vida en esos actos que repetíamos media docena de veces a lo largo de una tarde. El cuerpo no encontraba un término medio que le resultara propicio. La tensión entre el exterior y los interiores calefaccionados correspondía a una amplitud emocional. El atardecer sobrevénia en un lapso tan corto que invitaba a la introspección, y esa tarde yo me quedé sin hablar por largos minutos, mientras cavilaba estúpidamente en las grandes preguntas de la humanidad, haciendo hipótesis sobre el origen de todas las cosas bajo ese atardecer que parecía artificial de tan temprano y que sólo podía presagiar muertes, desgracias, la languidez de la decadencia, el desgaste continuo, el hundimiento. Esta luz de invierno, pensaba yo, en relación tan estrecha con el lugar, es la experiencia misma del norte. Luz y espacio participan de una mutua definición de términos, a la manera de un catálogo de óleos. Así como existe un verde Nilo, un rojo Siena, un amarillo Abisinia, en los que el color no puede ser definido sino como nota singular de un ámbito, el que a su vez no cobra realidad sino como vibración precisa de ese color, su color, debía existir por fuerza un gris Holanda, un gris aguado de pizarra sin una pizca de azul, el venero de todas las nubes, más que un color un sesgo de la luz, la inclinación de los rayos filtrados, inmóviles, un telón pintado, cielo irreal que sólo existe en la convención de los artistas, o bien en este lugar y a esta hora. El color septentrional. Por otra parte, el gris del cielo se reflejaba en la actividad humana. Amsterdam era sobre todo una ausencia de colores, un universo de daltónicos, una realidad donde el verde, por ejemplo, había sido suprimido, el verde y el celeste. Y evoqué, en esa memoria anterior a las palabras, esa memoria que se debe forzar y reconstruir, un conjunto de gomeros contra el cielo de mi país y, yendo al detalle, el verde oscuro lustroso de follajes rígidos contra el celeste neto, un celeste que era la profundidad misma de la atmósfera, ese cielo bajo un intenso frío, el celeste, el sol y la franja de nubes en la combinación clásica de una bandera, en un patio de escuela pública con fondo de gomeros, postal de los inviernos australes que tal vez ya no existen. Por el contrario, en invierno esa ciudad quedaba rodeada de parques secos, mejor dicho

sitiada, porque el pardo podía avanzar, invadir el azul, imponer finalmente su tono de hoja muerta. Incluso los canales eran grises, y yo quedaba hipnotizada ante los patos color sepia que caminaban en la superficie del agua sólida, como si el ámbito de esa fauna doméstica se hubiera congelado, debido a un cataclismo de gran magnitud, supongamos, y ellos fueran los sobrevivientes, los encargados de que la vida recomenzara, los responsables de una precaria continuidad.

Esta luz, este anochecer precoz está en el origen de una sensibilidad, decía C, incluso de un estilo artístico. Era inseparable de los cuadros que colgaban en el museo – yo había imaginado la felicidad de cumplir con todos los ritos del peregrino cultural, quería como se dice empaparme de la vieja Europa, crónica y gastada por siglos de poderío, sumergirme en su pasado, mientras que C prefería sobrevolar el pasado, detestaba todo lo que se quedara fijo y, por ende, los museos, sólo apreciaba el movimiento, de manera que pasaba como una exhalación por las salas, con su desdén juvenil, bajo aquel lema que había acuñado, entra en foco, sale de foco, y abandonaba el objeto de su mirada un segundo después de haberlo descubierto, inseparable, decía, de aquel cuadro con cazadores de invierno que regresan a la aldea, por ejemplo, el cuadro blanco que había visto una tarde, ya sin luz en las ventanas – siempre andábamos buscando ventanas – y, en contraste con aquella escena al aire libre y hostil, todas esas pinturas de interiores con burgueses, que retrataban la vida bajo el régimen de la luz de velas, o las imágenes veraniegas, una festividad con personajes populares, cuadros que yo, conociéndolos sólo por reproducciones, había imaginado grandísimos, proyecciones del tamaño de una pared, y que ahora descubría diminutos comparados con los de mi fantasía, cuadros encogidos de la pinacoteca universal. Una semana más tarde, cuando salimos a conquistar el continente en nuestra Volkswagen, me reencontraría con aquel cuadro blanco en el bosque a la entrada de Breda, robles sin follaje tocados con guirnaldas de hielo, y con los ricos interiores de luz artificial donde la burguesía, como en los retratos, resplandecía rodeada de todos sus signos de opulencia, en la densidad de la decoración y los ropajes, y allí sí, en esos ambientes, todos los matices del celeste y el verde, las violetas africanas, los remotos hibiscus y otras flores tropicales, la vegetación de ultramar mantenida en

invernáculos, porque la riqueza de la vida sólo podía preservarse al resguardo de ese cielo inhóspito. Había una compensación de esos cielos abrumadores en la pintura, en la pasión con que los artistas habían reproducido los brocados y las grandes tapicerías, las sedas orientales, toda esa variedad que la pintura perpetuaba y daba a conocer, vistas de los nuevos mundos. No había más que pensar en las naturalezas muertas, un arte ridículo para nosotros tal vez, pero que allí había representado una expansión de la realidad, a la vez con su autocrítica, los vanitas de Steenwyck, sin ir más lejos, sus objetos de otro mundo cargados de culpa. Las frutas traídas de las colonias sobre el mantel de bolillos, perdición sobre la pureza, los ramos de flores en grandes vasos de cristal, los fanales, que producían luz y a la vez la reflejaban, espejos de sí mismos, un mundo estático, una imaginación de una nostalgia insostenible anterior al Gran Movimiento. Pero aquella luz también convertía los rostros en caricaturas – esos monstruos cotidianos que imponía el interior sombreado de grandes velas. Es la historia del naturalismo y sus indagaciones, argumentaba C, el progreso de Europa hacia la luz, del realismo al impresionismo, de la descomposición del prisma a la fotografía y de ésta al cine, en una secuencia de azares y evoluciones.

Los holandeses son como alemanes que pasaron una larga estadía en Inglaterra, decía C. Pero perdieron el temperamento insular, el gusto por las correrías. Ya no tienen curiosidad por el exterior sino sólo por los idiomas extranjeros, que estudian como lenguas muertas aborígenes. La mayoría de los holandeses que encontrábamos no eran para nada cultos, sólo tenían buenos modales, cierto sigilo en los gestos. Incluso los numerosos bilingües y trilingües dominaban léxicos restringidos de frases y generalizaciones pero eran incapaces de expresarse adecuadamente en otra lengua que la suya. Decididamente ignoraban todo sobre el hemisferio sur. Nos imaginaban descendientes de hacendados o buscadores de oro, hijos de nazis que regenteaban burdeles en los puertos atlánticos, cuando no nos suponían criados en escuelas do samba. Proyectaban sus fantasmas de exotismo, el pasado de su propio país. El primer secreto que Europa nos entregaba era su vasta, absoluta, radical indiferencia.

Después de una semana en Amsterdam partimos. Esta casa rodante es lo contrario de aquellos grandes veleros holandeses, decía C.

Estamos sujetos a las mínimas contingencias de las nacionalidades y el paisaje. Dormimos en la Haya, desayunamos en Rotterdam. C hizo un Super 8 en el puerto y me filmó hirviendo sopas bajo el puente donde dormimos. A veces Holanda se contraía todavía más y quedaba reducida a nuestra casa rodante, a los dibujos en las latas de conserva compradas en algún encantador puesto callejero, la totalidad se reproducía en esas etiquetas. En un largo día de ruta, a baja velocidad, atravesamos el país en dirección al oeste. Cruzamos el bosque de Breda y nos sacamos fotos movidas caminando sobre una alfombra de hojas de roble. En migración hacia provincias más cálidas, escalones de patos color sepia cruzaban el cielo gris de Breda, se desordenaban un momento en un caos de puntos móviles, volvían a su formación militar por temor a perderse. Pasamos la tarde en Hertogenbosch y esperamos registrar el salto de luz por los vitrales de la catedral, que era de piedra roja, traída quién sabe de dónde, construida por el padre de El Bosco. A nuestros pies, lápidas de héroes y obispos cuyos epitafios ya eran runas en la piedra. Todo el día comimos en cazuelas de plástico transparente, de pie en esos carritos cromados que se veían limpios como una cocina de hospital.

Una vez en Bélgica, advertimos la frontera inmaterial que separaba a los flamencos de los valones. Las fisonomías no correspondían al cambio de lengua y actitud. La diferencia debía verificarse de un pueblo al siguiente, apenas alejado unos kilómetros. Los valones creían tener otra mirada, otra forma de sostener la espalda, así como en el pasado habían desarrollado otro estilo al trazar las plantas de los castillos y aún los surcos del arado. En el cielo, el gris cedía a una tonalidad desvaída del celeste, próxima a ciertos matices del agua. Oíamos a los valones describir la mentalidad de los flamencos y a los flamencos describir a los valones, se reconocían entre sí con la precisión con que se distingue a un enemigo. Por el contrario, nosotros estábamos habituados a una identidad que podía mantenerse inalterable a través de grandes extensiones, sólo podíamos pensar en categorías geográficas. Los valones nos parecían un pretexto de la vanidad. Suponíamos erróneamente que las particularidades se volvían semejanzas por contagio territorial, por simple estrechez del espacio, cuando en Europa, la estrechez no había hecho más que instigar el recelo, el odio entre vecinos. Ésa sí

era una lección. Descubríamos variaciones que no se revelaban en lo ostensible sino, por el contrario, en lo ínfimo, en lo más sutil. Otro poco de azul en el cielo de las marinas, un leve aumento del blanco en los verdes. Por donde anduviéramos pisábamos guerreros y reyes, muertos ilustres, el pasado de los países bajos ya forma parte del suelo, diría más tarde C, contribuye al lento hundimiento continental en el mar. Estas tierras pesan demasiado.

En nuestra última noche en el Ambassade, pasé un largo rato tomando notas en el salón comedor, bajo la inspiración de la araña de cristal, que sólo tenía encendida una hilera de lámparas y que después me recordaría esos árboles desnudos, adornados de caireles. Entonces supe, aún sin advertir todos los sentidos que la palabra convocaba, con esa inconsciencia habitual del escritor, que yo todavía no soñaba con ser, que la palabra misma, impresión, quedaría adherida a esa primera semana en el extranjero. Había algo que se imprimía en la materia dejando un registro de su contacto. Supe que en Holanda la luz sería la sustancia que lo fijaría en la placa del recuerdo.

Pero aunque el nuestro fuera un viaje de invierno y por tierra, aunque muy pronto empezamos a evitar los hitos monumentales del pasado a los que nos inducían los carteles de Holanda, intuyendo que todo el país ya era un museo, padecíamos la fatalidad del turista. Rara vez pudimos entrar en contacto con holandeses. Nuestro periplo nos condujo, de manera que parecía inexorable, no a los holandeses sino a los argentinos que vivían en Holanda, a esa población dentro de otra: los inmigrantes.

En la tercera noche de nuestra estadía, acabamos en el Melkweg. Fuimos escoltados por Cicuta, un porteño refugiado de la patria de los adictos, un squatter que finalmente había encontrado la paz espiritual en el seguro de desempleo, librando a su madre de la pesadilla de encarrilar a su único hijo. No lo llamaban así en alusión al sacrificio socrático, sino porque había demostrado ser capaz de soportar cualquier bebida. A los veintiún años le gustaba presentarse como un sobreviviente. Su mujer solía llamarlo Hem, y rara vez, cuando quería reprocharle algo, Hemlock, traducción inglesa del término botánico. Ella le llevaba diez años y era una inmigrante de Carolina del Norte. Consagraba su tiempo a estudios



informales de orientalismo. Su nombre era Beatrix pero se hacía llamar por su inicial, Bee. Cicuta solía decirle Abejita. Beatrix hablaba mal de su madre apenas era presentada a un desconocido. (The ugliest mother-fucker I have ever met, se presentaba y de inmediato traducía para que no quedaran dudas, la peor hija de puta que haya conocido, en ese castellano aprendido de Cicuta que era prácticamente un glosario de sandeces.)

Con o sin causa, Cicuta era un resentido. Consideraba que una de las peores desventajas de vivir en Amsterdam era verse obligado a entrar en contacto con argentinos. Detestaba a los exiliados políticos. Odiaba la política y cualquier salpicadura de realismo que lo distrajera de sus estudios orientales, que cursaba con su mujer en la sección vespertina del Melkweg. Odiaba Argentina casi tanto como su mujer a su madre, y así lo expresaba, y entonces entre los dos se potenciaban durante largo rato en sus odios concéntricos.

El Melkweg, la vía láctea, era un club de socios financiado por los programas de desarrollo juvenil del gobierno. Se llama así porque entrás y ves las estrellas, decía Cicuta, al entrar preguntás la hora pero salís pidiendo un calendario, abundaba, medio en broma pero sin sonreír, con esa apatía que era su forma de mostrarse inteligente. No aspiraba a integrarse a ningún medio, aspiraba a que los holandeses le prodigarán la mayor ceguera posible, a excepción de la leche bebida de la teta estatal, el seguro de desempleo, se entiende. Al cabo de esa larga noche desesperante, C concluyó que habían desplazado la lucha de clases al enfrentamiento entre generaciones. No pelean contra el poder, dijo C, sino como representación de sus padres. Entienden la libertad como el derecho de consumir, eso los hace modernos.

En los hechos, el club funcionaba como un asilo nocturno de adictos. Cicuta estaba orgulloso de la falta de normas del Melkweg, en cuyas oficinas esperaba encontrar trabajo algún día. El negocio estaba bien montado desde el punto de vista del orden. Las actividades de artistas y cursos amateur terminaban a las siete de la mañana, cuando los viajes tocaban a su fin y los jóvenes podían volver a descansar de la noche en casa. A esas alturas sus padres ya habían salido a trabajar, y cada cual con su vida. (Nunca volví a encontrar gente que madrugara más ni se guardara tan temprano, el invierno en Holanda era una conquista de la luz diurna.)

Esa noche Cicuta nos llevaría al club como invitados después de cenar en su casa. Desde el primer momento no congeniamos. Bee nos obligó a descalzarnos en la puerta y nos prohibió fumar. Después tardó largo rato en encender las velas que iluminaban el departamento. Las autoridades municipales cortaban la luz eléctrica a las cuatro para acostumbrarlos a la idea de que la vida del squatter nunca será confortable, según dijo. Pero lo atroz fue el clima durante la comida. El único elemento de calor humano fue aportado por el gato amarillo de la casa, una mascota malcriada y elegante que se paseó entre los platos servidos y acabó por dormirse en mi falda, por simple fastidio de la conversación. Casi inmediatamente Bee nos habló mal de su madre, a quien no veía desde hacía diez años. A veces, cuando estaba de mejor humor, le escribía una postal sin remitente, sabiendo que esto exasperaba más todavía a su destinataria, quien, según Bee, la consideraba perdida para la sociedad en general y para su familia en particular, consideraba a su hija la bruja más perezosa que hubiera conocido.

Con un esfuerzo de paciencia mutua se llegó finalmente a los postres. Entonces Cicuta trajo un paquete de hash. Invirtió los siguientes quince minutos en cargar bolitas en la punta de nuestros cigarrillos, antes prohibidos, mientras Bee preparaba una infusión. Yo miré los rasgos de sus caras distorsionadas por las velas y pensé en el pintor holandés, en su retrato de la loca que atravesaba la ciudad con todos sus cachivaches a cuestas, tan parecida a Bee de perfil, con su ensimismamiento y su mundo intrascendente, en las caricaturas que el pintor había hecho de personajes populares, sólo que ellos dos ya no pertenecían al pueblo, que no existía en Holanda salvo como suma de sus singularidades, como objeto de pujas folklóricas – por ejemplo contra los valones –, o en esas competencias de esfuerzo, vagamente medievales, ya grotescas, que transmitían por televisión el domingo por la tarde. Con el correr del hash, Cicuta perdió su gratitud hacia la social democracia holandesa. Se quejaba de los cortes de corriente, las malas condiciones de las cloacas en el barrio, la insuficiencia de sendas para ciclistas, detalles, en fin, que nosotros casi envidiábamos como reclamos sociales. Ninguno de nosotros había probado el hash, no por formalidad sino sencillamente porque preferimos no desperdiciar el debut en ellos, lo

cual les cayó bastante mal a nuestros anfitriones. C empeoró las cosas cuando dijo, con esa sonrisa ingenua tan suya, nosotros no financiamos a narcotraficantes. De hecho, cada palabra nuestra sólo servía para atascar la conversación. Todo promovía el malentendido. Y fue una provocación directa que C se embarcara en un monólogo sobre el régimen militar, desperdicio absoluto de energía para ese interlocutor soberbio que no dejó de bostezar a medida que C profundizaba en los análisis, los pronósticos, las descripciones.

Nos levantamos con los preparativos para ir al club. Llevamos la loza a la cocina, un ambiente del tamaño de un ascensor, llena de frascos de especias y medicinas artesanales, aparte de grageas y toda clase de fármacos, todos ellos dispuestos en estantes forrados con broderie. (Holanda, igual al hash y el broderie.) La ventana daba al patio comunitario de los squatters, iluminado con faroles de kerosén. Miré la loza sucia, la jarra de vino y los restos de comida, las velas pegadas al marco de la ventana, ironías de una naturaleza muerta.

Afortunadamente llegó la hora de irnos. Cicuta pronto asumió funciones de guía en el Melkweg. Nos mostró los salones del primer piso, donde por la tarde se desarrollaban las conferencias de orientalismo, y después nos llevó hasta lo que llamaba el auditorio, una sala con un escenario y una torre de sillas apiladas. Lo primero que me llamó la atención fue la abrumadora mayoría de varones. El baño de hombres parecía el rincón más popular. Los jóvenes entraban y salían del baño y la puerta batiente los mostraba apoyados sobre una pared de azulejos blancos, sentados en el piso, prisioneros de guerra en un hospital de campaña. En cuanto a las chicas, no parecían inyectarse tanto. La mayoría daba vueltas por todas partes desempeñando el papel de enfermeras. Con su tez pálida y sus ojeras violetas, parecían ángeles del exterminio. Pero detrás del aspecto rebelde, dijo C, no eran otra cosa que hermanitas de la caridad.

Cicuta nos mostraba el estado lamentable de los socios con un gesto de tolerancia. Él mismo había pasado por ese trance, según dijo, del que se había recuperado con una transición basada en medicamentos. Pero no sentía pena, tal vez no sintiera nada. No deberíamos sentir pena por ellos, dijo Cicuta, porque los más perdidos son los mejores de nuestra generación... A C el panorama le parecía una prueba irrefutable de la

decadencia y el estancamiento vital de Holanda — escenas que consideraba el baño más extremo de realismo imaginable —, el hundimiento, apenas perceptible pero inexorable, de esa ciudad en las aguas del mar del Norte.

C había vuelto a su tópico predilecto, no sabría decir cómo, emprendiéndola esta vez contra el terrorismo de Estado. Este tema siempre producía en él una transformación asombrosa. Era, ya no un joven, sino un hombre en posesión de una verdad. Abandonaba su actitud habitualmente distante y su mirada se encendía, había nacido para esos relatos. Pero Bee y Hem no parecían en absoluto subyugados por su furia, lo que obligaba a C, desafiado en su capacidad de denunciante, a acentuar la crudeza de los hechos. Ni siquiera acusaron el golpe cuando C replicó, deberíamos sentir pena por ellos porque se ha perdido lo mejor de una generación.

Suena un país perfecto para mi madre, observó Bee con un bostezo. Creo que voy a sugerírselo en la próxima postal.

Es que nosotros no nos interesamos por la política, Cicuta, diplomático; sólo por las sensaciones.

No volvimos a encontramos con ellos. Por la mañana volvimos al galpón de los argentinos. Es decir, volvimos a la realidad.

Es enigmático cómo las sensaciones se van trenzando con el correr del tiempo. Hay un ir y venir del recuerdo, un lugar donde el pasado y el presente intercambian sus materiales y producen ese efecto de certeza que podría llamarse iluminación. Ese momento no está marcado por la alegría del hallazgo sino todo lo contrario, por la tristeza de una comprobación íntima, a veces irreparable. Es un destello de claridad asombrosa que de todos modos se esfuma apenas entrevisto. Se atrapa un cristal de pasado, se lo vuelve a perder. A esa percepción excepcional de situaciones triviales yo la llamaba serie de impresiones. En la red de series de mi memoria, como en la de cualquiera, siempre existió una línea especialmente productiva, la serie de impresiones holandesas. Durante años ésta absorbió detalles disueltos en la realidad, organizándolos en una cadena de recuerdos sostenidos a través de los años. La cadena iba hacia atrás y adelante respecto de su origen y llegaba a convertirse en un método de lectura de la experiencia. Así,

aunque la serie estuviera regida por la nota del cielo blanco en el bosque de Breda, algunos de sus eslabones precedían el viaje a Holanda. En rigor, la serie comenzaba en el primer impacto de frío después del verano.

Una serie puede tener una cantidad indefinida de términos, intuía yo esa noche bajo la araña de caireles, mientras ensayaba esta teoría en el salón del Ambassade, y es probable que se prolongue toda una vida. Muchos años después recordaría aquellos saltos de luz en la catedral de Hertogenbosch asociados de manera al parecer caprichosa con hechos posteriores sin relación alguna, que quedaron adheridos para siempre a la serie holandesa. Eran mis investigaciones en los disparos de la memoria pero no se trataba de una experiencia Proust, a quien todavía no había leído. No hay forma de comprender esta evolución sin recurrir a la dinámica de las series. Así, yo evocaría las impresiones holandesas en Berlín, en 1986, bajo un invierno mucho más crudo y un cielo todavía más blanco, blanco al punto de la negatividad, cargado de anuncios de nieve, una cúpula de hielo suspendida sobre nuestras cabezas, al conocer a esa estudiante chilena que me contó su vida en una taberna frente a la aduana de Friedrichstrasse, y me confió de aquel iraní que la había llevado de visita al otro lado, sólo para hacerle propuestas vulgares y toquetearla por los pasillos del museo de Pérgamo, en medio de esa colección de objetos cubiertos de polvo, en ese museo descuidado y aún así tan bello, donde ella buscaba las ventanas (quizá fue ése el gatillo de la serie), para asegurarse de que no había quedado atrapada, de que alguien podría oírla en caso de gritar. En ese preciso momento, en Berlín, mientras ella hablaba, reconocí que sus confidencias estaban llamadas a integrar esta serie de impresiones y no otra, ni siquiera la serie de impresiones berlinesas. Pero también podía agregar a la serie hechos ocurridos mucho antes del viaje. Una amenaza de ese cielo y el olor sintético de los aviones estaban ya en la infancia, cuando la llegada del otoño se sostenía en sensaciones de un hecho exterior, en la dimensión personal de los ciclos de la naturaleza, apenas perceptibles para los habitantes urbanos. Ciertamente, la llegada del otoño era un acontecimiento. En los años sesenta la impresión otoñal – el fresco, la palabra misma – se distinguía por el uso de fibras sintéticas, el banlon, el nailon, el dacron, neologismos que, como si se tratara de recetas magistrales, invocaban las mujeres que siempre rodeaban a mi

madre, a toda hora en su trabajo, palabras que ellas esgrimían como signos de modernidad y confianza en el progreso, los distintivos de su clase social. La primera mañana en que se hacía necesario llevar abrigo perduraba durante meses en el recuerdo gracias al olor que se desprendía de esos géneros, de los cajones llenos de ropa sintética. Esos hechos comunes eran anuncios de una realidad que excedía a la familia, incluso a otras instituciones mayores, como la escuela. Podía agregar a la serie la primera tarde en que se encendía la estufa a infrarrojo, en el departamento de la avenida Callao, siempre a mediados de abril. El aliento inicial de gas que escapaba de la válvula, el trazo de humo una vez apagado el fósforo y, de inmediato y por el resto de la tarde, la combustión del polvo depositado durante el verano en la parrilla, esa secuencia de aromas señalaba el día en que se inauguraba un ciclo. Y, ya más adentrados en el invierno, nuestras visitas al hospital público, donde esperábamos turno frente a un cartel donde se leía *Abreugrafías* y, una vez adentro, el penetrante olor del gran aparato lleno de agujas y medidores. Todo ello marcaba el comienzo de los ritos de invierno con más intensidad que un cielo nublado, cuyos límites en mi país siempre se perdían en el verde de los árboles de la calle, la obstinación del follaje, un cielo azul que podía amenazar pero nunca llegaba a esa pureza del blanco, el cielo despejado de invierno, la persistencia del celeste y el verde encerado de los gomeros. Al mismo tiempo, marcaban un período dentro de una historia colectiva, la era de las fibras sintéticas, la edad de la radiología, la edad del calor a infrarrojo.

Ahora mismo, mientras ejercito el recuerdo de Amsterdam, pienso en cómo se desaprovecha el tiempo. Las impresiones holandesas comienzan a teñirse con anticipos de vejez. Lo sorprendente es esta certeza al recordar un viaje, cuando todo viaje es el momento en que mejor se aprovecha el tiempo, o al menos la circunstancia que la memoria encuentra más fecunda, más pródiga en términos de experiencia. Lo realmente triste, pienso ahora, es que la pérdida de tiempo no se pueda remediar, que ni siquiera la conciencia de su fugacidad ayude a reparar el derroche. Lo triste es que incluso los viajes sean un desperdicio. El otoño en Amsterdam aún conserva una tristeza que se comunica a todas las cosas.

Cuando volvimos al galpón, a la mañana siguiente, encontramos a Dani y Beto con otros argentinos. Nos saludaron efusivamente, aunque sin ponerse de pie. Reinaba un ambiente de ceremonia. Escuchaban tangos mientras jugaban al truco, el aire estaba viciado de un humo ácido, el tabaco correntino. Pensar en esa música, esos cigarrillos que se hacían traer, los cuerpos volcados sobre la mesa donde la realidad parecía organizarse en las cartas, el orden de la mano, los montones de garbanzos. Cultivaban la identidad como sólo se hace en el destierro, instalados de lleno en el patetismo. Llevaban una doble vida, vivían desdoblados allí y al otro lado del océano, exiliados.

Nos informaron que no habían empezado a equipar la cabina por falta de efectivo. Siempre hace falta plata para hacer plata, nunca se puede hacer dinero de la nada dijeron, ése es básicamente nuestro problema. En otras palabras, tendríamos que comprar la Volkswagen antes de probarla, lo cual era ridículo – C dijo delirante, inaceptable, después nos callamos. Dejaron de prestarnos atención. Hacían bromas cuyo sentido se nos escapaba por ser demasiado jóvenes. Nos hubieran hecho falta unos años, no más de dos o tres años, para comprender.

Uno de los argentinos nos preguntó por la situación en Buenos Aires. Tenía ínfulas de jefe y una actitud despreocupada de la que parecía emanar su autoridad. ¿Cómo está la situación? Sonriente, con aire ligero. Siempre se hablaba así por entonces, en términos generales, lo más abstractos posibles, lo general era un protocolo para cubrirse o protegerse. Qué parte de la realidad era la situación... Así era lo kafkiano argentino. C, que había comenzado con un tanteo, enseguida se lanzó a la denuncia, esa manifestación ardiente de su persona. Y encontró que aquel sí era un auditorio receptivo. Abandonaron la partida para escucharlo con atención y yo me quedé mirando esas cartas quietas, los montones de garbanzos, la mano de naipes suspendida como ellos en un galpón holandés. Olvidando el trámite de la casa rodante, C se había embarcado en una notable pieza oratoria, que incluía una lista de víctimas y represores, de madres que habían dado a luz en cautiverio y niños apropiados por familias aberrantes. Y entonces, no sé por qué, fue raro como ocurrió, quizás simplemente llevado por la emoción, evocó la muerte de Santucho. Allí, bajo esa luz enrarecida por el humo y con esas

milongas de fondo, una canción antigua de las fronteras de la ciudad, hizo su apología de Roberto Mario Santucho. Admiro su dignidad silenciosa, dijo, propia del hombre intransigente, su capacidad para suprimir las ambigüedades, su menosprecio del poder, y ese final tan poco épico, de rufián o asaltante, sin el romanticismo de estas milongas que ustedes escuchan ahora, muerto en un departamento de Villa Martelli, en uno de esos piojosos monoblocks, cuando el ejército entró como a un combate.

Ustedes dos en qué andan, preguntó el jefe – quizás dijo a vos quién te manda, no me acuerdo. Qué me venís a mí con Roberto Mario, me venís con la psicopatía, yo estoy jugando tranquilamente al truco y me venís a amargar con el cuento de Robi, o no sabés con quién estás hablando.

Vos te me vas de acá y volvés tranquilo en una hora con la plata del coche, y me decís, me das la mano, Buenas tardes, señor Vaca Narvaja, un gusto saludarlo.

Los otros guardaban silencio. El estallido los había puesto en evidencia, ya no los presentaba como simples exiliados, que sí eran por otra parte, que tal vez fueran pero nosotros no sabíamos bien porque todo era confuso en esos años. Finalmente los más jóvenes contaron la versión correcta del encuentro en la calle Damrack.

Nadie quiso volver a hablar. Recapitulando más tarde, pensamos que el acuerdo de no demostrar conocer al jefe había sido lo más acertado. La conversación se disolvió en algunas disculpas. Prometimos llevar el dinero para empezar con la cabina esa misma noche, cosa que desde luego nunca hicimos. A la mañana siguiente, muy temprano, optamos sin dudar por un concesionario a quien conocimos por recomendación del telefonista. Nos ofrecía un modelo más moderno y además se comprometió por escrito a comprarnos la casa rodante a la vuelta del viaje.

Subimos el equipaje. Por fin nuestra caravana, dijo C. Encendió el motor y ya no apartó las manos de su posición en el volante, con los dedos hacia abajo, de manera que yo podía ver los blancos nudillos muy tensos a través de la piel. Un día después de conocer a Vaca Narvaja, salimos a la ruta rumbo a La Haya con cuidado de evitar la avenida del galpón.



Muchos años después, en setiembre de 1993, las impresiones holandesas regresaron brevemente. Yo estaba internada en Buenos Aires, en un hospital regentado por monjas de la orden de Delft. Era un sanatorio de ricos pero sin ninguna vanidad, el lujo se basaba en la sincronización rigurosa de los tratamientos y el ascetismo. Acababa de dar a luz y había hecho colgar en la puerta de la habitación el cartel que prohibía las visitas. Estaba sola en el cuarto y los dolores comenzaban a ceder, abandonaban este cuerpo para acosar a otro, el enfermo del cuarto vecino que a ratos se quejaba construyendo quizá la serie de su muerte. Frente a mi cama había un retrato de la madona de Delft, en suaves colores pastel, una virgen sin aureola, sólo con el manto, una imagen moral. Sentía la llegada de esa forma placentera de la soledad que corona los esfuerzos físicos y percibía las señales del equinoccio de primavera, un nuevo ciclo que transcurría en otro plano, lejos de esa cama, a una misma hora en todo el mundo.

Para nosotras, el bebé y yo, comenzaba un período de inmovilidad doméstica. En mi caso significaría un cambio en la velocidad de la vida. Yo oía la canción de otras ciudades, el arrullo de antiguos viajes sobre mi presente inmovilidad, una voz en off que se apaga lentamente sobre la próxima imagen, y me preguntaba si esa detención sería un desperdicio o todo lo contrario, la densidad máxima del tiempo.

Acababa de llover, reinaba en ese barrio una quietud de toque de queda. Todo estaba en completo silencio, incluso la avenida, donde el tránsito rugía el día entero en dirección al centro. Sólo el chasquido de los neumáticos contra el asfalto mojado. Desde mi ventana podía ver la iglesia cruzando la calle, el vitral que adornaba la fachada. Era una roseta de unos cuatro metros de alto, de unos cincuenta años de antigüedad, en nuestra imitación de los grandes estilos, tan puntual que nunca resulta del todo convincente. Era una calle muy angosta, de manera que desde mi posición podía ver cada detalle, los arcos del vitral manchados de guano de paloma, los doce paneles redondeados de los vidrios de colores que representaban al pastor y su rebaño. El trabajo era de un realismo tan detallista que la alegoría se anulaba, no era más que una escena campestre, un cuadro ideal del bosque de Breda. Las monjas habían dejado el cardioscopio, amenazante en la habitación

despojada, un objeto olvidado de otro mundo. Miré el cielo blanco, las copas verdeoscuro de los árboles de Palermo. Las monjas cocían la comida de los enfermos al vapor. El diván de cuerina, en el que había dormido C, el aparato lleno de agujas, todo despedía su relente. El momento era tan perfecto que había pedido que trajeran al bebé. Quería incorporarlo ya a mi memoria, incluirlo como un elemento de la serie. Adentrándome en las impresiones, era un barco que se abre camino en el mar, buscaba indicios en la extensión monótona.

Volví a mirar el cuadro de la virgen de Delft. El centro del retrato no era el niño sino esa madona sin aureola, de sensualidad apacible, desprovista de toda pasión. Hay que decir que a veces yo sufría raptos de misticismo. Imaginaba que no era imposible acabar mis días en un convento, una devota del silencio en compañía de mujeres reprimidas y ceremoniosas, en absoluto como las monjas de esa orden, ni tampoco como mi madre, que siempre tuvo fantasías de misionera, hacer el bien a los pobres en tierras lejanas, sino todo lo contrario, orando, pensando, asilada del mundo. Ya no volvería a viajar, perdería toda curiosidad por los otros para concentrarme en mi propio murmullo. Me retiraría en la vejez. Sería una monja anciana y fingiría creer con ardor. Una vez sedada de la vida, como si fuera posible agotar el deseo de experiencia, podría consagrarme sin distracciones a la lectura. Haría de ella un sacerdocio y escribiría, como sor Juana o santa Teresa, versos místicos bajo la invocación de un hombre. El consuelo de esa virgen, me dije al fin, excedía las cuestiones religiosas. Esa tarde ella encarnaba la aceptación del tiempo.

El cuarto estaba en penumbras pero eran apenas las cuatro de la tarde. Era Buenos Aires, el hemisferio sur y además, era primavera, pero de todos modos volvían los robles de Breda con sus caireles de hielo, la tarde en la catedral, el suelo de lápidas, todo lo que debía seguir exactamente en su lugar como en los últimos siglos, ese mundo real que continuaba, prescindiendo de nosotros. La virgen, la roseta de la iglesia, la catedral, todo participaba de un montaje que un registro puro, sin corolario. La percepción era tan aguda que finalmente me molestó cuando las monjas interrumpieron con el bebé. Lo metí en la cama conmigo. Sus piernas se estremecieron al contacto con su madre, como si reconocieran también una serie, su mitad anterior. Con ese segundo



cuerpo, ajeno y a la vez afín, durmiendo a mi lado, me detuve en la simetría de las cosas, por empezar entre el bebé y yo, la virgen y el niño, el retrato de la virgen y la roseta de la iglesia, entre el color de la piel del bebé y la piedra rojiza de la catedral de Hertogen, en cómo conviven los vivos y los muertos, las personas y las imágenes. Pero pensé que no valía la pena saltar a ninguna moraleja sino profundizar en el concierto de los detalles. La realidad fue un refugio que excluía todo peligro. Poco después las dos nos dormimos, mitades reconciliadas de una unidad. En una última pulsión de la vigilia, acababa de recordar la tristeza de aquellos exiliados.

Después de Holanda hubo un lapso de nada, una sucesión de carteles en la ruta que desatendimos. Simplemente avanzamos, cedía el espacio. Llegamos a Amberes un domingo por la tarde. A la entrada de la ciudad, en cantinas mal iluminadas, encontramos parejas de adultos que bailaban canciones sentimentales. Julio Iglesias, Charles Aznavour, bandas suecas que cantaban en las lenguas del amor, música exótica para ellos. Por su vestimenta formal y la cercanía de los cuerpos, pero también por su manera de festejar el ocio con ruidos sociales, se notaba que eran gente de campo que bajaba a la ciudad por el fin de semana. A pesar de los grandes y pesados edificios oficiales, la música de Amberes era pueblerina, una canción de suburbios.

Nos alojamos en un albergue de estudiantes en el barrio universitario, frente a un gran parque con un lago artificial. No parecía el escenario para un gran robo, observó C, sino una prisión desafectada. En la sala de la recepción habían dejado un televisor encendido. Los encargados jugaban a los dados y evitaban entrar en conversación con los huéspedes. Vagábamos por el edificio, vacío a excepción de unos australianos y un fotógrafo japonés, que se retiró a su habitación muy temprano. Esa noche preparamos nuestra cena en una cocina industrial, alimentos precocidos, sopas instantáneas con grumos, comida de acampantes, mientras estudiábamos los cambios en las etiquetas. Esa noche, me acuerdo, dormimos un sueño raro, flotando en la ingravidez. El vacío sonoro y la lejanía de la ciudad me despertaron varias veces, pero con la misma rapidez volví a dormirme con cada roce del cuerpo de C, que irradiaba

un calor tranquilizador, perfumado de sí mismo, un sólo milímetro cuadrado de piel al contacto con la suya bastaba para comunicar ese consuelo al resto del cuerpo, a millones de células aún dormidas. Su cuerpo era mi seguridad, la compañía, y había un modo de saberlo sin necesidad de pensar.

Por la mañana supimos que aquel silencio obedecía a la primera nevada del invierno y que antes de nevar siempre se produce el acallamiento general de todas las cosas, una muerte súbita. El parque era un desierto blanco. El lago, los bancos, nuestra casa rodante, todo había desaparecido bajo la nieve para recrear otro paisaje. Escalones de patos verdosos trazaban señales en el cielo, rumbo al sur, pero atravesaban aquel parque en orden estricto, refugiados en la disciplina.

Nos gustó la discreción de Amberes, su perfil anodino, su altiva obsesión por los modales. Pero todo eso ya era en otro país y formaba parte de otra serie.



Conto de verão n° 2: *Bandeira Branca**

Veríssimo, Luis Fernando

Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval.

Encontraram-se de novo no baile infantil do clube, no ano seguinte. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomeçar o montinho, mas dessa vez as mães reagiram e os dois foram obrigados a dançar, pular e entrar no cordão, sob ameaça de levarem uns tapas. Passaram o tempo todo de mãos dadas.

Só no terceiro Carnaval se falaram.

– Como é teu nome?

– Janice. E o teu?

– Píndaro.

– O quê?!

– Píndaro.

– Que nome!

Ele de legionário romano, ela de índia americana.

Só no sétimo baile (pirata, chinesa) desvendaram o mistério de só se encontrarem no Carnaval e nunca se encontrarem no clube, no resto do ano. Ela morava no interior, vinha visitar uma tia no Carnaval, a tia é que era sócia.

– Ah.

* VERÍSSIMO, L. F. Conto de verão n° 2: bandeira branca. In: HISTÓRIAS BRASILEIRAS DE VERÃO. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

Foi o ano em que ele preferiu ficar com a sua turma tentando encher a boca das meninas de confete, e ela ficou na mesa, brigando com a mãe, se recusando a brincar, o queixo enterrado na gola alta do vestido de imperadora. Mas quase no fim do baile, na hora do *Bandeira Branca*, ele veio e a puxou pelo braço, e os dois foram para o meio do salão, abraçados. E, quando se despediram, ela o beijou na face, disse "Até o Carnaval que vem" e saiu correndo.

No baile do ano em que fizeram 13 anos, pela primeira vez as fantasias dos dois combinaram. Toureiro e bailarina espanhola. Formavam um casal! Beijaram-se muito, quando as mães não estavam olhando. Até na boca. Na hora da despedida, ele pediu:

– Me dá alguma coisa.

– O quê?

– Qualquer coisa.

– O leque.

O leque da bailarina. Ela diria para a mãe que o tinha perdido no salão.

No ano seguinte, ela não apareceu no baile. Ele ficou o tempo todo à procura, um havaiano desconsolado. Não sabia nem como perguntar por ela. Não conhecia a tal tia. Passara um ano inteiro pensando nela, às vezes tirando o leque do seu esconderijo para cheirá-lo, antegozando o momento de encontrá-la outra vez no baile. E ela não apareceu. Marcelão, o mau elemento da sua turma, tinha levado gim para misturar com o guaraná. Ele bebeu demais. Teve que ser carregado para casa. Acordou na sua cama sem lençol, que estava sendo lavado. O que acontecera?

– Você vomitou a alma – disse a mãe.

Era exatamente como se sentia. Como alguém que vomitara a alma e nunca a teria de volta. Nunca. Nem o leque tinha mais o cheiro dela.

Mas, no ano seguinte, ele foi ao baile dos adultos no clube – e lá estava ela! Quinze anos. Uma moça. Peitos, tudo. Uma fantasia indefinida.

– Sei lá. Bávara tropical – disse ela, rindo.

Estava diferente. Não era só o corpo. Menos tímida, o riso mais alto. Contou que faltara no ano anterior porque a avó morrera, logo no Carnaval.

– E aquela bailarina espanhola?

– Nem me fala. E o toureiro?

– Aposentado.

A fantasia dele era de nada. Camisa florida, bermuda, finalmente um brasileiro. Ela estava com um grupo. Primos, amigos dos primos. Todos vagamente bávaros. Quando ela o apresentou ao grupo, alguém disse "Píndaro?!" e todos caíram na risada. Ele viu que ela estava rindo também. Deu uma desculpa e afastou-se. Foi procurar o Marcelão. O Marcelão anunciara que levaria várias garrafas presas nas pernas, escondidas sob as calças da fantasia de sultão. O Marcelão tinha o que ele precisava para encher o buraco deixado pela alma. Quinze anos, pensou ele, e já estou perdendo todas as ilusões da vida, começando pelo Carnaval. Não devo chegar aos 30, pelo menos não inteiro. Passou todo o baile encostado numa coluna adornada, bebendo o guaraná clandestino do Marcelão, vendo ela passar abraçada com uma sucessão de primos e amigos de primos, principalmente um halterofilista, certamente burro, talvez até criminoso, que reduzira sua fantasia a um par de calças curtas de couro. Pensou em dizer alguma coisa, mas só o que lhe ocorreu dizer foi "pelo menos o meu tirolês era autêntico" e desistiu. Mas, quando a banda começou a tocar *Bandeira Branca* e ele se dirigiu para a saída, tonto e amargurado, sentiu que alguém o pegava pela mão, virou-se e era ela. Era ela, meu Deus, puxando-o para o salão. Ela enlaçando-o com os dois braços para dançarem assim, ela dizendo "não vale, você cresceu mais do que eu" e encostando a cabeça no seu ombro. Ela encostando a cabeça no seu ombro.

Encontraram-se de novo 15 anos depois. Aliás, neste Carnaval. Por acaso, num aeroporto. Ela desembarcando, a caminho do interior, para visitar a mãe. Ele embarcando para encontrar os filhos no Rio. Ela disse "quase não reconheci você sem fantasias". Ele custou a reconhecê-la. Ela estava gorda, nunca a reconheceria, muito menos de bailarina espanhola.



A última coisa que ele lhe dissera fora "preciso te dizer uma coisa", e ela dissera "no Carnaval que vem, no Carnaval que vem" e no Carnaval seguinte ela não aparecera, ela nunca mais apareceu. Explicou que o pai tinha sido transferido para outro estado, sabe como é, Banco do Brasil, e como ela não tinha o endereço dele, como não sabia nem o sobrenome dele e, mesmo, não teria onde tomar nota na fantasia de falsa bávara...

– O que você ia me dizer, no outro Carnaval? – perguntou ela.

– Esqueci – mentiu ele.

Trocaram informações. Os dois casaram, mas ele já se separou. Os filhos dele moram no Rio, com a mãe. Ela, o marido e a filha moram em Curitiba, o marido também é do Banco do Brasil... E a todas essas ele pensando: digo ou não digo que aquele foi o momento mais feliz da minha vida, *Bandeira Branca*, a cabeça dela no meu ombro, e que todo o resto da minha vida será apenas o resto da minha vida? E ela pensando: como é mesmo o nome dele? Péricles. Será Péricles? Ele: digo ou não digo que não cheguei mesmo inteiro aos 30, e que ainda tenho o leque? Ela: Petrarco, Pôncio, Ptolomeu...

¿Cómo vuelvo?*

Uhart, Hebe

Yo no soy muy suelta de lengua y no crea que lo que le cuento a usted lo puedo decir por ahí y menos en mi pueblo: se lo cuento a usted porque es una desconocida, si le contara a alguien de allá, en dos minutos estoy perdida. Yo vivo en una calle que da a la ruta, allí mi marido y yo tenemos una estación de servicio; va bien, gracias a Dios, él es un buen hombre y no me deja faltar nada: tengo mi heladera, mi televisión y un cochecito usado: lo movemos poco. Los chicos se fueron a vivir a Venado Tuerto, para estudiar el secundario. Entre mi marido y yo atendemos la estación de servicio. Yo también atiendo la escuela: vengo a ser maestra, directora y portera, tengo en total diez alumnos. Donde vivo, son cuatro cuadras con casas; en invierno a las ocho de la noche están todos adentro. Y ahora que estoy lejos y lo veo desde acá, no me explico cómo pude vivir veinte años en ese lugar. Yo no tendría que extrañar, porque nací en un lugar parecido, cerca de la ruta; pasaban y pasaban los autos por la ruta y yo los miraba parada en una tranquerita y deseaba tanto – inconciencia de criatura – que algún auto me llevara. Yo no pensaba en ningún lado especial: cualquiera. Me paraba en la tranquera para que me vieran, y decía: "Alguien me va a mirar". Los autos pasaban como una exhalación y yo tardé mucho en darme cuenta de que nadie me miraba ni me iba a mirar y cuando me sentí ahí plantada, sola, era como una especie de desilusión. Por eso, yo ya debía de haber estado curtida, pero al principio cuando me casé, también me resentí. Me acuerdo que al principio un día pensé: "¿Y si se incendia la estación de servicio? Un incendio grande, digamos, necesariamente tendremos que ir a vivir a otro lado." Pero yo ya era grande y una entra en razones, sabe que son malos pensamientos, los sabe apartar. Nunca le dije eso a mi marido: él tiene otro ánimo, es más parejo, siempre está conforme y eso que no tiene vicios. Pero últimamente, después de tantos años de estar ahí, me volvió



* UHART, H. ¿Cómo vuelvo? In: GUIANDO LA HIEDRA. Buenos Aires: Simurg, 1997.

un poco de esa tristeza de cuando me casé y en invierno, a la noche miro afuera, no hay un alma y me da un no sé qué. Por eso cuando llegó la carta donde nos decía que habíamos sido sorteados para ir a Embalse – yo y los chicos de la escuela – tardé un poco en mostrársela a mi marido, en parte porque estaba tan confundida que no creía que fuera cierto. Él me reprochó después por qué no se lo dije enseguida. Y yo hice ver como que no me importaba mucho, no fuera que si hacía ver que me importaba mucho se arruinara el viaje. Aparte a mí me gusta la gente ubicada, sensata, tranquila: hasta por televisión se da cuenta una de cómo es la gente: miro a los actores y a los artistas y ya veo si son personas confiables, responsables o hablando mal y pronto, si son un tiro al aire. En la carta decía que había que llevar ropa deportiva, pero yo pensé que debía llevar un vestido y como hubo que preparar la ropa de los chicos de la escuela, me traje un vestido ni fu ni fa. Como usted ve, tengo la cara curtida por el viento; no, las manos están así de lavar. Cuando viene la noche y yo ya terminé de hacer todo, antes de ver televisión me pongo a lavar. Allí al atardecer es tan triste, que yo a veces quisiera apurar al tiempo, que se haga de noche de una vez. Entonces digo "tengo que hacer algo útil". Y me pongo a lavar, o a ordenar. Al atardecer me vienen esos pensamientos tristes que ni me distrae la televisión. Bueno, cuando llegué acá a Embalse, nunca hubiera supuesto que en el mundo había una cosa así. Yo acá en Embalse viviría toda la vida: no volvería más. El primer día que llegué me encontré perdida en esta planicie llena de gente. No hablamos con nadie pero supimos que había porteños, entrerrianos, salteños, chaqueños y de tantos otros lugares. Recorrimos todo el lugar para ver dónde se compraban los alfajores y las postales – no como el negocio de allá, acá son negocios y negocios todos juntos – hileras de burros y caballos con sus cuidadores, llenas las hamacas y los subibajas y todos los grupos haciendo gimnasia.

Después hablé con los maestros chaqueños, ellos se acercaron a hablar y me dijeron que para ellos era una delicia estar ahí porque les servían de comer y aparte no tenían que ir a la escuela; ellos hacían tres horas a pie de ida y tres de vuelta; por el camino paraban y tomaban mate, y también hacían sus necesidades. "Tranquilos", me dijeron "no como esos porteños" y señalaron a la coordinadora del grupo de la

Capital, "que van siempre apurados". Yo ya me había fijado en esa coordinadora, que de lejos me pareció una jovencita y de cerca vi que podía tener mi edad, eso sí, con las manos de una criatura y el pelo largo. Ella se mueve como si nadie la fuera a mirar y como si no le importara de nada, anda en subibaja y no come toda la comida que le dan en el comedor, come de una bolsa propia. A ella yo le oí decir al pasar, como si fuera algo malo, "esa gente que tiene el televisor todo el día prendido en la casa" y yo pensé: yo lo tengo prendido todo el día, pero es para compañía. Aunque a veces no lo apago porque pienso: "Ahora va a venir algo hermoso, no sea que lo pierda". Y los chicos porteños que lleva ella, ellos inventaron un sistema para comunicarse de cuarto a cuarto, desde el primer día ellos fueron solos a comprar alfajores y ellos mismos hablaban con el cuidador para andar a caballo y le pagaban. Yo les decía a los chicos míos: "No se alejen". Ni falta que hacía, porque al principio no hicieron más que mirar, como yo. También, con todo lo que hay, esos concursos de juegos, no sé si usted estuvo en la guitarreada al aire libre que hicieron los maestros de Mendoza, yo estaba tan contenta y por otro lado me agarraba una tristeza al pensar "¿cómo fue que yo no sabía que había una cosa así?" Me agarró tristeza por los años perdidos. Bueno, hace tres noches, usted no se debe haber enterado porque no la vi, había una guitarreada en el café, con vino y empanadas. Dejé a los chicos al cuidado de Aníbal, el mayor, y me fui con los otros maestros al café. Fueron también las instructoras de los chicos de la villa, que no sé cómo los aguantan, pobres: ellas pasaron agachadas a la altura del dormitorio de los chicos y uno las reconoció: enseguida todos gritaron desde la ventana del dormitorio: "Putas, putas". Y pensar que esas chicas los instruyen por idealismo. Yo me fui con el vestido y después me sentí un poco desubicada: todos fueron de jogging y zapatillas. ¡Cuánta juventud! Toda con guitarra y con canciones nuevas y viejas, tanto ponían un bolero como esas canciones de desalabar, desalabar. Yo me puse a conversar con un profesor de gimnasia, más joven que yo. Yo no sé hasta el día de hoy cómo fue que me acosté con él. Nunca en veinte años de casada le fui infiel a mi marido, nunca conocí a otro hombre. Y yo quiero que me comprenda bien: yo no soy ninguna descocada ni tampoco una mujer desubicada; le tengo gran estima a mi

marido y por suerte nunca se va a enterar de lo que pasó: pero yo con el profesor de gimnasia conocí otra cosa, como si se me hubiera abierto la cabeza, como si hubiera entrado en otra dimensión. Estaba él con su jogging azul – ni siquiera le podría decir si él era lindo o no. Recuerdo que me dijo que era una mujer interesante, cosa que no creí – y por lo poco que sé de la vida, siempre me di cuenta de que era una aventura y nada más. Entiéndame, no me enamoré ni cabe enamorarse a mi edad y además mirándolo fríamente a mi profesor de gimnasia, hasta podría ser que tuviera pinta de haragán. Jamás me casaría con un hombre así. Después él me buscó y yo no quise saber nada de él: ya tenía suficiente para pensar. ¿Sabe en lo que yo pienso? En cómo vuelvo yo a mi pueblo. Estoy acá, hablo con los maestros salteños que me cuentan su pobre vida de allá, más pobre que la mía, escucho el altavoz y pienso que si en este lugar hay un mundo, cuánto más habrá más allá, en todos lados y ahora que estamos por volver, no hago más que preguntarme ¿cómo vuelvo yo a mi pueblo?

Biografias *Biografías*

Caio Fernando Abreu (1948-1996) nasceu em Santiago, RS, e morreu em Porto Alegre. Embora tenha publicado seus primeiros contos em Porto Alegre, passou a maior parte da vida em São Paulo. Trabalhou como jornalista nas revistas *Veja* e *Manchete* e em jornais como *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Folha de São Paulo*. Esteve exilado na Europa (Estocolmo e Londres) e, ao voltar ao Brasil, em 1974, dedicou-se ao teatro, com grande êxito, colaborando também com publicações alternativas que procuravam escapar da censura. Escreveu mais de dez livros, traduzidos em cinco línguas. Dentre eles, destacam-se *Morangos Mofados*, *Triângulo das Águas*, *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* e *Onde Andará Dulce Veiga?*

*Caio Fernando Abreu (1948-1996), nació en Santiago, Río Grande do Sul, y murió en Porto Alegre. Si bien publicó sus primeros cuentos en Porto Alegre, vivió la mayor parte de su vida en San Pablo. Trabajó como periodista en las revistas *Veja* y *Manchete* y en diarios como *Correio do Povo*, *Zero Hora* y *Folha de São Paulo*. Estuvo exiliado en Europa (Estocolmo y Londres) y, a su regreso, en 1974, se dedicó al teatro con enorme éxito y a colaborar con publicaciones alternativas que buscaban escapar de la censura. Escribió más de una decena de libros, traducidos a 5 idiomas. Entre ellos se destacan *Morangos mofados*, *Triângulo das águas*, *Os dragões não conhecem o paraíso* y *Onde andará Dulce Veiga?**

César Aira nasceu em Coronel Pringles, na província de Buenos Aires, em fevereiro de 1949 e, desde 1967, vive em Buenos Aires. Sua obra, muito numerosa, foi traduzida e publicada na França, Inglaterra, Itália, Brasil, México e Venezuela. Escreveu peças teatrais, ensaios, contos e romances. Entre os seus livros, destacam-se os romances *La Luz Argentina*, *Canto Castrado*, *Una Novela China*, *La Liebre*, *El Llanto*, *Cómo me Hice Monja*, *La Abeja*, *La Serpiente*, *La Villa*, *El Juego de Los Mundos*, *Varamo*, *Cumpleaños*, *El Mago*. Publicou também, entre outros títulos, *El Vestido Rosa* (contos), *Madre e Hijo* (teatro), *Taxol* (teatro) e os ensaios *Copi*, *Alejandra Pizarnik* e *Las Tres Fechas*.

César Aira nació en Coronel Pringles, Provincia de Buenos Aires, en febrero de 1949. Desde 1967 vive en Buenos Aires. Su obra, numerosísima, fue traducida y publicada en Francia, Inglaterra, Italia, Brasil, México y Venezuela: escribió teatro, ensayos, cuentos y novelas. Entre sus libros se destacan las novelas *La luz argentina*, *Canto castrado*, *Una novela China*, *La liebre*, *El llanto*, *Cómo me hice monja*, *La abeja*, *La Serpiente*, *La villa*, *El juego de los mundos*, *Váramo*, *Cumpleaños*, *El Mago*. Publicó también entre otros, *El vestido rosa* (cuento), *Madre e hijo* (teatro) *Taxol* (cuentos) y los ensayos *Copí*, *Alejandra Pizarnik* y *Las tres fechas*.

Marcelo Cohen nasceu em Buenos Aires, em 1951. Traduziu uma centena de obras literárias. Viveu em Barcelona de 1975 até 1996, quando voltou à Argentina. Publicou, entre outros títulos, os romances *El País de La Dama Eléctrica*, *Insomnio*, *El Sino de Kelany*, *El Oído Absoluto*, *El Testamento de O'jaral*, *Inolvidables Veladas* e *Hombres Amables*; os livros de crônica *El Buite de Invierno*, *El Fin de Lo Mismo* e *Los Acuáticos*. Atualmente, é membro da diretoria da revista *Mil Palabras*, onde publicou o relato incluído na presente antologia.

Marcelo Cohen nació en Buenos Aires en 1951. Tradujo un centenar de obras literarias. Vivió en Barcelona desde 1975 hasta 1996, año en que regresó a la Argentina. Publicó, entre otras, las novelas *El país de la dama Eléctrica*, *Insomnio*, *El sitio de Kelany*, *El oído absoluto*, *El Testamento de O'jaral*, *Inolvidables veladas* y *Hombres amables*; Los libros de relatos *El buitre de invierno*, *El fin de lo mismo* y *Los acuáticos*. Actualmente es miembro del comité de dirección de la revista *Mil Palabras* de la que fue tomado el relato incluído en esta antología.

Marina Colassanti nasceu em Asmara, na Etiópia, em 1937. Quando tinha dois anos, sua família mudou-se para a Itália. Aos onze anos mudou-se para o Brasil, tendo vivido desde então no Rio de Janeiro. A partir de 1961, publicou relatos infantis e crônicas para adultos. Entre as suas obras, destacam-se *Eu Sozinha*, *A Morada do Ser*, *Uma Idéia toda Azul*, *A Nova Mulher*, *Mulher Daqui pra Frente*, *Doze Reis* e *a Moéa no Labirinto do Vento*, *E por Falar em Amor*, *Contos de Amor Rasgado*, *Aqui entre Nós*, *Intimidade Pública*, *O Leopardo é um Animal Delicado* e *Gargantas Abertas* (poesia). Recebeu o Prêmio Jabuti por *Eu Sei mas Não Devia* e *Rota de Colisão*.

Marina Colassanti nació en Asmara (Etiopía) en 1937. A los dos años su familia se fue a vivir a Italia. A los once se mudó a Brasil, a Río de Janeiro, ciudad en la que vivió desde entonces. Publicó, desde 1961, relatos infantiles y crónicas para adultos. Entre sus obras se destacan: *Eu sozinha*, *A morada do ser*, *Uma Idéia toda azul*, *A nova mulher*, *Mulher daqui pra frente*, *Doze reis e a Moéa no labirinto do vento*, *E por falar em amor*, *Cuentos de amor rasgados*, *Aqui entre nós*, *Intimidade Pública*, *O Leopardo é Um Animal Delicado* y *El Libro de Poesía Gargantas Abertas*. Recibió el Premio Jabuti por *Eu sei mas não devia* y *Rota de colisão*.

Rodolfo Enrique Fogwill nasceu em Buenos Aires, em 1941 e é sociólogo. Foi professor titular da Universidade de Buenos Aires, editor, ensaísta e colunista especializado em comunicação, literatura e política cultural. Textos de sua autoria integram várias antologias publicadas em Cuba, México, Espanha e Estados Unidos. Publicou as coletâneas de poemas *El Efecto de Realidad*, *Las Horas de Citar* e *Partes del Todo*; as antologias de relatos *Mis Muertos Punk*, *Música Japonesa*, *Ejércitos Imaginarios*, *Restos Diurnos*, *Pájaros de la Cabeza*, *Cantos de Marineros en los Pampas* e *Muchacha Punk*, assim como os romances *Los Pichiciegos*, *La Buena Nueva*, *Una Pálida Historia de Amor*, *Vivir Afuera* e *La Experiencia Sensible*.

Rodolfo Enrique Fogwill nació en Buenos Aires en 1941. Es sociólogo. Fue profesor titular de la Universidad de Buenos Aires, editor, ensayista y columnista especializado en temas de comunicación, literatura y política cultural. Textos suyos integran diversas antologías publicadas en Cuba, México, España y Estados Unidos. Publicó las colecciones de poemas *El efecto de realidad*, *Las horas de citar* y *Partes del todo*; las antologías de relatos *Mis muertos punk*, *Música Japonesa*, *Ejércitos imaginarios*, *Restos diurnos*, *Pájaros de la cabeza*, *Cantos de Marineros en las Pampas* y *Muchacha Punk* y las novelas *Los Pichiciegos*, *La buena nueva*, *Una pálida historia de amor*, *Vivir Afuera* y *La experiencia sensible*.

Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora, MG, em 11 de maio de 1925. Estudou direito e empenhou-se em várias atividades antes de dedicar-se à literatura. Publicou *Os Prisioneiros* (contos), *A Coleira do Cão* (contos), *Lúcia McCartney* (contos), *O Caso Morel* (romance), *Feliz Ano Novo* (contos), *O Homem de Fevereiro a Março* (antologia),

O Cobrador (contos), A Grande Arte (romance), Bufo & Spallanzani (romance), Agosto (romance), Novela Negra e Outras Histórias (contos), O Selvagem da Ópera (romance), Contos Reunidos (contos), O Buraco na Parede (contos), Novela Negra, Feliz Ano Novo e Outras Histórias (contos), Histórias de Amor (contos), Do Meio do Mundo Prostituto Só Amores Guardei ao Meu Charuto (novela), Confraria dos Espadas (contos), O Duende Molière (romance), Secreções, Excreções e Desatinos (contos), Pequenas Criaturas.

Rubem Fonseca nació en Juiz de Fora, Minas Gerais, el 11 de mayo de 1925. Estudió derecho y realizó diversas actividades antes de dedicarse a la literatura. Publicó *Os prisioneiros* (cuentos), *A coleira do cão* (cuentos), *Lúcia McCartney* (cuentos), *O caso Morel* (novela), *Feliz Ano Novo* (cuentos), *O homem de fevereiro a março* (antología), *O cobrador* (cuentos), *A Grande arte* (novela), *Bufo & Spallanzani* (novela), *Agosto* (novela), *Novela negro e outras histórias* (cuentos), *O selvagem da ópera* (novela), *Contos reunidos* (cuentos), *O Buraco na parede* (cuentos), *Novela negro, Feliz ano novo e outras histórias*, (cuentos), *Histórias de Amor* (cuentos), *Do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* (nouvelle), *Confraria dos Espadas* (cuentos), *O doende Molière* (novela), *Secreções, excreções e desatinos* (cuentos), *Pequenas criaturas*.

Elvio Gandolfo nasceu em San Rafael (Mendoza), em 26 de agosto de 1947. Quando tinha um ano, seus pais se mudaram para Rosário, que considera sua verdadeira cidade natal. Viveu algum tempo no Uruguai (Montevideu e Piriápolis) e, desde 1994, reside em Buenos Aires. Publicou os seguintes livros de crônica: *La Reina de Las Nieves*, *Caminando Alrededor*, *Sin Creer en Nada*, *Rede Carótida*, *Dos Mujeres*, *Ferrocarriles Argentinos* e *Cuando Lidia Vivía Se Quería Morir*; o romance *Boomerang* e o livro *Parece Mentira*, que recolhe textos sobre Onetti, Cortázar, Benedetti, H. G. Wells e Susan Sontag, cruzando a narrativa com o jornalismo. Alguns dos seus contos foram traduzidos para o francês e para o italiano. Publicou poemas em diversas revistas e antologias e em várias edições coletivas em Rosário.

Elvio Gandolfo nació en San Rafael (Mendoza), el 26 de agosto de 1947. Al año sus padres se trasladaron a Rosario, a la que considera su verdadera ciudad natal.

Vivió por períodos en Uruguay (Montevideo y Piriápolis) y desde 1994 reside en Buenos Aires. Publicó los siguientes libros de relatos: *La reina de las nieves*, *Caminando alrededor*, *Sin creer en nada*, *Rete Carótida*, *Dos mujeres*, *Ferrocarriles Argentinos* y *Cuando Lidia vivía se quería morir*; la novela *Boomerang* y el libro *Parece mentira que recoge textos sobre Onetti, Córdázar, Benedetti, H. G. Wells o Susan Sontag*, en los que se cruzan el periodismo y la narración. Algunos de sus cuentos fueron traducidos al francés y al italiano. Como poeta ha publicado en diversas revistas y antologías, y en varias ediciones grupales de Rosario.

Liliana Heker nasceu em Buenos Aires, em 1943. Dirigiu as revistas literárias *El Escarabajo de Oro* e *El Ornitorrinco*. Seus contos completos, reunidos em *Los Bordes de Lo Real*, foram traduzidos para o inglês e muitos dos seus textos foram editados na Alemanha, Rússia, Turquia, Holanda, Canadá e Polônia. Publicou os volumes de contos *Los que Vieron la Zarza*, *Actuario*, *Un Resplandor que Se Apagó en El Mundo*, *Las Peras del Mal* e os romances *Zona de Clivaje* e *El Fin de la Historia*.

Liliana Heker nació en Buenos Aires en 1943. Fue directora de las revistas literarias *El Escarabajo de Oro* y *El Ornitorrinco*. Sus Cuentos completos reunidos en *Los bordes de lo real*, han sido traducidos al inglés y muchos de sus relatos han sido editados en Alemania, Rusia, Turquía, Holanda, Canadá y Polonia. Publicó los volúmenes de cuentos *Los que vieron la zarza*, *Actuario*, *Un resplandor que se apagó en el mundo*, *Las peras del mal* y las novelas *Zona de clivage* y *El fin de la historia*.

Tununa Mercado nasceu em Córdoba, em 1939, viveu na França e esteve exilada no México. Atualmente reside em Buenos Aires. É uma referência fundamental da literatura erótica argentina, embora não se tenha limitado a esse gênero. Entre as suas obras destacam-se: *Celebrar a la Mujer Como Una Pascua* (Menção Casa das Américas, 1967), *Canon de Alcoba* (Prêmio Boris Vian, 1988), *En Estado de Memoria*, *La Letra de Lo Mínimo* e *La Madriguera*.

Tununa Mercado nació en Córdoba en 1939, vivió en Francia y estuvo exilada en México, actualmente reside en Buenos Aires. Es un referente fundamental de la literatura erótica argentina aunque no se ha limitado a ese género. Entre sus obras se destacan: *Celebrar a la mujer como una pascua* (Mención Casa de las Américas 1967),

Canon de alcoba (Premio Boris Vian 1988), En estado de memoria, La letra de lo mínimo y La madriguera.

Ana Miranda nasceu em Fortaleza, em 1951. Cresceu em Brasília e mora no Rio de Janeiro desde 1969. Publicou seu primeiro livro de poesia em 1978. Como romancista, publicou Boca do Inferno, o Retrato do Rei, Sem Pecado, A Última Quimera, Desmundo, Amrik e Clarice, baseado na vida de Clarice Lispector. Publicou também um livro de contos, Noturnos, e um diário escrito aos vinte anos e recuperado pela sua mãe.

Ana Miranda nació en Fortaleza en 1951. Creció en Brasília y vive en Río de Janeiro desde 1969. Su primer libro de poesía fue publicado en 1978. Como novelista, publicó Boca do Inferno, O retrato do rei, Sem pecado, A última quimera, Desmundo, Amrik y Clarice, basada en la vida de Clarice Lispector. Publicó un libro de cuentos, Noturnos, y un diario escrito a los 20 años y recuperado por su madre.

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre. Estudou letras e publicou seu primeiro livro de contos, O Cego e a Dançarina, em 1980. Suas obras publicadas são: A Fúria do Corpo, Bandoleiros, Rastros de Verão, Hotel Atlântico, O Quietos Animal da Esquina, Harmada, A Céu Aberto e Canoas e Marolas. Em 1997, publicou um volume de novelas e contos.

João Gilberto Noll nació en Porto Alegre. Estudió letras y publicó su primer libro de cuentos, O cego e a dançarina, en 1980. Sus obras publicadas son A fúria do corpo, Bandoleiros, Rastros de verão, Hotel Atlântico, O quieto animal da esquina, Harmada, A céu aberto y Canoas e Marolas. En 1997 publicó un volumen de novelas y cuentos reunidos.

Ricardo Piglia nasceu em Adrogué, província de Buenos Aires, em 1941. Estudou história na Universidade Nacional de la Plata. Em 1967, apareceu seu primeiro livro de contos, La Invasión, premiado pela Casa das Américas. Publicou também Nombre Falso, livro de crônicas traduzido para o francês e para o português, Respiracion Artificial, La Ciudad Ausente, romance a partir do qual elaborou, em 1995, o Libreto

de Uma Ópera, musicada por Gerardo Gandini. Em novembro de 1997, recebeu o prêmio Planeta pelo seu romance Plata Quemada. Ao lado da sua obra de ficção, tem atuado como professor, crítico e ensaísta, publicando textos sobre Arlt, Borges, Macedonio Fernández, Sarmiento e outros escritores argentinos.

Ricardo Piglia nació en Adrogué, provincia de Buenos Aires, en 1941. Estudió historia en la Universidad Nacional de La Plata. En 1967 apareció su primer libro de cuentos, La invasión, premiado por Casa de las Américas. Publicó también Nombre falso, libro de relatos que ha sido traducido al francés y al portugués, Respiración artificial, la Ciudad ausente, novela a partir de la cual elaboró, en 1995, el libreto de una ópera con música de Gerardo Gandini. Recibió, en noviembre de 1997, el Premio Planeta por su novela Plata quemada. Junto a su obra de ficción, Piglia ha desarrollado una tarea como docente, crítico y ensayista, publicando textos sobre Arlt, Borges, Macedonio Fernández, Sarmiento y otros escritores argentinos.

Nélida Piñón nasceu no Rio de Janeiro, em 1938. Estudou jornalismo e colaborou com vários jornais e revistas antes de publicar o seu primeiro romance. Em 1970, criou a Cátedra de Criação Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, desde então, concilia a atividade de escritora com a carreira acadêmica. Em 1990, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, que presidiu a partir de 1996. Suas obras principais, traduzidas para vários idiomas, são: Guia Mapa de Gabriel Arcanjo, Tempo das Frutas, Fundador, A Casa da Paixão, Sala de Armas, A Força do Destino, O Calor das Coisas, A República dos Sonhos, a Doce Canção de Caetana, O Pão de Cada Dia.

Nélida Piñón nació en Río de Janeiro en 1938. Estudió periodismo y colaboró en varios diarios y revistas antes de publicar su primera novela. En 1970 creó la cátedra de creación literaria en la UFRJ. Desde entonces concilia la carrera de escritora con la académica. En 1990 entró a la Academia Brasileña de Letras y la presidió en 1996. Sus obras principales, traducidas a varios idiomas, son: Guia Mapa de Gabriel Arcanjo, Tempo das Frutas, Fundador, A Casa da Paixão, Sala de Armas, A Força do Destino, O Calor das Coisas, A República dos Sonhos, A Doce Canção de Caetana, O Pão de Cada Dia.

Juan José Saer nasceu em Serodino, província de Santa Fé, em 1937. Foi professor da Universidade Nacional do Litoral, onde ensinou história do cinema e crítica e estética cinematográfica. Em 1968, se radicou em Paris e, atualmente, é professor da Faculdade de Letras da Universidade de Rennes. Sua vasta obra narrativa abrange cinco livros de contos (En la Zona, Palo y Hueso, Unidad de Lugar, La Mayor e Lugar) e onze romances (Respondo, La Vuelta Completa, Cicatrices, El Limonero Real, Nadie Nada Nunca, El Entenado, Closa, La Ocasión – Prêmio Nadal, 1986 –, Lo Imborrable, La Pesquisa e Las Nubes. Publicou os Livros de Ensaio para una Literatura Sin Atributos, El Río Sin Orillas, El Concepto de Ficción e La Narración-Objeto. Sua produção poética está reunida em El Arte de Narrar.

Juan José Saer nació en Serodino, provincia de Santa Fe, en 1937. Fue profesor de la Universidad Nacional del Litoral, donde enseñó Historia del Cine y Crítica y Estética Cinematográfica. En 1968 se radicó en París y actualmente es profesor de la Facultad de Letras de la Universidad de Rennes. Su vasta obra narrativa abarca cinco libros de cuentos —En la zona, Palo y hueso, Unidad de lugar, La mayor y Lugar— y once novelas: Responso, La vuelta completa, Cicatrices, El limonero real, Nadie nada nunca, El entenado, Glosa, La ocasión (1986, Premio Nadal), Lo imborrable, La pesquisa y Las nubes. Publicó los libros de ensayos Para una literatura sin atributos, El río sin orillas, El concepto de ficción y La narración-objeto. Su producción poética está recogida en El arte de narrar.

Matilde Sánchez nasceu em Buenos Aires, em 1958. Em 1985, publicou seu primeiro livro jornalístico, Historias de Vida, em colaboração com Hebe de Bonafini. Desde 1962 se dedica à atividade jornalística, colaborando com diversas publicações. Atualmente, dirige o suplemento cultural do jornal Clarín. Publicou os romances La Ingratitud, El Dock; o livro de contos La Canción de Las Ciudades, que faz parte de um projeto mais amplo, reúne todos os seus relatos de viagem, e uma antologia anotada da obra narrativa de Silvina Ocampo.

Matilde Sánchez nació en Buenos Aires en 1958. En 1985 publicó su primer libro periodístico, Historias de vida, en colaboración con Hebe de Bonafini. Se dedica al periodismo desde 1982 en diversos medios gráficos del país. Actualmente dirige el suple-

mento de Cultura del diario Clarín. Publicó las novelas *La ingratitud*, *El Dock*; el libro de cuentos *La canción de las ciudades*, que forma parte de un proyecto mayor que reúne todos sus relatos de viajes, y una antología anotada de la obra narrativa de Silvina O campo.

Sergio Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro, em 1942. Viveu bastante tempo em outras cidades do Brasil, em Londres, em Paris e nos Estados Unidos. Começou a publicar em 1969, e foi traduzido para o inglês, espanhol, alemão, italiano, francês, búlgaro e tcheco. Eis algumas das suas obras: *O Sobrevivente* (contos), *Notas de Manfredo Rangel*, *Repórter*, *A Respeito de Kramer* (contos), *Confissões de Ralfo* (romance), *Simulacros* (romance), *Circo* (poema), *O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (contos), *Junk Box* (poesia), *Amazona* (romance), *A Tragédia Brasileira* (romance), *A Senhorita Simpson* (contos), *O Monstro*, *Um Crime Delicado*. Em 1997, publicou um volume de novelas e contos reunidos.

Sergio Sant'Anna nació en Río de Janeiro en 1942. Vivió bastante tiempo en otras ciudades de Brasil, en Londres, en París y en Estados Unidos. Empezó a publicar en 1969 y fue traducido al inglés, español, alemán, italiano, francés, búlgaro y checo. Algunas de sus obras son: O sobreviviente (cuentos), Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer) (cuentos), Confissões de Ralfo (novela), Simulacros (novela), Circo (poema), O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro (cuentos), Junk Box (poesia), Amazona (novela), A tragédia brasileira (novela), A Senborita Simpson (cuentos), O monstro, Um crime delicado. En 1997 publicó un volumen de novelas y cuentos reunidos.

Olga Savary nasceu em Belém do Pará, em 1933. Contribuiu em mais de duzentos livros como Poeta, Contista, Crítica, Ensaísta, Antologista. É também tradutora e jornalista. Tem textos traduzidos e publicados em vários países da América Latina, Alemanha, Canadá, China, Dinamarca, Finlândia, França, Espanha, Holanda, Itália, Inglaterra, Estados Unidos e Japão. Entre os seus livros de poesia, destacam-se *Atlaonda*, *Magma*, *Hai-kais*, *Linha D'água*, *Retratos*, *Rudá e Eden-Hades*, *Morte de Moema*. Seu primeiro livro de contos, *O Olhar Dourado do Abismo*, foi publicado em 1997. Ao longo da sua carreira, recebeu um grande número de prêmios.

Olga Savary nació en Belém, Pará, en 1933. Participó de más de 200 libros como poeta, cuentista, crítica, ensayista, antóloga. Es también traductora y periodista. Fue traducida y publicada en varios países de América Latina, Alemania, Canadá, China, Dinamarca, Finlandia, Francia, España, Holanda, Italia, Inglaterra, Estados Unidos y Japón. Entre sus libros de poemas se destacan: *Atlaonda*, *Magma*, *Hais-Kais*, *Linha d'Água*, *Retratos*, *Rudá e Éden-Hades*, *Morte de Moema*. Su Primer libro de cuentos, *O olhar dourado do abismo*, fue publicado en 1997. A lo largo de su carrera ha recibido un enorme número de premios por su trabajo.

Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre, em 1937. Escreveu romances, contos e ensaios, que foram traduzidos para doze idiomas, e pelos quais recebeu numerosos prêmios. Várias de suas obras foram adaptadas para televisão, cinema e teatro. Entre os seus romances, destacam-se a *Guerra do Bom Fim*, *O Exército de Um Homem Só*, *Mês de Cães Danados*, *Os Voluntários*, *O Centauro no Jardim* e *A Estranha Nação de Rafael Mendes*. *O Carnaval dos Animais*, *O Olho Enigmático* e *A Orelha de Van Gogh* são alguns dos seus livros de contos. Além disso, publicou livros de crônicas como *A Massagista Japonesa* e *Dicionário do Viajante Insólito*.

Moacyr Scliar nació en Porto Alegre en 1937. Escribió novelas, cuentos y ensayos que han sido traducidos a doce idiomas y por los que recibió numerosos premios. Varias de sus obras fueron adaptadas para televisión, cine y teatro. Entre sus novelas se destacan *A guerra do Bom Fim*, *O exército de um homem só*, *Mês de Cães danados*, *Os voluntários*, *O centauro no jardim* e *A estranha nação de Rafael Mendes*. Algunos de sus libros de cuentos son *O carnaval dos animais*, *O olho enigmático* y *A orelha de Van Gogh*, además de libros de crônicas como *A masajista japonesa* y *Diccionario do viajante insólito*.

Hebe Uhart nasceu em Moreno, em 1936. É professor de filosofia nas Universidades de Lomas de Zamora e Buenos Aires. Colabora com os jornais *El País* (Montevideu), e *La Voz del Interior* (Córdoba). Publicou, entre outros livros, *Dios*, *San Pedro y Las Almas* (conto), *Camilo Ascende* (romance), *La Gente de la Casa Rosa* (contos), *El Budin Esponjoso* (contos), *Memorias de Un Pigmeo* (romance), *Mudanzas* (romance) e *Guiando la Hiedra* (contos).

Hebe Uhart nació en Moreno en 1936. Es profesora de filosofía de las Universidades de Lomas de Zamora y Buenos Aires. Colabora en los diarios *El País* (Montevideo) y *La voz del Interior* (Córdoba). Publicó, entre otros, *Dios, San Pedro y las almas* (cuentos), *Camilo Ascende* (novela), *La gente de la casa rosa* (cuentos), *El budín esponjoso* (cuentos), *Memorias de un pigmeo* (novela), *Mudanzas* (novela) y *Guiando la Hiedra* (cuentos).

Luis Fernando Veríssimo nasceu em Porto Alegre, RS, em 1936. É jornalista e escritor, mantendo uma coluna diária no jornal *O Globo*. Publicou um grande número de títulos, entre os quais *O Popular*, *A Grande Mulher Nua*, *Amor Brasileiro*, *As Cobras e Outros Bichos*, *Pega Kapput!*, *O Jardim do Diabo*, *Pai não Entende Nada*, *Peças Íntimas*, *O Santinho*, *Zoeira*, *Sexo na Cabeça*, *O Gigolô das Palavras*, *O Analista de Bagé*, *A Mão de Freud*, *Orgias*, *As Aventuras da Família Brasil*, *A Velhinha de Taubaté*, *A Mulher do Silva*, *O Marido do Doutor Pompeu*, *A Mesa Voadora*, *Comédias da Vida Privada*, *Comédias da Vida Pública*, *O Clube dos Anjos*, *Histórias Brasileiras de Verão*.

Luis Fernando Veríssimo nació en Porto Alegre en 1936. Es periodista y escritor y mantiene una columna diaria en el periódico *O Globo*. Publicó una enormidad de títulos entre los cuales *O Popular*, *A Grande Mulher Nua*, *Amor Brasileiro*, *As Cobras e Outros Bichos*, *Pega Kapput!*, *O Jardim do Diabo*, *Pai não Entende Nada*, *Peças Íntimas*, *O Santinho*, *Zoeira*, *Sexo na Cabeça*, *O Gigolô das Palavras*, *O Analista de Bagé*, *A Mão do Freud*, *Orgias*, *As Aventuras da Família Brasil*, *A Velhinha de Taubaté*, *A Mulher do Silva*, *O Marido do Doutor Pompeu*, *A Mesa Voadora*, *Comédias da vida privada*, *Comédias da vida pública*, *O clube dos anjos*, *História brasileiras de verão*.



Nota sobre a organizadora

Violeta Weinschelbaum nasceu em Buenos Aires, em 1973. É graduada em Letras pela Universidade de Buenos Aires. Foi fundadora e diretora da revista *Magazín Literario*, versão argentina da famosa publicação francesa. Desde 1996 se dedica ao jornalismo cultural e escreve diariamente para diversos jornais e revistas especializados da Argentina e do Brasil. Trabalha também como tradutora de francês, inglês e português.

Nota sobre la compiladora

Violeta Weinschelbaum nació en la ciudad de Buenos Aires en 1973. Es Licenciada en Letras por la Universidad de Buenos Aires. Fue fundadora y directora de la revista Magazín Literario, versión argentina de la prestigiosa publicación francesa. A partir de 1996 se dedica al periodismo cultural y escribe desde entonces cotidianamente para diversos medios especializados de Argentina y Brasil. Trabaja también como traductora del francés, inglés y portugués.

